

Lara Prescott

Os SEGREDOS *que* GUARDAMOS

Os segredos que guardamos

Lara Prescott

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by Lara Prescott
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Literária Riff.

TÍTULO ORIGINAL
The Secrets We Kept

PREPARAÇÃO
João Sette Camara

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Ilana Goldfeld
Marina Góes

PROJETO GRÁFICO
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-85-510-0568-2

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br


Para Matt

Quero estar com aqueles que sabem coisas secretas, ou, então, sozinho.

— RAINER MARIA RILKE

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

PRÓLOGO As datilógrafas

ORIENTE: 1949-1950
CAPÍTULO 1 A musa

OCIDENTE: Outono de 1956
CAPÍTULO 2 A candidata
CAPÍTULO 3 As datilógrafas
CAPÍTULO 4 A andorinha

ORIENTE: 1950-1955
CAPÍTULO 5 A mulher reabilitada
CAPÍTULO 6 O habitante das nuvens
CAPÍTULO 7 A emissária

OCIDENTE: Fevereiro – outono de 1957
CAPÍTULO 8 A mensageira
CAPÍTULO 9 As datilógrafas

ORIENTE: 1956

CAPÍTULO 10 O agente
CAPÍTULO 11 A emissária

OCIDENTE: Outono de 1957 – agosto de 1958
CAPÍTULO 12 A mensageira
CAPÍTULO 13 A andorinha
CAPÍTULO 14 O funcionário exemplar
CAPÍTULO 15 A andorinha
CAPÍTULO 16 A mensageira
CAPÍTULO 17 As datilógrafas
CAPÍTULO 18 A mensageira

ORIENTE: Maio de 1958
CAPÍTULO 19 A mãe

OCIDENTE: Junho a setembro de 1958
CAPÍTULO 20 As datilógrafas
CAPÍTULO 21 A freira

ORIENTE: Setembro a outubro de 1958
CAPÍTULO 22 O premiado

OCIDENTE: Outubro a dezembro de 1958
CAPÍTULO 23 A informante

ORIENTE: Outubro a dezembro de 1958
CAPÍTULO 24 A emissária

OCIDENTE: Dezembro de 1958
CAPÍTULO 25 A desertora

ORIENTE: Janeiro de 1959
CAPÍTULO 26 A agente do correio

OCIDENTE: Verão de 1959
CAPÍTULO 27 A estudante

ORIENTE: 1960-1961
CAPÍTULO 28 A quase viúva

EPÍLOGO As datilógrafas

NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Sobre a autora
Leia também

PRÓLOGO

AS DATILÓGRAFAS

Datilografávamos cem palavras por minuto e nunca pulávamos uma sílaba sequer. Cada uma de nossas mesas idênticas era equipada com uma máquina de escrever Royal Quiet Deluxe com estojo verde, um telefone de disco Western Electric preto e uma pilha de blocos de anotação amarelos. Nossos dedos voavam pelas teclas. As batidas eram constantes. Parávamos apenas para atender ao telefone ou dar uma tragada em um cigarro; algumas conseguiam fazer as duas coisas sem perder o ritmo.

Os homens chegavam por volta das dez. Uma a uma, eles nos chamavam a seus escritórios. Sentávamos em cadeiras pequenas encostadas em um canto enquanto eles sentavam atrás de suas mesas enormes de mogno ou caminhavam pelo carpete falando com o teto. Ouvíamos. Registrávamos. Éramos a plateia para um de seus memorandos, relatórios, exposições, pedidos de almoço. Às vezes eles esqueciam que estávamos ali, e descobríamos muito mais: quem estava tentando neutralizar quem, quem estava tentando obter vantagem, quem estava tendo um caso, quem estava em alta e quem estava em baixa.

Às vezes, se referiam a nós não pelo nome, mas pela cor do cabelo ou tipo de corpo: Loirinha, Ruiva, Peitão. Também tínhamos apelidos secretos para eles: Apalpador, Bafo de Café, Dentuço.

Eles nos chamavam de garotas, mas não éramos garotas.

Chegamos à Agência após ter estudado em Radcliffe, Vassar, Smith. Éramos as primeiras filhas de nossas famílias a conquistar diplomas. Algumas de nós falavam mandarim. Algumas sabiam pilotar aviões. Algumas manipulavam um Colt 1873 melhor do que John Wayne. Mas tudo o que nos perguntaram ao sermos entrevistadas foi: “Você sabe datilografar?”

Dizem que a máquina de escrever foi feita para as mulheres — que para fazer as teclas cantarem é necessário o toque feminino; que nossos dedos finos são adequados para o instrumento; que, enquanto os homens reivindicam carros, bombas e foguetes, a nossa máquina é a de escrever.

Bem, não temos certeza disso. Mas o que admitimos é que, à medida que datilografávamos, nossos dedos foram se tornando extensões de nossos cérebros,

sem espaço entre as palavras que saíam da boca daqueles homens — palavras que eles nos diziam para depois esquecer — e nossas teclas pintando o papel. E, considerando isso tudo, a mecânica da coisa toda, é quase poesia. Quase.

Mas será que dores de cabeça, punhos doloridos e má postura eram nossa aspiração? Era com isso que sonhávamos na escola quando estudávamos duas vezes mais do que os garotos? Era o trabalho burocrático que tínhamos em mente ao abrir os envelopes pardos espessos que continham cartas de aceitação das faculdades? Ou que pensávamos que esse era o nosso destino à medida que nos sentávamos naquelas cadeiras brancas de madeira no meio do auditório, vestindo nossas becas, recebendo os pergaminhos enrolados que garantiam que estávamos qualificadas a fazer muito mais?

A maioria de nós via o trabalho de datilografia como temporário. Jamais admitiríamos em voz alta — nem mesmo umas para as outras —, mas muitas de nós acreditávamos que seria o primeiro passo para alcançar o que os homens conseguiam assim que saíam da faculdade: cargos de oficiais, nossos próprios escritórios com luminárias cujas luzes nos favorecessem, tapetes felpudos, mesas de madeira, nossos próprios datilógrafos registrando *nosso* ditado. Considerávamos aquele trabalho um início, não um fim, apesar de tudo o que ouvimos a vida inteira.

Outras mulheres chegavam à Agência não para iniciar suas carreiras, mas para encerrá-las. Remanescentes da OSS, onde tinham se tornado lendas durante a Guerra, eram relíquias relegadas à datilografia ou ao departamento de registros ou a alguma mesa em um canto sem nada para fazer.

Como Betty. Durante a Guerra, ela organizava operações clandestinas, nas quais minava o moral dos inimigos plantando notícias e jogando panfletos de aviões. Diziam que ela forneceu dinamite a um homem que explodiu um trem de suprimentos durante a travessia de uma ponte em algum lugar na Birmânia. Não havia como ter certeza quanto ao que era verdade e o que não era: os antigos registros da OSS costumavam desaparecer. Mas o que sabíamos era que, na Agência, a mesa de Betty ficava entre as nossas, e os homens da Ivy League que foram seus colegas durante a Guerra tinham se tornado chefes dela.

Pensamos em Virginia, sentada em uma mesa semelhante — o cardigã amarelo grosso amarrado nos ombros qualquer que seja a estação do ano, um lápis preso no coque no alto da cabeça. Pensamos no único pé de chinelo felpudo azul embaixo de sua mesa — ela não precisava do outro, uma vez que sua perna tinha sido amputada depois de um acidente de caça na infância. Ela chamava a prótese de Cuthbert e, quando bebia demais, a tirava e dava na mão de alguém. Virginia raramente falava sobre o tempo que passara na OSS e, para quem não ouvisse as histórias sobre seus dias de espiã por terceiros, ela pareceria só mais

uma funcionária antiga do governo. Mas nós ouvíamos as histórias. Como a vez em que ela se disfarçou de leiteira e levou uma manada de vacas e dois combatentes da Resistência Francesa até a fronteira. E como a Gestapo a considerava uma das espiãs mais perigosas das Aliadas — com Cuthbert e tudo. Às vezes, Virginia passava por nós no corredor, ou pegávamos o elevador com ela, ou a encontrávamos esperando o ônibus da linha 16 na esquina da E com a Twenty-First. Queríamos parar e perguntar sobre os dias em que enfrentara os nazistas — se ainda pensava naquela época enquanto estava sentada em sua mesa esperando pela próxima guerra, ou que alguém lhe dissesse para ir embora.

Eles tentaram se livrar das garotas da OSS durante anos — elas não tinham utilidade na nova guerra fria deles. Os mesmos dedos que um dia puxaram gatilhos agora eram mais adequados para a máquina de escrever, pelo que parecia.

Mas quem éramos nós para reclamar? Tratava-se de um bom emprego, e éramos sortudas por tê-lo. E com certeza parecia mais emocionante do que a maioria dos trabalhos no governo. Departamento de Agricultura? Do Interior? Dá para imaginar?

A Divisão Soviética, ou DS, se tornou nossa segunda casa. E, assim como a Agência era conhecida por ser um clube do Bolinha, nós formamos nosso próprio grupo. Passamos a pensar em nós mesmas como *o setor de datilografia* e nos tornamos mais fortes por isso.

Além do mais, a ida e a volta não eram ruins. Usávamos ônibus ou bondes quando chovia e caminhávamos em dias agradáveis. A maioria de nós morava em bairros vizinhos ao Centro: Georgetown, Dupont, Cleveland Park, Cathedral Heights. Morávamos sozinhas em prédios sem elevadores, em estúdios tão pequenos que quase dava para deitar e encostar a cabeça e os dedos dos pés em paredes opostas. Vivíamos nas últimas pensões que ainda existiam na Massachusetts Avenue, com fileiras de beliches e toque de recolher às dez e meia. Muitas vezes tínhamos colegas de quarto — outras moças do governo com nomes como Agnes ou Peg, que sempre deixavam seus bobes de espuma cor-de-rosa na pia ou manteiga de amendoim grudada na parte de trás da faca de manteiga, ou absorventes mal embrulhados na lixeirinha ao lado da pia.

Só Linda Murphy era casada na época, e recém-casada. As casadas nunca ficavam por muito tempo. Algumas continuavam até engravidar, mas, na maioria das vezes, assim que o anel de noivado era colocado, elas planejavam a partida. Comíamos bolo da Safeway na sala de descanso na despedida. Os homens vinham pegar uma fatia e dizer que estavam muito tristes por vê-las partir; mas percebíamos o brilho em seus olhos enquanto eles pensavam na garota nova, mais jovem, que poderia entrar no lugar. Prometíamos manter contato, mas,

depois do casamento e do bebê, elas se acomodavam nos cantos mais distantes do Distrito — lugares para onde era preciso pegar um táxi ou dois ônibus, como Bethesda, Fairfax ou Alexandria. Talvez fizéssemos a viagem até lá no primeiro aniversário do bebê, mas qualquer coisa depois disso era improvável.

A maioria de nós era solteira, priorizava a carreira, uma escolha que precisávamos repetir diversas vezes aos nossos pais que não era uma declaração política. Claro, eles ficaram orgulhosos quando terminamos a faculdade, mas a cada ano que passávamos focadas na carreira em vez de nos bebês, eles ficavam mais confusos com nosso estado amatrimonial e nossa decisão bastante ímpar de viver em uma cidade construída sobre um pântano.

E, claro, no verão, a umidade de Washington era densa como um cobertor molhado, e os mosquitos, listrados como tigres e ferozes. Pela manhã, nossos cachos, feitos na noite anterior, murchavam assim que colocávamos o pé na rua. Os bondes e ônibus pareciam saunas, mas cheiravam a esponjas podres. Para além de uma ducha fria, não havia momento algum em que fosse possível se sentir menos do que suada e desgrenhada.

O inverno não oferecia muito alívio. Nós nos encasacávamos e saíamos correndo do ponto de ônibus com a cabeça abaixada para evitar os ventos que sopravam do gelado rio Potomac.

No outono, no entanto, a cidade ganhava vida. As árvores ao longo da Connecticut Avenue pareciam fogos de artifício alaranjados e vermelhos. E a temperatura era deliciosa, não precisávamos nos preocupar com nossas camisas encharcando nas axilas. Os vendedores de cachorro-quente serviam castanhas assadas no fogo em saquinhos de papel — a porção perfeita para uma caminhada até em casa no fim da tarde.

E cada primavera trazia cerejeiras em flor e ônibus lotados de turistas que caminhavam pelos monumentos e, sem dar atenção às várias placas, arrancavam as flores brancas e cor-de-rosa e enfiavam-nas atrás da orelha ou no bolso do paletó.

O outono e a primavera no Distrito eram épocas para se aproveitar, e nesses momentos parávamos e sentávamos em um banco ou fazíamos um desvio em volta do espelho d’água do Lincoln Memorial. É claro que, dentro do complexo da Agência na E Street, as luzes fluorescentes lançavam uma claridade forte sobre tudo, exagerando o brilho em nossa testa e os poros em nosso nariz. Mas, quando saíamos no fim do dia e o ar fresco atingia nossos braços nus, quando escolhíamos pegar o caminho mais longo para casa passando pelo National Mall, era nesses momentos que a cidade no pântano se tornava um cartão-postal.

Mas também nos lembramos dos dedos e dos punhos doloridos e dos memorandos e relatórios e ditados intermináveis. Datilografávamos tanto que

algumas de nós chegavam a sonhar que estavam datilografando. Mesmo anos depois, os homens com quem dividíamos nossas camas comentavam que nossos dedos às vezes se contorciam enquanto dormíamos. Nos lembramos de olhar para o relógio a cada cinco minutos nas tardes de sexta. Nos lembramos dos cortes de papel, do papel higiênico áspero, de como o piso de madeira do saguão cheirava a sabão Murphy nas manhãs de segunda e nosso salto deslizava durante dias depois que o chão era encerado.

Nos lembramos da fileira única de janelas que revestia a parede dos fundos da DS — altas demais para se enxergar lá fora, e tudo o que víamos era o prédio cinza do Departamento de Estado do outro lado da rua, exatamente como o nosso prédio cinza. Especulávamos sobre o setor de datilografia deles. Como elas eram? Como eram suas vidas? Elas olhavam pelas janelas para nosso prédio cinza e se perguntavam a nosso respeito?

Na época, os dias pareciam muito longos e diferentes entre si; mas agora eles se misturam. Não sabemos dizer se foi em 1951 ou 1955 a Festa de Natal em que Walter Anderson derramou vinho tinto em toda a frente da camisa e ficou desmaiado na recepção com um bilhete preso à lapela que dizia “não ressuscitar”. Nem lembramos se Holly Falcon foi demitida por deixar que um oficial visitante tirasse fotos dela nua na sala de conferências do segundo andar, ou se foi promovida por causa das mesmas fotos e demitida logo depois por algum outro motivo.

Mas há outras coisas de que nos lembramos.

Se alguém viesse à Sede e notasse uma mulher em um elegante terno verde de *tweed* seguindo um homem até seu escritório, ou uma mulher de salto vermelho e suéter de lã angorá que combinavam na recepção, provavelmente pensaria que eram datilógrafas ou secretárias, e estaria certo. Mas também estaria errado. *Secretária*: uma pessoa a quem se confia um segredo. Do latim *secretus, secretum*. Todas datilografávamos, mas algumas de nós faziam mais do que isso. Não dizíamos uma só palavra sobre o trabalho que fazíamos depois de cobrir nossas máquinas no fim de cada dia. Ao contrário de alguns dos homens, sabíamos guardar segredo.


ORIENTE
1949-1950

CAPÍTULO 1

A MUSA

Quando os homens de terno preto vieram, minha filha ofereceu-lhes chá. Os homens aceitaram, educados como se tivessem sido convidados. Mas, quando começaram a esvaziar as gavetas da escrivaninha, tirar livros das prateleiras, virar colchões, vasculhar armários, Ira tirou a chaleira do fogão e colocou as xícaras e os pires de volta no armário.

Quando um homem que trazia uma caixa grande ordenou aos demais que encaixotassem qualquer coisa que fosse útil, meu filho mais novo, Mitia, foi até a varanda, onde mantinha sua fêmea de ouriço. Ele a embrulhou no suéter, como se os homens também fossem encaixotar o animal de estimação. Um dos homens — aquele que mais tarde deixaria sua mão descer por minhas costas enquanto me colocava no carro preto — apoiou a mão na cabeça de Mitia e chamou-o de bom garoto. Mitia, o doce Mitia, empurrou a mão do homem em um movimento violento e se retirou para o quarto que dividia com a irmã.

Minha mãe, que estava na banheira quando os homens chegaram, saiu vestindo apenas um roupão — o cabelo ainda molhado, o rosto corado.

— Eu disse que isso ia acontecer. Eu disse que eles viriam.

Os homens revistaram as cartas que recebi de Boris, minhas anotações, listas de compras, recortes de jornal, revistas, livros.

— Eu disse que isso só traria dor, Olga.

Antes que eu pudesse responder, um dos homens segurou meu braço — mais como um amante do que como alguém enviado para me prender — e, com a respiração quente em meu pescoço, disse que era hora de irmos. Congelei. Foram necessários os berros dos meus filhos para me trazer de volta ao presente. A porta se fechou atrás de nós, mas os gritos deles ficaram ainda mais altos.

O carro virou duas vezes à esquerda e, depois, uma à direita. Mais uma direita. Eu não precisava olhar pela janela para saber aonde os homens de terno preto estavam me levando. Fiquei enjoada e disse isso ao que estava ao meu lado, que cheirava a cebola frita e repolho. Ele abriu a janela — uma pequena gentileza —, mas o enjoo persistiu e, quando o prédio grande de tijolos amarelos apareceu, senti a ânsia.

Quando era criança, me ensinaram a prender a respiração e esvaziar a mente ao passar pela Lubianca — diziam que o ministro da Segurança do Estado percebia quando alguém nutria pensamentos antissoviéticos. Na época, eu não fazia a menor ideia de o que eram pensamentos antissoviéticos.

O carro passou por uma rotatória e depois pelos portões que davam para o pátio da Lubianca. Minha boca se encheu de bile, que logo engoli. Os homens sentados ao meu lado se afastaram o máximo que puderam.

O carro parou.

— Qual é o prédio mais alto de Moscou? — perguntou o homem que cheirava a cebola e repolho, abrindo a porta.

Senti mais uma onda de náusea e me inclinei para a frente, devolvendo os ovos fritos do café sobre os paralelepípedos, quase acertando os sapatos pretos sem graça do homem.

— Lubianca, é claro — falou. — Dizem que dá para enxergar até a Sibéria do porão.

O segundo homem riu e apagou o cigarro na sola do sapato.

Cuspi duas vezes e limpei a boca com as costas da mão.

—

Dentro do prédio de tijolos amarelos, os homens de terno preto me entregaram para duas guardas mulheres, mas não sem antes me dar uma olhada que dizia que eu deveria agradecer por não serem eles que me levariam até a cela. A mulher maior, que tinha uma sombra de bigode, ficou sentada em uma cadeira de plástico azul enquanto a menor pedia que eu tirasse a roupa com a voz tão suave que era como se estivesse convencendo uma criança a usar o vaso. Tirei o casaco, o vestido e os sapatos e fiquei com a roupa de baixo cor de pele enquanto a mulher menor tirava meu relógio e meus anéis. Ela os jogou em um recipiente de metal, gerando um barulho que ecoou nas paredes de concreto, e fez sinal para que eu abrisse o sutiã. Recuei, cruzando os braços.

— Precisamos dele — disse a mulher na cadeira azul, as primeiras palavras que dirigiu a mim. — Você pode se enforcar.

Abri o fecho e tirei o sutiã, o ar frio atingindo meu peito. Senti os olhos dela examinando meu corpo. Mesmo nessas circunstâncias, as mulheres avaliam umas às outras.

— Você está grávida? — perguntou a mulher maior.

— Sim — respondi. Foi a primeira vez que admiti em voz alta.

A última vez que Boris e eu fizéramos amor tinha sido uma semana depois de ele terminar comigo pela terceira vez.

— Terminou — dissera ele. — Precisa terminar.

Eu estava destruindo a família dele. Eu era a causa de sua dor. Ele falara tudo isso enquanto caminhávamos por uma ruela próxima à Arbat, e eu caí no umbral da porta de uma padaria. Ele foi me levantar, e gritei que me deixasse em paz. As pessoas pararam e ficaram olhando para nós.

Na semana seguinte, ele estava na minha porta. Trazia um presente: um quimono japonês luxuoso que suas irmãs conseguiram para ele em Londres.

— Experimente para mim — implorou ele.

Me escondi atrás do biombo e vesti o quimono. O tecido era duro e não me favorecia, fazendo uma onda na barriga. Era grande demais… talvez ele tivesse dito às irmãs que o presente era para a esposa. Odiei e disse a ele. Ele riu.

— Então tire — suplicou.

E eu tirei.

Um mês depois, minha pele começou a formigar, como se eu tivesse mergulhada em um banho quente depois de vir do frio. Já tinha sentido aquilo antes, com Ira e Mitia, e soube que estava carregando um filho dele.

— Um médico irá vê-la em breve, então — disse a guarda menor.

Elas me revistaram, pegaram tudo, me deram um guarda-pó cinza grande e chinelos dois números maiores do que os meus pés e me levaram até uma cela de cimento contendo apenas um colchonete e um balde.

Me deixaram ali por três dias, e me deram *kasha* e leite azedo duas vezes ao dia. Um médico veio me examinar, embora apenas para confirmar o que eu já sabia. Eu devia muito ao bebê que crescia dentro de mim por evitar que eu sofresse as coisas mais terríveis que soube que aconteciam com mulheres naquela cela.

Depois de três dias, me transferiram para uma cela grande, também de cimento, com outras quatorze prisioneiras. Me deram uma cama de metal aparafusada no chão. Deitei assim que um dos guardas fechou a porta.

— Você não pode dormir agora — disse uma jovem sentada na cama ao lado. Tinha braços finos e feridas nos cotovelos. — Eles virão acordá-la. — Ela apontou para as luzes fluorescentes brilhando no teto. — Não é permitido dormir durante o dia.

— E, com sorte, você vai conseguir dormir por uma hora à noite — completou outra mulher. Ela lembrava um pouco a primeira, mas parecia ter idade o suficiente para ser sua mãe. Me perguntei se eram parentes ou se ficar neste lugar, sob estas luzes fortes, usando as mesmas roupas, acabava fazendo com que todas se parecessem entre si. — É quando eles vêm nos buscar para suas *conversinhas*.

A mais jovem lançou um olhar para a mais velha.

— O que fazemos em vez de dormir? — perguntei.

— Esperamos.

— E jogamos xadrez.

— Xadrez?

— É — disse uma terceira mulher, que estava sentada à mesa que ficava do outro lado da cela. Ela mostrou um dedal transformado em um cavalo. — Você joga?

Eu não jogava, mas aprenderia em um mês de espera.

—

Os guardas vinham mesmo. Toda noite, pegavam uma mulher por vez e a devolviam à Cela nº 7 algumas horas mais tarde, com os olhos vermelhos e calada. Eu me preparava todas as noites para ser levada, mas mesmo assim fiquei surpresa quando finalmente vieram.

Fui acordada pela batida de um cassetete de madeira contra meu ombro nu.

— Iniciais! — A palavra foi cuspida pelo guarda ao meu lado.

Os homens que vinham à noite sempre exigiam nossas iniciais antes de nos levar. Balbuciei uma resposta. O guarda mandou que eu me vestisse e não desviou o olhar enquanto eu obedecia.

Andamos por um corredor escuro e descemos várias escadarias. Me perguntei se os rumores seriam verdadeiros: que o subsolo da Lubianca tinha vinte andares de profundidade e se ligava ao Kremlin por túneis, e que um deles ia até um *bunker* equipado com todo o luxo construído para Stálin.

Fui levada até o fim de outro corredor, até uma porta marcada com o número 271. O guarda abriu uma fresta, espiou para dentro, então escancarou-a com uma gargalhada. Não era uma cela, mas um depósito abastecido com torres de carne enlatada e caixas de chá e sacos de farinha de centeio. O guarda grunhiu e apontou para uma porta do outro lado da sala, essa sem número. Abri a porta. Lá dentro, meus olhos tiveram dificuldade de se adaptar à luz. Era um escritório com mobília elegante que não pareceria deslocada no saguão de um hotel. Uma estante repleta de livros com capa de couro cobria uma parede; três guardas se enfileiravam na outra. Um homem de túnica militar estava sentado à uma mesa grande no centro da sala. Sobre a mesa dele, pilhas de livros e cartas: *meus* livros, *minhas* cartas.

— Sente-se, Olga Vsevolodovna — ordenou ele.

O homem tinha os ombros caídos de quem passara a vida atrás de uma mesa ou curvado sobre trabalho pesado; pelas mãos bem cuidadas que abraçavam a xícara de chá, escolhi a primeira opção. Sentei na cadeira pequena diante dele.

— Desculpe tê-la feito esperar — disse ele.

Comecei o discurso que tive semanas para preparar:

— Não fiz nada de errado. Vocês precisam me soltar. Tenho família...

Ele levantou um dedo.

— Nada de errado? Nós é que vamos decidir isso… com o tempo. — Ele suspirou e cutucou o dente com a ponta da unha grossa e amarelada do polegar. — E vai levar um bom tempo.

Eu achava que eles me soltariam a qualquer momento, que tudo estaria resolvido, que eu passaria a virada do ano sentada próxima a um fogão quentinho segurando uma bela taça de vinho com Boris.

— Então, o que você fez? — Ele remexeu alguns papéis e levantou um que parecia ser um mandado. — Expressar *opiniões antissoviéticas de natureza terrorista* — leu, como se fosse uma lista de ingredientes de bolo de mel.

As pessoas talvez pensem que o medo congela, que adormece o corpo, em preparação para o mal iminente. Para mim, era um calor que queimava como fogo indo de uma extremidade à outra.

— Por favor — pedi —, preciso falar com minha família.

— Permita que eu me apresente. — Ele sorriu e se recostou na cadeira, o couro do estofamento rangendo. — Sou seu humilde interrogador. Posso lhe oferecer um pouco de chá?

— Sim, por favor.

Ele não deu sinal nenhum de que ia me servir.

— Meu nome é Anatoli Sergeievitch Semionov.

— Anatoli Sergeievitch…

— Pode me chamar de Anatoli. Vamos nos conhecer muito bem, Olga.

— Pode me chamar de Olga Vsevolodovna.

— Está bem.

— E eu gostaria que fosse direto comigo, Anatoli Sergeievitch.

— E eu gostaria que fosse sincera comigo, Olga Vsevolodovna. — Ele tirou um lenço manchado do bolso e assoou o nariz. — Me conte sobre o romance que ele está escrevendo. Ouvi alguns boatos.

— Por exemplo?

— Me conte — disse ele. — Sobre o que é esse *Doutor Jivago*?

— Não sei.

— Você não sabe?

— Ele ainda está escrevendo.

— Suponhamos que eu a deixe sozinha por um tempo, com um pedacinho de papel e uma caneta… Talvez você possa pensar sobre o que sabe ou não a respeito do livro e anotar. Parece um bom plano?

Não respondi.

Ele levantou e me deu uma pilha de papéis em branco. Tirou uma caneta dourada do bolso.

— Tome, use minha caneta.

Ele me deixou com caneta, papel e três guardas.

Caro Anatoli Sergeievitch Semionov,

Devo considerar isso uma carta? Qual é a maneira certa de fazer uma confissão?

Eu tenho uma confissão a fazer, mas não é a que você quer ouvir. E como começar tal confissão? Talvez pelo início?

Larguei a caneta.

A primeira vez em que vi Boris foi em um recital. Estava em pé atrás de um atril simples de madeira, um holofote refletindo seu cabelo grisalho, a testa brilhando. Enquanto lia sua poesia, seus olhos se arregalavam, as expressões intensas e infantis irradiando pela plateia como ondas, até a minha cadeira no mezanino. Suas mãos se movimentavam com rapidez, como se dirigisse uma orquestra. E, de certa forma, era o que fazia. Às vezes a plateia não conseguia se conter e gritava seus versos antes que ele pudesse terminá-los. Uma vez, Boris parou e olhou para a luz, e eu podia jurar que ele conseguia me ver assistindo lá do balcão… que meu olhar atravessava as luzes brancas para encontrar o seu. Quando ele terminou, eu levantei… as mãos juntas, me esquecendo de bater palmas. Fiquei vendo as pessoas correrem até o palco e o engolirem, e permaneci em pé na minha fileira, e, depois, no mezanino, e logo todo o auditório se esvaziou.

Peguei a caneta.

Ou devo começar por como tudo começou?

Menos de uma semana depois daquele recital de poesia, Boris estava em pé no espesso tapete vermelho da recepção da *Novy Mir*, conversando com o novo editor da revista literária, Konstantin Mikhailovitch Simonov, um homem que tinha um armário cheio de ternos de antes da Guerra e dois anéis de sinete com rubis que batiam um no outro quando ele fumava seu cachimbo. Não era raro que escritores visitassem o local. Aliás, eu costumava ficar encarregada de mostrar o lugar, oferecer chá, levá-los para almoçar… as cortesias de sempre. Mas Boris Leonidovitch Pasternak era o poeta vivo mais famoso da Rússia; então, Konstantin fez o papel de anfitrião, levando-o pelas mesas, apresentando-

o a editores, diagramadores, tradutores e outros funcionários importantes. De perto, Boris era ainda mais atraente do que no palco. Tinha cinquenta e seis anos, mas passaria por quarenta. Seus olhos disparavam entre as pessoas enquanto ele trocava gentilezas, as maçãs do rosto exageradas pelo sorriso largo.

Quando se aproximaram da minha mesa, peguei a tradução em que estava trabalhando naquela manhã e comecei a destacar o manuscrito de poesia aleatoriamente. Embaixo da mesa, enfiei os pés cobertos pela meia fina nos sapatos.

— Quero apresentá-lo a uma de suas maiores admiradoras — disse Konstantin a Boris. — Olga Vsevolodovna Ivinskaia.

Estendi a mão.

Boris virou meu punho para beijar o dorso dela.

— É um prazer conhecê-la.

— Amo seus poemas desde que era garotinha — comentei, como uma boba, enquanto ele dava um passo para trás.

Ele sorriu, revelando uma lacuna entre os dentes.

— Estou escrevendo um romance agora.

— Sobre o que é? — perguntei, xingando a mim mesma por pedir a um escritor que explicasse um projeto antes de terminá-lo.

— É sobre a Moscou antiga. Você é jovem demais para se lembrar.

— Que interessante — disse Konstantin. — Falando nisso, precisamos conversar em meu escritório.

— Espero vê-la novamente, Olga Vsevolodovna — falou Boris. — É bom saber que ainda tenho admiradoras.

Foi assim que começou.

A primeira vez em que aceitei encontrá-lo, cheguei atrasada, e ele, adiantado. Ele disse que não se importava, que tinha chegado à praça Púchkin uma hora antes e gostado de assistir ao revezamento dos pombos no topo da estátua de bronze de Púchkin, como se fossem chapéus de penas vivos. Quando me sentei ao seu lado no banco, ele pegou minha mão e disse que não pensara em mais nada desde que tínhamos nos conhecido, que não conseguia parar de pensar em como seria me ver chegando e sentando ao seu lado, como seria pegar minha mão.

Depois disso, ele passou a esperar todas as manhãs em frente ao meu apartamento. Antes do trabalho, caminhávamos pelas avenidas, atravessando praças e parques, indo e voltando por todas as pontes que cruzavam o rio Moscou, sem destino. As tílias estavam floridas naquele verão, e a cidade inteira cheirava a mel e a algo um pouco apodrecido.

Contei tudo a ele: sobre meu primeiro marido, que encontrei enforcado em

nosso apartamento; sobre o segundo, que morreu em meus braços; sobre os homens com quem estive antes e depois deles. Falei sobre minhas vergonhas, minhas humilhações. Falei sobre minhas alegrias secretas: ser a primeira pessoa a desembarcar de um trem, organizar meus cremes e perfumes todos com o rótulo para a frente, o sabor de uma torta azeda de cereja no café da manhã. Durante os primeiros meses eu falei e Boris ouviu.

No fim do verão, passei a chamá-lo de Boria, e ele passou a me chamar de Olia. E as pessoas começaram a falar de nós — principalmente minha mãe.

— É apenas inaceitável — dissera ela tantas vezes que perdi a conta. — Ele é um homem casado, Olga.

Mas eu sabia que Anatoli Sergeievitch não queria ouvir *essa* confissão. Eu sabia que confissão ele queria de mim. Lembrei-me de suas palavras:

— O destino de Pasternak vai depender da sua sinceridade.

Peguei a caneta e comecei de novo.

Caro Anatoli Sergeievitch Semionov,

~~*Doutor Jivago é sobre um médico.*~~
~~*É um relato dos anos entre as duas guerras.*~~
~~*É sobre Iúri e Lara.*~~
~~*É sobre a Moscou antiga.*~~
~~*É sobre a Rússia antiga.*~~
~~*É sobre amor.*~~
~~*É sobre nós.*~~
Doutor Jivago *não é antissoviético.*

Quando Semionov voltou uma hora depois, entreguei a carta a ele, que deu uma olhada na folha e a virou.

— Pode tentar de novo amanhã à noite.

Ele amassou o papel em uma bola, jogou no chão e fez sinal aos guardas para que me levassem.

X X X

Noite após noite, um guarda vinha me buscar, e Semionov e eu tínhamos nossas conversinhas. E noite após noite, meu humilde interrogador me fazia as mesmas perguntas: *Sobre o que é o romance? Por que ele está escrevendo? Por que você está protegendo ele?*

Eu não lhe disse o que queria ouvir: que o romance era crítico à revolução. Que Boris rejeitara o realismo socialista para escrever sobre personagens que

viveram e amaram de acordo com seus corações, qualquer que fosse a influência do Estado.

Eu não lhe disse que Boria começou a escrever o romance antes de nos conhecermos. Que Lara já estava em sua cabeça — e que, nas primeiras páginas, sua heroína lembrava sua esposa, Zinaida. Eu não lhe disse que, com o passar do tempo, Lara acabou se transformando em mim. Ou talvez eu tenha me transformado nela.

Eu não lhe disse que Boria tinha me chamado de musa, que naquele primeiro ano juntos ele me contou que fez mais progresso com o romance do que nos três anteriores. Que de início me atraí por seu nome — o que todos conheciam —, mas me apaixonei por ele apesar disso. Que para mim ele era mais do que o poeta famoso no palco, a fotografia no jornal, a pessoa sob os holofotes. Que eu me encantava por suas imperfeições: a lacuna entre os dentes; o pente de vinte anos que ele se recusava a trocar; o modo como coçava a bochecha com uma caneta quando pensava, deixando um traço de tinta preta no rosto; como ele se esforçava para escrever sua grande obra, a qualquer custo.

E ele se esforçava. Durante o dia, escrevia em um ritmo frenético, deixando que as páginas preenchidas caíssem em um cesto de vime sob a mesa. À noite, lia para mim o que tinha anotado.

Às vezes, lia em pequenas reuniões em apartamentos por toda a Moscou. Amigos sentavam-se em cadeiras organizadas em semicírculo ao redor de uma mesinha, onde Boria se sentava. Eu ficava ao lado dele, orgulhosa do papel de anfitriã, a mulher que o acompanhava, a quase esposa. Ele lia com entusiasmo, as palavras desabando umas sobre as outras, e olhava logo acima da cabeça dos que estavam à sua frente.

Eu ia a essas reuniões na cidade, mas não quando ele lia em Peredelkino, onde se chegava depois de uma breve viagem de trem de Moscou. A *datcha* na colônia dos escritores era território de sua esposa. A casa de madeira marrom-avermelhada com grandes janelas salientes ficava no topo de uma colina íngreme. Atrás da construção, fileiras de bétulas e abetos; ao lado, um caminho de terra levava a um jardim grande. Na primeira vez em que me levou lá, Boria explicou sem pressa quais hortaliças tinham prosperado ao longo do tempo e quais tinham minguado, e por quê.

A *datcha*, maior do que a casa da maioria dos cidadãos, fora fornecida pelo governo. Aliás, toda a colônia de Peredelkino fora um presente do próprio Stálin, para ajudar escritores da Pátria escolhidos a dedo a florescer.

— A produção de almas é mais importante do que a produção de tanques — falara.

Como Boria dizia, também era uma ótima maneira de se manter informado

sobre eles. O autor Konstantin Aleksandrovitch Fedin vivia na casa ao lado. Kornei Ivanovitch Tchukóvski vivia perto dali, onde escrevia seus livros infantis. A casa em que Isaac Emmanuilovitch Babel vivia e onde foi preso, e para o qual nunca voltou, ficava mais abaixo na colina.

E eu não disse uma palavra a Semionov sobre quando Boria me confessou que o que estava escrevendo poderia significar sua morte, que ele temia que Stálin desse um fim nele como havia feito com tantos de seus amigos durante os Expurgos.

As respostas vagas que eu dava nunca satisfaziam meu interrogador. Ele então me entregava um papel e sua caneta e me dizia para tentar de novo.

Semionov tentou de tudo para extrair minha confissão. Às vezes, era gentil, me trazia chá, perguntava quais eram minhas opiniões sobre poesia, dizia que sempre fora fã das primeiras obras de Boria. Conseguiu que um médico fosse me ver uma vez por semana e instruiu os guardas a me dar mais um cobertor de lã.

Outras vezes, ele tentava que eu mordesse a isca, dizendo que Boria havia tentado se entregar em troca da minha soltura. Uma vez, um carrinho de metal desceu pelo corredor, batendo em uma parede com força, e ele brincou que era Boris batendo nas paredes da Lubianca, tentando entrar.

Ou dizia que Boris fora visto em um evento, parecendo ótimo, com a esposa nos braços.

— Desimpedido. — Era a palavra que ele usava. Às vezes, não era a esposa, mas uma bela jovem. — Francesa, eu acho.

Eu me esforçava para sorrir e dizer que me agradava saber que ele estava feliz e bem.

Semionov nunca encostou um dedo em mim, nem ameaçou fazê-lo. Mas a violência estava sempre ali, a conduta gentil sempre calculada. Convivi com homens como ele toda a minha vida e sabia do que eram capazes.

X X X

À noite, minhas companheiras de cela e eu amarrávamos tiras de linho bolorento nos olhos — uma tentativa inútil de bloquear as luzes que nunca se apagavam. Guardas iam e vinham. O sono ia e vinha.

Nas noites em que o sono simplesmente não vinha, eu inspirava e expirava, tentando acalmar minha mente por tempo suficiente para abrir uma janela para o bebê que crescia dentro de mim. Colocava a mão na barriga, tentando sentir alguma coisa. Uma vez, senti algo… sutil como uma bolha estourando. Me agarrei àquela sensação o máximo que pude.

Quando minha barriga cresceu, permitiram que eu permanecesse deitada por

uma hora a mais do que as outras mulheres. Passei a receber uma porção extra de *Kasha* e, às vezes, uma porção de repolho refogado. Minhas companheiras também me davam frações de suas porções.

Um dia, me deram um guarda-pó maior. Minhas companheiras pediam para tocar na minha barriga e sentir o bebê chutar. Os chutes eram a promessa de uma vida fora da Cela nº 7.

— Nosso prisioneirinho — diziam elas, encantadas.

X X X

A noite começou como qualquer outra. Fui acordada com o cutucão de um cassetete e levada até a sala de interrogatório. Sentei-me diante de Semionov e recebi uma folha nova.

Então, bateram à porta. Um homem de cabelos quase azuis de tão brancos entrou na sala e disse a Semionov que o encontro fora providenciado. O homem virou-se para mim.

— Você pediu por um encontro, agora vai ter.

— Eu pedi? — perguntei. — Com quem?

— Pasternak — respondeu Semionov, com a voz mais alta e severa na presença do outro homem. — Ele está esperando por você.

Eu não acreditei. Mas, quando me colocaram na parte de trás de um furgão sem janelas, me permiti acreditar. Ou melhor, não consegui conter o mínimo de esperança. A ideia de vê-lo, mesmo naquelas circunstâncias, foi a maior alegria que senti desde o primeiro chute do nosso bebê.

—

Chegamos a outro prédio do governo, e fui levada por uma série de corredores e vários lances de escada. Quando chegamos a uma sala escura no porão, eu estava exausta e suada e não pude deixar de pensar em Boria me vendo naquele estado lastimável.

Olhei em volta, absorvendo a sala vazia. Não havia cadeiras; não havia mesa. Uma lâmpada pendia do teto. O piso se inclinava em direção a um ralo enferrujado no centro.

— Onde ele está? — perguntei, percebendo de imediato o quanto tinha sido burra.

Em vez de responder, meu acompanhante de repente me empurrou por uma porta de metal, que trancou atrás de mim. O cheiro me atingiu em cheio. Doce e inconfundível. Mesas com formas compridas cobertas por lonas entraram em

foco. Meus joelhos cederam, e senti o chão molhado e gelado. Boris estava sob um pano? Foi por isso que me trouxeram aqui?

A porta se abriu de novo, após o que podem ter sido minutos ou horas, e dois braços me levantaram. Fui arrastada de volta pelas escadas e por mais corredores aparentemente intermináveis.

Entramos em um elevador de carga no fim de um corredor. O guarda fechou a grade e puxou a alavanca. Motores ganharam vida e o elevador chacoalhou com violência, mas não saiu do lugar. O guarda puxou a alavanca mais uma vez e abriu a grade.

— Eu sempre esqueço — disse com um sorriso irônico —, não funciona há séculos.

Ele virou em direção à primeira porta à esquerda e a abriu. Semionov estava lá dentro.

— Estávamos esperando — disse ele.

— *Estávamos*?

Ele deu duas batidas na parede. A porta se abriu de novo, e um velho entrou se arrastando. Levei um tempo para me dar conta de que era Sergei Nikolaievitch Nikiforov, ex-professor de inglês de Ira — ou o que restava dele. A barba antes bem cuidada estava rala, as calças caíam do corpo esguio, os sapatos estavam sem cadarço. Ele fedia a urina.

— Sergei — murmurei.

Mas ele se recusava a olhar para mim.

— Vamos começar? — perguntou Semionov. — Bom — falou ele sem esperar por uma resposta. — Vamos revisar tudo. Sergei Nikolaievitch Nikiforov, você confirma o depoimento que nos deu ontem: que testemunhou conversas antissoviéticas entre Pasternak e Ivinskaia?

Gritei, mas fui logo silenciada com um tapa desferido pelo guarda que estava ao lado da porta. Fui jogada contra a parede de azulejos, mas não senti nada.

— Sim — respondeu Nikiforov, com a cabeça ainda abaixada.

— E que Ivinskaia o informou sobre seu plano de fugir do país com Pasternak?

— Sim — disse Nikiforov.

— Não é verdade! — gritei.

O guarda voou em minha direção.

— E também que ouviu transmissões antissoviéticas no rádio da casa de Ivinskaia?

— Isso não… na verdade, não… acho que…

— Então mentiu para nós?

— Não. — O velho levantou as mãos trêmulas para cobrir o rosto, deixando

escapar um gemido sobrenatural.

Eu disse a mim mesma para desviar o olhar, mas não consegui.

—

Após a confissão de Nikiforov, eles o levaram embora, e me guiaram, de volta à Cela nº 7. Não sei ao certo quando a dor começou — estava me sentindo anestesiada fazia horas —, mas em algum momento minhas companheiras avisaram aos guardas que meu colchonete estava encharcado de sangue.

Fui levada ao hospital da Lubianca e, enquanto o médico dizia o que eu já sabia, eu só pensava que minha roupa cheirava a necrotério, a morte.

X X X

— Os depoimentos das testemunhas nos permitiram revelar suas ações: você denegriu continuamente o regime e a União Soviética. Você ouviu à Voz da América. Difamou escritores soviéticos de visão patriótica e elogiou a obra de Pasternak, um escritor de opiniões opositoras.

Ouvi o veredito do juiz. Ouvi suas palavras e o número que ele disse. Mas não assimilei nada até ser levada de volta à minha cela. Alguém perguntou e respondi:

— Cinco anos.

Só então me dei conta: cinco anos em um campo de reeducação em Potma. Cinco anos, a seiscentos quilômetros de Moscou. Meus filhos seriam adolescentes. Minha mãe teria quase setenta anos. Ainda estaria viva? Boris teria seguido em frente… talvez encontrasse uma nova musa, uma nova Lara. Talvez já tivesse encontrado.

—

No dia seguinte à sentença, eles me deram um casaco de inverno comido por traças e me colocaram na carroceria de um caminhão coberta por uma lona e cheia de mulheres. Observamos Moscou passar por uma abertura na traseira.

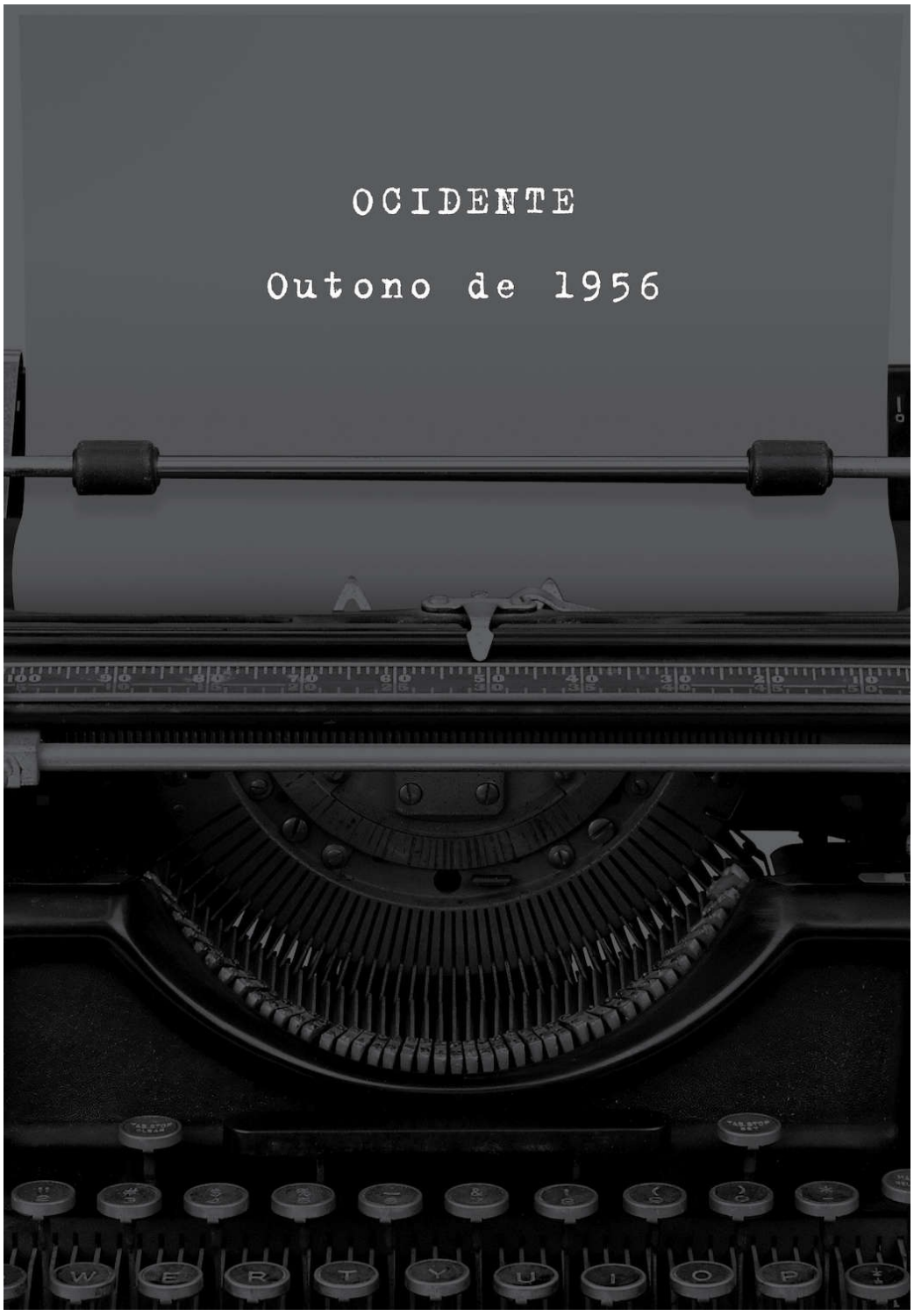
A certa altura, um grupo de crianças passou atrás do caminhão, duas em duas. O professor mandou que olhassem para a frente, mas um garotinho virou para o lado e fizemos contato visual. Por um instante, imaginei que era meu filho, meu Mitia, ou talvez o bebê que eu jamais conheceria.

Quando o caminhão parou, os guardas gritaram para que descêssemos e fôssemos rápido para o trem que nos levaria ao *gulag*. Pensei nas primeiras

páginas do romance de Boria, em Iúri Jivago embarcando no trem com sua família, buscando proteção nos montes Urais.

Os guardas nos sentaram em bancos em um vagão sem janelas, e, quando o trem partiu, fechei os olhos.

Moscou se irradia em círculos, como os que uma pedra lançada cria na água parada. A cidade se expande a partir do seu centro vermelho em avenidas e monumentos e em prédios residenciais — cada um mais alto e mais largo do que o seguinte. Então vêm as árvores, e, então, o campo, e, depois, a neve, e mais neve.


OCIDENTE
Outono de 1956

CAPÍTULO 2

A CANDIDATA

Era mais um dia úmido no Distrito, com o ar denso sobre o Potomac. Embora já fosse setembro, ainda era como se eu respirasse por um pano molhado. Assim que saí do apartamento no porão em que vivia com minha mãe, me arrependi de ter vestido a saia cinza. A cada passo, tudo o que eu conseguia pensar era *lã, lã, lã*. Quando embarquei no número oito e sentei nos fundos, senti o suor encharcando a camisa branca. Pior, senti como se houvesse duas manchas grandes no meu traseiro, uma em cada nádega. Com o nosso senhorio ameaçando aumentar o valor do aluguel, eu precisava muito do emprego. Por que não usei linho?

Depois de uma troca de ônibus e mais três quarteirões com as roupas roçando na minha pele, cheguei ao Foggy Bottom. Descendo a E, tentei checar meu traseiro discretamente em uma vitrine da Peoples Drug. Mas não consegui ver nada devido ao brilho do sol e ao fato de não estar usando meus óculos.

Eu tinha vinte anos na primeira vez em que consultei um optometrista, mas na época estava tão acostumada com as bordas embaçadas da vida que, quando finalmente vi o mundo como ele era de fato, achei tudo nítido demais. Eu enxergava cada folha das árvores e cada poro do meu nariz. Enxergava cada pelo branco em cada peça de roupa, graças ao gato do vizinho de cima, Miska. Tudo isso me dava dor de cabeça. Descobri que preferia as coisas como um todo difuso, não decompostas em partes nítidas, e raramente usava os óculos. Ou talvez eu só fosse teimosa… Eu tinha uma ideia de como o mundo era, e tudo o que indicasse o contrário me deixava desconfortável.

Passando por um homem sentado em um banco, senti seus olhos insistentes. Será que ele observava o modo como eu curvava os ombros e olhava para o chão enquanto andava? Eu tentava corrigir a postura andando pelo quarto durante horas com livros equilibrados na cabeça, mas não estava dando certo. Sempre que sentia o olhar de um homem, imaginava que ele estava observando meu andar desajeitado. A outra possibilidade, que ele poderia me achar atraente, nunca passava pela minha cabeça. Era sempre o meu andar, ou as roupas feitas em casa que eu usava, ou se eu tinha ficado encarando sem querer, como

costumo fazer. Nunca por eu ser bonita. Não, isso nunca.

Apressei o passo, me enfiei em um restaurante e fui para o banheiro.

Nenhuma mancha de suor, graças a Deus. Todo o resto era outra questão: a franja estava grudada à testa, o rímel que minha mãe disssera ser coisa de noiva por correspondência havia escorrido, e o pó que eu havia aplicado com delicadeza no que a vendedora da Woolworth chamara de “áreas problemáticas” estava grosso como mistura para bolo. Joguei água no rosto e estava prestes a secá-lo com a toalha quando alguém bateu à porta.

— Só um minuto.

As batidas continuaram.

— Está ocupado!

A pessoa do outro lado mexeu na maçaneta.

Abri a porta e enfiei o rosto molhado para fora.

— Já saio — disse ao homem com um jornal enfiado embaixo do braço, e bati a porta.

Subindo a saia, enfiei uma toalha de papel entre a calcinha e a cinta, e olhei no relógio: vinte e cinco minutos até a entrevista.

Sidney, meu ex-namorado, se é que posso chamá-lo assim, foi quem me contou sobre a vaga em uma noite de pizza e cervejas no Bayou. Ele era um desses caras típicos de Washington que se orgulham de ser bem relacionados e sabia que eu estava tentando um emprego no governo desde que me formara dois anos antes. Mas cargos subalternos tinham se tornado raros, e geralmente era preciso conhecer alguém para conseguir uma abertura. Sidney era a minha abertura. Ele trabalhava no Departamento de Estado e soube da vaga de datilógrafa pelo amigo de um amigo. Eu sabia que seria difícil, pois minhas habilidades de datilografia e taquigrafia eram apenas razoáveis, e minha única experiência tinha sido atender telefonemas para um advogado quase aposentado que usava ternos de caimento ruim. Mas Sidney disse que eu com certeza conseguiria a vaga, porque ele tinha falado com um conhecido na Agência. Suspeitei que ele na verdade não conhecia ninguém na Agência a quem pudesse ter me indicado, mas agradeci assim mesmo. Quando Sidney se aproximou para me beijar, estendi a mão e agradeci outra vez.

Saí do banheiro, aliviada ao ver que o homem com o jornal não estava mais lá. Pedi uma Coca-Cola grande, e o homenzinho grego atrás do balcão me entregou a bebida com uma piscadela.

— Manhã difícil? — perguntou ele.

Fazendo que sim com a cabeça, engoli o refrigerante.

— Obrigada — agradeci, deslizando um níquel pelo balcão.

Ele empurrou de volta com um dedo.

— É por minha conta — falou, e piscou mais uma vez.

—

Cheguei aos portões de ferro pretos que levavam ao complexo de prédios cinza e de tijolos vermelhos do Navy Hill quinze minutos adiantada. Cinco minutos seriam respeitáveis, mas quinze significavam que eu teria que dar três voltas na quadra antes de entrar. Então, fiquei toda suada de novo. Ao empurrar a porta pesada, eu esperava ser recepcionada por uma deliciosa onda de ar condicionado, mas só fui recebida por mais ar quente.

Depois de esperar na fila da inspeção, chegou minha vez de ter meu documento verificado na lista de visitantes pré-aprovados. Mas, quando fui pegá-lo, um homem de cabelos brancos com um par de óculos redondos de metal passou, esbarrando em mim e me fazendo derrubar a bolsa. Meu parco currículo de uma página caiu no chão. O homem, que tinha passado direto pela segurança, virou e voltou. Ele pegou e me entregou minha agora suja e levemente enfeitada, mas ainda escassa, lista de habilidades e competências com um:

— Aqui está, senhorita.

E saiu antes que eu pudesse responder.

—

No elevador, lambi a ponta do dedo e esfreguei a mancha em meu currículo. Isso só piorou as coisas, e me xinguei por não ter trazido uma cópia extra. Eu o tinha escrito com a ajuda de um livro que peguei emprestado da biblioteca, chamado *Como conseguir o emprego sem precisar mentir!*. Formatei o currículo conforme as instruções e até paguei a mais pelo papel *off-white* de gramatura maior. O currículo manchado era o que o livro chamaria de “coisa de amador”.

Para piorar as coisas, no processo de pegar o currículo do chão, a toalha de papel que eu tinha colocado no banheiro subiu, e eu a sentia na minha lombar. Disse a mim mesma para não pensar nela, o que me fez pensar ainda mais.

— Aonde você vai? — perguntou a mulher ao meu lado, com o dedo pairando sobre os botões dos andares.

— Ah — respondi. — Terceiro. Não, quarto.

— Entrevista?

Mostrei o currículo manchado.

— Datilógrafa?

— Como você sabe?

— Sou muito boa em avaliações rápidas. — A mulher estendeu a mão. A

distância entre seus olhos era maior que o normal, e o batom vermelho lustroso fazia com que seus lábios carnudos parecessem duas balas de gelatina. — Lonnie Reynolds — prosseguiu ela. — Estou na Agência desde antes de ela ser a Agência.

Ela parecia ao mesmo tempo orgulhosa e cansada desse fato. Quando apertou minha mão, percebi uma faixa de pele clara no anelar. Ela notou que eu tinha percebido a falta da aliança e sustentou o olhar por um instante desconfortável. O elevador parou no terceiro andar.

— Algum conselho? — perguntei enquanto ela saía.

— Datilografe rápido. Não faça perguntas. E não leve desaforo para casa. — Enquanto dois homens entravam no elevador, ouvi-a gritar atrás deles. — A propósito, aquele que esbarrou em você foi o Dulles.

Antes que eu pudesse perguntar quem era Dulles, as portas se fecharam.

—

No quarto andar, a recepcionista me cumprimentou apontando para a fileira de cadeiras de plástico encostadas na parede, onde duas mulheres já estavam sentadas. Me sentei e senti a toalha de papel sair do lugar. Xinguei a mim mesma por não ter aproveitado para chegar ali antes, quando tive a oportunidade.

À minha direita estava uma mulher mais velha com um cardigã verde pesado que parecia ter duas décadas e uma saia longa de veludo cotelê marrom. Estava vestida mais como professorinha do que como estenógrafa, ou como eu imaginava que uma estenógrafa se parecesse, e me repreendi por ser tão crítica. Ela estava com o currículo no colo, pinçado entre os indicadores e os polegares. Será que estava tão nervosa quanto eu? Estaria voltando ao trabalho depois de os filhos terem deixado o ninho? Teria começado uma carreira nova, feito um curso de administração à noite, porque queria fazer algo diferente? Ela olhou para mim e sussurrou:

— Boa sorte.

Sorri e disse a mim mesma que parasse com aquilo.

Vi que horas eram no relógio de parede como desculpa para dar uma olhada na morena sentada à minha esquerda. Ela parecia ter acabado de sair do curso de secretariado — talvez tivesse vinte anos, mas não parecia ter mais do que dezesseis. Mais bonita do que eu, estava com um esmalte cor-de-rosa brilhante, da cor de sapatilhas de balé. Seu penteado era daqueles que parecia exigir muito tempo e muitos bobes. E sua roupa parecia nova: um vestido de mangas compridas com gola branca e um salto com estampa *pied de poule*. Era o tipo de vestido que eu via em vitrines e gostaria de poder comprar, em vez de ir para

casa e desenhar em um pedaço de papel para que minha mãe pudesse fazer uma imitação. A maldita saia de lã era uma cópia de uma linda saia cinza que eu tinha visto em um manequim na vitrine da Garfinckel's um ano antes.

Eu reclamava com frequência do fato de que minhas roupas não eram compradas em lojas ou não estavam na moda, mas depois que o advogado se aposentou e me dispensou, as costuras da Mama eram a única coisa que pagava o aluguel do nosso apartamento em um subsolo. Ela trabalhava na sala de jantar em uma mesa de pingue-pongue velha que encontramos na calçada. Tiramos a rede rasgada, e ela posicionou sua adorada máquina — uma Vesta de pedal que fora presente de meu pai, e uma das poucas coisas que ela trouxera na jornada que se iniciara em Moscou — sobre o grande tampo verde. Em Moscou, Mama trabalhava em uma fábrica da Bolshevitchka, mas sempre manteve um negócio clandestino de vestidos sob medida e de noiva. Ela parecia um buldogue — na aparência e no temperamento. Viera para os Estados Unidos no fim da segunda onda de imigrantes russos a deixar a Pátria. As fronteiras estavam prestes a ser fechadas, e, se meus pais tivessem esperado mais alguns meses, eu teria crescido atrás da Cortina de Ferro, e não na Terra dos Livres.

Quando fizeram as malas em seu quarto minúsculo, em um apartamento coletivo que dividiam com quatro famílias, Mama estava grávida de três meses e esperava chegar à costa americana antes que eu nascesse. Na verdade, a gravidez de Mama foi o que motivou meus pais a partir. Enquanto a barriga dela crescia, meu pai reuniu os documentos necessários e conseguiu um lugar onde poderiam ficar temporariamente — com primos de segundo grau que tinham ido morar em um lugar chamado Pikesville, em Maryland. Parecia exótico demais para Mama, e ela sussurrava para si mesma como uma oração.

— Maryland — dizia. — Maryland.

Na época, meu pai trabalhava em uma fábrica de armamentos, mas antes disso frequentou o Instituto dos Professores Vermelhos, onde estudou filosofia. No terceiro ano, foi dispensado por expressar *ideias que não faziam parte do currículo*. O plano era procurar trabalho em uma das muitas universidades de Baltimore ou Washington, economizar vivendo com os primos durante um ou dois anos e depois comprar uma casa, um carro, ter mais um filho — o pacote completo. Meus pais sonhavam com o bebê que teriam. Tinham visualizado sua vida inteira: nasceria em um hospital americano limpo, aprenderia as primeiras palavras em russo e em inglês, frequentaria as melhores escolas, aprenderia a dirigir um grande carro americano em uma grande rodovia americana, talvez até jogasse beisebol. Em seu sonho, eles se sentavam nas arquibancadas e comiam amendoins e torciam. E, em sua futura casa, Mama teria um quarto só seu para fazer vestidos, e talvez até tivesse o próprio negócio.

Despediram-se dos pais e irmãos e de todos e tudo o que conheciam. Sabiam que uma vez que fossem embora, nunca mais poderiam retornar, destituídos permanentemente de sua cidadania pela busca do sonho americano.

Nasci no Hospital Johns Hopkins, e minha primeira palavra foi um *da* russo, seguido por um *no* inglês. Frequentei uma escola pública excelente e até joguei *softball* e aprendi a dirigir no Crosley do meu primo. Mas meu pai nunca viu nada disso. Demorou anos até que Mama me contasse por que nunca o conheci, e, quando me explicou, deixou escapar em um discurso rápido, como se tivesse algo a confessar. Segundo sua versão, eles entraram na fila para embarcar no navio a vapor que os levaria ao outro lado do Atlântico quando dois homens uniformizados se aproximaram e exigiram que meu pai mostrasse seus documentos. Já tinham passado pelo mesmo processo com outros homens uniformizados, então Mama não identificou imediatamente o perigo que papa percebeu ao tirar os documentos do bolso. Sem nem olhar para os papéis, os homens pegaram meu pai pelos braços, dizendo que o superior deles precisava dar uma olhada — em particular. Mama agarrou Papa, mas os homens o puxaram e o levaram. Ela gritou, e Papa a instruiu, com calma, que embarcasse no navio — que se juntaria a ela em breve. Quando ela quis discutir, ele repetiu:

— Embarque no navio.

Quando o apito soou avisando que a embarcação estava prestes a partir, Mama não correu até a balaustrada para ver se meu pai subia a rampa apressado no último minuto; ela já sabia que nunca mais veria o marido. Em vez disso, desmaiou na cama reservada a ela na terceira classe. A cama ao lado permaneceria vazia pelo restante da viagem, e meus chutes firmes dentro de sua barriga seriam sua única companhia.

Anos mais tarde, quando recebemos um telegrama da irmã de Mama que vivia em Moscou dizendo que Papa tinha morrido no *gulag*, Mama passou exatamente uma semana na cama. Eu só tinha oito anos na época, mas assumi a cozinha e a limpeza, fui e voltei da escola sozinha e concluí os trabalhos de costura de Mama — consertando mangas rasgadas, fazendo bainhas em calças, e, depois, entregando os artigos prontos.

Seu primeiro emprego nos Estados Unidos foi na Lavanderia e Ajustes do Lou, onde passava e engomava camisas masculinas o dia todo, chegando em casa toda noites com as mãos manchadas e rachadas por causa dos produtos químicos. Eram raras as oportunidades que tinha de pegar a agulha e fazer a bainha de uma calça ou pregar o botão de um paletó. Mas uma semana depois de saber da morte do meu pai, Mama levantou da cama, se maquiou, pediu demissão do emprego e começou a costurar. Ponto após ponto, conta após conta, pena após pena, ela empregou todo o seu luto na confecção de vestidos. Mal saiu

de casa por dois meses e, quando terminou, encheu dois baús com os vestidos mais lindos que já tinha feito. Convenceu o padre da Igreja Ortodoxa Russa da Santa Cruz a deixar que ela montasse um pequeno estande no festival anual de outono. Vendeu todos os vestidos em algumas horas, incluindo sua obra-prima: um de noiva que uma mulher comprou para que a filha de onze anos usasse em algum momento futuro. Quando terminou, tínhamos dinheiro o suficiente para sair da casa lotada de nossos primos em Maryland, dar entrada no aluguel de um apartamento em Washington e para que Mama montasse seu ateliê. Ela teria seu sonho americano, mesmo que fosse sozinha.

Montou o ateliê — EUA Vestidos e Mais Para Você — em nosso apartamento em um subsolo, e a notícia de seu talento se espalhou. Americanos de ascendência russa de primeira e segunda gerações a procuravam pelo trabalho detalhado que ela era capaz de fazer em vestidos para casamentos ou funerais, ou para qualquer outra ocasião especial. Ela se gabava de pregar mais paetês em um corpete do que qualquer outra costureira no continente. Logo ficou conhecida como a segunda melhor costureira russa do Distrito. A primeira era uma mulher chamada Bianka, com quem Mama mantinha certa rivalidade.

— Ela economiza onde não deve — dizia ela para quem quisesse ouvir. — Seu bordado é desleixado. As bainhas desmancham se bater um vento. Ela está na América a tempo demais.

Mama nos sustentava com seu negócio, pagando até mesmo a mensalidade da faculdade, pois eu recebia apenas uma bolsa parcial da Trinity. Mas, quando o senhorio ameaçou aumentar o aluguel, tornou-se imprescindível que eu conseguisse um emprego. Sentada na recepção, analisando a concorrência, o pensamento se instalou em meu peito, e pressionei a mão contra o esterno para sufocar a ansiedade.

Quando eu estava prestes a perguntar à recepcionista onde era o banheiro feminino — para poder finalmente arrumar a toalha de papel que agora estava na metade das minhas costas —, um homem entrou. Bateu as mãos como quem mata uma mosca. Então, o reconheci: era o mesmo que estava esperando no banheiro do restaurante com o jornal embaixo do braço. Meu estômago despencou por um alçapão escondido.

— Todas aqui? — perguntou ele.

Todas nos entreolhamos, sem saber a quem ele se dirigia.

A recepcionista levantou a cabeça.

— Sim.

Tive vontade de me esconder atrás do cabideiro.

Seguimos o homem por um corredor até uma sala organizada com fileiras de mesas. Em cada uma havia uma máquina de escrever e uma pilha de papel.

Sentei na segunda fileira, sem querer parecer ansiosa demais. Pelo visto, ninguém queria parecer ansiosa demais, então a segunda fileira acabou se tornando a primeira.

Pelo rosto do homem — bem, o nariz, pelo menos —, parecia que ele tinha sido jogador de hóquei ou lutador de boxe. Ele olhou para mim enquanto eu me sentava, mas pareceu não me reconhecer do restaurante, graças a Deus. Tirou o paletó e arregaçou as mangas azul-claras.

— Sou Walter Anderson — começou. — Anderson — repetiu. Fiquei esperando que ele virasse, puxasse um quadro-negro e escrevesse o nome em letra cursiva. Em vez disso, abriu a pasta e tirou dela um cronômetro. — Se vocês passarem neste primeiro teste, aprenderei seus nomes. Se não datilografam rápido, aconselho a irem embora agora.

Ele fez contato visual com cada uma de nós, e correspondi como Mama sempre me ensinou. “As pessoas não vão respeitá-la se você não olhá-las nos olhos, Irina”, dizia ela. “Em especial os homens.”

Algumas se mexeram na cadeira, mas nenhuma se levantou.

— Bom — disse Anderson. — Vamos começar.

— Com licença — interrompeu a mulher mais velha com o cardigã pesado. Ela estava com a mão levantada, e morri de vergonha por ela.

— Não sou seu professor — respondeu Anderson.

Ela abaixou a mão.

— Certo.

Anderson olhou para o teto e suspirou.

— Você tem uma pergunta?

— O que vamos datilografar?

Ele se sentou na mesa grande na frente da sala e tirou um livro amarelo da pasta. Era um romance: *As pontes de Toko-Ri*.

— Alguém aqui é fã de literatura?

Todas levantamos as mãos.

— Bom. Alguém é fã de James Michener?

— Eu vi o filme — deixei escapar. — Grace Kelly está maravilhosa.

— Que bom para você — disse Anderson. Ele abriu o livro na primeira página. — Vamos começar? — E levantou o cronômetro.

—

Depois, no elevador lotado, puxei a camisa das costas suadas com sutileza. Enfiei a mão dentro e procurei. Nada. Tinha sumido. Será que a toalha de papel tinha caído no elevador? Ou, Deus me livre, quando eu me levantei depois do

teste? Estaria Walter Anderson olhando para aquela coisa nojenta neste instante? Pensei em voltar e refazer meus passos para ver onde poderia ter caído, mas decidi que não importava. Eu não ia conseguir o emprego mesmo.

Fui a segunda mais lenta do grupo, o que eu sabia porque Walter Anderson tinha feito uma classificação e lido os resultados em voz alta.

— Bem, acho que é isso — comentou a morena bonita e jovem chamada Becky enquanto o elevador descia. Ela fora a mais lenta.

— Haverá outras oportunidades — disse a mais velha, de cardigã. Ela tentou esconder, mas ouvi o tom de alegria em sua voz… sua pontuação tinha sido, de longe, a melhor.

— De qualquer forma, aquele cara era um esquisitão — continuou Becky. — Você viu o jeito como ele olhava para nós? Como quem olha para um filé. — Ela se virou para mim. — Principalmente para você.

— Até parece — falei.

Percebi Anderson olhando para mim, mas pensei que era da forma esperada em uma entrevista. Eu era sempre assim com relação aos homens. Se um me achasse atraente, eu era sempre a última a saber. O homem teria que me dizer com todas as letras para que eu acreditasse — e, mesmo assim, eu não acreditava de todo. Eu me achava bastante comum — o tipo de mulher por quem você passaria na rua ou ao lado de quem se sentaria no ônibus sem nem olhar duas vezes. Minha mãe sempre disse que eu era o tipo de mulher para o qual era preciso observar bem para apreciar. E, para falar a verdade, eu preferia passar despercebida. A vida era mais fácil assim — sem os assovios que perseguiam as outras mulheres, os comentários que faziam com que cobrissem o peito com a bolsa, os olhos que as seguiam por toda parte.

Tive uma leve decepção, no entanto, quando, aos dezesseis anos, percebi que não teria o tipo de beleza que minha mãe tivera na juventude. Enquanto Mama era toda curvas, eu era toda ângulos. Quando eu era criança, ela usava um vestido sem forma durante o dia enquanto trabalhava. Mas às vezes, à noite, experimentava suas criações feitas à mão e modelava os vestidos que tinha feito para mulheres ricas. Ela rodopiava e fazia as saias esvoaçarem em nossa cozinha, e eu lhe dizia que o vestido jamais pareceria tão lindo.

Eu vira uma foto dela quando tinha a minha idade, usando o uniforme da fábrica — um guarda-pó verde-oliva com uma touca combinando. Não poderíamos ser mais diferentes. Eu me parecia muito mais com meu pai. Depois que ele morreu, Mama guardava uma foto dele usando a farda do Exército na última gaveta da cômoda. Às vezes, quando ela não estava em casa, eu abria a gaveta e ficava olhando para aquela foto, dizendo a mim mesma que, se um dia me esquecesse de como ele era, um espaço vazio se abriria dentro de mim e

nunca mais se fecharia.

As candidatas se despediram do lado de fora dos portões da Agência com um aceno. As mais velhas, que tinham se saído melhor do que a gente, gritaram:

— Boa sorte!

— Vou precisar — disse a mulher que tinha se sentado ao meu lado durante o teste, enquanto acendia um cigarro.

Eu também precisaria, embora não acreditasse em sorte.

X X X

Duas semanas se passaram e eu estava de volta à mesa da cozinha circulando anúncios de emprego enquanto tomava chá. Mama estava à mesa de pingue-pongue trabalhando em um vestido para a festa de quinze anos da filha do senhorio na esperança de agradá-lo para que ele não aumentasse o valor do aluguel. Estava me contando pela segunda vez naquele dia uma história que lera no *Post* sobre uma mulher que dera à luz uma menina na Key Bridge.

— Eles não conseguiram chegar ao hospital a tempo; então, pararam o carro, e ela teve o bebê ali mesmo! Você acredita? — gritou do outro cômodo.

Como não respondi, ela repetiu a história, mas dois decibéis mais alto.

— Eu ouvi da primeira vez!

— Você acredita?

— Não.

— Quê?

— Eu disse “não”!

Eu precisava sair de casa… dar uma caminhada, ir a qualquer lugar. Mama me mandava resolver algumas coisas para ela, mas, além disso, eu não tinha muito o que fazer. Havia respondido a uma dúzia de anúncios, mas conseguido apenas uma entrevista para a semana seguinte. Enquanto vestia o casaco, o telefone tocou. Corri até a sala a tempo de ver Mama atender.

— O que você disse? — perguntou ela com a voz extra-alta que reservava para conversas ao telefone.

— Quem é? — indaguei.

— Irene? Não tem nenhuma Irene aqui. Por que você está ligando para cá?

Peguei o telefone.

— Alô?

Mama deu de ombros e voltou para a mesa de pingue-pongue.

— Senhorita Irina Droz-do-vah? — perguntou uma voz de mulher.

— Sim, sou eu. Sinto muito. Minha mãe não…

— Por favor, aguarde, o sr. Walter Anderson vai falar.

— Quê?

Começou a tocar uma música clássica, e senti a musculatura do estômago se contrair. Depois de um instante, a música parou, interrompida pela voz do sr. Anderson.

— Queremos que você venha novamente.

— Mas eu não fiquei em penúltimo lugar? — perguntei, e rangi os dentes. Eu precisava mesmo lembrá-lo de minha mediocridade?

— Exato.

— Mas não havia só uma vaga? — Por acaso eu estava tentando me sabotar?

— Gostamos do que vimos.

— Eu consegui o emprego?

— Ainda não, Ligeirinha — disse ele. — Ou será que devo pensar em um apelido melhor, dadas as suas habilidades de datilografia? Você pode vir às duas?

— Hoje?

Eu tinha que ir a uma loja de tecidos em Friendship Heights para ajudar Mama a escolher alguns paetês prateados para o vestido de quinze anos. Mama não gostava de ir à loja de tecidos sozinha porque achava que a dona tinha preconceito contra russos. “Ela me cobra o dobro, não, o triplo!”, disse na última vez em que foi sozinha. “Ela olha para mim como se eu fosse jogar uma bomba na loja. Toda vez!”

— Sim. Hoje — respondeu ele.

— Às duas?

— Duas.

— Duas? — Mama apareceu na porta. — Temos que ir ao Friendship Heights às duas.

Agitei a mão no ar, dispensando-a.

— Estarei aí — falei, mas só ouvi o silêncio.

Anderson já tinha desligado. Eu tinha uma hora para me vestir e ir até o Centro.

— Então? — perguntou Mama.

— Tenho outra entrevista. Hoje.

— Você já fez a prova de datilografia. O que mais eles querem que você faça? Uma apresentação de ginástica? Que asse um bolo? O que mais eles precisam saber?

— Não sei.

Ela olhou meu vestido florido de cima a baixo.

— O que quer que seja, você não pode ir assim.

—

Desta vez, usei linho.

Estava adiantada de novo, mas fui levada até a sala de Walter Anderson assim que cheguei. Eu não esperava pela primeira pergunta que ele fez. Não perguntou onde eu me via em cinco anos, quais eu achava que eram minhas maiores fraquezas, nem por que eu queria o emprego. E não perguntou se eu era comunista, ou se tinha alguma lealdade ao lugar onde nasci.

— Me fale sobre seu pai — começou ele assim que me sentei. Então, abriu uma pasta grossa com o meu nome. — Mikhail Abramovitch Drozdov.

Senti um aperto no peito. Eu não ouvia alguém falar seu nome havia anos. Apesar do linho, senti as gotas de suor se acumularem em minha nuca.

— Não conheci meu pai.

— Um momento — disse ele, e se afastou da mesa. Tirou um gravador de uma das gavetas de baixo. — Sempre me esqueço de ligar essa coisa. Você se importa? — Sem esperar pela minha resposta, ele apertou o botão. — Diz aqui que ele foi condenado a trabalhos forçados por obter documentos de viagem de maneira ilegal.

Então foi isso: esse foi o motivo pelo qual o pegaram nas docas. Mas por que deixaram minha mãe partir? Fiz a pergunta a Anderson assim que ela surgiu.

— Castigo — respondeu ele.

Olhei para as manchas de café em sua mesa, sobrepostas como os anéis olímpicos. Uma onda de calor tomou meus braços e minhas pernas, e me senti trêmula.

— Eu tinha oito anos quando descobri — consegui dizer.

Durante oito anos, não soubemos de nada. Quando era criança, eu imaginava o momento em que encontraria meu pai… como ele seria e como me pegaria em seus braços, e se teria algum cheiro característico, como tabaco ou loção pós-barba, como eu tinha imaginado.

Examinei o rosto de Anderson, procurando por empatia, mas só encontrei uma leve irritação, como se eu devesse saber do que o Grande Monstro Vermelho era capaz.

— Desculpe, mas o que isso tem a ver com a vaga de datilógrafa?

— Tem tudo a ver com você trabalhar aqui. Se quiser encerrar agora, se estiver se sentindo muito desconfortável, tudo bem.

— Não, eu… — Eu queria gritar que era tudo minha culpa, que eu é que tinha causado a morte dele, que, se eu não existisse, eles não teriam se arriscado tanto. Mas me recompus.

— Você sabe como ele morreu? — perguntou Anderson.

— Nos disseram que ele teve um ataque cardíaco nas minas de estanho de Berlag.

— Você acredita nisso?

— Não, não acredito. — Sempre senti essa resposta enterrada dentro de mim, mas nunca disse em voz alta, nem mesmo para Mama.

— Ele nunca chegou aos campos. Morreu em Moscou. — Ele fez uma pausa. — Durante as investigações.

Me perguntei o que Mama sabia e o que não sabia. Ela acreditava no que dizia o telegrama de sua irmã sobre a morte de meu pai? Ou sabia que não devia acreditar? Será que fingiu o tempo todo pelo meu bem?

— Como você se sente sabendo disso? — perguntou Anderson.

Eu não estava preparada para essa pergunta. Fixei o olhar nas manchas de café em cima da mesa dele.

— Confusa.

— Mais alguma coisa?

— Com raiva.

— Raiva?

— Sim.

— É o seguinte. — Ele fechou a pasta com o meu nome. — Nós enxergamos algo em você.

— Como assim?

— Somos bons em perceber talentos escondidos.

CAPÍTULO 3

AS DATILÓGRAFAS

O outono chegara a Washington. Era noite quando acordávamos e noite quando saíamos do escritório. A temperatura caíra vinte graus, e, no caminho de ida e volta, andávamos com a cabeça abaixada para evitar o vento que chicoteava pelas lacunas entre os prédios, tomando cuidado para não escorregar em folhas molhadas ou torcer o tornozelo nas calçadas escorregadias. Em manhãs assim — quando a ideia de deixar uma cama quentinha para ficar em um bonde lotado embaixo da axila de um homem qualquer, só para passar o dia em um escritório frio sob luzes fluorescentes, quase fazia com que ligássemos dizendo que não compareceríamos por motivo de doença —, nos encontrávamos no Ralph's para tomar um café e comer rosquinhas antes do trabalho. Precisávamos daqueles vinte minutos, daquela dose de açúcar — além de um café melhor. O da Agência, embora forte e quente, tinha mais o gosto dos copos de papel nos quais o bebíamos.

Ralph na verdade era um velho baixinho grego chamado Marcos. Viera para os Estados Unidos, segundo nos contou, pela chance de engordar americanas bonitas como nós com os doces que acordava às quatro da manhã para assar. Nos chamava de "belas" e "delicadas", embora mal pudesse nos ver devido à catarata. Marcos era um paquerador sem-vergonha, apesar de a esposa — uma mulher de cabelos brancos chamada Athena, com peitos tão grandes que ela precisava dar um passo para trás ao abrir a caixa registradora — estivesse sempre atrás do balcão. No entanto, Athena parecia não se importar. Ela revirava os olhos e ria do velho. Ríamos de volta e tocávamos o braço dele, na esperança de que colocasse uma rosquinha açucarada extra em nossa sacola e nos entregasse com uma piscadela esbranquiçada.

Quem chegasse ao Ralph primeiro pegava uma mesa nos fundos. Era importante fazer isso para que pudéssemos ficar de olho na porta e ver quem entrava. O Ralph's não era o café mais próximo da Sede, mas alguns oficiais entravam de vez em quando, e não queríamos que ninguém ouvisse muito do que dizíamos durante nossos encontros matinais.

Gail Carter geralmente chegava primeiro, pois o café ficava a apenas três

quadras de seu estúdio em cima da loja de chapéus na H Street. Gail morava com uma mulher que era estagiária do Capitólio e que estava no terceiro ano da faculdade, cujo pai rico era dono de uma fábrica têxtil em New Hampshire e pagava por todas as suas despesas com moradia.

Aquela manhã de segunda-feira de outubro começou com a mesma conversa de sempre.

— Um inferno! — disse Norma Kelly. — A semana passada foi um inferno.

Aos dezoitos anos, Norma se mudara para Nova York com o sonho de ser poeta. Americana de ascendência irlandesa, o cabelo loiro-avermelhado como prova, Norma desceu do ônibus no Terminal Dixie na West Forty-Second e, com a mala na mão, foi até o Costello's socializar com publicitários da Madison Avenue e os escritores *freelancers* da *New Yorker*. Acabou descobrindo que os dois grupos estavam mais interessados no que havia entre suas pernas do que nas palavras que queria colocar no papel. Mas foi no Costello's que ela também conheceu alguns homens da Agência. Eles a incentivaram a se candidatar a uma vaga apenas com o intuito de paquerá-la, mas ela precisava de um salário, então, tentou assim mesmo. Norma pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha e colocou três colheres de açúcar no café.

— Não, a semana passada foi pior do que o inferno.

Judy Hendricks cortou a rosquinha sem cobertura em quatro pedaços iguais com uma faca de manteiga. Judy estava sempre seguindo alguma dieta da moda que tinha lido na *Woman's Own* ou na *Redbook*.

— O que é pior do que o inferno? — perguntou Judy.

— Esta semana. — Norma tomou um gole de café.

— Não sei — comentou Judy. — A semana passada foi bem ruim. Quer dizer, aquela reunião sobre os gravadores novos? Acho que somos capazes de entender como apertar o botão de gravar sem uma orientação de duas horas. Se aquele homem apontasse para aquele diagrama mais uma vez, meus olhos iam saltar das órbitas. — Ela limpou uma migalha invisível do lábio, embora ainda não tivesse tocado na rosquinha.

Norma colocou o guardanapo no peito.

— Mas como é que vamos entender alguma coisa sem que um homem explique nos mínimos detalhes? — perguntou ela, fazendo sua melhor imitação da Scarlett O'Hara.

— Sempre pode piorar — disse Linda. — Não podemos deixar que essas pequenas coisas nos derrubem. Precisamos reservar a dor de cabeça para as coisas grandes. Como o fato de que eles não reabastecem a máquina de absorventes desde o governo Truman.

Linda só tinha vinte e três anos, mas, depois que se casou, começou a falar

como se possuísse uma sabedoria que nós, solteiras, não éramos capazes nem de imaginar — como se ainda fôssemos virgens ou algo do tipo. Isso nos irritava, mas ainda assim a considerávamos uma espécie de figura materna: ela era a primeira a nos acalmar quando queríamos mandar um dos homens pastar, ou a ajeitar uma mecha de cabelo rebelde. Era quem nos dizia a hora certa de deixar que um homem soubesse que tinha chance conosco, e o que fazer se ele não ligasse no dia seguinte.

— Se eu tiver que ouvir o Anderson me dizendo mais uma vez que minha voz é muito rouca ao telefone, eu juro por Deus… — comentou Gail.

Walter Anderson, que mais se assemelhava a um filhote de urso com costeletas eternamente desiguais e que parecia ter jogado futebol americano na faculdade, mas passado a considerar a caminhada do ponto de ônibus até o trabalho seu exercício diário, supervisionava o setor de datilografia e outras operações administrativas da DS. Ele fazia trabalho de campo nos tempos de OSS e foi nomeado para uma posição no escritório logo que a Agência foi formada em 1947. Sem nunca se sentir confortável atrás de uma mesa, Anderson andava de um lado para o outro, procurando algo ou alguém em quem descontar suas frustrações reprimidas. Mas, depois de finalmente ter descontado, ele costumava ficar com remorso e compensava com caixas de rosquinhas e flores frescas na sala de descanso. Ele preferia que o chamássemos de Walter; então, o chamávamos de Anderson.

Gail molhou um guardanapo de papel torcido no copo de água e limpou uma mancha de geleia cor-de-rosa no punho da camisa.

— Nós, mulheres do governo, somos relegadas à máquina de escrever enquanto um meninão como Anderson nos diz o que fazer.

Gail não guardava ressentimento, ela o nutria. Depois de se formar em engenharia na U.C. Berkeley, ela se candidatou para a Fundação Nacional de Ciência e para o Departamento de Defesa e foi rejeitada por “falta de formação avançada”, código para o fato de que ela era uma mulher negra. Gail sabia que vários estudantes brancos do sexo masculino com a mesma formação que ela já estavam trabalhando lá… e sendo promovidos. Com poucas economias, ela se candidatou a cargos de datilografia e pulou de um bico no governo para o seguinte. Quando chegou à Agência, já estava de saco cheio por suas habilidades não serem reconhecidas.

— E sabe o que ele me disse um dia desses? — prosseguiu Gail. — Que ele e a esposa *amam* o programa do Nat King Cole, e que eu devo ter *muito orgulho* de vê-lo na televisão. Quando perguntei do que exatamente deveria me orgulhar, ele resmungou alguma coisa e saiu. — Ela bebeu um gole de café. — Eu *tenho* esse orgulho, mas não ia dar o braço a torcer.

— Pelo menos a carga horária é boa. — Kathy Potter acrescentou, entrando na conversa.

Nossa eterna otimista com um topete laqueado de dez centímetros de altura, Kathy entrara na Agência com a irmã mais velha, Sarah, que se casara com um oficial depois de três meses e se mudara com ele para um posto no exterior. Sem Sarah, Kathy era bastante quieta, mas sempre que falava era para nos lembrar de que o copo estava meio cheio.

— Um brinde ao expediente — disse Norma erguendo a xícara, mas ninguém a acompanhou. Ela apoiou-a de volta na mesa.

— Os benefícios também — acrescentou Linda. — Quando trabalhei no consultório daquele dentista depois da faculdade, eu não tinha nem plano odontológico. Vocês acreditam? Ele refez minha obturação rachada por baixo dos panos, depois do horário, se é que vocês me entendem. E só porque queria, como ele mesmo disse, *me conhecer melhor*, e achou que o gás hilariante pudesse ajudar.

— E ajudou? — perguntou Kathy.

— Bem… — Ela deu uma mordida na rosquinha.

— Bem? — insistiu Norma.

Linda engoliu.

— Aquele negócio realmente deixa a gente de bom humor.

—

Depois do Ralph’s, caminhávamos sem pressa até a E Street, 2.430. A sede da Agência, afastada da rua, ficava em um complexo que costumava abrigar a OSS durante a Guerra. Passávamos por um portão preto de ferro e subíamos a passarela. Levaria dois anos para que a Agência se mudasse para Langley. Até lá, a sede ficou espalhada por vários prédios sem nada de especial com vista para o National Mall. Chamávamos aqueles prédios de “temporários”, porque, desde que entramos na Agência, nos diziam que logo nos mudaríamos. Os prédios com telhado de zinco eram difíceis de aquecer no inverno, e o ar-condicionado funcionava tão bem quanto qualquer outra coisa em Washington.

Norma fazia uma brincadeira recorrente em que hesitava antes de passar pelas portas pesadas de madeira que davam para a recepção.

— Não vou entrar — disse ela naquela segunda-feira, se agarrando a uma cerejeira pelada que ficava próxima à porta.

Nós a puxamos para dentro e entramos na fila da inspeção, com os crachás laminados em mãos, as bolsas abertas, e prontas para sermos cutucadas com um bastão.

X X X

Sabíamos seu nome antes mesmo de ela começar. Lonnie Reynolds, do RH, nos falara na sexta-feira anterior à sua chegada.

— Irina Drozdova. Anderson vai trazê-la e apresentá-la segunda-feira de manhã.

— Outra russa — comentou Norma, dizendo o que todas estávamos pensando.

Não era incomum que russos viessem para o nosso lado — aliás, a DS tinha tantos desertores que brincávamos que o bebedouro era abastecido com vodca. Dulles odiava usar o termo “desertores”, preferindo chamá-los de “voluntários”. De qualquer modo, os russos geralmente eram homens, não datilógrafas.

— Sejam gentis — recomendou Lonnie. — Ela parece uma boa garota.

— Sempre somos gentis.

— Se você diz — respondeu Lonnie, e saiu do setor.

Nunca gostamos de Lonnie.

Irina já estava em sua mesa quando chegamos naquela segunda-feira. Magra como um graveto, cabelo loiro de comprimento médio, a postura ereta de uma debutante. Nós a ignoramos por uma hora, tocando o dia como de costume enquanto ela fazia pequenos ajustes à cadeira e à máquina de escrever, brincava com os botões do casaco marrom e mudava grampos de papel de uma gaveta para a outra.

Não estávamos tentando ser grosseiras. Mas aquela garota nova estava substituindo Tabitha Jenkins, uma das integrantes mais antigas do setor de datilografia. O marido de Tabitha tinha se aposentado da Lockheed, e eles se escafederam para um bangalô na ensolarada Fort Lauderdale. Agora essa russa ocupava a mesa dela.

Demoramos mais que o normal para dar as saudações de costume. Quando o relógio passou das dez, a situação ficou mais desconfortável. Alguém tinha de dizer alguma coisa, e acabou que Irina foi quem quebrou o gelo. Ela se levantou, e todas olharam sua figura esbelta de cima a baixo.

— Com licença — disse, mais para o chão do que para qualquer uma de nós. — Onde fica o banheiro? — Ela arrancou um fio do casaco. — É meu primeiro dia — acrescentou, corando com a obviedade.

A garota tinha um jeito peculiar de falar: nenhum traço de sotaque, mas um tom um pouco artificial, como se tivesse que pensar em cada palavra antes de pronunciá-la.

— Você não tem sotaque russo — comentou Norma, em vez de indicar onde era o banheiro.

— Eu não sou russa. Bom, não exatamente. Nasci aqui, mas meus pais são de

lá.

— Todos os russos que trabalham aqui dizem isso — retrucou Norma, e todas nós sufocamos o riso. — Meu nome é Norma — Ela estendeu a mão. — Também nasci aqui.

Irina apertou a mão de Norma. Sentimos a tensão ceder.

— É um prazer conhecer todas vocês — disse ela. Então, olhou em volta e estabeleceu contato visual com cada uma de nós.

— No final do corredor, vire à direita e, então, à direita de novo — indicou Linda.

— O quê? — perguntou Irina.

— O banheiro feminino.

— Ah, sim — disse ela. — Obrigada.

Esperamos até que ela sumisse no fim do corredor antes de discutir: o jeito russo (ou falta dele), a cor do cabelo (não era tintura), o jeito estranho de falar (como se fosse uma versão barata da Katharine Hepburn), as roupas ligeiramente fora de moda (de liquidação ou feitas em casa?).

— Ela parece simpática — concluiu Judy.

— Simpática o bastante — disse Linda.

— Onde eles a encontraram?

— No *gulag*?

— Ela é bonita — elogiou Gail.

Tivemos que concordar. Irina não era do tipo que ganharia concursos de beleza, mas possuía uma beleza mais sutil.

Ela retornou ao setor de datilografia, andando ombro a ombro com Lonnie.

— As meninas estão recebendo você bem?

— Ah, sim — respondeu Irina sem um toque sequer de sarcasmo.

— Ótimo. Essas garotas podem ser um grupo difícil.

— Ouvi dizer que as fáceis ficam no RH — disse Norma.

Lonnie revirou os olhos.

— De qualquer forma, como o sr. Anderson não nos agraciou com sua presença esta manhã…

— Ele está doente? — interrompeu Linda.

Fazíamos almoços mais longos quando Anderson não estava.

— Ele não veio. É tudo o que eu sei. Se está desmaiado em um banco de praça por aí ou tirando as amídalas, não é da minha conta. — Lonnie se colocou em frente a Irina, de costas para nós. — De qualquer maneira, meu dever é garantir que você tenha tudo de que precisa e, depois — ela levantou os dedos no ar fazendo um gesto de aspas —, *buscá-la para uma reunião na Ala Sul*.

Irina disse a Lonnie que tinha tudo de que precisava e então a seguiu. Assim

que elas saíram, nos retiramos para o banheiro feminino, para uma especulação mais aprofundada.

— Uma reunião? — perguntou Linda. — Já?

— Vocês acham que é com J. M.? — indagou Kathy, se referindo ao chefe da DS, John Maury.

— Ela disse *Ala Sul* — respondeu Gail. A Ala Sul era onde ficavam os escritórios provisórios de madeira caindo aos pedaços, próximo ao Lincoln Memorial. — É onde fica o Frank.

Norma acendeu um cigarro.

— Um mistério de Moscou? — Ela deu uma tragada e depois soltou. — É claro que é com o Frank.

Frank Wisner era o chefe abaixo do grande chefe, e o pai das operações clandestinas da Agência. Membro fundador do Georgetown Set, grupo de políticos, jornalistas e agentes influentes, Wisner — com seu sotaque e seu charme sulistas — era famoso por conduzir a maioria de suas atividades durante seus famosos jantares de domingo. Foi nessas festas, depois que a carne assada e a torta de maçã tinham sido servidas e o grupo estava completamente alegre por causa dos charutos e do *bourbon*, que a visão de um novo mundo tomou forma.

Por que Irina teria uma reunião com Frank? E em seu primeiro dia? Não precisava ser um gênio para ligar as coisas: Irina não tinha sido contratada por seu número de palavras datilografadas por minuto.

O hábito era que o setor de datilografia pagasse um almoço para a garota nova no Ralph’s — para fazê-la se abrir e decifrá-la: Ela vinha do Noroeste ou do Nordeste? Tinha feito faculdade ou curso de datilografia? Era solteira ou compromissada? Era séria ou divertida? Então, perguntávamos onde cortava o cabelo, o que gostava de fazer nos finais de semana, por que estava trabalhando na Agência, e o que achava da nova política de não poder usar sapatos baixos ou vestidos sem manga. Mas a hora do almoço chegou e passou, e Irina ainda não voltara; então, tivemos de nos conformar com um lanche rápido na cantina sem ela.

Irina voltou naquela tarde carregando uma pilha de relatórios de campo manuscritos para datilografar — e com o comportamento inalterado. Éramos, pelo menos, profissionais. Então, não perguntamos como tinha sido a reunião, ou que habilidades especiais ela possuía, ou que outras tarefas lhe tinham sido atribuídas.

—

Eram quatro e meia — por volta da hora em que diminuíamos o ritmo da

datilografia e começávamos a guardar o trabalho inacabado e a olhar para o relógio de três em três minutos. Mas Irina ainda datilografava com entusiasmo. Ficamos felizes em ver que a garota nova tinha uma boa ética de trabalho, além dos talentos escondidos de que talvez dispusesse. Um elo fraco no setor só resultaria em mais trabalho para o restante de nós. Às cinco em ponto, nos levantamos e convidamos Irina para ir conosco ao Martin's.

— Martíni? Tom Collins? Singapore Sling? — perguntou Judy. — Qual é o seu veneno?

— Não posso — disse Irina, mostrando a pilha de papéis. — Preciso tirar o atraso.

— Tirar o atraso do trabalho? — retrucou Linda quando finalmente estávamos do lado de fora. — No primeiro dia?

— *Você* por acaso teve uma reunião com Frank no *seu* primeiro dia? — perguntou Gail.

— Inferno... Eu não tive uma reunião com Frank até *hoje* — comentou Norma.

A inveja trepidava em nosso estômago, e queríamos saber mais. Queríamos saber tudo sobre a garota russa.

—

Irina se adaptou ao trabalho rapidamente. Semanas se passaram, e ela não pediu ajuda nem uma vez. Graças a Deus, pois não tínhamos tempo para segurar sua mão. As tensões triplicaram na DS naquele novembro com as notícias da rebelião malsucedida contra a União Soviética na Hungria — e de nosso papel nela. Incentivados pelos esforços propagandistas da Agência, protestantes húngaros tomaram as ruas de Budapeste para fazer oposição aos ocupantes soviéticos. Tinham a impressão de que os aliados do Ocidente enviariam reforços. Nenhum reforço foi enviado. A revolução durou apenas doze dias, até que os soviéticos lhe impusessem um fim violento. O número de húngaros mortos noticiado pelo *Times* era horripilante, mas os números que inseríamos em nossos relatórios eram ainda piores. Eles achavam que estavam fazendo a coisa certa, que seus planos bem traçados dariam certo. Nossos melhores homens se dedicaram a ele. Como poderiam fracassar? Mas o país estava em ruínas. A Agência *tinha* fracassado. Allen Dulles — o espião-chefe, que víamos apenas quando aquelas de nós que tinham nível de autorização de segurança alto o suficiente tomavam notas de uma reunião importante — exigiu respostas, que os homens tiveram dificuldade de oferecer.

Pediram que trabalhássemos até mais tarde, que acompanhássemos reuniões

fora do horário do expediente. Se passássemos do horário de funcionamento dos ônibus e bondes, eles pagavam nossa volta de táxi para casa. Quando o Dia de Ação de Graças se aproximou, tememos que cancelassem nossa folga do feriado. Graças a Deus, não cancelaram.

Aquelas de nós que precisavam pegar um avião para visitar as famílias costumavam ficar em Washington no feriado, economizando para a viagem de Natal. Se reuniam em qualquer que fosse o maior apartamento, ou no daquela cuja colega de quarto estivesse fora da cidade. Levavam uma cadeira e um prato, e, embora tentassem planejar quem levaria o quê, sempre acabavam com pelo menos quatro tortas de abóbora e peru suficiente para uma semana.

Aquelas que precisavam pegar apenas trem ou ônibus para visitar a família iam para casa. Os pais e irmãos sempre as recebiam como filhas pródigas. Para eles, Washington era um mundo à parte — o lugar onde os jornais noturnos eram feitos. Falávamos sobre nossas tarefas vagamente de propósito, e nossas famílias pensavam que nossas vidas eram muito mais empolgantes do que de fato eram. Citávamos nomes como Nelson Rockefeller, Adlai Stevenson e o senador incrivelmente charmoso de Massachusetts, John Kennedy, dizendo que encontrávamos esses influentes poderosos em festas e eventos diversos, mas, na verdade, tínhamos sorte se conhecêssemos alguém que os conhecesse.

Para aquelas que voltavam para a cidade natal, na noite anterior ao Dia de Ação de Graças sempre acontecia um grande encontro em um bar local. O velho grupo de ensino médio se reunia para beber alguma coisa, e usávamos nossos melhores saltos e nossa caxemira mais macia, fazíamos questão de arrumar o cabelo e nos certificávamos de que não havia batom em nossos dentes. Ignorando suas alianças, os garotos populares que nos desprezaram durante a escola diziam que era ótimo nos encontrar e que devíamos aparecer mais vezes. Em Washington, éramos apenas mais uma no aglomerado de funcionárias do governo, mas, em nossa cidade natal, éramos aquelas que foram longe.

Nos despedíamos dos antigos colegas com um “Nos vemos ano que vem” e íamos para casa, um pouco bêbadas, onde encontrávamos pelo menos um de nossos pais, que tinha tentado esperar acordado, mas acabara dormindo no sofá. No dia seguinte, assávamos peru, comíamos peru, tirávamos uma soneca, comíamos mais peru, tirávamos mais uma soneca. *Foi bom estar em casa*, dizíamos a tias e tios e primos. Mas em dois dias estávamos de volta no ônibus ou trem para Washington, com um sanduíche de peru na bolsa.

—

Quando voltamos na segunda-feira após aquele Dia de Ação de Graças, já

tínhamos nos esquecido de Irina e ficamos surpresas ao encontrá-la na mesa que costumava ser de Tabitha. Fomos educadas, perguntando o que tinha feito no feriado, e ela disse que ela e a mãe não celebravam o Dia de Ação de Graças, mas que havia comprado dois jantares de peru congelados e que estavam muito bons.

— Minha mãe comeu metade das minhas ervilhas e do meu purê de batata quando levantei para pegar mais uma taça de vinho — comentou.

Não sabíamos que Irina morava com a mãe. E antes que pudéssemos fazer mais perguntas, Anderson chegou com pilhas de papéis.

— O Natal chegou mais cedo, garotas — falou.

Resmungamos. Invejávamos nossas colegas do Capitólio, que desfrutavam de longas folgas quando o Congresso estava em recesso. Não tínhamos essa sorte; a Agência nunca dormia.

— Muito trabalho para colocar em dia, garotas. Vamos começar, hein?

— Muito recheio que você comeu semana passada, hein? — resmungou Gail quando Anderson saiu.

Acabamos voltando ao trabalho, e o resto da manhã se arrastou. Às onze, já estávamos no quinto cigarro e olhando para o relógio. Ao meio-dia, estávamos praticamente pulando das cadeiras para ir almoçar. A maioria tinha trazido um sanduíche de peru, e Kathy, uma garrafa térmica com sopa de macarrão e peru. Mas era um daqueles dias em que precisávamos sair do escritório. O primeiro dia de volta de um feriado, ainda que curto, era sempre o pior.

Linda levantou primeiro e estalou os dedos.

— Cantina?

— Sério? — perguntou Norma. — Que tal o Hot Shoppes? Um *milk-shake* seria bem-vindo agora.

— Está muito frio lá fora — disse Judy.

— É muito *longe* — reclamou Kathy.

— La Niçoise? — sugeriu Linda.

— Nem todo mundo tem o luxo de contar com o salário do marido — alfinetou Gail.

Nos olhamos e dissemos juntas:

— Ralph’s?

O Ralph’s não só servia as melhores rosquinhas do distrito, mas também tinha as batatas fritas mais deliciosas, e o ketchup era feito por eles. Além disso, os homens nunca almoçavam lá. Eles preferiam o Old Ebbitt Grill, onde podiam se deleitar com ostras e beber quantos martínis de dez centavos quisessem. Às vezes, eles nos convidavam, se estivessem se sentindo generosos ou amáveis ou ambos. Eles pediam bandejas de ostras e rodadas de martínis para a mesa,

embora Kathy tivesse alergia a frutos do mar, e Judy se recusasse a comer qualquer coisa tirada do oceano.

Perguntamos a Irina se queria se juntar a nós, porque ela finalmente estava falando, e queríamos que continuasse assim. Para nossa surpresa, ela aceitou, embora tivesse guardado um sanduíche na geladeira da sala de descanso de manhã.

Ao sairmos, Teddy Helms e Henry Rennet estavam entrando. Gostávamos de Teddy, mas Henry era outra história. Os homens da Agência achavam que ficávamos só sentadas no canto datilografando em silêncio. Mas não registrávamos apenas memorandos, também registrávamos nomes. E o de Henry estava no topo de nossa lista. Por que Teddy e Henry eram amigos, não fazíamos a menor ideia. Henry era o tipo de homem cuja confiança, não aparência, conquistava muito na vida — até demais. Mulheres, um cargo alto logo que se formou em Yale, todos os convites certos de Washington. Teddy era o oposto — alguém que pensava antes de falar, pensativo e um pouco misterioso.

— Vocês não me apresentaram a garota nova — disse Henry, embora tivéssemos evitado fazer contato visual com ele.

Teddy ficou ao lado dele, com as mãos nos bolsos, olhando de soslaio para Irina.

— Os tubarões já começaram a rodear — sussurrou Kathy.

— Você estava esperando um convite para a festa de debutante? — perguntou Norma, sem disfarçar o desprezo por Henry.

No verão anterior, tinha circulado um boato de que ele passara a noite com Norma depois de um churrasco na casa de Anderson. Na verdade, Henry ofereceu uma carona para Norma, e, em um sinal vermelho, colocou a mão sua saia e a agarrou. Norma não disse uma palavra. Só abriu a porta do carro e desceu no meio do trânsito. Henry gritou pela janela que ela parasse de ser burra e voltasse para o maldito carro, enquanto outros motoristas buzinavam para que ela saísse da frente. Ela acabou caminhando os seis quilômetros até sua casa, e não nos contou sobre o incidente durante meses.

— É claro — falou Henry. — É meu trabalho saber tudo o que acontece por aqui.

— É mesmo? — perguntou Judy.

— Meu nome é Irina. — Ela estendeu a mão e Henry riu.

— Que curioso — comentou ele, apertando a mão dela daquele jeito rude característico. — Henry. Prazer. — Ele virou-se para Norma. — Não foi tão difícil, foi?

— Teddy — apresentou-se Teddy, estendendo a mão para Irina.

— É um prazer conhecê-los.

Estava claro que Irina estava apenas sendo educada, mas, a julgar pela postura adolescente de Teddy, ele pareceu encantado desde o início.

— Bem — disse Norma, apontando para um relógio invisível. — Nossa hora de almoço virou nossa meia hora de almoço.

Do lado de fora, fomos recebidas por uma rajada de vento. Apertamos nossos cachecóis; Irina colocou um xale com franjas na cabeça e depois o enrolou no pescoço. Nos perguntamos o quanto da Rússia ainda restava nela. Queríamos avisá-la sobre Henry e também descobrir logo o que ela achara de Teddy, mas, para que ninguém ouvisse, decidimos guardar a conversa para o Ralph's.

Guirlandas de Natal em todos os postes de luz já substituíam os últimos vestígios do outono. Passamos pela Kann's e paramos para assistir a uma jovem dando os toques finais em uma elaborada cena de inverno na vitrine. Ela colocou duas fitas prateadas em um galho de cerejeira e deu um passo para trás para admirar seu trabalho.

— Que bonito — elogiou Irina. — Eu amo o Natal.

— Eu achava que os russos não comemoravam o Natal — comentou Linda. — A história de não ter religião e tal.

Olhamos umas para as outras, sem saber se Irina tinha se ofendido com a observação. Ela apertou o xale em volta do rosto e disse com um sotaque russo carregado:

— Bem, eu nasci aqui, não nasci?

Ela sorriu. Nós rimos e sentimos os muros sutis de nosso grupo começarem a se expandir.

CAPÍTULO 4

A ANDORINHA

— Se lembra da cobra? — perguntou Anderson, tentando equilibrar o champanhe na murada do *Miss Christin* e derrubando-o no Potomac.

Com o rosto vermelho, mais por causa da bebida que do ar gelado de outono, Anderson era o centro das atenções de um grupo de seis pessoas que já tinham ouvido a história muitas vezes, incluindo eu.

— Quem poderia se esquecer da cobra? — perguntei.

— Você com certeza não, Sally. — Ele me deu uma piscadela exagerada.

Eu amava provocar Anderson, e ele amava responder à provocação. Nós dois estivéramos em Kandy durante a Guerra, na Divisão de Operações de Moral, para conduzir a mensagem em direção ao bem maior. Em outras palavras, éramos propagandistas. Na época, ele tentou de tudo para se envolver comigo, e, quando o repreendi pela décima vez, ele se contentou com o papel de irmão mais velho.

— Tem alguma coisa no seu olho? — perguntei.

A maioria das pessoas o achava detestável, mas eu achava Anderson inofensivamente brega.

O grupo adorou. Era sempre assim: toda vez que nos reuníamos, as velhas histórias começavam a sair conforme a bebida entrava. Depois da Guerra, a maioria tinha seguido em frente, criando novas histórias sobre as quais eram proibidos de falar. Então, contavam causos antigos — os que já haviam contado centenas de vezes. A história da cobra era uma velha coringa de Anderson. Depois de trabalhar na OSS, corriam boatos de que ele tentara escrever roteiros em Hollywood. Ficamos sabendo que trabalhou em uma série que era uma mistura de *O grande segredo* e *A ameaça que veio do espaço*, e que isso lhe garantiu algumas reuniões com produtores, mas nunca decolou. Então, ele decidiu passar os dias aprimorando sua tacada no Columbia Country Club, mas isso se tornou entediante, e, depois de um ou dois meses, ele bateu à porta de Dulles — a porta física mesmo, em Georgetown — e pediu um emprego na Agência. Com cinquenta e poucos anos, Anderson recebeu um cargo administrativo, embora tenha implorado para ser colocado de volta em campo.

A velha gangue tinha se reunido para comemorar uma espécie de aniversário. Onze anos antes, deixávamos nossos postos no Ceilão, após o fim da Guerra. O futuro da OSS e da inteligência americana era incerto. Demoraria dois anos até que a Agência fosse criada — dois anos até que dessem uma casa a oficiais geniosos da OSS que estavam cansados de encher os bolsos com escritórios de advocacia e corretoras em Nova York e queriam, mais até do que voltar a servir seu país, o poder que advinha de ser um guardião de segredos. Era um poder que, para alguns, incluindo eu, era mais inebriante do que qualquer droga, sexo ou outros meios de acelerar os batimentos cardíacos. Tínhamos planejado uma comemoração para o décimo aniversário, mas ela fora adiada várias vezes até que alguém apenas marcou uma data.

— De qualquer forma — prosseguiu Anderson —, juro por Deus, a filha da mãe tinha doze metros de comprimento.

— Trinta e nove pés? — perguntou um dos homens mais jovens da Agência.

— Isso mesmo, Henry, meu garoto. Acredite, ela era uma devoradora de homens. Já tinha matado meia dúzia de birmaneses quando me chamaram.

— Como você sabe que era *ela*? — perguntei.

— Acredite, Sally, só uma fêmea poderia ter causado tanto estrago. E eles precisavam de um homem para colocá-la em seu lugar.

— Então, por que chamaram *você*? — indaguei.

— Relações comunitárias — respondeu ele, sério. — A cobra era uma ameaça. Estou dizendo, parecia que tinha saído de um filme de terror. Aquela cobra de vez em quando ainda aparecia em meus pesadelos. Pergunte a Prudy. — Ele apontou para a esposa, uma mulher pequena com brincos grandes de plástico amarelos que pendiam pesados nos lóbulos de suas orelhas para baixo, que estava se mantendo aquecida no interior do iate com as outras esposas. Ela olhou pela janela e deu um breve aceno. — De qualquer forma, ela não saía do buraco…

— Como essa história! — gritou alguém no fundo.

— Estava mais para uma caverna do que um buraco, na verdade — continuou ele, ignorando o impertinente. — Ficaria lá dentro durante meses, dormindo, esperando. Então, um dia, rastejaria para fora e prepararia o bote perto de uma vaca. Então, pá! — Ele bateu as mãos como efeito sonoro. — Arrastaria o pobre bovino para o buraco sem um mugido sequer. Isso prejudicaria a economia da aldeia. E não queríamos isso, certo?

— Não seria o pior jeito de morrer — disse Frank Wisner, juntando-se ao grupo.

O círculo se abriu de modo que o chefe pudesse ficar na primeira fila para ouvir a história de Anderson. Frank pagara pelo barco em que estávamos, pelo

álcool que bebíamos e pelo canapé de camarão que estávamos comendo.

— Não ia nem ver — prosseguiu Frank em seu sotaque do Mississippi. — Em pé em um campo qualquer, mastigando um mato, talvez pensando em descer até o rio, beber um pouco, então…

— Não seja mórbido, Frank — comentou Anderson. — Meu Deus!

Anderson estava começando a enrolar as palavras, e, quando isso acontecia, aquelas palavras que ele conseguia colocar para fora costumavam colocá-lo em apuros. Agora, com o chefe no grupo, fiz sinal para que se apressasse e terminasse a maldita história.

— Eu supervisionei a operação toda.

— Operação Kaa? — perguntou minha amiga Beverly. Ela meio riu, meio soluçou, e o grupo abafou o riso.

— Pelo amor de Deus, eu posso continuar, por favor?

— Ninguém está impedindo você — disse Bev, com a voz alta e rouca, indicativo de que tinha tomado uma taça além de seu limite de espumante. Usava um vestido "saco" Givenchy preto, comprado em uma viagem recente a Paris. Depois da guerra, Bev se casou com um lobista do petróleo, que mantinha seu guarda-roupa com a última moda desde que ela não se importasse quando ele chegasse em casa cheirando a *bourbon* e imitação de Chanel nº 5. Ela detestava o sujeito, então, se certificava de que a troca fosse a mais justa possível comprando tudo assim que saísse da passarela, e ainda tendo ela mesma um caso, de vez em quando, com seu antigo amor da OSS. O vestido largo não favorecia em nada sua silhueta, mas ela merecia créditos por ter se arriscado a usá-lo.

Alguém passou um cantil de bolso a Anderson. Ele bebeu um gole e tossiu.

— Continuando… Levei dez homens comigo para a caverna, buraco, que seja. O plano era tirá-la de lá usando fumaça e depois ensacá-la.

— Que tipo de saco seguraria uma cobra de trinta pés? — perguntou Frank. Estava sorrindo, provocando Anderson.

Eles entraram na OSS juntos, mas Frank subiu até o topo, enquanto Anderson empacou no meio. Frank ainda era bonito, mantinha o físico da estrela do atletismo que fora na faculdade, trinta anos antes. Era o tipo de homem que acreditava que tudo era possível — principalmente se ele estivesse no comando. Mas algo não se encaixava naquela noite. Eu já o tinha visto duas vezes separado dos convidados, olhando para as águas um pouco agitadas do Potomac. Me perguntei se eram verdadeiros os rumores de que ele tinha sofrido um colapso depois que os soviéticos colocaram fim à rebelião húngara que ele ajudara a orquestrar.

Anderson bebeu mais um gole do cantil e pigarreou.

— Boa pergunta, chefe. Costuramos um monte de sacos de juta um no outro e colocamos um zíper enorme no meio.

Frank sorriu. Ele já sabia o final, é claro.

— E o saco aguentou?

Anderson tomou mais um gole.

— Eu tinha cinco caras segurando o saco, dois para fechar o zíper quando a cobra saísse, dois em pé, com pistolas, e eu supervisionando… caso algo desse errado.

— O que poderia dar errado? — perguntei.

— O que não poderia dar errado? — retrucou Frank, e o grupo riu mais alto do que a piada do chefe merecia.

— Eu que o diga! — respondeu Anderson.

Mas antes que ele pudesse continuar, o *Miss Christin* deu um tranco, e o motor parou. Alguém foi perguntar para o capitão o que estava acontecendo e o encontrou não na cabine, mas desfrutando uma bebida no salão cercado pelas esposas. O capitão foi verificar com o maquinista, que confirmou que um fusível tinha explodido e disse que ligaria para a marina pedindo por um reboque de volta à doca. Frank disse ao capitão que esperasse uma hora antes de ligar, e a festa continuou, à deriva.

Enquanto balançávamos, Anderson continuou. Disse que espantaram a cobra do buraco com fumaça e, quando ela saiu, prenderam-na no saco, o qual a cobra, uma lutadora, rasgou em minutos. Mas tudo bem, Anderson estava perto com a pistola.

— Bem no meio dos olhos — concluiu.

— Coitada — falei.

— Mentira — comentou Frank.

Anderson levou a mão ao peito.

— Juro por Deus.

O fato é que a esposa de Anderson, Prudy, corroborou a história na primeira vez em que a ouvi — durante um jantar em que comemos filé no Colony —, confirmando que a pele da cobra estava guardada no porão, desintegrando-se lentamente em uma caixa refrigerada. “Por que ele trouxe aquela coisa nojenta para casa eu não faço ideia”, ela me disse na ocasião.

Apertei o braço de Anderson, pedi licença, e me juntei a Bev na popa.

Ela se inclinou para a frente e acendeu meu cigarro.

— Oi, é você? — disse ela. — A história já acabou?

— Finalmente.

O Jefferson Memorial estava iluminado à distância, com o Distrito dormindo atrás dele. Sob o céu noturno alaranjado, a cidade parecia tranquila, os jogos de

poder e barganhas repousando à noite.

— Nada mal, não é? — perguntou Bev.

— Nem um pouco, Bev.

Eu estava surpresa por ter me divertido de verdade. Depois da Guerra, voltei a Washington com a promessa de que conseguiria um emprego no Departamento de Estado. E consegui. Mas, em vez de um cargo confortável com um escritório só para mim, eles me enfiaram no porão organizando o arquivo. Só aguentei seis meses antes de pedir demissão e, depois disso, me afastei do velho clube do Bolinha.

Eu já tinha sido muitas coisas, mas não era arquivista. Não conseguia nem fingir. Já tinha sido enfermeira, garçonete, herdeira. Certa vez, passei por bibliotecária. Já tinha sido esposa de alguém, amante de alguém, noiva, namorada. Já tinha sido russa, francesa e britânica. De Pittsburgh, Palm Springs e Winnipeg. Eu podia me tornar qualquer pessoa. Era meu rosto — os olhos grandes, o sorriso fácil que sugeria que eu era um livro aberto, alguém que não tinha segredos para guardar e, se tivesse, não conseguiria guardá-los. Isso e o aumento da popularidade de atrizes como Marilyn Monroe e Jayne Mansfield, que tinham a mesma silhueta da qual eu tinha tentado me livrar com dietas na adolescência, eram vantagens para extrair segredos de homens poderosos.

Saí de lá com a cabeça erguida, e depois reuni as garotas para beber e dançar no Café Trinidad até a hora de fechar — o que, em Washington, infelizmente era à meia-noite. Mas, no dia seguinte, depois de cuidar da ressaca com uma compressa e um Bloody Mary, tive um pequeno colapso nervoso ao perceber que não tinha emprego, nem renda, nem poupança. A última questão sendo fruto de uma maldição que era ao mesmo tempo bênção: um apreço imenso por coisas belas. A bênção era que meu estilo inato fazia com que as pessoas pensassem que eu vinha de berço, de um lugar como Grosse Point ou Greenwich, e não que tinha nascido em uma casa de madeira na Little Italy de Pittsburgh. A maldição era que o bom gosto costumava exceder meus recursos.

Eu sabia que precisava traçar um plano antes que minha conta bancária entrasse no vermelho. Não havia mamãe ou papai a quem recorrer, como algumas de minhas amigas se davam ao luxo de fazer quando as coisas ficavam difíceis. Naquela noite, folheei minha agenda e marquei vários encontros românticos com lobistas e advogados do Distrito, um ou outro diplomata ou congressista. Os encontros eram tediosos e exaustivos, mas, no fim das contas, o aluguel do meu apartamento em Georgetown estava pago, consegui alguns bons jantares, e os homens cuja companhia eu fingia apreciar me mantinham com roupas equivalentes às de Bev. Eu não tinha atração por eles, mas era muito fácil convencê-los do contrário.

Essa linha de “trabalho” me servia perfeitamente. Mas, depois de um tempo, fiquei entediada com o rodízio táxi, jantar, hotel, táxi, jantar, hotel. Isso e o alto nível de manutenção pessoal me esgotavam. Escovar, arrancar, depilar, pintar, descolorir, apertar — e até comprar e comprar — estavam começando a cobrar seu preço.

Pensei em virar aeromoça. Para começar, eu ficaria ótima no azul da Pan Am. Além disso, amo viajar. Era o que eu mais gostava durante a Guerra — a possiblidade de ser realocada para um lugar novo passados alguns meses. Mas eles olhariam minha idade — trinta e dois se eu for sincera, ou trinta e seis se eu for *realmente* sincera — e diriam que eu era “muito qualificada” para o cargo.

A verdade era que eu sentia falta do trabalho de inteligência, sentia falta de ser parte de um grupo seleto. Então, quando Bev ligou pela última vez para implorar que eu fosse à festa, concordei.

— Tantos rostos familiares — comentou ela, analisando o grupo.

A música tinha começado de novo, e as pessoas dançavam e derramavam *gin fizz* umas nas outras. Vi Jim Roberts do outro lado do convés, sufocando alguma garota infeliz. Uma vez, Jim me encurralou em uma festa da embaixada em Xangai, colocando as mãos em volta da minha cintura e dizendo que não me soltaria enquanto eu não desse um sorriso. Eu sorri e depois dei uma joelhada em sua virilha.

— Talvez até demais.

— Um brinde a isso — disse ela.

Bev se inclinou sobre o parapeito e tirou uma mecha do cabelo castanho-escuro do rosto. Ela era o tipo de mulher cuja beleza viera tarde, ignorado a menina em seus anos de escola, faculdade e pelo início dos vinte anos, chegando apenas no fim deles, e só atingindo plena glória nos trinta. Bev tivera muitas experiências com Jim Roberts.

— Mas, ainda assim — continuou ela —, eu queria que todas as garotas estivessem aqui.

— Eu também.

Bev e eu éramos as duas únicas do antigo grupo que ainda vivíamos em Washington. Julia vivia na França com o novo marido, Jane fora para Jacarta com o marido de alguém, e Anna estava em Veneza ou Madri, dependendo do humor daquele mês. Nosso grupo se conheceu no *Mariposa*, um antigo navio de luxo realocado para levar soldados para a linha de frente. As únicas mulheres a bordo, compartilhamos uma cabine apertada, equipada com beliches de metal, um banheiro e uma banheira que cuspia água fria e salgada. Apesar do enjoo e das condições que remetiam a um acampamento, nos demos muito bem. Tínhamos acabado de entrar na casa dos vinte e estávamos prontas para enfrentar

o mundo. Éramos o tipo de garota que tinha crescido lendo *A ilha do tesouro* e *Robinson Crusoé*, e depois, passado para *Ela, a Feiticeira*, de H. Rider Haggard, no ensino médio. Nosso vínculo nasceu da crença de que uma vida de aventuras não estava reservada apenas aos homens, e decidimos reivindicar nossa parte.

O mais importante era que compartilhávamos de um senso de humor parecido, o que ajudava bastante no que dizia respeito a compartilhar um banheiro com capacidades de descarga duvidosas — principalmente quando o navio entrava em mares mais agitados. Julia amava pegadinhas, e uma vez deu início a um boato de que éramos um grupo de freiras católicas a caminho de Calcutá. Os homens, que mexiam conosco sempre que tinham a oportunidade, passaram a assumir posição de reverência quando passavam por nós nos corredores. Um soldado chegou a pedir que rezássemos por seu cachorro doente. Fiz o sinal da cruz, e Bev caiu na risada.

Quando o *Mariposa* atracou no Ceilão, já éramos inseparáveis e nos agarramos umas às outras na traseira de uma caminhonete de pneus largos que nos alijou pela selva até o porto de Kandy. Cercada por plantações de chá e arrozais verdes que se derramavam pelas colinas, Kandy, embora estivesse apenas do outro lado da baía em relação ao terror que se desenrolava na Birmânia, parecia ser o lugar mais longe possível da Guerra.

Muitas de nós se lembravam do tempo em Kandy com carinho. E, quando escrevíamos umas para as outras — ou, com sorte, nos encontrávamos pessoalmente —, relembrávamos as muitas noites passadas sob um céu tão imenso e escuro que as estrelas se revelavam em camadas. Falávamos sobre como cortávamos mamão recém-tirado das árvores que rodeavam o escritório de teto de palha da OSS com um facão enferrujado, ou da vez em que um elefante entrou no complexo e teve de ser atraído para fora com um pote de manteiga de amendoim. Nos lembrávamos das festas no Clube dos Oficiais, que duravam a noite toda, de balançar nossas pernas no lago Kandy verde-azulado e tirá-las da água quando incomodávamos alguma criatura que soltam bolhas à espreita lá embaixo. Da multidão de monges indo e voltando do Templo da Relíquia do Dente Sagrado, dos fins de semana suados em Colombo, do langur-obscuro que batizamos de Matilda e que deu à luz na nossa cabana de comida.

Comecei na equipe de apoio — classificando e arquivando documentos, esse tipo de coisa. Mas a trajetória de minha carreira mudou quando recebi um convite para participar de um jantar na residência luxuosa de Earl Louis Mountbatten no alto da colina, com vista para o complexo da OSS. Foi a primeira de muitas festas que eu viria a frequentar, e foi quando descobri que homens poderosos me revelavam informações de bom grado, quer eu perguntasse a respeito ou não.

Foi assim que começou. Naquela primeira festa, me apertei em um vestido preto decotado que Bev colocara na mala “só por via das dúvidas”, e, antes do fim da noite, um negociante de armas brasileiro que estava me cantando deixou escapar que desconfiava que havia um informante na equipe de Mountbatten. Relatei a informação a Anderson no dia seguinte. O que a OSS fez com aquela informação, eu não faço ideia. Mas logo fui inundada com mais convites para jantar, passei a visitar pessoas importantes e a receber perguntas a serem feitas a homens de língua solta.

Fui melhorando na nova função — tanto que recebi uma quantia para comprar vestidos que mandamos entregar com o papel higiênico, a carne enlatada e o repelente para mosquitos. O engraçado era que eu nunca me vi como espiã. É claro que aquilo exigia mais do que sorrir e rir de piadas idiotas e fingir estar interessada em tudo o que aqueles homens diziam. Não havia um nome para o trabalho na época, mas foi naquela primeira festa que me tornei uma andorinha: uma mulher que usa os talentos que Deus lhe deu para conseguir informações — talentos que acumulei desde a puberdade, refinei aos vinte e aperfeiçoei aos trinta anos. Aqueles homens achavam que estavam me usando, mas era sempre o contrário; meu poder era fazê-los acreditar que não.

—

— Quer dançar? — perguntou Bev.

Torci o nariz enquanto ela remexia os quadris.

— Esta música? — Gritei mais alto do que Perry Como.

Bev não se importou. Ela segurou meus braços e levou-os para a frente e para trás até eu ceder. Quando eu estava começando a entrar na dança, alguém desligou o toca-discos, que emitiu o ruído de um arranhão. Da parte mais longe da multidão, alguém tilintou o garfo em um copo e o resto das pessoas foi se juntando a ele até o barco soar como um lustre em um vendaval.

— Ah, não — disse Bev. — Lá vamos nós.

Os homens começaram os brindes: *A Frank! A Bill, o Selvagem! Aos Companheiros dos Patetas! Aos quase Recrutas Birutas!* Então vieram as músicas com as quais encerrávamos a noite em Kandy: “I’ll Be Seeing You” e “Lili Marlene”, seguidas pelas músicas de seus clubes não tão secretos de Harvard, Princeton e Yale. Bev e eu sempre ríamos do musical bêbado ao fim de cada festa — mas naquela noite não pudemos deixar de dar os braços e nos juntarmos a eles.

O apito de um rebocador que se aproximava para nos levar de volta à marina interrompeu a terceira rodada de “’Neath the Elms”, de Yale. Gritamos ao

capitão do rebocador que se juntasse a nós para a saideira. Não muito feliz por ter sido tirado da cama para resgatar nosso grupo de bêbados, ele e mais um homem deram início ao trabalho de rebocar o *Miss Christin.*

—

De volta à terra firme, os homens debateram sobre ir ao Social Club na Sixteenth ou ao restaurante vinte e quatro horas na U Street. Bev e eu nos despedimos em frente ao sedã preto que seu marido tinha mandado, prometendo não deixar que tanto tempo se passasse antes de nos encontrarmos de novo.

— Tem certeza de que não precisa de uma carona? — perguntou ela.

— Estou precisando tomar um ar.

— Você é quem sabe!

Ela me jogou um beijo da janela quando o carro partiu. Alguém me cutucou no ombro.

— Posso caminhar com você? — perguntou Frank. — Também estou precisando tomar um ar — disse ele, seu hálito cheirando a menta com um toque de tabaco. Ele parecia completamente sóbrio. Me perguntei se tinha tomado Coca-Cola a noite toda. — Vamos para a mesma direção, não é?

Frank morava na mesma rua que eu, mas, em termos de imóvel, sua casa em Georgetown ficava a anos-luz do meu apartamentinho em cima de uma padaria francesa.

— Vamos, sim — falei.

Frank não era o tipo de homem que se ofereceria para acompanhar uma garota até em casa com segundas intenções; nunca tinha me cantado. Quando ele dizia que queria conversar, em geral era sobre o trabalho. Frank fez sinal para o próprio motorista, que estava em pé ao lado da porta de seu sedã preto.

— Vou andando esta noite — gritou.

O motorista respondeu abaixando um pouco o quepe, e fechou a porta.

Nos afastamos do Potomac, andando pelas ruas adormecidas do Centro de Washington.

— Fiquei feliz por você ter vindo — comentou ele. — Esperava que Beverly conseguisse convencê-la.

— Ela estava sabendo disso?

— Alguma vez ela *não* sabe de alguma coisa?

Eu ri.

— Não, acho que não.

Ele ficou em silêncio novamente, como se tivesse esquecido por que tinha pedido para caminhar comigo.

— Você poderia ter mandado o motorista para casa mais cedo, em vez de fazê-lo esperar a noite toda.

— Eu não sabia que você ia querer andar — retrucou ele. — Não antes de me decidir.

— Decidir?

— Você sente falta do trabalho?

— O tempo todo — respondi.

— Tenho inveja disso. De verdade.

— Você queria ter parado? Depois da Guerra?

— Eu não costumava pensar no *e se* — falou Frank. — Mas agora… não tenho tanta certeza. As coisas não são preto no branco como costumavam ser.

Chegamos à padaria. As luzes estavam acesas, e o padeiro da manhã já carregava o forno com baguetes. Quando comecei a trabalhar do Departamento de Estado, eu tinha escolhido morar ali não só porque estava dentro do meu orçamento, mas também porque amo ainda mais o cheiro de pão fresco do que o gosto.

— Fiquei sabendo que está procurando por uma nova linha de trabalho.

— Não consigo esconder nada de você, Frank.

Ele riu.

— Não mesmo.

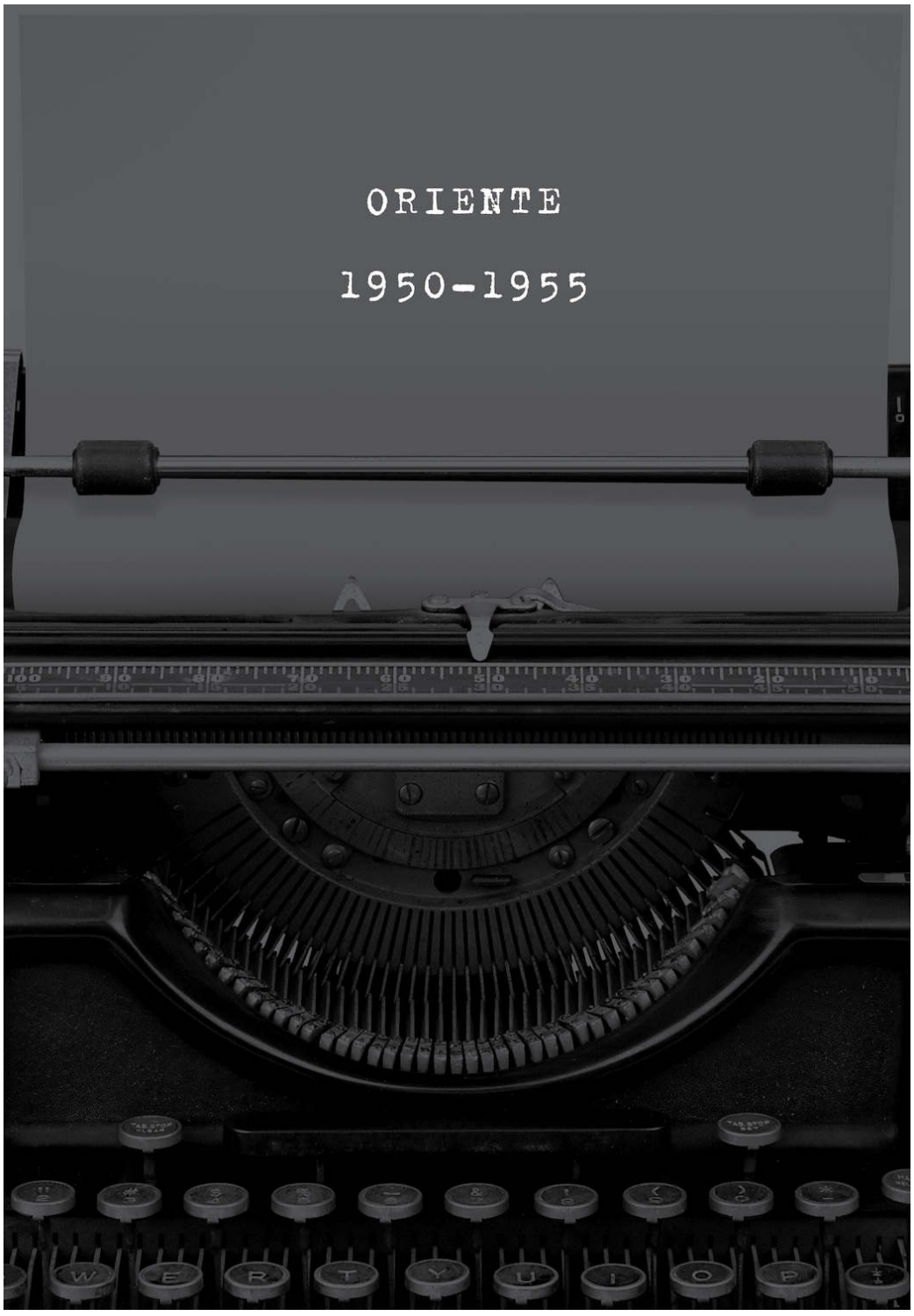
— Por quê? Está sabendo de alguma coisa?

Ele deu um sorriso com a boca fechada.

— Bem, tenho algo que pode ser de seu interesse.

Eu me aproximei para ouvi-lo melhor.

— É sobre um livro.


ORIENTE
1950-1955

CAPÍTULO 5

~~A musa~~
A MULHER REABILITADA

Respeitável Anatoli Sergeievitch Semionov,

Esta não é a carta pela qual espera há tanto tempo. Não é sobre o livro. Não é a confissão que provaria os crimes que me atribuiu. Tampouco é uma declaração de inocência. Sou inocente daquilo de que fui acusada, mas não de tudo. Tomei para mim um homem, mesmo sabendo que ele tinha esposa. Fracassei em ser uma boa filha, uma boa mãe — e minha própria mãe teve de juntar os pedaços que deixei para trás. Tudo isso já passou, mas ainda sinto necessidade de escrever.

Você pode acreditar em cada palavra que eu escrever com este lápis pelo qual troquei duas rações de açúcar, ou pode tomá-las como um trabalho de ficção. Não importa. Não estou escrevendo para você; você é apenas um nome no início da minha carta. E eu nunca a enviarei. Cada página será queimada quando eu terminar. Agora, seu nome é mera saudação para mim.

Você disse que eu não contei tudo durante nossas conversas noturnas, que deixei buracos enormes em minhas "histórias". Como interrogador, você deve saber o quanto a memória pode ser duvidosa. A mente não é capaz de compreender toda a história. Mas vou tentar.

Tenho este único lápis apontado. É menor que meu polegar, e meu punho já está doendo. Mas vou escrever até que ele se desgaste e vire pó.

Mas por onde começar? Devo começar por este momento? Como foi meu dia, o 86º dos 1.825 dias necessários para fazer de mim uma mulher reabilitada? Ou devo começar pelo que já aconteceu? Você quer saber sobre minha jornada de seiscentos quilômetros até este lugar? Já esteve nos trens que não vão a lugar algum? Já visitou as caixas de madeira sem janelas em que nos deixaram tremendo enquanto esperávamos para sermos transportadas até o próximo local? Sabe como é viver no fim do mundo, Anatoli? Tão longe de Moscou, de sua família, de tudo o que é caloroso e de toda gentileza?

Quer saber que, durante a última parte da jornada, os guardas nos obrigaram a caminhar? Que estava tão frio que, quando a mulher que caminhava ao meu

lado desmaiou e eles lhe arrancaram a bota, ela deixou o dedinho lá dentro? Ou que compartilhei um vagão com uma mulher com duas tranças finas que dizia ter afogado os dois filhos pequenos na banheira? Que quando alguém perguntou por que ela tinha feito isso, ela respondeu que uma voz que ainda não se calou mandou que ela o fizesse? Devo contar que ela acordava gritando?

Não, Anatoli, não vou escrever-lhe sobre essas preocupações. Na verdade, com tudo o que você deve saber, esses detalhes provavelmente vão entediá-lo, e não quero isso. O que quero é que continue lendo.

Deixe-me voltar.

Depois de Moscou, chegamos primeiro a um campo de transição, administrado por guardas mulheres — uma leve melhora em relação às condições em que você e eu nos conhecemos. As celas eram limpas, tinham piso de cimento e cheiravam a amônia. Cada mulher em nossa cela, a 142, tinha seu próprio colchão, e as guardas apagavam as luzes à noite e finalmente nos deixavam dormir.

Mas não por muito tempo.

Alguns dias após a chegada, elas vieram à noite e esvaziaram a Cela nº 142. Nos colocaram nos vagões e disseram que a próxima parada, a única parada, seria Potma. O trem era escuro e cheirava a madeira podre. Barras de ferro separavam os compartimentos do corredor, para que os guardas pudessem nos ver a todo momento. Havia dois baldes de metal no canto — um era o banheiro, o outro estava cheio de soda cáustica para cobrirmos nossa sujeira. Reivindiquei um lugar em uma cama superior, onde eu podia deitar e esticar as pernas. E, se virasse a cabeça do jeito certo, conseguia ver uma nesga de céu através das rachaduras do teto. Se não fosse por aquele minúsculo pedaço de mundo exterior, eu não saberia se era dia ou noite, ou quantos dias e noites tinham se passado desde que tínhamos embarcado.

Era noite quando o trem parou.

Parecia mais uma manjedoura do que uma estação de trem. Mas, em vez de ovelhas ou burros, homens de fardas gastas com cães que pareciam leões robustos esperavam por nós na plataforma. Os guardas gritaram para que saíssemos, e trocamos olhares descontrolados. Quando nenhuma de nós se levantou, um guarda agarrou uma jovem com cabelo ruivo curto pelo braço e ordenou que entrasse na fila. Nós a seguimos em silêncio.

O que estava à frente levantou a mão, e a marcha começou. Ao deixar a plataforma, percebemos que não haveria nenhum outro trem ou caminhão para nos levar pelo restante do caminho. Puxei as mangas do casaco para cobrir as mãos cerradas. Ficaram quentes, mas não por muito tempo.

Abrimos caminho pela neve intocada, seguindo os trilhos do trem até eles

pararem e desaparecerem no branco. Ninguém perguntou quanto tempo a marcha duraria, mas era só nisso que conseguíamos pensar. Seriam duas horas ou dois dias? Duas semanas? Em vez de pensar nisso, tentei me concentrar nos passos da mulher à minha frente, cujo nome nunca fiquei sabendo. Tentei encaixar minhas pegadas perfeitamente dentro das que ela deixava para trás. Tentei não pensar que meus dedos dos pés e das mãos tinham começado a formigar, que o muco das minhas narinas tinha escorrido e congelado no sulco acima do meu lábio superior — o mesmo que Boria costumava tocar com a ponta do dedo quando queria me provocar.

Parecia algo saído de Doutor Jivago. *É, Anatoli, do livro que você quer tanto ler. Nossa marcha parecia ter nascido da mente de Boria. A lua estava cheia e iluminava a estrada coberta de neve, lançando um brilho prateado em nossas pegadas. Era de uma beleza mortal, e, talvez, se ainda me restasse alguma consciência, eu tivesse corrido para dentro das florestas que ladeavam a estrada, correndo e correndo até que meu corpo cedesse, até que alguém me parasse. Acho que teria gostado de morrer lá, naquele lugar que parecia ter sido invocado pelos sonhos de Boria.*

X X X

Primeiro, as torres de vigilância — cada uma coroada com uma estrela vermelha opaca — apareceram por cima dos pinheiros altos à distância. Então, conforme nos aproximávamos: a cerca de arame farpado, o pátio árido, as fileiras de barracões, uma fina coluna de fumaça ligando o céu cinzentão a cada uma das chaminés. O galo desnutrido que percorria o perímetro da cerca, o bico rachado, a crista vermelha mutilada.

Chegamos.

Não posso falar por todas, mas passei cada segundo, cada minuto, cada hora, cada dia da marcha de quatro dias sonhando com o calor. E, no entanto, quando nos arrebanharam pela cerca de arame farpado e permitiram que nos aquecêssemos próximo às fogueiras que queimavam em tambores de metal no pátio, nunca senti tanto frio.

Do outro lado do pátio, quarenta ou cinquenta mulheres estavam em fila, segurando pratos e canecas de metal, esperando o jantar. Viraram quando nos aproximamos e avaliaram nossos rostos pálidos, nossas cabeças cheias de cabelo, nossas mãos: congeladas, sim, mas sem calos. Olhamos para os rostos amarelados, os lenços ou as cabeças raspadas, os ombros largos e arqueados. Logo seria como olhar para um espelho. Logo seríamos nós na fila do jantar enquanto um novo grupo de mulheres iniciava sua reabilitação.

Doze guardas mulheres apareceram, e os homens que nos fizeram marchar até lá se viraram e voltaram em silêncio para a neve. Fomos levadas para uma construção comprida com chão de cimento e uma fornalha. Lá, as guardas nos instruíram a tirar a roupa. Ficamos nuas, tremendo enquanto elas corriam os dedos por nossos cabelos, e, então, por nossos corpos, levantando nossos braços e olhando embaixo de nossos seios. Nos fizeram abrir os dedos das mãos, dos pés, as pernas. Enfiaram seus dedos em nossas bocas. Comecei a me esquentar, mas não por causa da fornalha. Eu queimava com uma raiva que ainda não comecei a processar. Já sentiu uma raiva assim, Anatoli? Uma raiva queimando em algum lugar dentro de você que você não consegue identificar, mas que pode acometê-lo como um fósforo lançado na gasolina? Ela aparece para você à noite, assim como para mim? É por isso que está na posição que ocupa agora? Seria o poder, custe o que custar, a única cura?

Depois da revista, entramos em outra fila. Há sempre outra fila no gulag*, Anatoli. Nos entregaram pedaços de sabão de lixívia, apenas lascas, e ligaram os chuveiros. A água estava fria, mas parecia escaldante em nossa pele congelada. Nos secamos ao ar, sem toalhas, e nos salpicaram um pó para matar qualquer coisa que pudéssemos ter trazido conosco.*

Uma polonesa com belos tufos de cabelo loiro emoldurando a cabeça careca estava sentada a uma mesa remendando guarda-pós da cor de um dia nublado. Ela olhou para cada uma de nós e apontou para a pilha de guarda-pós à sua direita ou para a pilha de guarda-pós à sua esquerda: grande e maior.

Então, uma mulher com orelhas proeminentes e um nariz ainda mais proeminente, que não tentou nem adivinhar nosso tamanho, nos deu sapatos. Calcei os sapatos pretos de couro e, quando comecei a caminhar, os saltos caíram. Eu levaria um mês para economizar minhas rações de açúcar até poder trocá-lo com outra prisioneira — não por um par novo de sapatos, o que custaria pelo menos três meses de açúcar, mas por um pouco de fita para prendê-los aos meus pés.

As guardas dividiram a fila em três menores, e segui a minha até o Barracão nº 11. Viveria lá pelos três anos seguintes, Anatoli, arrastando os pés para não perder um sapato.

—

O Barracão nº 11 estava vazio, as moradoras ainda trabalhavam nos campos. Uma guarda apontou para os beliches vazios, os mais distantes da fornalha; três camas, uma em cima da outra, no fundo do quarto. Passamos por baixo do varal esticado de uma parede à outra, onde as mulheres penduravam as meias e

roupas de baixo lavadas, porém manchadas. O lugar cheirava a suor e cebola e corpos quentes. Cheirava a vida; um pequeno conforto.

Coloquei o cobertor de lã que tinha recebido na penúltima cama de cima. Escolhi aquela porque uma mulher pequena que percebi no trem pegou a debaixo dela. Eu imaginava que tinha mais ou menos a minha idade, trinta e poucos, cabelo preto e mãos delicadas, e pensei que talvez pudéssemos ser amigas. Seu nome era Ana.

Nunca fiz amizade com Ana. Ou com qualquer uma das outras mulheres do Barracão nº 11. Ao final de cada dia, estávamos exaustas e precisávamos conservar energia para sair da cama e fazer tudo de novo no dia seguinte.

Aquela primeira noite em Potma foi silenciosa. Todas as noites eram assim: havia apenas os uivos do vento para nos fazer dormir. Às vezes ouvíamos o grito de uma mulher que sucumbira à solidão atravessar o campo como uma sirene antiaérea. A mulher logo era silenciada — como, só podíamos imaginar. E, embora ninguém falasse desses gritos, todas os ouvíamos, e todas nos juntávamos a eles em silêncio.

—

Em meu primeiro dia nos campos, a terra estava dura e congelada, e a picareta era pesada demais para que eu conseguisse levantá-la acima da cintura. Minhas mãos ficaram cobertas de bolhas já na primeira meia hora. Usava toda a minha força para perfurar o solo — apenas uma lasca, da largura de um dedo. A mulher ao meu lado tivera mais sorte, recebera uma pá na qual podia pisar, e seu peso empurrava a ponta para dentro da terra. Mas eu só tinha uma picareta, e alguns metros cúbicos de terra para serem revolvidos antes de receber a ração do dia.

Naquele primeiro dia de minha reabilitação, não comi nada.

No segundo dia de reabilitação, não comi de novo.

No terceiro dia, ainda só conseguia fazer alguns entalhes na terra; então, a ração me foi negada mais uma vez. Mas uma jovem freira rasgou um pedaço de seu pão e me deu quando passei por ela na fila do banho. Fiquei grata e, pela primeira vez desde que os homens me levaram de meu apartamento em Moscou, pensei que talvez devesse começar a rezar.

—

As freiras de Potma me fascinavam, Anatoli. Eram um pequeno grupo da Polônia, mais valentes do que os criminosos mais calejados. Elas se recusavam

a ceder quando não concordavam com a ordem de uma guarda. Rezavam em voz alta durante o toque de alvorada, o que enfurecia as guardas mas me reconfortava, apesar de eu não ser uma mulher muito religiosa. Às vezes, as guardas faziam uma delas de exemplo, arrastando-a para fora da fila pelo guarda-pó e fazendo-a ajoelhar-se diante de nós. Uma freira foi obrigada a ficar ajoelhada durante o dia inteiro, os joelhos nus contra o chão pedregoso. Mas ela não cedeu, não pediu para se levantar — rezando o tempo todo com o sorriso sereno de um Santo Louco. Elas usavam os dedos para contar os nós de rosários invisíveis, mesmo quando o rosto queimava sob o sol implacável, mesmo quando a urina pingava de seus guarda-pós e cortava um caminho pela terra.

Uma ou duas vezes, as guardas jogaram um grupo inteiro delas no bloco de punição — o primeiro barracão construído no campo, onde parte do telhado havia cedido e o ar gelado entrava, além de insetos e ratos.

Era difícil não ter inveja das freiras, embora suas penas excedessem em muito a minha. Elas tinham umas às outras e não precisavam de notícias do mundo exterior, pelas quais o restante de nós ansiava. Mesmo quando eram separadas, nunca sucumbiam à solidão sombria que atormentava todas nós. Elas tinham a companhia de seu Deus. Minha única fé estava depositada em um homem: meu Boria, mero mortal, um poeta. E, incapaz de me comunicar com ele desde que os homens me levaram de meu apartamento, eu não sabia se ele estava vivo ou morto.

—

No quarto dia de minha reabilitação, um calo grosso se desenvolveu em minhas mãos outrora macias, e finalmente consegui segurar bem a picareta. Levantei-a sobre a cabeça e lancei-a em direção ao chão com uma força surpreendente. Ao fim do dia, entreguei o pedaço de terra que me fora atribuído e finalmente recebi rações, das quais consegui comer apenas algumas garfadas. Meu corpo se adaptara mais rápido do que minha mente. Não é assim que sempre funciona, Anatoli?

Aqueles primeiros dias, e então semanas, e então meses, e então anos, se passaram não em dias do calendário, mas em buracos cavados, número de piolhos tirados do meu cabelo. Passaram-se em bolhas estouradas e calos causados pela picareta, em baratas mortas embaixo de nossas camas, em número de costelas visíveis. E havia apenas duas estações: verão e inverno; um tão rigoroso quanto o outro.

Aprendi do que corpos humanos necessitam para sobreviver, o pouco que

exigimos. Eu sobrevivia com 800 gramas de pão, dois cubos de açúcar e uma sopa tão rala que era difícil dizer se era mesmo comida ou água do mar.

Mas a mente exige muito mais para sobreviver, e Boria nunca estava longe da minha. Eu costumava pensar que podia sentir quando ele pensava em mim — que o arrepio que eu sentia sussurrar em minha nuca ou descer meus braços era ele. Senti durante meses. Então, um ano se passou sem aquela sensação, aquele arrepio, e mais um. Aquilo queria dizer que ele estava morto? Se me mandaram para o gulag*, certamente o que fizeram com ele deve ter sido algo ainda pior.*

Anatoli, posso dizer agora que minha pena de cinco anos foi uma benção e uma maldição. Apenas moscovitas burgueses recebiam penas tão ínfimas, fato de que fui lembrada repetidas vezes pela líder do nosso barracão — uma ucraniana chamada Buinaia, condenada a dez anos por roubar um saco de farinha da fazenda coletiva. Ela era forte e austera e tudo o que eu não era. Com o tempo, fui ficando mais forte no campo, mas ainda era uma das trabalhadoras mais lentas, e Buinaia fazia questão de me tomar o alvo principal de sua língua afiada.

Certa vez, ao chegar dos campos, eu estava cansada demais para tomar banho e fui direto para a cama, tão exausta que nem tirei o guarda-pó coberto de terra. Assim que fechei os olhos, ouvi a voz inconfundível de Buinaia:

— Número 3.478! — gritou ela feito uma gralha com tosse, usando meu número de prisioneira, como as guardas faziam.

Não me mexi. Mas ela chamou meu número mais uma vez, e Ana bateu na parte de baixo da minha cama. Quando não respondi, ela chutou:

— Responda, ou vai ter problema — sussurrou ela.

Sentei.

— Eu?

— Pensei que vocês, moscovitas, fossem pessoas limpas. Você está cheirando a merda.

Uma onda de riso irrompeu pelo Barracão nº 11, e senti o calor da vergonha se espalhar pelo meu peito e subir meu pescoço até as bochechas. Eu estava fedendo, embora houvesse mulheres no barracão que fediam muito mais.

— Eu nasci em uma trincheira — prosseguiu ela —, e até eu fui ensinada a lavar a virilha pelo menos uma vez por semana. Não é de se admirar que apenas poetas traidores cheguem perto da sua. Não é por isso que você está aqui?

A risada aumentou enquanto eu colocava as pernas para fora do beliche e descia. Minhas pernas tremiam tanto que eu tinha certeza de que estavam fazendo o chão vibrar. Sentia todos os olhos em mim, esperando minha resposta. Mas hesitei e me virei para a parede, o que fez com que Buinaia, e depois o resto, rissem ainda mais. Ela pegou uma pequena pilha de suas roupas de baixo

sujas e marchou pelo centro do barracão até chegar à minha cama.

— Tome — disse ela, jogando as roupas no chão. — Enquanto limpa seu corpo imundo, você não se importaria de lavar minhas coisas também, não é? Claro que não!

Anatoli, eu gostaria de dizer que me virei e joguei as roupas sujas de Buinaia em sua cara. Que não cedi e que bati nela, o que provocou uma briga que me deixou machucada no dia seguinte. Que, embora eu tivesse perdido a briga, tinha conquistado o respeito de Buinaia.

Mas não fiz isso. Levei suas roupas sujas até a bacia, esfreguei-as com minha ração de sabão e, então, pendurei-as com cuidado para secar no melhor lugar perto da fornalha. Depois, tirei a roupa e me lavei na água fria e turva. Em seguida, dormi. Então, aconteceu de novo no dia seguinte.

Se eu desse agora aquilo que pediu durante nossas conversas tarde da noite na Lubianca, Anatoli, isso iria me ajudar? Minha pena seria reduzida se eu cooperasse agora? Se eu confessasse cada acusação, eu poderia sair deste lugar? Se eu pegasse a parte mais afiada da picareta e usasse toda minha força, eu poderia acabar com tudo isso de uma vez?

—

As pessoas talvez pensem que o inverno fosse o pior, mas os verões nos esgotavam mais. Trabalhando nos campos, cavando ou puxando ou arrastando, o suor se acumulava sob nossos guarda-pós cinzentos. Chamávamos os guarda-pós de "peles do diabo", pois eles não deixavam que nossa pele respirasse. Desenvolvíamos feridas e assaduras e atraíamos insetos pretos e suas picadas cruéis. Para nos proteger do sol, esticávamos gazes sobre arames enferrujados, formando chapéus que lembravam o de um apicultor. Outras mulheres, com a pele já bronzeada de uma década ou mais nos campos, riam de nossos chapéus, de nossa preciosa pele moscovita de porcelana. Elas tinham trinta ou quarenta anos, mas aparentavam sessenta ou setenta. Sabiam que era apenas questão de tempo até que desistíssemos de tentar nos proteger do sol — até que levantássemos o rosto e deixássemos que os raios tirassem de nós os últimos resquícios de quem éramos antes de chegar a Potma.

Ficávamos nos campos doze horas seguidas, Anatoli. Eu passava esse tempo recitando os poemas de Boria em minha cabeça — marcando o ritmo de cada verso, cada pausa, com o som da pá.

Nos fins de tarde, quando voltávamos dos campos e passavam a mão por nossos corpos para garantir que não tínhamos trazido nada para os barracões, as palavras de Boria corriam por minha mente, amortecendo o que acontecia

com meu corpo.

Também compunha meus próprios poemas, com os versos aparecendo em minha cabeça como apareceriam no papel. Repetia-os para mim mesma várias vezes até que estivessem cimentados. Mas, por algum motivo, não consigo recitá-los agora que tenho papel para escrevê-los. Talvez certos poemas sejam apenas para nós mesmos.

—

Me chamaram certa noite depois que terminei de lavar as roupas sujas de Buinaia. Eu estava prestes a me deitar quando uma guarda nova, que ainda não tinha dominado o tom de voz que as outras usavam ao latir ordens, entrou no barracão e chamou meu número de um jeito ritmado. Coloquei o guarda-pó e os sapatos e a segui pela porta.

Quando a guarda virou à esquerda ao final do caminho que percorria os barracões, percebi aonde estávamos indo: ao pequeno chalé cuja manutenção era reservada às prisioneiras que caíam nas graças do Padrinho do campo. O estilo do chalé não combinava com o restante do lugar, e, na primeira vez em que o vi, pensei que talvez estivesse alucinando. Parecia a datcha *de uma avó — verde-claro com batentes brancos e floreiras bem cuidadas nas janelas.*

Em uma dessas, vi o brilho de uma lâmpada avermelhada. Atrás, enxerguei, sentado a uma mesa, o Padrinho — um homem que eu só tinha visto uma vez, parado no centro de um semicírculo de oficiais de baixa patente do governo que um dia visitaram Potma. Mesmo à distância, vi suas sobrancelhas brancas e grossas. Pareciam subir por sua testa, quase tocando o cabelo branco que ele penteava de forma que cobrisse a careca. Ele parecia amigável, sentado à mesa como qualquer dedushka. *Mas eu sabia por algumas das outras mulheres que ele não era um vovozinho inofensivo. O trabalho do Padrinho era interrogar prisioneiras e recrutar informantes. Ele era também muito conhecido por ter várias esposas de campo — mulheres que eram chamadas ao chalé verde e a quem era oferecida a opção de deixá-lo fazer o que quisesse com elas ou encarar o restante de suas penas em outro campo, para onde as criminosas mais violentas eram levadas.*

As esposas de campo eram identificáveis pelos roupões de seda que usavam depois do banho e pelos chapéus de palha com que protegiam o rosto do sol. Também eram tiradas dos campos para fazer trabalhos mais fáceis na cozinha ou na lavanderia. Ou apenas passavam horas cuidando da cerca viva e das flores do chalé — e, depois, de qualquer coisa que precisasse de cuidados do lado de dentro. Todas as esposas de campo eram belas, a mais bonita delas, uma

jovem de dezoito anos chamada Lena. Nunca vi Lena, mas seu famoso cabelo preto, comprido e liso como as costas de uma orca, era assunto em todo o campo. Corriam boatos de que Lena tinha um xampu especial que o Padrinho contrabandeara da França e um par de luvas de couro de bezerro para proteger os dedos finos, uma vez que era uma pianista promissora na Geórgia antes de ser presa. Também corriam boatos de que ela engravidou uma vez, e uma babki *foi trazida com suas agulhas de crochê para fazer o aborto.*

Eram boatos, apenas boatos, eu dizia a mim mesma quando a guarda apontou o cassetete para a porta do chalé. Disse a mim mesma que eu era muito velha para o gosto do Padrinho, que eu tinha ouvido que era reservado a mulheres que ainda não tinham filhos ou não haviam feito vinte e dois anos — o que quer que tivesse vindo primeiro.

Entrei no chalé de dois cômodos e permaneci à porta. O Padrinho, sentado à mesa, escrevia. Eu queria que ele falasse, mas tudo o que fez foi apontar com a caneta-tinteiro para a cadeira em frente à mesa. Dez minutos se passaram até que ele largasse a caneta e olhasse para mim. Sem dizer uma palavra, ele abriu a gaveta e me entregou um pacote.

— Para você. Não podem sair deste escritório. Deve lê-los aqui. — Ele empurrou um pedaço de papel na minha direção. — E, quando terminar, vai assinar dizendo que os viu.

— O que é?

— Nada de importante.

Dentro do pacote havia uma carta de doze páginas e um caderninho verde. Abri, mas as palavras não faziam sentido. Tudo o que vi foi a letra — a letra dele —, rabiscos largos que sempre me faziam lembrar de garças planando. Folheei o caderno, depois, a carta, e as palavras começaram a fazer sentido. Boria estava vivo. Estava livre. E me escrevera um poema.

Não compartilharei o poema com você, Anatoli. Achou que eu faria isso? Li diversas vezes até gravá-lo na memória e depois nunca mais vi aquelas páginas. Talvez você as tenha lido, mas vou fingir que não — que as palavras dele são minhas e só minhas.

Na carta, ele escreveu que estava fazendo tudo o que podia para me libertar, e que, se pudesse trocar de lugar comigo, o faria com prazer. Disse que a culpa era um peso em seu peito que ficava mais pesado a cada dia. Disse que temia que se tornasse tão pesado que suas costelas se partiriam e ele seria esmagado até a morte.

Lendo a carta, senti algo que acho que só as freiras do campo seriam capazes de entender — o calor e a proteção da fé.

Por que me permitiram ler o que Boria me escrevera, Anatoli? Por que o

Padrinho me mostrou a carta depois de todo aquele tempo? Talvez quisesse algo em troca. O que quer que fosse, eu soube na hora que aceitaria. Viraria uma informante, viraria uma esposa de campo — o que fosse preciso, desde que pudesse saber dele.

Mas, Anatoli, o Padrinho nunca pediu que eu me tornasse sua esposa, nem me seduziu para que eu virasse uma informante. Só mais tarde descobri que Boria havia exigido provas de que eu estava viva e que alguns meses depois enviaram-lhe o papel que assinei naquela noite após ler sua carta.

Havia boatos de que Stálin estava doente e seu controle, se afrouxando. Depois da minha noite no chalé, permitiram que eu recebesse cartas da minha família e de Boria. Ele escreveu sobre o ataque cardíaco, que atribuiu à minha prisão, e confessou que passara meses em uma cama de hospital temendo nunca mais me ver.

Escreveu sobre a obsessão renovada por terminar seu romance agora que estava bem de novo e podia manter contato comigo. Disse que terminaria a qualquer custo, e que nada — nem as autoridades que provavelmente liam suas cartas, nem seu coração frágil — o impediria de fazê-lo.

—

Caro Anatoli, você se lembra da noite anterior à morte de Stálin? Sonhei com pássaros naquela noite. Não as pombas brancas pelas quais eu tanto ansiara — que as mulheres do campo acreditavam simbolizar soltura iminente —, mas corvos pretos, milhares pousados em filas como peões de xadrez em um lote de concreto vazio. Os corvos mal pareciam respirar e, quando andei em direção a eles e bati palmas, eles permaneceram imóveis. Bati e bati até minhas mãos ficarem em carne viva. Quando me virei para sair, algum sinal inaudível incitou-os a voar. Eles se aglomeraram em uma nuvem pulsante que encobriu a lua. Fiquei vendo a nuvem virar à direita, e, depois, à esquerda. Então, de uma vez, ela se dissipou em todas as direções, com cada pássaro seguindo o próprio caminho.

Na manhã seguinte, a música começou antes do amanhecer, retumbando dos alto-falantes do campo. Todas parecemos acordar e nos sentar na cama de uma vez, apertando os olhos até que eles se adaptassem à escuridão. Música fúnebre — estavam tocando música fúnebre. Ninguém no Barracão nº 11 disse uma palavra sequer. Ninguém perguntou quem tinha morrido. Já sabíamos.

Enquanto a música seguia, jogamos água fria da tina de banho no rosto e vestimos nossos guarda-pós, sem saber se seríamos convocadas. Como não começaram a chamada, nos sentamos em nossas camas e esperamos em

silêncio. Buinaia foi até a porta, abrindo uma fresta e enfiando a cabeça para fora.

— Nada — disse, balançando a cabeça.

A música parou, e os alto-falantes estalaram. Ouvimos a agulha tocar um disco, e o hino nacional começou. Olhamos em volta, sem saber se ficávamos sentadas ou se levantávamos e cantávamos. Algumas mulheres se levantaram, e o restante de nós as acompanhou. O hino terminou e permanecemos em pé. Houve um momento de silêncio antes que os alto-falantes estalassem de novo e a voz familiar e profunda de Yúri Borisovitch Levitan, da Rádio Moscou, anunciasse:

— O coração do colaborador e seguidor do trabalho de Lênin, o sábio líder e professor do Partido Comunista e do povo soviético, parou de bater.

A gravação terminou, e sabíamos que devíamos chorar. E choramos. Choramos até que nossos olhos ficassem inchados e nossa garganta, rouca. Mas nem uma lágrima caiu por ele.

—

Logo depois que o Tsar Vermelho caiu, meus cinco anos foram reduzidos para três. Eu estaria em casa antes de 25 de abril. A morte de Stálin fez com que os novos líderes libertassem 1,5 milhão de nós. Quando recebi a carta que declarava a data de minha soltura, voltei para o Barracão n. 11 e olhei para o caco de espelho pendurado sobre a tina de banho. Eu tinha a aparência bronzeada de alguém que passara anos nos campos. Meus olhos ainda eram azul-claros, mas emoldurados por rugas e olheiras. Meu nariz ficava manchado com as queimaduras de sol. Minha silhueta não era a imagem da saúde, mas da sobrevivência: a clavícula sobressalente, todas as costelas visíveis, as coxas finas como gravetos, o cabelo loiro opaco e sem vida, o dente da frente lascado por causa de uma pedrinha em minha sopa.

O que Boria ia achar? Pensei em quando ele me disse que tinha medo de ver as irmãs de novo depois de anos separados, após elas terem emigrado para Oxford. Ele falou que quase preferia não reencontrá-las, para manter intacta a imagem bela e jovem que tinha delas. Será que sentiria o mesmo em relação a mim? Será que me veria como via a esposa... com quem não dividia mais a cama? Será que me compararia com minha própria filha, que viu crescer e se tornar uma jovem bonita, enquanto eu envelhecia demais para a minha idade?

— Ira se tornou a cara da mãe. — Ele me escrevera em um cartão-postal.

Buinaia, que ainda não fora anistiada, andava atrás de mim como se fosse lavar o rosto e depois se virou e me empurrou contra o espelho improvisado.

Cacos de vidro caíram no chão, e cambaleei para trás, com uma linha fina de sangue escorrendo da testa. Ela sorriu para mim e eu sorri de volta, o sangue descendo até a minha boca. Ela franziu a testa e saiu. Foi a última vez que a vi. Mas, quando fiquei sabendo que aquelas que não receberam anistia acabaram se rebelando, e que, durante a rebelião, as plantações e o chalé do Padrinho e todo o campo foram incendiados, imaginei que Buinaia tinha riscado o fósforo.

—

Embarquei no trem para Moscou uma mulher reabilitada, Anatoli. A cidade tinha alargado seus limites nos três anos em que eu estivera fora. Guindastes içavam vigas de aço. Fábricas substituíam campos. Entre os velhos prédios de dois andares feitos de toras, blocos de apartamento haviam surgido com milhares de janelas e milhares de varais estendidos nas milhares de sacadas. Os vysotki *barrocos e góticos de Stálin alcançavam o céu com suas torres coroadas com estrelas, alterando a paisagem urbana e anunciando ao mundo que nós também éramos capazes de construir prédios que tocavam as nuvens.*

Era abril, e a cidade estava às vésperas da primavera. Eu chegaria em casa a tempo de os lilases roxos e as tulipas e os canteiros de amores-perfeitos vermelhos e brancos emergirem do sono de inverno. Imaginei caminhar de novo pelas avenidas largas de Moscou com Boria. Fechei os olhos para apreciar a imagem, e, quando tornei a abri-los, o trem tinha chegado. Olhei ansiosamente além dos trilhos. Ele disse que estaria esperando por mim.

CAPÍTULO 6

O HABITANTE DAS NUVENS

Boris acorda. Seu primeiro pensamento é um trem iluminando um caminho pelo campo, rumo à cidade das pedras brancas. Sob uma colcha fina, ele flexiona os pés e imagina a bochecha redonda de Olga contra a janela do trem. Como amava vê-la dormir, e até ouvir seu ronco, suave como o apito de uma fábrica distante.

Em seis horas, o trem trazendo sua amada estará na estação. A mãe e os filhos de Olga estarão esperando à beira dos trilhos, nas pontas dos pés, para serem os primeiros a vê-la descer do trem. Em cinco horas, Boris deve encontrar a família no apartamento na rua Potapov, para irem juntos até a estação.

Três anos desde a última vez em que ouviu sua voz. Três anos desde a última vez em que a tocou. Foi em um banco nos jardins públicos em frente ao escritório da *Goslitizdat*. Enquanto faziam planos para aquela noite, Olga comentou sobre a presença de um homem de casaco de couro que parecia estar ouvindo a conversa. Boris analisou-o e concluiu que era apenas um estranho sentado em um banco.

— Só isso — disse a ela.

— Tem certeza?

Ele apertou sua mão.

— Será que você não devia ficar comigo em vez de ir para casa? — perguntou ela.

— Preciso trabalhar, mas vamos nos ver à noite em Peredelkino. Ela vai ficar dois dias em Moscou — disse ele, tomando o cuidado de nunca mencionar o nome da esposa na frente de Olga. — Podemos relaxar e jantar mais tarde. E quero saber a sua opinião sobre um capítulo novo.

Ela concordou com o plano e beijou seu rosto com o recato que sempre demonstrava em público. Ele odiava quando ela o beijava assim, pois se sentia mais como um tio, ou, pior, seu pai.

Se soubesse que o encontro no banco da praça seria a última vez que veria Olga em três anos, teria virado a cabeça e beijado sua boca. Não teria corrido para casa para trabalhar. Teria acreditado no que ela disse sobre o homem de casaco de couro. Não teria soltado sua mão.

Naquela noite, Boris esperou por Olga em sua *datcha*, mas, após muitas horas se passarem sem nem sinal dela, ele soube que havia algo errado. Foi direto para o apartamento de Olga, onde a mãe estava sentada — quase catatônica e passando o dedo em uma fenda enorme na almofada do sofá. Ela levantou o olhar vazio quando Boris entrou e respondeu suas perguntas em fragmentos:

— Homens de terno preto — disse. — Dois… não, três… todas as cartas, os livros… um carro preto.

Boris não precisava de respostas exatas para saber quem eram os homens ou para onde tinham levado Olga.

— Onde estão as crianças? — perguntou ele.

Ela tirou uma pena de ganso preta e branca da almofada aberta e esfregou-a entre os dedos.

— Estão aqui? Estão seguras?

Como a mãe de Olga não respondeu, Boris foi até o quarto das crianças e ficou ao mesmo tempo aliviado e de coração partido ao ouvir o choro abafado de Mitia e Ira atrás da porta fechada.

Ele virou e ficou surpreso ao ver a mãe de Olga em pé no corredor as suas costas. Antes que pudesse fazer outra pergunta, ela atirou-lhe uma:

— Você vai buscá-la, não vai? Exigir sua soltura? Desfazer tudo? — Agitou a pena de ganso na cara dele. — Para compensar tudo o que fez. O perigo em que a colocou.

Boris prometeu à mãe de Olga que iria direto para a Lubianca e faria tudo o que estivesse a seu alcance para salvar a filha dela. Ele não lhe disse que não tinha poder algum, que seria inútil bater nos portões da Lubianca e exigir a soltura de Olga. Que seu *status* como o escritor vivo mais famoso da Rússia não adiantaria de nada uma vez que as intenções deles eram usar Olga para atingi-lo. Que, *se* fizessem alguma coisa, seria prendê-lo também.

Ele foi para casa, não para a *datcha* em Peredelkino, mas para o apartamento em Moscou, para a esposa. Zinaida estava sentada à mesa da cozinha, fumando e jogando baralho com amigas.

— Você está com cara de quem viu um fantasma — comentou quando ele entrou.

— Vi muitos fantasmas — retrucou ele.

Ela reconheceu a cara do marido. Era a mesma que exibira tantas vezes durante os Expurgos. Durante o Grande Terror, milhares foram presos, quase todos vindo a morrer nos campos. Poetas, escritores, artistas. Amigos de Boris, amigos de Zinaida. Astrônomos, professores, filósofos. Uma década se passara, e as feridas ainda não tinham cicatrizado — lembranças tão sangrentas e vermelhas quanto a bandeira. Ela sabia que era melhor não perguntar o que tinha

acontecido.

X X X

Quando o trem de Olga chegar, ela terá viajado durante quatro dias. De Potma, terá marchado, depois tomado um trem e, depois, outro, até chegar a Moscou.

Boris se levanta da cama e veste uma camisa Oxford branca e calças marrom com suspensórios. Com cuidado para não acordar a esposa, desce a escada, coloca as botas de borracha e sai da *datcha* pela porta lateral.

A coroa do sol aparece sobre o topo das bétulas que estão florescendo enquanto Boris percorre o caminho coberto de folhas pela floresta. Ele ouve duas gralhas tagarelando em algum lugar nos galhos, para e olha para cima, mas não consegue localizá-las. O caminho serpenteia em direção a um riacho que subiu consideravelmente com a neve recém-derretida. Boris para na ponte estreita e respira fundo. Ele ama o cheiro da água gelada lá embaixo.

Pelo sol, Boris estima que sejam seis horas. Em vez de atravessar o cemitério, contornar a residência de verão do Patriarca e descer até o clube dos escritores, como costuma fazer, Boris corta caminho até a estrada principal a fim de pegar o caminho mais rápido para casa. Ele quer ter pelo menos uma ou duas horas para escrever antes de sair e encontrar a família de Olga em Moscou.

Há uma luz acesa na cozinha quando ele se aproxima. Zinaida está aquecendo o forno e fazendo o café da manhã habitual de Boris: dois ovos fritos com endro desidratado. Apesar do ar gelado, Boris tira a roupa e se lava na banheira ao ar livre. Mesmo após a *datcha* ter sido preparada para o inverno, com um banheiro novo e água quente, Boris ainda prefere tomar banho ao ar livre, pois considera a água fria um choque agradável para o corpo.

Enquanto Boris se seca com uma toalha bolorenta, o cachorro o cumprimenta lambendo as gotas de água que escorrem por suas pernas finas e compridas. Boris acaricia a cabeça de Tobik e repreende o vira-lata quase cego por não ter se juntado a ele em sua caminhada matinal mais uma vez.

As orelhas de Boris são agredidas pelo som da televisão ao entrar na *datcha*. Zinaida insistira em instalar uma televisão. Ele lutara contra isso durante meses, mas cedeu quando ela ameaçou parar de preparar suas refeições. A televisão, um luxo, está reprisando o funeral de Stálin pela centésima vez. Boris para e assiste bem no momento em que a câmera foca nos rostos mais enlutados da multidão. Faz uma careta e desliga.

— O que foi isso? — grita Zinaida da cozinha.

— Bom dia — responde Boris.

Ele não está com fome, mas se senta assim mesmo. Ela coloca o prato na

mesa e serve uma xícara de chá. Não se junta ao marido à mesa; em vez disso, volta à pia para lavar a frigideira enquanto fuma um cigarro, deixando as cinzas caírem no ralo.

— Você pode abrir a janela, Z? — pergunta Boris.

Ele odeia o cheio de cigarro e, embora Zinaida tenha prometido diminuir a quantidade que fuma, ainda não cumpriu a promessa. Ela dá um suspiro, apaga o cigarro e termina de lavar a louça. Boris olha para a esposa à luz da manhã que entra pela janela sobre a pia. As linhas em sua testa e pregas de pele em volta do pescoço se anuviam por um instante, e ela remete à imagem da mulher com quem ele se casara vinte anos antes. Ele pensa em dizer-lhe que ela está linda, mas uma pontada de culpa por estar prestes a encontrar Olga o impede.

O relógio no corredor bate sete horas. O trem de Olga chega dali a quatro horas. Boris se obriga a terminar o café da manhã. Engolindo a última garfada de ovo, afasta a cadeira da mesa.

— Já vai escrever? — pergunta Zinaida.

Com a pergunta, Boris começa a suspeitar que a esposa já saiba de seus planos.

— Sim. Como sempre, mas só uma ou duas horas. Tenho compromissos na cidade.

— Você não estava lá ontem?

— Isso foi há dois dias, querida. — Ele para. Não tem mais prática de mentir para a esposa. — Vou encontrar um editor na *Literaturnaia Moskva*. Ele está interessado em umas traduções novas.

— Talvez eu vá com você — comenta ela. — Tenho que fazer umas compras.

— Outro dia, Zina. Vamos programar um passeio. Talvez dar uma caminhada e sentir o cheiro das tílias que estão florescendo.

Zinaida concorda com a cabeça. Tira o prato dele e lava em silêncio.

—

Boris se senta à escrivaninha. Do cesto de vime a seus pés, tira as páginas que escreveu no dia anterior. Franze a testa e risca uma frase com a caneta-tinteiro, depois, um parágrafo, depois, uma página. Pega uma folha em branco e tenta escrever a cena novamente.

A escrivaninha pertencera a Titsian Tabidze, o grande poeta georgiano e seu querido amigo. Em 1937, no auge do Expurgo, Titsian foi levado de sua casa em uma noite de outono. A esposa, Nina, correu para a rua, seguindo, descalça, o carro preto. Quando o acusaram de traição por praticar *atividades antissoviéticas*, Titsian citou seu poeta favorito do século XVIII, Besiki, como

único cúmplice.

Boris já imaginou muitas vezes o que teria acontecido com Titsian após o carro preto levá-lo, acreditando que, se não imaginar o destino do amigo, Titsian terá sofrido sozinho. Com frequência, diz a si mesmo que ainda existe uma possibilidade de o amigo estar vivo, mas Nina desistiu de tal esperança há muito tempo. Quando deu a Boris a escrivaninha do marido, ela lhe falou que devia continuar o bom trabalho de Titsian.

— Escreva o grande romance com que sonhou — disse.

Boris aceitou o presente de Nina, mas nunca se sentiu digno dele.

Titsian não foi o primeiro amigo de Boris a ter sido levado. Boris costuma imaginá-los à noite, quando não consegue dormir, refletindo seus destinos, um de cada vez. Óssip, tremendo em um campo de transição, sabendo que seu fim estava próximo. Paolo, subindo as escadas do Sindicato dos Escritores e parando por um instante antes de colocar uma arma contra a própria cabeça. E Marina, fazendo o nó corredio e depois jogando a corda por sobre uma viga do telhado.

Era sabido que Stálin apreciava a poesia de Boris. E o que significava o fato de tal homem ter afinidade com suas palavras? Com o que o Tsar Vermelho se conectara? Era uma verdade dura saber que ele não era mais dono de suas palavras quando elas ganhavam o mundo. Uma vez publicadas, estavam disponíveis para a reivindicação de qualquer um, até mesmo um demente. E era mais difícil ainda saber que tinha sido riscado da lista de Stálin, que o demente dissera a seus subordinados que deixassem o Santo Louco, o Habitante das Nuvens, em paz.

Boris ouve os sinos abafados do relógio do andar de baixo baterem oito horas. O trem de Olga dali a três horas e ele não escreveu uma palavra sequer. A cena que fluiu com tanta facilidade no dia anterior agora se recusa a acontecer.

Ele começou *Doutor Jivago* quase dez anos antes, e, embora tenha feito muito progresso, deseja poder voltar aos dias em que o romance começou a surgir, quando a história ainda jorrava de uma piscina inexplorada dentro de si. Era como encontrar um novo amor — a obsessão, a paixão, não pensar em mais nada, os personagens infiltrando seus sonhos, o coração leve a cada descoberta, cada frase, cada cena. Às vezes, Boris sentia que era a única coisa que o mantinha vivo.

Logo antes da prisão de Olga, as autoridades destruíram vinte e cinco mil cópias de *Obras escolhidas* de Boris. Quando não conseguia dormir, ele costumava imaginar suas palavras se dissolvendo no lodo branco.

A censura crescente, combinada à prisão de sua amada, estimulou Boris a terminar *Doutor Jivago*. Ele se retirou ao interior para escrever, mas se viu incapaz de fazê-lo. Esse bloqueio provocou uma ansiedade que parecia trazer

pontadas de agulha para seu peito. Com o tempo, as agulhas viraram facas, e logo ele estava confinado a uma cama de hospital. Tivera um ataque cardíaco, e, ali, com tubos presos ao corpo e um urinol ao lado, Boris se perguntou quem herdaria a escrivaninha que Nina lhe dera. Será que a escrivaninha de Titsian seria passada a um de seus filhos? Ou talvez a outro escritor? Ou será que alguém a partiria com um machado para conseguir lenha, para manter sua viúva e seus filhos aquecidos uma vez que ele não fora capaz? Poderiam adicionar seu romance inacabado à pira.

Boris se recuperou do ataque cardíaco a tempo de testemunhar o fim de uma era. Stálin estava morto, e Olga voltaria para ele. As coisas continuariam como eram antes.

Boris vai para a mesa alta trabalhar em pé, esperando que a mudança na postura inspire os movimentos da caneta. Mas isso não acontece. Ele olha pela janela. O sol ilumina a parte mais baixa do jardim, e ele estima que o trem de Olga chegará em duas horas. Precisa sair dali a uma hora para chegar a tempo de encontrar a família dela. Ele vê um pequeno bando de patos pousar no quintal e começar a procurar por minhocas na terra recém-revolvida.

Boris negligenciou o jardim durante os três anos em que Olga esteve em Potma. Na primeira primavera após ela ter sido levada, Zinaida se incumbiu de limpar as ervas daninhas para plantar. Boris tinha saído para sua caminhada matinal quando a esposa iniciou a tarefa, e, quando ele retornou à *datcha*, ela já havia cortado metade das ervas daninhas com a tesoura de poda. Ele gritou que ela parasse, mas ela fingiu não ouvi-lo. Ele abriu o portão e correu até o jardim.

— Não — insistiu, tirando a tesoura de sua mão.

Zinaida caiu de joelhos.

— O mundo não parou — gritou ela. — Está aqui. Está bem aqui!

Ela arrancou um punhado de ervas daninhas da terra e jogou nos pés dele.

Zinaida nunca mais tentou limpar as ervas daninhas e, sempre que passava pelo jardim, se recusava a sequer olhar para ele. Logo o jardim cresceu tanto que até Boris tinha dificuldade de decifrar seu perímetro original.

Isto é, até Boris ler o cartão-postal de Olga e ver a data: *25 de abril*. Naquela mesma tarde, ele passou horas revirando a terra recém-descongelada com uma pá. No dia seguinte, queimou folhas e ervas daninhas em uma pequena fogueira nos limites de sua propriedade e encheu um carrinho de mão com pedras que tinham migrado para o jardim. Fertilizou o solo enterrando um pouco de truta a um metro de profundidade. Consertou o banco de madeira que havia caído em desuso. Sentado ali pela primeira vez em três anos, planejou o que plantaria e onde. Primeiro, couve vermelha e espinafre. Depois, endro, morango, groselha, groselha-branca e pepino. Depois, abóbora, batata e rabanete. Depois cebola e

alho-poró. Depois de consolidar os planos para o jardim, Boris começou a imaginar o que o regresso de Olga implicaria.

Três anos antes, Boris não poderia imaginar um mundo sem Olga em seu centro. E, embora não tenha passado um só dia em que não tenha pensando nela, a saudade que sentia foi diminuindo com o tempo, e ele começou a gostar do quanto sua vida tinha se tornado simples. Do fato de não sentir mais culpa por mentir para a esposa, pelo constrangimento das pessoas comentando, por Zinaida saber, mas não tocar no assunto. Ele não sentia mais a ansiedade que vinha com as muitas mudanças de humor de Olga e a impotência por não ser capaz de lhe dar tudo o que ela exigia.

Depois do dia no jardim, Boris ficou dando voltas nos motivos para ficar com Olga e nos motivos para se distanciar dela. Sem Olga, ele nunca experimentaria os altos de estar com ela, mas também evitaria os baixos devastadores. Nunca sentiria o mesmo desejo ardente, mas também não estaria sujeito a seus ataques, suas ameaças, seu humor.

Durante esses pensamentos ambíguos, Boris leu um trecho de *A aventura de Onegin* e escreveu as palavras de Púchkin em um pedaço de papel. Olhou para os versos durante dias, pensando se jogava fora ou os incluía em seu romance.

> *Meu ideal agora é uma patroa,*
> *Meu desejo é o sossego,*
> *Um prato de sopa, e eu mesmo.*

No fim, decidiu incluí-los e terminar as coisas com Olga. Uma semana antes do dia em que devia encontrá-la na estação de trem, Boris pediu a Ira que o encontrasse na praça Púchkin, o lugar em que pedira a Olga que o encontrasse sete anos antes.

Boris foi o primeiro a chegar. Sentou-se em um banco e observou um idoso jogando sementes de girassol aos pombos. Quando acabaram as sementes, o homem jogou pedaços rasgados de jornal, esperando que os pássaros não soubessem a diferença e ficassem perto dele só mais um pouquinho. Mas, depois de algumas bicadas, as aves saíram.

Ira virou a esquina e viu Boris sentado no banco. Ela acenou e seu rosto se abriu em um sorriso.

Quando Boris conheceu a filha de Olga, ela era uma garota, ainda usando laços cor-de-rosa e sapatos brancos. Ele se lembrou da primeira vez em que viu Ira e Mitia no apartamento de Olga. Que a conversa teve um início lento, mas as crianças começaram a se abrir depois que ele as encheu de perguntas: *Vocês gostam da escola? Conhecem alguma música? Gostam de gatos? Preferem a*

cidade ou o campo? Gostam de poesia?

— Ah, gosto — respondeu Ira à última pergunta. — Eu escrevo poemas.

— Faria a gentileza de me recitar um?

Ira se levantou e recitou um poema sobre um cavalo de brinquedo que ganhava vida, galopava por Moscou e acabava caindo em um buraco no rio congelado. Ela recitou de memória com uma paixão e uma animação que pegaram Boris de surpresa.

Agora Ira era uma jovem de quinze anos, com o lenço de seda da mãe nos ombros. Boris admirou sua beleza e ficou envergonhado ao sentir a agitação familiar que Olga lhe causara quando ele a vira pela primeira vez na *Novy Mir.*

— Vamos caminhar — disse Ira, pegando o braço de Boris. Ela costumava dizer que ele era seu *quase pai*, um elogio que ao mesmo tempo o agradava e o enchia de apreensão. — Que dia bonito.

Ela começou a falar rápido, contando a ele sobre todas as preparações que estavam fazendo para o retorno da mãe. Contou que tinham planejado uma festa, que ela e a avó já tinham começado a aprontar o banquete e que um vizinho lhes dera duas garrafas de conhaque para comemorar.

— É claro, além de Mama, você será o convidado de honra. Estou até atrás daqueles chocolates de avelã de que você gosta.

— Infelizmente não poderei comparecer — respondeu Boris.

Ira parou de caminhar e olhou para ele.

— Como assim? — perguntou ela.

— Não sei se consigo subir as escadas. — Ele levou a mão ao peito. — Não estou bem.

— Mitia e eu ajudamos. Ajudamos *babushka* a subir e descer as escadas duas vezes por dia.

— Minha agenda acabou ficando bem cheia. Por causa do romance. E estou trabalhando em uma tradução nova. Mal tenho tempo de pentear o cabelo. — Ele deu um tapinha no cabelo grisalho para acompanhar a piada, mas Ira não riu.

O rosto dela se fechou, e a menina perguntou o que poderia ser mais importante do que ver a mãe retornar, depois de tudo o que ela passara.

— Eu jamais abandonarei sua mãe, nem você e Mitia. Mas acabou.

— Seu amor morreu depois de apenas alguns anos?

— Temos de nos adaptar a essa nova realidade. Você precisa dizer à sua mãe que podemos ser amigos, mas só isso. Depois da minha doença, percebi que preciso ficar com minha família.

— Você disse para mim. Você disse para Mitia. Você disse para a minha avó. Você disse para a minha mãe que *nós* somos sua família.

— Vocês são. É claro, mas…

— Por que está dizendo isso para mim, e não para minha mãe?

— Preciso de sua ajuda para convencê-la de que isso é o melhor. Para todos nós.

— Vou deixar minha mãe decidir sozinha o que é melhor para ela — retrucou Ira.

— Por favor, entenda…

— Eu nunca entendi. — Ela se desvencilhou do braço dele. — Nunca.

— Não quero que as coisas terminem assim.

— Então, vá encontrar minha mãe na estação conosco. Vá abraçá-la. Depois de tudo o que ela passou… por você. É o mínimo que pode fazer. Depois você mesmo poder dizer o que precisa dizer.

Boris concordou, e cada um seguiu seu caminho. Ao observar Ira se afastar, ele pensou que a nuca dela se parecia muito com a de Olga. Ele queria gritar para Ira, dizer que estava errado, que não quis dizer o que tinha dito, que é claro que as coisas voltariam a ser como eram. Como poderiam não voltar?

Em vez disso, ele voltou para o banco e viu outro velho tomar o lugar do anterior alimentando os pombos. Se perguntou quantos anos lhe restavam até ser ele a lhe tomar o lugar, os bolsos do casaco cheios de alpiste.

—

Olga provavelmente está acordada agora. Ele se pergunta como ela está. Ainda é bela? Ou o campo a mudou? E o que Olga vai pensar ao vê-lo novamente? Ele perdeu peso, cabelo e, pela primeira vez na vida, começou a sentir sua verdadeira idade. A única melhora desde que a levaram foi a aquisição de facetas de porcelana. Mas, mesmo com os dentes novos perfeitos, ao olhar no espelho agora, ele vê um velho, diminuído, com um coração fraco.

Boris afasta o pensamento e volta ao trabalho. Finalmente consegue a frase certa, e o restante das palavras flui. O papel acaba, ele o deixa cair no cesto de vime e pega outro. Sabe que precisa sair nos próximos minutos para não se atrasar, mas continua escrevendo.

Quando levanta a cabeça, o quarto está escuro, e ele sente o cheiro do frango que Zinaida está assando. Puxa a corrente do abajur da escrivaninha e continua a escrever.

Quando ele finalmente desce para jantar, Zinaida sorri para o marido. Ela apaga o cigarro e acende as duas velas no centro da mesa. Não diz nada sobre Boris não ter ido a Moscou, nem ele. Eles comem juntos em silêncio, e ele sente uma tensão que não tinha percebido nos ombros se dissipar. É assim que devia passar o resto de seus dias, pensa: escrevendo, sendo produtivo, compartilhando

uma refeição com a esposa. Ele pede um pouco de vinho, e ela enche sua taça.

Ele diz a si mesmo para não pensar em Olga ou no que ela está fazendo. Está comendo o banquete com a família, ou perdeu o apetite? Vai dormir esta noite? Ele tenta não pensar em seu rosto ao ver a família na plataforma esperando para recebê-la — ao perceber que ele não estava lá.

X X X

Boris acorda. Ainda está escuro. Ele se veste e sai para sua caminhada matinal, com cuidado para não acordar a esposa. Ao passar pelo jardim, vê alguns pontos brilhantes e verdes despontando da terra. Desce a colina, passa pelo riacho e sobe pelo cemitério até entrar no vilarejo. De repente, está na estação esperando pelo trem da manhã para Moscou.

Só ao entrar na rua de Olga ele decide vê-la. Sobe devagar os cinco lances de escada, segurando o corrimão. A cada andar, diz a si mesmo que vai vê-la só por um instante, só um instante, para dizer a ela o que disse a Ira no parque. Ela merece ouvir de sua boca, diz a si mesmo ao chegar à porta. Acalma o coração pressionando a mão contra o peito. Respira fundo antes de bater, mas ela abre a porta antes que ele levante a mão. Se passaram sete anos desde que se conheceram, e três anos desde a última vez em que a viu. Ela envelheceu o dobro desse tempo: o cabelo loiro, meio enfiado embaixo de um lenço, parece opaco como uma palha; suas curvas sumiram; rugas agora irradiam da boca, da testa e dos cantos dos olhos; sua pele está marcada por manchas de sol e pintas desconhecidas.

E, mesmo assim, ele cai de joelhos. Ela está ainda mais bela do que antes.

Boris não se questiona mais. Ele se levanta e a beija — e ela deixa por um instante, antes de dar um passo para trás. Olga se recolhe ao apartamento, mas deixa a porta aberta. Boris vai atrás dela, procurando seu abraço. Ela estende a mão para impedi-lo.

— Nunca mais — diz ela.

— Nunca mais? — pergunta ele.

— Você vai me deixar esperando.

— Nunca mais — responde ele. — Nunca.

CAPÍTULO 7

~~A musa~~
~~A mulher reabilitada~~
A EMISSÁRIA

Quantas vezes imaginei nosso reencontro? Quantas vezes visualizei Boria esperando, com o chapéu na mão, olhando para os trilhos? Quantas vezes pensei naquele primeiro abraço? Quantas vezes esfreguei meus braços e apertei meus ombros deitada sozinha em minha cama para simular a sensação?

Três anos e meio se passaram desde que compartilhamos uma cama e não perdemos tempo. Senti-lo foi um choque. Fazia tanto tempo que eu não era tocada. Nosso encontro foi como uma avalanche ecoando por Moscou.

Depois, deitei a cabeça em seu peito para ouvir seu coração. Brinquei que, tendo sofrido dois ataques cardíacos, ele batia em um ritmo novo.

— E seus dentes. — Seus dentes grandes, amarelados e com uma lacuna no meio agora eram de porcelana branca e reluzente.

— Não gostou? — perguntou ele.

Fechou a boca, e eu usei o mindinho para tentar abri-la de novo. Ele fingiu mordê-lo.

—

Ele se agarrou a mim e não soltou tão fácil quanto antes. Não queria deixar meu apartamento a não ser para escrever e dormir. Em minha ausência, se mudara de vez para a *datcha* em Peredelkino, que, durante os anos em que estive ausente, foi ampliada com três novos quartos, aquecimento a gás, água encanada, uma nova banheira. Enquanto eu vivia no barracão, ele vivia em um retiro na floresta com o qual a maioria dos russos só poderia sonhar.

Depois de Potma, me senti à vontade para pedir a ele, sem culpa, que compartilhasse sua boa sorte — com dinheiro para roupas, livros, comida, material escolar para as crianças, uma cama nova.

E outras coisas também.

Ele deixou toda a administração de seus escritos sob minha responsabilidade:

contratos, palestras, pagamentos por seus trabalhos como tradutor. Quando um editor pedia uma reunião, era eu quem comparecia. Tornei-me sua agente, sua porta-voz, aquela que as pessoas procuravam para chegar a ele. Finalmente, me sentia tão útil para ele quanto Zinaida. Mas, em vez de cozinhar e limpar, eu era a pessoa que apresentava suas palavras ao mundo. Tornei-me sua emissária.

Quase todos os dias, eu tomava o trem de Moscou para Peredelkino, e nos encontrávamos no cemitério. Lá, podíamos ficar sozinhos para falar sobre *Jivago* ou só passar um tempo juntos. Nossa única companhia era uma viúva ou viúvo de vez em quando levando flores de plástico, ou o zelador, que costumava ficar em seu galpão fumando e lendo. Às vezes, eu levava pedacinhos de carne embalados em um guardanapo de pano para os dois cachorros grandes que me recebiam nos portões de ferro.

Nosso ponto de encontro era na colina na parte inutilizada do cemitério. Quando o tempo estava agradável, sentávamos em um dos meus lenços esticado sobre a grama.

— Quero ser enterrado bem aqui — disse ele mais de uma vez.

— Não seja mórbido.

— Achei que estava sendo romântico.

Certa vez, enquanto estávamos sentados na colina, Boria viu Zinaida subindo a estrada principal em direção à *datcha*. Ela parecia uma idosa — caminhando devagar, o cabelo coberto por uma *babushka* de plástico, os dois braços carregados de sacolas de compras. Ela parou, largou as sacolas e acendeu um cigarro. Eu me sentei para olhar melhor, e Boria me empurrou de volta para baixo com gentileza.

Naquele verão, para ficar mais perto dele, aluguei uma casa do outro lado do lago Izmalkovo, a trinta minutos de caminhada de sua *datcha*. Boria não moraria comigo, mas seria um lugar nosso, para um novo começo.

As crianças ficaram com um quarto, e decidi me instalar na varanda envidraçada. Mama passava a maior parte do tempo em Moscou, pois dizia que o campo só era bom em pequenas doses.

Como eu amava aquela casa de vidro. O modo como as raízes dos choupos formavam degraus naturais que levavam até a minha porta. Como a varanda era toda luz, e como eu podia ver Boria se aproximando da entrada quando ainda estava deitada na cama.

Mas quando ele viu o chalé pela primeira vez, brigou comigo, dizendo que uma casa de vidro não oferecia privacidade alguma, e que o objetivo de eu morar mais perto era termos mais. Naquela tarde, tomei o trem para a cidade e comprei chita vermelha e azul. Passei a noite fazendo cortinas que transformariam meu quarto em um covil.

Aquele verão foi quente. Rosas selvagens irrompiam em bolsões vermelhos e cor-de-rosa pelo caminho, e os céus se abriam em tempestades diárias. As paredes de vidro do meu quarto ficaram embaçadas com o calor enfurnado. Eu abria todas as janelas, mas isso trazia pouco alívio. Boria e eu suávamos nos lençóis, e eu brincava que poderíamos transformar meu quarto em uma estufa e cultivar frutas tropicais, como manga e banana. Boria não achava graça. Ele odiava aquela casa de vidro.

Mas Mitia a amava, tanto quanto eu. Ele se adaptou rápido à vida no campo, e passava os dias perambulando pela floresta, trazendo para casa plantas, pedras e sapos nos bolsos. Fez uma casa para os sapos em um balde de lata com grama e cascalhos e a tampa de um pote de maionese com água. Ele passava lama embaixo dos olhos e fazia um arco e flecha com um graveto e um barbante para virar o Robin Hood.

Com Ira, a história era outra. Ela se recusava a brincar com o irmão, crescera demais para essas coisas na minha ausência. Reclamava por ficar presa no chalé minúsculo o dia todo enquanto as amigas estavam em Moscou.

— Não tem nem onde comprar um sorvete aqui — dizia.

Quando fiz sorvete com hortelã fresca do jardim de Boria, ela cuspiu.

— Isso aqui está com gosto de terra. Dê ao seu patrono.

Briguei com ela por falar mal de Boria, e ela levantou e saiu. Como ela não voltou naquela noite, fui até a estação de trem e a encontrei sentada em um banco, sozinha, a não ser pelo funcionário que varria o local.

— Eu queria ir para casa — disse. — Mas não tinha dinheiro.

— Sua casa é aqui. Comigo e com Mitia.

— E com Boris.

— Sim. Boris também.

— Por enquanto.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Ira se levantou e começou a voltar para o chalé. Fiquei sentada no banco sozinha, observando o funcionário que ainda varria a plataforma.

—

No fim do verão, quando as crianças precisavam voltar para Moscou por causa da escola, Boria pensou que eu também fosse embora.

— Vou ficar sozinho de novo — reclamou, quase às lágrimas.

Gostei daquilo e desejei que as lágrimas caíssem. E, quando caíram, senti uma mudança súbita no poder. Gostei da sensação e passei semanas sem contar a ele que já tinha decidido ficar, mesmo que isso significasse que eu só veria as

crianças aos fins de semana. Sempre soube que ficaria; só queria que ele implorasse.

Ira já estava com as malas arrumadas dois dias antes de eles irem embora, mas Mitia adiou até uma hora antes de o trem sair. Cada item que eu dobrava e colocava na mala, ele tirava.

— Mitia, por favor — falei.

— Cadê a *sua* mala? — perguntou ele.

— Você sabe que tem que ir para casa, para Moscou.

— Mas você disse que *aqui* era a nossa casa.

— Não tem escola aqui. Você não quer ver seus amigos de novo? E a *babushka*?

— Cadê a *sua* mala? — perguntou ele de novo, os olhos se enchendo de lágrimas.

Acalmei-o beijando sua testa e prometendo que ele podia levar o sapo de estimação, Erik — o único que sobrevivera ao verão —, para Moscou se prometesse cuidar muito bem dele.

—

As crianças foram embora, e eu fiquei na casa de vidro até o fim do outono. Ela não tinha isolamento térmico para o inverno, então Boria acabou conseguindo o que queria. Me mudei para uma menor, ainda mais perto da de Boria. Nós a chamávamos de Casinha, e a *datcha*, de Casarão.

Tive muito prazer em mobiliar a Casinha, pendurando minhas cortinas, estendendo tapetes vermelhos espessos. A maioria dos meus livros tinha sido confiscada e apodrecia em algum depósito na Lubianca; então, Boria reabasteceu minha biblioteca, e até construiu ele mesmo as prateleiras.

Quando estava tudo pronto, fiquei feliz em fazer o *grand tour* com Boria, fazendo questão de apontar *nossa* cama, *nossa* mesa, *nossas* prateleiras.

— Vamos fazer nosso jardim bem ali quando a primavera chegar — falei, apontando pela janela que dava para o quintal.

Todo espaço que Boria e eu habitávamos se tornava nosso. Se dissesse que não foi fácil tirar minha velha vida em Moscou da cabeça — meus filhos, minha mãe, minhas responsabilidades —, eu estaria mentindo. Uma vez, ouvi Mitia chamar minha mãe de “mama” sem querer, e, em vez de me sentir traída, me senti aliviada.

Aquele inverno estava muito distante dos meus dias na escuridão. Amigos visitavam, e as leituras de *Doutor Jivago* recomeçaram. Todo domingo, Mitia e Ira e nossos amigos tomavam o trem em Moscou. Jantávamos, e depois Boria

lia. Eu era a anfitriã ao seu lado mais uma vez.

—

O romance estava quase pronto. Boria trabalhava em um ritmo frenético, como quando nos apaixonamos pela primeira vez. Ele escrevia em Peredelkino pela manhã e depois caminhava até a Casinha. Eu o ajudava a editar e redatilografar à tarde.

Jivago estava sempre presente, principalmente quando sua conclusão se aproximou. Quando perguntado sobre o clima ou se ele tinha gostado do jantar ou se achava que pulgões eram o motivo pelo qual as abóboras tinham definhado, Boria achava um jeito de falar sobre o livro. Às vezes, até sonhava com Iúri e Lara.

— Eles são tão nítidos para mim quanto qualquer pessoa viva — disse ele. — É como se tivessem existido e seus fantasmas falassem comigo.

Mas, assim como Iúri e Lara estavam sempre em sua cabeça, o Casarão estava sempre na minha. Ele escrevia lá. Comia lá. Dormia lá. Ela cozinhava para ele e remendava suas meias. Ela assistia à televisão lá. Ela jogava cartas com as vizinhas nas noites em que ele não estava. Ela cuidava dele quando ele tinha uma dor de cabeça ou de estômago ou ficava aflito por causa do coração.

Ela entrava em seu escritório apenas para limpar e nunca interrompia seu trabalho. Ela criava as condições perfeitas para ele escrever. Embora nunca tenha dito, acredito que era por isso que ele ficava. Na época, disse a mim mesma que era a obsessão por terminar o livro que o mantinha lá.

Eu me perguntava se eles dormiam juntos. Achava que não, mas, ainda assim, a ideia era uma mancha de tinta em uma toalha de mesa branca. Como eles pareceriam entrelaçados? Seu tronco longo e esguio contra as dobras da barriga dela. Suas mãos fortes levantando os peitos dela à posição que antes costumavam ocupar. Parte de mim queria que fosse verdade. De um jeito estranho e distorcido, me dava garantias de que ele ainda ia me querer quando eu fosse velha. Certa vez, perguntei se eles ainda dormiam juntos, e Boria me garantiu que não, havia anos.

— Quantos? — perguntei. — Você dormiu com ela na minha ausência?

— Claro que não. Nós não somos mais assim.

— Você dormiu com alguém? — perguntei. — Eu entenderia se tivesse — completei, embora não estivesse falando sério.

Ele me disse que eu não tinha nada com que me preocupar, que meu lugar em sua vida estava cimentado para sempre. Que sua única companhia em minha ausência fora Lara.

E eu ainda insisti, ainda teimei:

— Ninguém?

X X X

— Ele está morto — disse Boria ao telefone.

Segurei o aparelho com força.

— Quem está morto?

Ele gemeu como se sua barriga estivesse doendo.

— Iúri — finalmente soltou.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele está morto?

— Acabou. Meu romance está finalizado.

Providenciei que o manuscrito fosse editado, redatilografado e encadernado com capa de couro. Fui para Moscou buscar três cópias com o tipógrafo e levei o livro de volta no trem, com as palavras de Boria pesando em meu colo.

Ele estava me esperando na Casinha. Quando lhe entreguei a caixa que continha a obra de sua vida, ele a segurou nas mãos por um instante, e, então, largou-a e me rodopiou pela sala. Dançamos sem música. Enquanto rodopiávamos, me vi no espelho oval, e eu também parecia feliz —, mas como uma mãe após ter dado à luz: exultante e exausta, feliz e dolorida, tranquila e ao mesmo tempo aterrorizada.

— Talvez seja *mesmo* publicado — disse Boria.

Pensei em Anatoli Sergeievitch Semionov sentado à sua mesa grande me interrogando sobre *Doutor Jivago*. Pensei na obsessão do Estado com o que ele tinha escrito. Mas não disse nada.

—

Marquei reuniões com quase todas as revistas literárias, todas as editoras, qualquer um que pudesse publicar *Jivago*. Fui sozinha falar em nome de Boria. Quando pressionado a descrever sua obra, defendê-la ou mesmo promovê-la, ele achava que não conseguiria.

— É como se minhas próprias palavras se perdessem em algum lugar entre colocá-las no papel e vê-las impressas — disse ele para mim.

Então, falei por ele.

Os editores se reuniram comigo, mas nenhum fez promessas. Alguns disseram que talvez tivessem interesse em publicar os poemas que vinham ao final do romance, mas minhas perguntas sobre publicar o livro na íntegra nunca eram

respondidas diretamente.

Muitas noites, Boria esperou por mim na plataforma do trem para ter notícias das minhas reuniões em Moscou. Eu tentava formular de maneira positiva, falando com mais animação do que seria justificável sobre o interesse da *Novy Mir* em publicar alguns poemas, mas Boria não era ingênuo. Ele me acompanhava até a Casinha em silêncio, o braço entrelaçado ao meu com firmeza, como se eu o estivesse mantendo em pé.

Certa vez, ao retornar de outra viagem infrutífera, Boria parou no meio da estrada e anunciou que não acreditava mais que *Jivago* seria publicado.

— Escreva o que estou dizendo. Eles não vão publicar esse romance por nada neste mundo.

— Você precisa ser paciente. Ainda não tem como saber.

— Eles nunca vão permitir. — Ele coçou a sobrancelha. — Nunca.

Comecei a pensar que talvez ele estivesse certo. Depois de mais uma reunião com mais um editor, Boria me encontrou em Moscou para que fôssemos a um recital de piano. Chegamos cedo e nos sentamos em um banco sob uma castanheira.

Um homem que pensei ter visto no metrô estava em pé no fim da lagoa à nossa frente, observando os patos. O homem era jovem, e vestia um sobretudo marrom, apesar do calor.

— Sinto como se estivéssemos sendo observados — falei para Boria.

— É —respondeu ele, com naturalidade.

— É?

— Achei que você soubesse.

O homem à beira da lagoa percebeu que estávamos olhando para ele e se afastou, desaparecendo de vista.

— Vamos? — perguntou Boria. — Não queremos nos atrasar.

Boria afirmava que a vigilância não o incomodava. Até fazia piada com a situação, se dirigindo a quem quer que estivesse ouvindo falando com a lâmpada ou para o teto.

— Olá? Olá? — perguntava para ninguém. — Como vai?

Ele mesmo respondia.

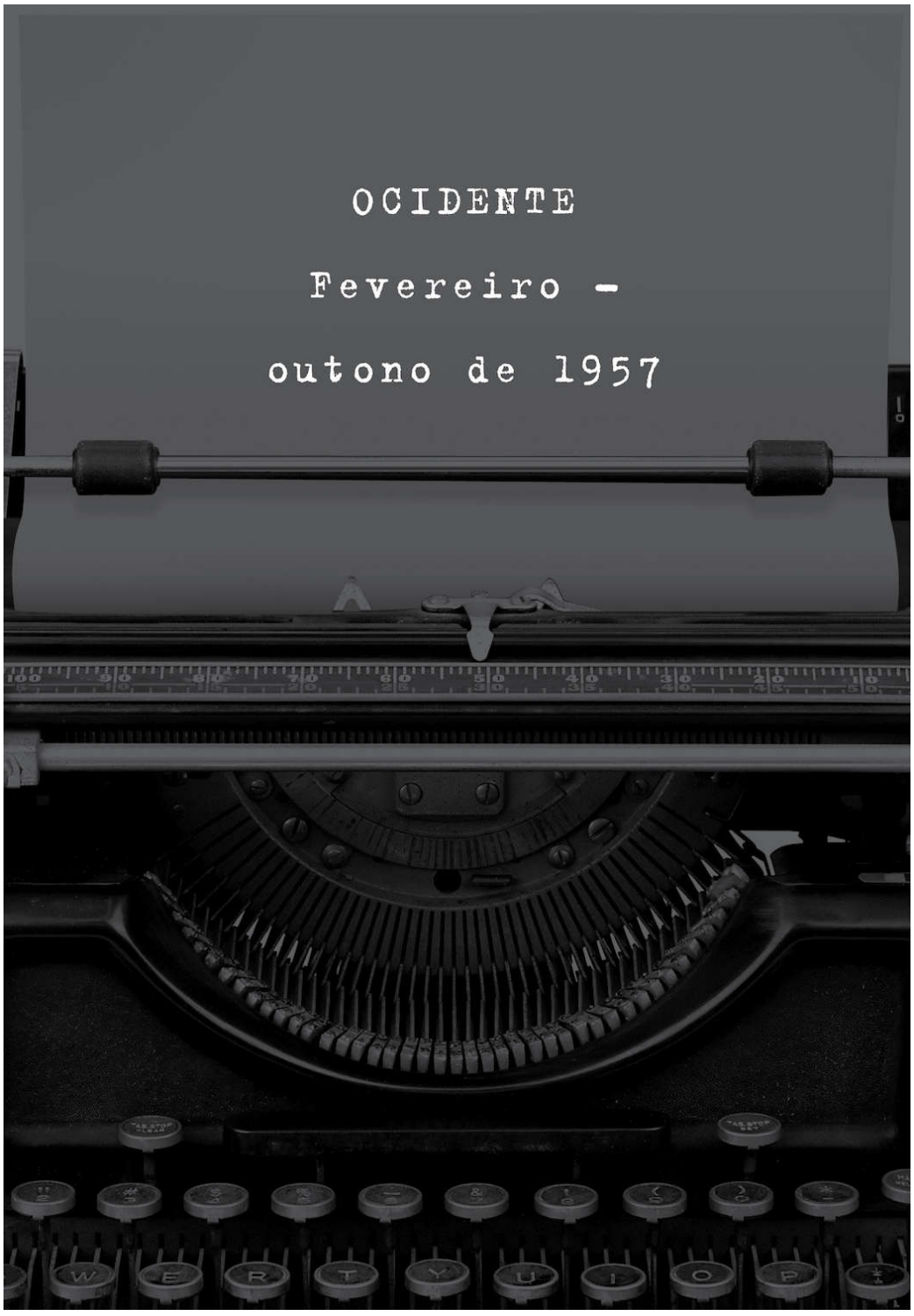
— Vou bem, obrigado.

Então perguntava para uma luminária:

— Estamos entediando você? Talvez em vez de falar sobre o jantar de hoje devêssemos falar sobre algo mais interessante.

— Quer parar? — Eu pedia. Eu não achava essas piadas engraçadas e o informava disso. — Eu já encarei essa gente uma vez. E não vou fazer isso de novo.

Ele pegava minha mão e a beijava.
— Precisamos rir disso tudo — declarava. — É só o que podemos fazer.


OCIDENTE
Fevereiro -
outono de 1957

CAPÍTULO 8

~~A candidata~~
A MENSAGEIRA

Quando o táxi virou à esquerda na Connecticut, pressionei dois dedos contra o punho como Mama me ensinara quando eu era criança e ficava enjoada no carro. A sensação se intensificou quando chegamos ao Dupont Circle. Pensei em descer e andar o restante do caminho, mas esse não era o plano. Eu não podia desviar, a menos que alguém estivesse me seguindo.

Me disseram para pegar um táxi na esquina da Florida com a T às sete e quarenta e cinco e ir até o Hotel Mayflower. O hotel ficava a uma caminhada curta de lá, mas a *ótica*, eles falaram, seria melhor se eu aparecesse descendo de um táxi.

Me disseram para evitar usar qualquer coisa que fizesse com que eu me destacasse: joias chamativas, muita maquiagem, um chapéu pomposo, sapatos pomposos, qualquer coisa pomposa. Pensei em todos aqueles vestidos de paetês que enchiam nosso apartamento, em todas as mulheres que iam experimentá-los e comprá-los. Eu não tinha uma só peça de roupa que pudesse ser classificada como pomposa. Minhas instruções eram me vestir bem, mas não bem demais, e ficar bonita, mas não muito bonita. Eu devia parecer o tipo de mulher que frequentava o bar do Mayflower, o Town & Country Lounge. A parte complicada era que eu era o tipo de mulher que nunca tinha nem ouvido falar do Hotel Mayflower, menos ainda do Town & Country Lounge.

Naquela noite, eu não era mais Irina; eu era Nancy.

O táxi parou em um ponto da rotatória, e conferi meu cabelo no espelhinho do estojo de pó compacto, ainda insegura quanto ao visual. Vestia o velho casaco de pele da Mama, em que borrifei Jean Naté — uma tentativa de mascarar o cheiro de naftalina. Usava também um vestido violeta de poá branco usado em todos os casamentos a que fora nos cinco anos anteriores. Meu cabelo estava preso para trás em um coque banana com um pente de prata, mais um item que peguei emprestado de Mama. Reaplicando o novo batom de tom vermelho-alaranjado que tinha comprado na Woolworth, franzi a testa. Algo ainda não se encaixava. Só quando o táxi parou na frente do hotel e um porteiro abriu porta do carro para

mim olhei para baixo e percebi que eram meus sapatos: saltos pretos sem graça. Saltos pretos sem graça e com o salto esquerdo gasto. E eu nem tinha pensado em engraxá-los. O tipo de mulher que frequentava o Town & Country em uma noite de quarta-feira não seria vista nem morta vestindo qualquer coisa sem graça. Ao entrar na recepção do Mayflower, decorada com rosas vermelhas e brancas para o dia seguinte, dos Namorados, não conseguia parar de pensar em meus sapatos. Pelo menos tinham me dado uma bela bolsa — uma Chanel de couro preto em matelassê com aba dupla e corrente dourada, grande o suficiente para caber um envelope.

Disse a mim mesma para projetar confiança, para me tornar alguém que pertencia ao grupo dos abastados — para me tornar meu disfarce, para me tornar Nancy. Agarrando a Chanel como um talismã, passei pelos carregadores com seus chapéus enfeitados, pelos recém-casados fazendo *check-in*, pelos homens em reuniões depois do expediente, pela morena glamorosa esperando que um daqueles homens a levasse para cima, pelas palmeiras em vasos alinhados no corredor de espelhos. Atravessei a recepção e entrei no Town & Country como o tipo de pessoa que o *barman* conheceria pelo nome.

Eu já sabia o nome do *barman*. Era Gregory, e lá estava ele: precoces cabelos grisalhos, camisa branca e gravata-borboleta preta, em pé atrás do bar servindo um Gibson.

O salão estava cheio, mas a penúltima cadeira de espaldar alto estava livre, como disseram que estaria.

— O que vai ser? — perguntou Gregory, o crachá confirmando o que eu já sabia.

— Gin — respondi. — Três azeitonas, presas com uma daquelas espadinhas vermelhas. — *Uma daquelas espadinhas vermelhas?* Me repreendi por sair do roteiro.

À minha frente havia um vaso de vidro fino com uma única rosa branca. Peguei-a, girei-a em sentido horário na mão, cheirei-a e a devolvi a seu lugar — conforme as instruções. Então pendurei a Chanel pela corrente dourada do lado esquerdo da cadeira. E esperei.

O homem à minha esquerda sequer olhou na minha direção quando me sentei. Estava lendo a seção de esportes do *Post* e se parecia com qualquer outro desconhecido ali — um advogado ou homem de negócios que pernoitaria no Distrito vindo de Nova York ou Chicago ou de onde quer que esses tipos vinham. A palavra para defini-lo seria *indefinível*, e me perguntei se ele também me definiria assim. Eu esperava que sim.

Gregory apoiou meu copo sobre um guardanapo branco com o emblema dourado do Mayflower, e bebi um gole.

— Você faz um ótimo martíni — elogiei. Eu odiava martíni.

Me disseram que não haveria qualquer sinal da ação — que o homem sentado ao meu lado colocaria o envelope na minha bolsa discretamente; que, se eu não percebesse, ele teria feito seu trabalho. O homem fechou o jornal, engoliu o resto do uísque, largou dinheiro no balcão e saiu.

Esperei quinze minutos, terminei a bebida e disse ao Gregory que estava pronta para pagar a conta.

Ao pegar a Chanel, eu meio que esperava que o peso dela estivesse diferente. Mas não estava, e me perguntei se tinha feito algo de errado — talvez o homem lendo a seção de esportes fosse só um homem lendo a seção de esportes. Resisti à tentação de conferir e saí do Town & Country, passando pelas palmeiras em vasos, por um homem que esperava o elevador com uma morena glamorosa, por um casal aposentado fazendo *check-in*, pelos carregadores com seus chapéus enfeitados.

Subindo a Connecticut, me esforcei para manter a calma, para não deixar que a adrenalina me fizesse sair correndo. Ao parar na P Street, olhei para o relógio, um Lady Elgin que me deram com a Chanel. Em segundos, o ônibus da linha 15 parou ao lado do meio-fio. Sentei no penúltimo banco, na frente de um homem que levava um guarda-chuva verde no colo. Quando o ônibus passou pelos dois leões de pedra que guardavam a entrada da Taft Bridge, o homem atrás de mim bateu em meu ombro e perguntou que horas eram. Avisei que eram nove e quinze. Não eram. Ele me agradeceu e eu coloquei a Chanel no chão e a empurrei para trás com o calcanhar.

Desci no Woodley Park e andei em direção ao zoológico. Em um sinal fechado, estendi a mão para deixar que os flocos de neve caíssem em minha luva e se dissolvessem em poças minúsculas. Me perguntei: será essa a sensação de ter um caso, de ter um segredo? Senti uma descarga de adrenalina e entendi por que Teddy Helms disse que era possível ficar viciado naquele tipo de trabalho. Eu já estava.

X X X

Eu tinha me candidatado para ser datilógrafa, mas eles me deram outro cargo. Será que viram algo que eu não via em mim mesma? Talvez só tenham olhado para o meu passado, para a morte do meu pai, e souberam que eu faria qualquer coisa que me pedissem. Mais tarde, me disseram que uma raiva tão profunda assim garante um tipo de lealdade à Agência que o patriotismo jamais garantiria.

Seja lá o que tenham visto em mim, nos primeiros meses na Agência, eu não conseguia me livrar da sensação de que eles tinham escolhido a pessoa errada

para o trabalho.

O teste do Mayflower mudou isso. Pela primeira vez na vida, senti como se tivesse um propósito maior, não só um emprego. Naquela noite, algo dentro de mim se libertou — um poder escondido que eu nunca soube que tinha. Descobri que me encaixava no trabalho de Mensageira.

Durante o dia, eu tomava ditados, transcrevia anotações, ficava em silêncio durante reuniões e datilografava e datilografava e datilografava — certificando-me o tempo todo de não absorver nenhuma das informações.

— Imagine-as passando dos seus dedos para o teclado e para o papel e, então, desaparecendo de sua mente para sempre. — Norma me instruiu no primeiro e único dia de treinamento. — Entra por um ouvido e sai pelo outro, sabe?

E todas as datilógrafas diziam a mesma coisa: *Não absorva o que está datilografando; você vai datilografar mais rápido se não pensar no conteúdo; são informações confidenciais, então, mesmo que se lembre delas, é melhor fingir que não.*

"Dedos rápidos guardam segredos" era o lema não oficial do setor de datilografia. E, no entanto, eu não tinha certeza de que elas seguiam o próprio credo. Já nas primeiras semanas, enquanto eu estava conhecendo as garotas, ficou claro que elas sabiam tudo sobre todos.

Sabiam tudo sobre mim também? Será que sabiam sobre meu outro cargo? Os cinquenta dólares a mais por mês? O fato de minha máquina bater a um ritmo mais lento do que a delas lhes causava dúvidas? Percebiam que eu bebia duas xícaras a mais de café do que elas e tinha olheiras?

Mama com certeza percebia. Ela preparava um bule de chá de camomila e congelava em cubinhos para aplicar em minhas pálpebras. Achava que eu estava namorando alguém novo e implorava que eu o trouxesse para conhecê-la antes que manchasse sua reputação no bairro.

Mas o que as mulheres do setor de datilografia pensavam?

Era esse o motivo pelo qual elas ainda não tinham exatamente me aceitado? Elas eram sempre educadas e amigáveis, é claro, dizendo *Olá* de manhã e *Tenha um bom fim de semana* às sextas-feiras. Mas não posso dizer que fossem muito receptivas. Eu queria fazer parte do grupo, mas não queria que *parecesse* que eu queria fazer parte do grupo. As pessoas podem achar que essas coisas só acontecem na escola ou na faculdade, mas a política por trás das amizades é complicada em todas as idades.

Elas me convidaram para almoçar algumas vezes, mas antes do meu primeiro pagamento, quando eu só tinha dinheiro para o ônibus. Quando passei a ter dinheiro sobrando, os convites já tinham secado.

Eu queria acreditar que o distanciamento se devia ao fato de eu ter tomado o

lugar de Tabitha, mas não conseguia deixar de pensar que o motivo era outro, algo que me atormentou a vida inteira: a sensação de nunca me encaixar, de me sentir mais confortável a sós. Mesmo quando era criança, eu preferia brincar sozinha. Fingia que a pequena despensa da cozinha era um forte. Criava peças elaboradas com fantoches feitos de sacos de papel marrom e colados em palitos de pirulito. Era mais feliz brincando sem ninguém. Quando meus priminhos tentavam brincar comigo, eu acabava brigando com eles por bagunçar os fantoches ou não fazer o personagem exatamente como eu queria. Eles ficavam bravos e saíam, e eu dizia a mim mesma que estava tudo bem. Era mais fácil me convencer de que era eu quem não queria brincar com eles, e não o contrário.

Apesar de me sentir deslocada, logo me adaptei ao trabalho diurno. E, embora datilografasse mais devagar do que as outras mulheres, era constante e precisa.

A curva de aprendizagem era maior no trabalho pós-expediente.

No primeiro dia, quando perguntei como exatamente seria treinada, me deram um pedaço de papel com o endereço de um escritório temporário sem qualquer identificação, com vista para o espelho d'água — o escritório onde encontraria o oficial Teddy Helms todos os dias depois de bater o ponto de saída.

Quando conheci Teddy, fiquei surpresa com o quanto ele parecia uma estrela de cinema fazendo papel de espião. Ele era alguns anos mais velho do que eu — alto, cabelo castanho, dedos longos e delicados e bonito como se espera que homens como ele sejam. Várias funcionárias do setor de datilografia tinham uma baita paixonite por Teddy, mas eu não o via assim. Ele parecia, sim, o tipo de homem com quem eu fantasiava quando era garota — não como namorado, mas como o irmão mais velho que eu sempre quis ter. Alguém que me ensinaria como me encaixar, como ser menos esquisita, alguém para me proteger dos garotos da escola que levantavam minha saia no corredor. Alguém para me ajudar a sustentar Mama e aliviar os fardos financeiros que iam e vinham com cada salário gasto.

Teddy era quieto no início, dizendo que eu era a primeira mulher que ele treinava. Na época da OSS, as mulheres eram incumbidas de explodir pontes, mas, alguns anos mais tarde, a Agência ainda estava sondando para ver do que éramos capazes.

Teddy era diferente.

— Acho que as mulheres podem ser ótimas Mensageiras — dizia ele. — Ninguém suspeita que uma garota bonita no ônibus está levando segredos.

Teddy e eu nos conhecemos bem naquelas primeiras semanas de 1957. Ele era o tipo de homem com quem nos sentimos à vontade desde o início — alguém a quem acabamos contando mais em uma hora do que a pessoas que conhecemos a vida inteira.

Ele entrou para a Agência depois de ter sido recrutado por um professor de literatura em Georgetown. Estudava ciência política e línguas eslavas e falava russo fluentemente, com um sotaque capaz de enganar qualquer moscovita. Durante nossos treinamentos, Teddy alternava entre inglês e russo, explicando que aproveitava qualquer oportunidade para praticar. Era uma alegria poder falar com ele na língua que eu usava apenas com Mama. Ele fazia uma pergunta atrás da outra: sobre o ateliê da minha mãe, minha infância em Pikesville, meus tempos de faculdade em Trinity, minha timidez. Ninguém nunca tinha feito perguntas como aquelas antes, e se no início me esquivei de sua ousadia, logo estava revelando toda minha história.

Talvez eu me sentisse à vontade assim porque ele oferecia informações de sua vida com muita facilidade. Descobri que tinha um irmão mais velho que havia morrido alguns anos antes. Que Julian voltara da Guerra como herói e acabara ficando bêbado uma noite e enfiara o carro em uma árvore. Que Teddy achava que jamais faria jus à reputação que o irmão tinha deixado, que os pais escolheram lembrar apenas o herói que Julian fora ao preservar sua foto em cima da lareira ao lado da bandeira que tinham recebido. Teddy disse que no início queria seguir os passos do irmão e se alistar no Exército, ou se juntar ao pai no escritório de advocacia que levava seu sobrenome, mas acabou mais atraído pela literatura. Como resultado, seu mentor na universidade o guiou para uma profissão diferente.

Teddy servia uísque da garrafa que mantinha em sua mesa e fazia poesia ao falar sobre o papel que acreditava que a arte e a literatura desempenhavam na propagação da democracia, de como os livros eram cruciais para demonstrar que a arte só poderia nascer da liberdade verdadeira, e de como tinha entrado para a Agência para espalhar essa mensagem. Dizia que os russos valorizavam a literatura como os americanos valorizavam a liberdade:

— Washington tem suas estátuas de Lincoln e Jefferson — dizia —, e Moscou presta homenagem a Púchkin e Gógol.

Teddy queria que os soviéticos entendessem que o próprio governo tolhia sua capacidade de produzir o próximo Tolstói ou Dostoiévski — que a arte só podia prosperar em uma nação livre, que o Ocidente havia se tornado o rei das letras. Essa mensagem era o equivalente a enfiar uma faca na costela do Monstro Vermelho e virar a lâmina.

Durante o dia, Teddy me tratava como as demais datilógrafas ao passar pela divisão: um aceno de cabeça pela manhã, talvez um aceno de despedida à noite. Mas, depois do expediente, ele me oferecia toda a sua atenção ao me treinar para receber e entregar mensagens para a Agência.

Ele me fazia praticar colocando um envelope embaixo de uma mesa, um

banco, uma cadeira, uma banqueta de bar, um banco de ônibus, um vaso sanitário. Me fez começar com os envelopes brancos comuns. Depois, passei para panfletos e pastas, depois livros, e, depois, pacotes. Ele comparava o que estávamos fazendo a um truque de mágica, dizendo que a Agência tinha estudado os grandes nomes do ilusionismo, como Walter Irving Scott e Dai Vernon, adaptando suas técnicas. Ele me mostrou como deixar um pacote deslizar por minha perna e chegar ao chão sem nenhum barulho.

— É tudo um truque — dizia.

Ele me ensinou a perceber se alguém estava me seguindo — a estar atenta a alguém suspeito, alguém à espreita e, principalmente, a ter cuidado com velhinhos.

— Os velhos têm muito tempo livre — explicava. — Ficam sentados em parques durante horas e chamam a polícia sem pestanejar ao ver algo fora do comum.

Quando eu errava, ele me dizia que tudo demanda prática. E eu praticava. Toda noite, quando Mama dormia, eu trancava a porta do quarto e praticava colocar envelopes de tamanhos diversos em livros, na minha bolsa, na bolsa de Mama, em uma pasta e em todos os bolsos das roupas no meu armário. Quando mostrei a Teddy que conseguia transferir um pequeno rolo de papel de um tubo oco de batom ao bolso do paletó dele, ele disse que eu estava pronta para um teste de verdade.

— Tem certeza?

— Só tem um jeito de descobrir.

X X X

Isso foi a entrega Mayflower: não uma missão de verdade, mas um teste para ver se eu estava pronta. Teddy me disse que estaria observando, mas que eu não o veria. E ele estava certo; não vi nem sinal de Teddy naquela noite no Mayflower. Mas, no dia seguinte, cheguei ao escritório e encontrei uma rosa branca apoiada em minha máquina de escrever com uma espadinha de plástico vermelha saindo do caule como um espinho.

— Admirador secreto? — perguntou Norma.

— É só um *amigo*.

— Um amigo, é? Não um namorado secreto?

— Namorado?

— É hoje, você sabe.

— Ah — falei. Eu tinha esquecido.

Felizmente, Norma foi chamada para uma reunião antes que pudesse me

perguntar mais. Mas o mistério da rosa voltou a ser mencionado naquela tarde.

— Fiquei sabendo que você está saindo com Teddy Helms — comentou Linda, olhando por cima da divisória que separava nossas mesas.

Quando levantei a cabeça, o setor inteiro esperava por uma resposta.

— O quê? Não, não estamos. — Fiquei surpresa, com medo de ter estragado meu disfarce.

— Gail disse que Lonnie Reynolds contou que viu Teddy deixar a rosa branca hoje de manhã.

— Quer dizer, ele não estava fazendo muito segredo — disse Gail.

— Quando vocês começaram a sair?

Perplexa, pedi licença e fui ao banheiro, na esperança de que elas tivessem esquecido a rosa quando eu voltasse. Não tinham e continuaram me enchendo de perguntas para as quais eu não tinha resposta até a hora de sair.

— Quer ir ao Martin's com a gente? — convidou Norma. — Duas ostras pelo preço de uma e um *barman* que nos serve doses duplas porque tem uma quedinha pela Judy. E, como disse que ainda é solteira, você não deve ter planos para o Dia dos Namorados, não é?

— Não posso — respondi. — Eu tenho planos, mas não é um encontro nem nada do tipo.

— Aham — disse Norma.

—

Fiquei furiosa com Teddy por ter me colocado na mira das datilógrafas. Por que fizera aquilo? Qual era seu objetivo? Decidi perguntar assim que o visse, mas perdi a coragem quando ele me recebeu com um copo de uísque e um brinde pelo trabalho bem-feito no Mayflower.

— Você foi bem, garota — elogiou, batendo o copo no meu. — Precisamos melhorar algumas coisas, mas você fez um belo trabalho. Anderson está satisfeito. Achamos que você logo estará pronta para o campo, para uma missão de verdade prestes a acontecer.

— Entendido — respondi, sabendo que não devia pedir detalhes, mas sem saber o que mais dizer. — E obrigada.

Percebi que Teddy não tinha certeza se eu estava agradecendo pelo elogio ou pela rosa branca. Uma pausa estranha surgiu entre nós.

— Aliás, você não disse nada — comentou Teddy, rompendo o silêncio.

— Sobre? — perguntei, como uma boba.

— A rosa.

— O setor de datilografia ficou fascinado.

— Mas você não?

— Eu n… eu não gosto muito de ser o centro das atenções.

Teddy riu.

— Esse é o talento pelo qual você foi contratada — comemorou. — Mas, falando sério. Me desculpe por isso. As pessoas aqui se agarram a um boato como um cachorro a um carteiro.

— Um cachorro?

— Quer dizer, me desculpe. Achei que estava sendo gentil.

— Foi gentil… É que… Nós queremos que as pessoas saibam que nos conhecemos?

Ele coçou o queixo e se inclinou para a frente.

— Talvez possa funcionar como disfarce. Se as pessoas pensarem que estamos saindo, não vão suspeitar de nada fora do comum se nos virem juntos. Nada sério… não vai fazer mal a ninguém, não é? A não ser que você tenha um namorado que possa não gostar?

— Não tenho namorado, mas…

— Perfeito — disse ele. — Quer começar agora? Podemos beber alguma coisa no Martin's. Não é lá que elas se reúnem?

— Não sei.

Teddy levantou o copo agora vazio.

— Vamos passar lá só um pouquinho.

— Não é o tipo de coisa malvista no ambiente de trabalho?

— Desculpe o palavreado, mas metade da Agência não conseguiria transar se não saíssemos uns com os outros. Aliás, não estamos saindo de verdade, certo?

—

Teddy pegou minha mão quando entramos no Martin's. O bar estava cheio de lobistas da K Street — Teddy disse que dava para reconhecê-los pelos ternos finos e pelos sapatos tão novos que ainda faziam barulho no chão encerado. Eles tomavam o disputado bar enquanto seus colegas malvestidos do governo ocupavam as mesas. Estagiários de direito se reuniam no bufê, se empanturrando de ostras. E o setor de datilografia ainda estava lá, em uma mesa à esquerda do bar.

— Que tal nos sentarmos ali? — perguntei, apontando uma mesa para dois do outro lado do salão.

— Vamos pegar uma bebida no bar antes.

— Eles têm garçonetes, eu acho.

— Vai ser mais rápido.

Nos enfiamos entre as pessoas, e Teddy fez sinal para o *barman*, pedindo dois uísques. Ele pagou e levantou o copo.

— A novos amigos — brindou.

Quando batemos os copos, senti um tapinha no ombro.

— Irina — disse Norma. — Você finalmente veio ao Martin's. Venha se sentar com a gente. — Ela olhou para Teddy. — Você também, Teddy.

— Foi uma coisa de última hora — comentou Teddy. — Temos reserva no Rive Gauche. Só paramos para beber alguma coisa.

— Rive Gauche? Como conseguiu isso no Dia dos Namorados?

— Um amigo me devia um favor.

— Por que não bebem com a gente? Tem bastante espaço aqui.

Nós nos viramos para lá, e as garotas desviaram o olhar.

— Claro — falei. — Por que não?

— Olha só quem eu encontrei — disse Norma ao nos levar até a mesa.

As garotas se ajeitaram para abrir espaço. Sentei, mas Teddy ficou em pé.

— Com licença um instante, senhoritas.

Ficamos observando Teddy ir até o *jukebox* e começar a inserir moedas.

Judy me acotovelou.

— Não tem nada entre vocês, hein?

Norma olhou para Judy como quem diz "eu não falei?".

— Rosa branca de manhã? Rive Gauche à noite?

— Rive Gauche? — repetiu Kathy. — Que chique.

Teddy voltou enquanto o *jukebox* colocava um disco para tocar. Ele tirou o paletó e o entregou a Judy, que forçou um sorriso. Ela estava com ciúme? De mim?

— Quer dançar? — perguntou ele.

— Mas ninguém está dançando — respondi.

— Já vão começar — disse Teddy, estendendo a mão. — Vamos! É Little Richard!

— Little quem?

Sem esperar pela minha resposta, ele pegou minha mão e me levou para a pista: um quadrado de tacos sem mesas. Eu nunca fui muito boa dançarina — meus braços e minhas pernas não pareciam cooperar —, mas amava tentar. E, nossa! Teddy sabia dançar. Não só os olhos do setor de datilografia estavam grudados em nós, parecia que todos ali estavam nos observando. Teddy me fazia rodopiar como se fosse Fred Astaire, e eu me senti como se estivesse representando um papel — e representando bem. Me entreguei à sensação como na missão Mayflower. Teddy me puxou para mais perto.

— Elas acreditaram — sussurrou.

Depois de mais uma dança e mais uma bebida, saímos do bar. Do lado de fora, na calçada, me despedi. Teddy me interrompeu.

— Você não quer comer alguma coisa?

— Achei que você não estava falando sério.

— E se eu disser que tenho mesmo uma reserva no Rive Gauche?

Pensei no resto de *borscht* que Mama estaria requentando, então olhei para meu vestido cor de sopa de ervilha.

— Não estou vestida para esse tipo de lugar.

— Você está linda — disse ele, e estendeu a mão. — Vamos!

CAPÍTULO 9

AS DATILÓGRAFAS

Mais uma manhã de sexta-feira no Ralph's. Mais uma rosquinha, mais uma xícara de café. Quando saímos do restaurante, a manhã gelada de outono estava mais amena. Tiramos os chapéus e lenços e abrimos os casacos, enquanto caminhávamos pela E Street.

Na primeira hora da manhã, a divisão geralmente era um alvoroço de pessoas se ajeitando em suas mesas ou pegando café na sala de descanso ou correndo para uma das muitas reuniões que começavam às nove e quinze em ponto. O telefone da recepção estava tocando, e as cadeiras da sala de espera já estavam cheias. Mas não naquele dia no início de outubro. Naquele dia, a recepção estava vazia, assim como a sala de descanso, assim como todas as mesas do setor de datilografia.

— O que está acontecendo? — perguntou Gail a Teddy Helms, que estava meio andando meio correndo até o elevador.

Ele parou de solavanco e tropeçou em uma saliência no carpete velho.

— Reunião lá em cima — disse Teddy código para a sala de Dulles, que na verdade ficava no andar de baixo.

Teddy saiu apressado, e nós fomos até nossas mesas, onde Irina estava sentada atrás de sua máquina de escrever.

— Teddy disse alguma coisa? — perguntou Gail.

— Nós perdemos — respondeu Irina.

— Perdemos o quê? — indagou Norma.

— Não está claro.

— Do que você está falando? — perguntou Kathy.

— Não sei explicar a ciência da coisa.

— Ciência? Do quê?

— Alguma coisa que eles lançaram ao espaço — falou Irina.

— Eles?

— *Eles*, eles — sussurrou. — Imaginem só… — Ela parou e apontou para o teto de amianto. — Está lá em cima. Neste momento.

Era do tamanho de uma bola de praia e tinha o peso de um americano médio,

mas o impacto de uma ogiva nuclear. As notícias do lançamento do Sputnik se espalharam pela divisão horas antes de a agência de notícias estatal russa, a Tass, anunciar que o primeiro satélite a chegar ao espaço estava agora novecentos quilômetros acima da Terra, dando uma volta no planeta a cada noventa e oito minutos.

Mesmo sem homem algum presente, era impossível trabalhar. Estalávamos os nós dos dedos e olhávamos em volta do escritório vazio.

— Que tipo de nome é Sputnik, afinal? — perguntou Kathy.

— Não do tipo que dê para levar a sério.

— Significa *companheiro de viagem* — disse Irina. — Acho poético.

— Não — disse Norma. — É assustador.

Gail levantou, fechou os olhos, e fez cálculos invisíveis com o dedo no ar. Ela abriu os olhos.

— Quatorze.

— Ahn? — perguntamos.

— Se circula a essa velocidade, está passando por nós quatorze vezes por dia.

Todas olhamos para cima.

—

Depois do almoço, nos reunimos em volta do rádio na sala vazia de Anderson. O locutor disse que relatos desvairados sobre possíveis avistamentos vinham de todo o país — de Phoenix, Tampa, Pittsburgh, das duas Portland. Parecia que todos tinham visto o satélite, menos nós.

— Mas não seria visível a olho nu — falou Gail. — Principalmente durante o dia.

Quando um anúncio de antiácido começou, Anderson entrou.

— Eu bem que precisava de um desses — disse ele. — Parece que estamos trabalhando duro aqui.

Norma cantava o *jingle* baixinho.

Kathy abaixou o volume.

— Queríamos saber o que está acontecendo — pediu ela.

— Todos querem — retrucou Anderson.

— Você sabe? — indagou Norma.

— Alguém sabe? — perguntou Gail.

Anderson bateu uma palma como um animado treinador de basquete de ensino médio.

— Muito bem, hora de voltar ao trabalho.

— Como podemos trabalhar com aquela coisa sobrevoando?

Anderson desligou o rádio e nos enxotou como se fôssemos pombos. Enquanto saíamos, ele pediu a Irina que ficasse um instante. Seu pedido não era incomum, assim como Irina não era apenas mais uma datilógrafa. Desde o início, suspeitávamos que ela tivesse tarefas especiais na Agência, atividades *extracurriculares*. Mas não sabíamos quais seriam. Se Anderson queria conversar com ela sobre essas atividades depois do expediente, e se tinham a ver com o Sputnik, não fazíamos ideia. Mas isso não nos impedia de especular.

—

As notícias na imprensa durante o fim de semana variaram de exageradas (*A Rússia vence!*) a absurdas (*Fim dos dias?*), a práticas (*Quando o Sputnik vai cair?*), a políticas (*O que Ike vai fazer?*). Segunda de manhã, a fila de inspeção para entrar na sede estava curta, pois vários homens tinham reuniões na Casa Branca e no Capitólio para acalmar os temores de que tudo estaria perdido. Os que restavam pareciam não ter ido para casa desde sexta — as camisas brancas amareladas nas axilas, os olhos embaçados, a barba por fazer.

Na terça, Gail chegou ao trabalho com um dos gravadores que usávamos para registrar as ligações. Ela tirou o chapéu e as luvas e colocou o aparelho em frente a sua máquina de escrever. Fez sinal para que fôssemos até sua mesa. Nos reunimos a sua volta enquanto ela apertava o *play*. Chegamos mais perto. Estática.

— O que estamos ouvindo? — perguntou Kathy.

— Não estou ouvindo nada — comentou Irina.

— Shhh — retrucou Gail.

Chegamos ainda mais perto.

Então, ouvimos: um sinal sonoro fraco e contínuo, como os batimentos cardíacos de um rato assustado.

— Consegui — disse ela, e desligou o gravador.

— Conseguiu o quê?

— Eles disseram que dava para ouvir no canal de 20 MHz — explicou ela. — Mas, quando tentei, só recebi estática. Então, percebi que precisava de mais potência. Sabe o que eu fiz?

— Não faço ideia, porque não faço ideia do que você está falando — respondeu Judy.

— Fui até a janela da cozinha e tirei a tela de arame. Minha colega deve ter pensado que eu enlouqueci.

— Talvez ela estivesse certa — retrucou Norma.

— Então, passei um arame da tela até o rádio, conectei de novo em 20 mhz,

posicionei o microfone com precisão, e *voilà*. — Ela baixou o tom. — Contato.

— Com o quê?

— O Sputnik.

Nos entreolhamos.

— Talvez seja melhor adiar essa conversa para depois do expediente — sugeriu Linda, olhando em volta.

— É praticamente brincadeira de criança — disse Gail, rindo.

— O que significa? — sussurrou Judy.

Gail balançou a cabeça.

— Não sei. — Ela fez um gesto para trás apontando para os escritórios. — Isso eles é que tem que descobrir.

— Talvez um código? — especulou Norma.

— Uma contagem regressiva?

— O que acontece quando o sinal para? — perguntou Judy.

Gail deu de ombros.

— Significa que vocês têm de voltar ao trabalho — disse Anderson atrás de nós. Nós nos dispersamos, com exceção de Gail, que permaneceu de pé. — E, Gail — ouvimos Anderson dizer —, no meu escritório.

— Agora?

— Agora.

Nós a vimos seguir Anderson até o escritório; e a vimos sair vinte minutos depois, segurando seu lenço branco no nariz. Norma se levantou, mas Gail fez sinal para que ela não se aproximasse.

—

Outubro passou. As folhas ficaram alaranjadas, depois, vermelhas, depois, marrons, e, depois, caíram. Tiramos os casacos mais pesados do fundo do armário. Os mosquitos morreram, os bares começaram a anunciar drinques quentes, e, em todos os lugares, até no Centro, a cidade cheirava a folhas queimadas. Alguém trouxe uma abóbora entalhada com uma foice e um martelo para deixar na recepção, e os homens brincavam de gostosuras ou travessuras pela DS, como todos os anos, indo de mesa em mesa bebendo doses de vodca.

Novembro chegou com um estrondo — ou melhor, uma explosão. Os soviéticos lançaram o Sputnik II ao espaço — desta vez, levando uma cadela chamada Laika. Kathy pendurou na sala de descanso um cartaz de cão perdido com uma foto e a legenda FILHOTNICK: VISTO PELA ÚLTIMA VEZ ORBITANDO A TERRA, MAS O CARTAZ FOI REMOVIDO IMEDIATAMENTE.

A tensão na Agência aumentou, e pediram que ficássemos até mais tarde para

as reuniões depois do expediente. Às vezes, eles pediam pizzas ou sanduíches se tínhamos que ficar depois das nove. Mas muitas vezes não havia pausas nem lanches, e levávamos comida a mais, só para garantir.

O Relatório Gaither veio em seguida, informando a Eisenhower o que ele já sabia: que na corrida espacial, na corrida nuclear e em quase todas as corridas estávamos mais atrás dos soviéticos do que imaginávamos.

Mas, como acabamos vendo, a Agência já tinha outra carta na manga.

X X X

Eles tinham seus satélites, mas nós tínhamos seus livros. Na época, acreditávamos que livros podiam ser armas — que a literatura podia mudar o rumo da história. A Agência sabia que levaria tempo para mudar o coração e a mente dos homens, mas estava de olho no longo prazo. Desde as raízes da OSS, a Agência dobrara a aposta na guerra propagandística — usando a arte, a música e a literatura para promover suas intenções. O objetivo: enfatizar o quanto o sistema soviético não permitia a liberdade de pensamento — o quanto o Estado Vermelho impedia, censurava e perseguia até seus melhores artistas. A tática: colocar materiais culturais nas mãos dos cidadãos soviéticos por quaisquer meios.

Começamos inserindo panfletos em balões meteorológicos e enviando-os além da fronteira, para que o conteúdo caísse do outro lado da Cortina de Ferro. Depois, mandamos por correio livros proibidos pelos soviéticos além das linhas inimigas. No início, os homens tiveram a brilhante ideia de simplesmente enviá-los livros em envelopes sem identificação, cruzar os dedos e esperar que pelo menos alguns passassem despercebidos. Mas, durante uma das reuniões dos livros, Linda contribuiu, sugerindo a ideia de fixar capas falsas nos livros para protegê-los melhor. Algumas de nós reunimos todas as cópias possíveis de títulos menos controversos, como *A teia de Charlotte* e *Orgulho e preconceito*, tiramos as sobrecapas e colamos nos livros contrabandeados antes de enviá-los. Naturalmente, os homens levaram o crédito.

E foi naquela época que a Agência decidiu que devíamos ir ainda mais fundo na guerra das palavras, licenciando vários de seus homens para que criassem as próprias editoras e fundassem revistas literárias para liderar nossos esforços. A Agência se tornou quase um clube do livro com um orçamento clandestino. Era mais atraente para poetas e escritores do que recitais com vinho de graça. Nos aprofundamos tanto no mercado editorial que alguém poderia pensar que recebíamos parte dos direitos autorais.

Assistíamos às reuniões dos homens e tomávamos notas enquanto eles

falavam sobre os romances que gostariam de explorar em seguida. Eles debatiam os méritos de fazer de *A revolução dos bichos*, de Orwell, ou *Retrato do artista quando jovem*, de Joyce, o objeto da próxima missão. Falavam de livros como se suas críticas fossem sair no *Times*. Tão sérios, e nós brincávamos que suas conversas pareciam as que tínhamos nas aulas de literatura na faculdade. Alguém defendia um argumento, depois, outro discordava, e, então, saíam por alguma tangente. As discussões se estendiam por horas, e estaríamos mentindo se disséssemos que não nos pegávamos cochilando às vezes. Uma vez, Norma interrompeu os homens dizendo que acreditava que os temas que Bellows explora superam em muito a beleza das frases de Nabokov, e aquela foi a última reunião do livro na qual ela tomou notas.

Então, havia os balões, as sobrecapas falsas, as editoras, as revistas literárias, todos os outros livros que contrabandeamos para a URSS.

E teve *Jivago*.

Sob o codinome AEDINOSAUR, foi a missão que mudaria tudo.

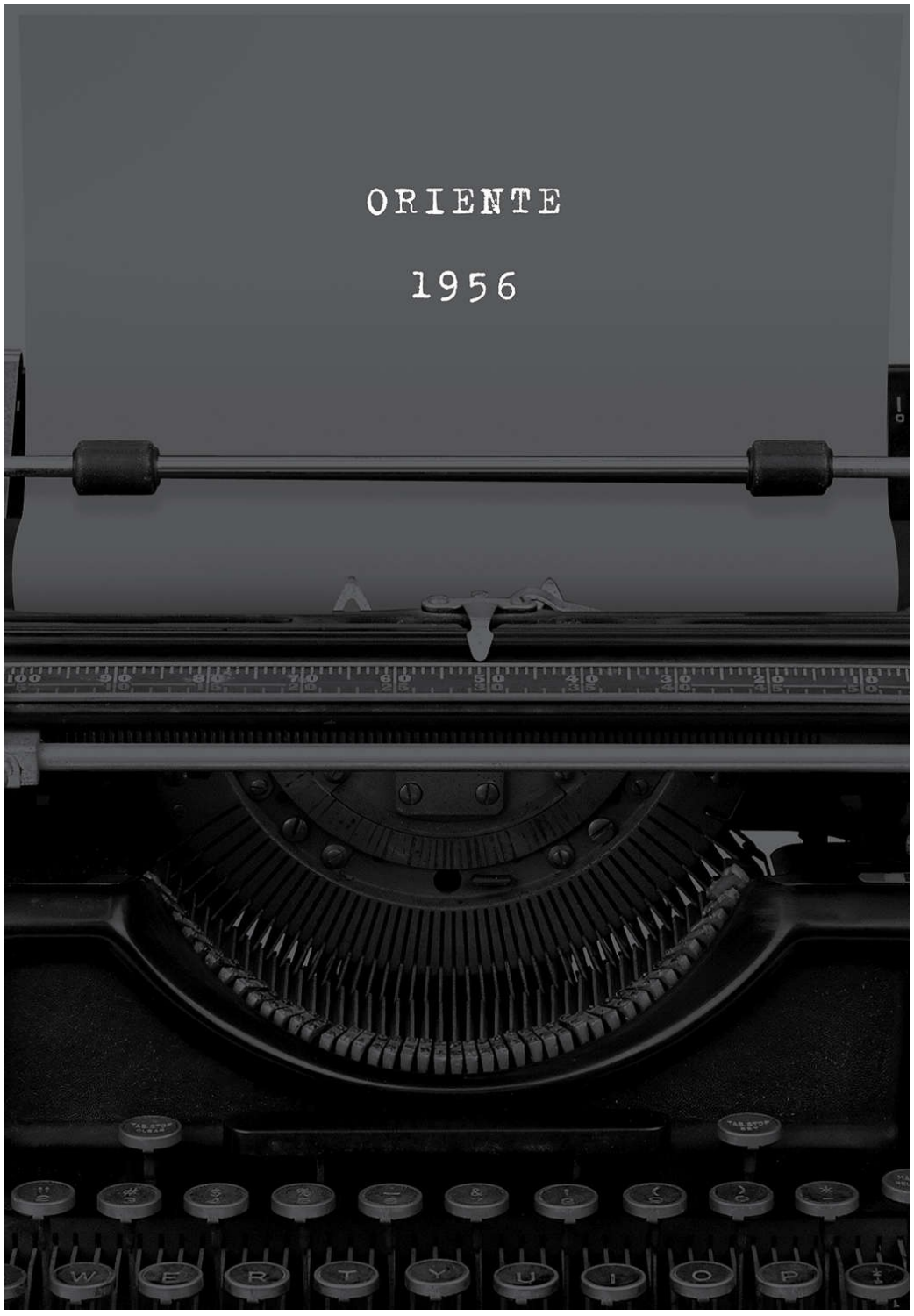
—

Doutor Jivago — um nome que, a princípio, algumas de nós tiveram problemas para soletrar — foi escrito pelo escritor vivo mais famoso dos soviéticos, Boris Pasternak, e proibido no Bloco do Leste em razão de suas críticas à Revolução de Outubro e da chamada natureza *subversiva.*

À primeira vista, não ficou evidente como um épico sobre o amor fadado à ruína entre Iúri Jivago e Lara Antipova poderia ser usado como arma, mas a Agência era sempre criativa.

O primeiro memorando interno descrevia *Jivago* como “a obra literária mais herética de um autor soviético desde a morte de Stálin”, dizendo que tinha “grande valor propagandista” pela “exposição passiva, penetrante, dos efeitos que o sistema soviético tem na vida de um cidadão inteligente e sensível”. Em outras palavras, era perfeito.

O memorando percorreu a DS mais rápido do que a notícia de um encontro romântico na sala de descanso durante as festas de Natal regadas a martíni e gerou pelo menos uma dúzia de outros memorandos, todos reforçando o primeiro: não se tratava apenas de um livro, mas de uma arma — e uma que a Agência queria obter e contrabandear pela Cortina de Ferro para ser detonada por seus próprios cidadãos.


ORIENTE
1956

CAPÍTULO 10

O AGENTE

Sergio D’Angelo acordou com o filho de três anos ao lado de sua cama balbuciando sobre um dragão chamado Stefano — uma criatura verde e amarela de papel machê que tinham visto em um teatro de fantoches em Roma.

— Giulietta! — Sergio chamou a esposa, esperando que ela tivesse pena dele e buscasse o filho para que o pai pudesse dormir mais uma hora.

Giulietta ignorou o chamado.

A boca de Sergio estava seca, e as têmporas latejavam em razão das muitas doses de vodca da noite anterior.

— Aos italianos! — gritara o colega Vladlen, levantando um copo para o grupo reunido na festa da Rádio Moscou.

Sergio riu e bebeu sem destacar que ele era apenas *um italiano*, não o plural *italianos*. Sergio comandou a invasão da pista de dança. Charmoso e vestido como se tivesse saído de um *set* de filmagem italiano, podia escolher a parceira que quisesse. E escolheu todas, até Vladlen bater em seu ombro para dizer que a música tinha acabado havia meia hora, e o dono do bar expulsava todo mundo. Uma mulher pequena com quem Sergio estava dançando sem nenhuma música convidou-os para ir ao seu apartamento e continuar a folia, mas Sergio recusou. Não só porque a esposa esperava por ele em casa, mas porque, embora o dia seguinte fosse domingo, ele precisava trabalhar.

Sergio traduzia boletins para a transmissão em italiano da Rádio Moscou, mas também tinha vindo para a URSS por outro motivo: queria ser agente literário. Seu empregador, Giangiacomo Feltrinelli — herdeiro de uma madeireira e fundador de uma nova editora —, queria encontrar o próximo clássico moderno e estava convencido de que ele viria da Pátria Mãe.

— Encontre o próximo *Lolita* — instruíra Feltrinelli.

Sergio ainda não tinha encontrado o próximo sucesso, mas um boletim que chegara à sua mesa na semana anterior indicava uma promessa: *A publicação de* Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, é iminente. Escrito na forma de diário, é um romance que cobre três quartos de século, culminando com a Segunda Guerra Mundial.* Sergio telegrafou a Feltrinelli e recebeu autorização para tentar garantir

os direitos internacionais. Sem conseguir falar com o autor por telefone, Sergio fez planos com Vladlen de visitar Pasternak em sua *datcha* em Peredelkino no domingo.

Naquela manhã, com o filho ainda em seus calcanhares, Sergio jogou água gelada no rosto na pia e desejou que tivesse pedido a Vladlen que fizessem a viagem no fim de semana seguinte. Entrando na cozinha, que tinha a metade do tamanho da sua na Itália, viu a esposa sentada à mesa bebendo uma xícara do café espresso instantâneo que trouxera de Roma. A filha de quatro anos, Francesca, estava sentada à frente de Giulietta e imitava a mãe, levando a própria xícara de plástico até a boca e colocando-a de volta sobre a mesa com gentileza.

— Bom dia, minhas queridas — cumprimentou Sergio, e beijou o rosto das duas.

— Mama está brava com você, Papa — comentou Francesca. — Muito brava.

— Bobagem. Por que ela estaria brava se não há motivo para isso? Sua mãe sabe que preciso trabalhar hoje. Vou fazer uma visita ao poeta mais famoso da União Soviética.

— Ela não disse por que está brava, só que está brava.

Giulietta levantou e colocou a xícara na pia.

— Não me importa quem você vai visitar. Desde que não fique fora a noite toda outra vez.

—

Sergio vestiu seu melhor terno — um Brioni areia feito sob medida, presente do empregador generoso. À porta, poliu os sapatos com uma escova de crina de cavalo. No decorrer do que parecera um inverno russo interminável, Sergio usara as mesmas botas pretas de borracha que todos os russos usavam. Agora que a primavera tinha chegado, Sergio sentia uma onda de alegria enquanto calçava os sapatos finos de couro. Batendo os calcanhares, se despediu da família e partiu.

Vladlen estava esperando Sergio na via número sete, segurando um saco de papel cheio de *piroshki* de cebola e ovo para a curta viagem. Os dois trocaram um aperto de mãos, e Vladlen estendeu o saco de papel. Sergio levou a mão à barriga.

— Não posso.

— Ressaca? — perguntou Vladlen. — Vai precisar praticar se quiser acompanhar os russos. — Ele abriu o saco e o chacoalhou. — Um remédio antigo. Pegue um. Você está prestes a conhecer a realeza russa; e precisa estar na sua melhor forma.

Sergio pegou um.

— Achei que os russos tinham matado todos os membros da realeza.

— Ainda não. — Vladlen riu e deixou cair da boca um pedaço de ovo cozido.

—

O trem parou na estação, e, enquanto as muitas vias viravam uma, Sergio se segurava ao topo da janela aberta, deixando que o ar quente beijasse seus dedos. A primavera parecia magnífica depois de ter ficado coberto dos pés à cabeça o inverno inteiro. Ele também estava animado para conhecer o campo, pois ainda não tinha se aventurado fora de Moscou.

— O que estão construindo lá? — perguntou ao companheiro.

Vladlen folheou o primeiro livro de poesia de Pasternak — *Um gêmeo nas nuvens* —, que trouxera com a esperança de que o autor o autografasse.

— Apartamentos — respondeu, sem nem levantar a cabeça.

— Mas você nem olhou.

— Fábricas, então.

A paisagem foi mudando de prédios recém-construídos para prédios em construção e, depois, para campos — pontilhados de árvores verdes e de um ou outro vilarejo destacado por uma igreja ortodoxa e casinhas de campo, cada uma com sua cerca e o próprio lote de terra. Sergio acenou para um garoto à beira dos trilhos com uma galinha embaixo do braço. O garoto não acenou de volta.

— Vai assim até onde?

— Até Leningrado.

—

Os dois homens desembarcaram em Peredelkino. Havia chovido durante a noite, e, assim que eles cruzaram os trilhos do trem, Sergio pisou na lama. Ele se amaldiçoou por estar usando os sapatos bons. Sentou-se em um banco e tentou tirar a sujeira com um lenço de renda, mas parou ao perceber que estava chamando a atenção de três homens à beira da estrada. Os homens tentavam prender uma mula velha a um Volga caindo aos pedaços. Sergio e Vladlen destoavam. O russo loiro, com calças enormes — com a bainha dobrada para fora — e um colete justo, parecia com qualquer outro homem da cidade. Era uma cabeça mais alto do que o italiano e tinha duas vezes a sua largura. E Sergio, com seu terno ajustado, era claramente estrangeiro.

Sergio largou o lenço inútil e perguntou a Vladlen se havia um café por perto onde pudesse limpar os sapatos de verdade. O colega apontou para uma construção de madeira que parecia um galpão do outro lado da rua, e os dois

entraram.

— Banheiro? — perguntou Sergio à mulher atrás do balcão.

Ela exibia a mesma expressão dos homens que estavam prendendo a mula ao carro.

— Lá fora — disse ela.

Sergio suspirou e pediu um copo de água e um guardanapo. A mulher saiu e então voltou com um pedaço de jornal e uma dose de vodca.

— Isso não vai…

— *Spasibo* — interrompeu-o Vladlen, e bebeu a dose, batendo a palma da mão no balcão para pedir mais uma.

— Temos um trabalho importante a fazer — reclamou Sergio.

— Não temos hora marcada. O poeta com certeza pode esperar.

Sergio obrigou o amigo a levantar do banco e sair pela porta.

Do lado de fora, o trio de homens conseguira prender a mula ao carro. Uma criança estava agora atrás do volante e virava-o enquanto os homens empurravam. Eles pararam e ficaram olhando enquanto Sergio e Vladlen atravessavam a rua e seguiam pelo caminho que corria ao lado da estrada principal.

Passando pela residência de verão do Patriarca — uma construção vermelha e branca grandiosa atrás de um muro também grandioso —, Sergio desejou ter trazido a câmera. Eles cruzaram um pequeno riacho, cheio por causa da neve derretida e da chuva, e subiram a pequena colina e desceram a estrada de cascalho ladeada de bétulas e pinheiros.

— Um lugar digno de um poeta! — observou Sergio.

— Stálin deu essas *datchas* a um grupo seleto de escritores — respondeu Vladlen. — Para que possam *conversar melhor com a musa*. Por isso e por que assim é mais fácil ficar de olho neles.

A *datcha* de Pasternak ficava à esquerda, e parecia a Sergio um cruzamento entre um chalé suíço e um celeiro.

— Lá está ele — comentou Vladlen.

Vestido como um camponês, Pasternak era alto e tinha a cabeça cheia de cabelos brancos, que caíam em seu rosto quando ele se curvava sobre o jardim com uma pá. Quando Sergio e Vladlen se aproximaram, Pasternak levantou a cabeça e protegeu os olhos do sol para ver quem tinha vindo fazer-lhe uma visita.

— *Buon giorno*! — gritou Sergio, com o entusiasmo entregando seu nervosismo.

Pasternak pareceu confuso, então deu um sorriso largo.

— Entrem! — respondeu o escritor.

Quando se aproximaram do famoso poeta, Sergio e Vladlen ficaram impressionados com a aparência jovem e atraente de Pasternak. Um homem bonito sempre avalia outro homem bonito, mas em vez de sentir inveja, Sergio, cuja beleza fora superada, olhou para o escritor com admiração.

Pasternak apoiou a pá em uma macieira recém-cortada e se aproximou dos homens.

— Eu tinha esquecido que vocês vinham — disse e riu. — E, por favor, me perdoem, mas também esqueci quem vocês são. E por que vieram.

— Sergio D'Angelo. — Ele estendeu a mão e apertou a de Pasternak. — E este é Anton Vladlen, meu colega na Rádio Moscou.

Vladlen, cujos olhos estavam concentrados na terra a seus pés em vez de em seu herói poeta, só conseguiu soltar um grunhido.

— Que nome bonito — disse Pasternak. — D'Angelo. Que som agradável. O que significa?

— Do anjo. Na verdade, é bastante comum na Itália.

— Meu sobrenome significa pastinaca, o que suponho que seja apropriado dado o meu amor por trabalhar na terra. — Pasternak conduziu os homens a um banco em formato de L à beira do jardim. Eles se sentaram, e Pasternak enxugou a testa com um lenço manchado de suor. — Rádio Moscou? Você veio me entrevistar, então? Infelizmente, não tenho muito a contribuir para a discussão pública no momento.

— Não vim em nome da Rádio Moscou. Vim para falar de seu romance.

— Outro tópico sobre o qual não tenho muito a dizer.

— Eu represento os interesses do editor italiano Giangiacomo Feltrinelli.Talvez tenha ouvido falar nele?

— Não.

— A família Feltrinelli é uma das mais ricas da Itália. A nova editora de Giangiacomo publicou recentemente a biografia do primeiro-ministro indiano, Jawaharlal Nehru. Talvez tenha ouvido falar da obra?

— Já ouvi falar de Nehru, é claro, mas não de seu livro.

— Fiquei encarregado de levar a Feltrinelli a melhor nova obra de trás da Cortina de Ferro.

— Você é novo em nosso país?

— Estou aqui há menos de um ano.

— Eles não gostam desse termo. — Pasternak olhou para as árvores como se falasse com alguém que estivesse observando. — Cortina de Ferro.

— Me perdoe — disse Sergio. E mudou de posição. — Estou em busca da melhor nova obra da Pátria Mãe. Feltrinelli está interessado em levar *Doutor Jivago* para o público italiano e, depois, talvez para outros.

Boris afastou um mosquito do braço, com cuidado para não matá-lo.

— Já estive na Itália. Eu tinha vinte e dois anos e estudava música na Universidade de Marburgo. Durante o verão, viajei por Florença e Veneza, mas não cheguei a Roma. Fiquei sem dinheiro. Queria ir a Milão e visitar o La Scala. Sonhava com isso, e ainda sonho. Mas era estudante, pobre como um mendigo.

— Estive no La Scala muitas vezes — comentou Sergio. — Você precisa ir um dia. Feltrinelli pode conseguir o melhor lugar do teatro.

Boris riu, olhando para baixo.

— Adoraria viajar, mas aqueles dias ficaram no passado. Mesmo que eu quisesse, eles dificultam demais para a gente. — Ele fez uma pausa. — Eu queria ser compositor na época, quando era jovem. Tinha algum talento, mas não tanto quanto gostaria. Não é sempre assim com essas coisas? Nossa paixão quase sempre ultrapassa nosso talento.

— Sou apaixonado por literatura — comentou Sergio, tentando fazer a conversa voltar ao *Doutor Jivago*. — E ouvi dizer que seu romance é uma obra-prima.

— Quem lhe disse isso?

Sergio cruzou as pernas, e o banco balançou.

— Todos estão comentando. Não é, Vladlen?

— Todos estão comentando — confirmou Vladlen, em suas primeiras palavras a Pasternak.

— Não ouvi resposta alguma das editoras. Nunca tive que esperar nem um dia para receber retorno sobre minhas obras.

Pasternak levantou do banco e caminhou até o centro do jardim, entre o solo recém-arado à esquerda e o solo recém-semeado à direita.

— Acho que o silêncio deles é claro — disse ele, de costas para os homens ainda sentados no banco. — Meu romance não será publicado. Não está de acordo com as *diretrizes culturais*.

Sergio e Vladlen levantaram e o seguiram.

— Mas a publicação já foi anunciada — disse Vladlen. — O próprio Sergio traduziu o boletim para a Rádio Moscou.

Pasternak virou de novo para eles.

— Não sei o que vocês ouviram, mas a publicação do romance é impossível, infelizmente.

— Você recebeu uma recusa oficial? — perguntou Vladlen.

— Não. Ainda não. Mas já nem penso mais na possibilidade. É melhor assim, sabe. Do contrário, eu enlouqueceria.

Ele riu de novo, e Sergio se perguntou se isso já não teria acontecido.

Sergio não antecipara que *Doutor Jivago* poderia ser proibido na URSS.

— Isso é impossível — afirmou ele. — Eles certamente não reprimiriam uma obra tão importante. E esse *degelo* de que ouvi falar?

— Khruschóv e os outros podem fazer seus discursos e suas promessas, mas o único degelo com o qual estou preocupado diz respeito ao plantio da primavera — respondeu Pasternak.

— E se você me desse o manuscrito? — perguntou Sergio.

— Com que objetivo? Se eles não permitirem que seja publicado aqui, não poderá ser publicado em lugar nenhum.

— Feltrinelli poderia dar início à tradução italiana, para que, quando for publicado na URSS…

— Não vai ser.

— Eu acredito que vai — prosseguiu Sergio —, e, quando isso acontecer, Feltrinelli estará pronto para mandar a obra para a gráfica. Ele é um membro importante do Partido Comunista Italiano, e certamente não haverá motivo para atrasar a publicação internacional com ele à frente do processo — garantiu Sergio. Ele era um otimista inveterado, acreditava que nada era impossível. — *Jivago* estará na vitrine de todas as livrarias, de Milão a Florença a Nápoles, e depois além. O mundo inteiro precisa ler o seu romance. O mundo inteiro *vai* ler o seu romance!

Não importava que Sergio nunca tivesse lido *Doutor Jivago* e não poderia falar sobre seu mérito literário, e ele estava ciente de que estava fazendo promessas que não sabia se poderia cumprir, mas continuou, pois a adulação parecia ter um efeito positivo no escritor.

— Um momento — disse Pasternak.

Ele foi até a *datcha* e tirou as botas de borracha antes de entrar. Os dois homens permaneceram em pé no jardim.

— O que você acha? — perguntou Vladlen.

— Não sei. Mas eu acho mesmo que o romance vai ser publicado.

— Você não é russo. Não entende como as coisas funcionam aqui. Não sei o que ele escreveu, mas, se for contrário às normas culturais, nenhum *degelo* vai permitir que seja publicado. Se o Estado proibi-lo aqui, será ilegal que Pasternak o publique… em qualquer lugar. Nem agora, nem nunca.

— Ele ainda não foi rejeitado.

— Já faz meses, e ele não teve resposta. Eles não precisam dizer para que a mensagem fique clara.

— Isso é verdade, mas eu também sei que a história não permanece estagnada.

Houve movimentação na janela frontal do térreo. Uma mulher mais velha olhou para eles através das cortinas entreabertas, e, então, desapareceu.

— A esposa? — perguntou Sergio.

— Deve ser, embora digam que ele tem uma amante bem mais jovem que não faz questão de esconder. Uma amante de conhecimento público que vive pertinho daqui. Dizem que ela está sempre em seus braços. Por toda Moscou. E a esposa não coloca um fim na história.

A porta da *datcha* se abriu, e Pasternak saiu segurando um pacote grande de papel pardo. Ele atravessou o jardim descalço e, então, parou por um instante diante dos visitantes antes de falar.

— Eis *Doutor Jivago*.

Ele estendeu o pacote, e Sergio fez menção de pegá-lo, mas Boris não o soltou. Os dois homens ficaram segurando o pacote por um tempo antes que Pasternak baixasse as mãos.

— Que ele possa viajar o mundo — declarou o escritor.

Sergio virou o pacote nas mãos, sentindo seu peso.

— Seu romance está em boas mãos com Signore Feltrinelli. Você vai ver. Eu o entregarei para ele pessoalmente em mãos dentro de uma semana.

Pasternak assentiu com a cabeça, mas não pareceu convencido. Os três homens se despediram. Enquanto Sergio e Vladlen desciam pela estrada em direção à estação, Pasternak gritou:

— Vocês estão convidados para minha execução!

— Poetas! — Sergio riu.

Vladlen não disse nada.

X X X

No dia seguinte, *Doutor Jivago* estava a caminho de Berlim Ocidental — onde Sergio entregaria o manuscrito para Feltrinelli pessoalmente, que o levaria pelo restante do caminho até Milão.

Depois de um trem, um avião, outro trem, três quilômetros de caminhada e um suborno, Sergio chegou em segurança ao hotel na Joachimstahler Strasse. A Kurfürstendamm era clara e chamativa, e exalava capitalismo — tudo o que Moscou não era. Homens e mulheres bem-vestidos caminhavam de braços dados, saindo para jantar ou dançar, ou para um dos muitos *kabarett* reabertos pela cidade. Fuscas e motocicletas deslizavam pelas avenidas largas dirigidos por adolescentes curvadas. Letreiros de neon brilhavam um atrás do outro: NESCAFÉ em amarelo, BOSCH em vermelho, HOTEL AM ZOO em branco, SAPATOS SALAMANDER em azul. Mesas enchiam as calçadas dos vários cafés e restaurantes espalhados pela rua. O som de um piano saía de um bar onde uma mulher negra impressionante, que lembrava uma Josephine Baker mais curvilínea, convidava os transeuntes a entrar.

No quarto, ele abriu a mala e tirou a camisa Oxford feita sob medida e o pijama de seda com estampa de caxemira que cobriam o manuscrito, ainda embrulhado em papel pardo. Evitara que sua mala fosse revistada ao cruzar da Berlim Oriental para a Ocidental duas vezes conversando amigavelmente com soldados dos dois lados e tendo o tipo de rosto em que algumas pessoas confiavam, e o tipo de bolso que fazia com que os desconfiados voltassem a confiar. Ele beijou o manuscrito, guardou-o na última gaveta da cômoda, e cobriu-o com o pijama.

Sergio tomou um banho demorado. A água quente durou apenas quatro minutos, três a mais do que durava em Moscou. Depois, ele deixou que o corpo secasse enquanto fazia a barba no espelho do banheiro, feliz por ter trazido a própria navalha.

Embora estivesse com vontade de comer *orecchiette alla crudaiola* com qualquer vinho feito de uvas italianas, se contentou com uma *pilsen* e um *schnitzel* no bar do hotel. Sabia que, ao chegar no dia seguinte, Feltrinelli saberia exatamente aonde ir para celebrar a obtenção do romance de Pasternak: garantiria as melhores mesas nos melhores restaurantes e o melhor Chianti logo depois de descer do avião.

—

Depois de um café da manhã com salsichas de fígado, um ovo cozido, queijo com ervas e um pãozinho com geleia, Sergio falou mais uma vez com o homem que estava na recepção para garantir que a suíte presidencial de Feltrinelli estaria pronta para o chefe.

— Conseguiu o conhaque?

— *Ja.*

— Os cigarros?

— Conseguimos uma carteira de cigarros Alfa para o sr. Feltrinelli.

— Os lençóis… estão soltos nas pontas, como ele prefere?

— Acho que sim.

— Pode conferir com a camareira?

— *Ja.* Podemos fazer mais alguma coisa pelo senhor?

— Táxi?

— É claro.

No Aeroporto de Tempelhof, Sergio observou o avião de Feltrinelli aterrissar e parar. Uma escada móvel foi levada até a porta. Ele saiu com um jornal enfiado embaixo do braço e parou no topo da escada para avaliar a Pátria. O paletó bege se abriu, e a gravata voou para trás de seu ombro com uma rajada de vento.

Vendo o agente que o esperava lá embaixo, desceu.

O editor cumprimentou Sergio calorosamente, beijando-o nas duas bochechas e em seguida apertando sua mão. Sergio havia encontrado Giangiacomo Feltrinelli apenas algumas vezes, mas sempre ficava impressionado com seu magnetismo. Esguio e com os cabelos escuros penteados para trás revelando um bico de viúva alto, Feltrinelli era o tipo de homem que atraía tanto mulheres quanto homens. Nem os óculos de armação grossa preta conseguiam esconder a vitalidade em seus olhos. Talvez fosse a riqueza enorme o que lhe rendia tanta atenção. Ou talvez fosse a autoconfiança que vinha com a riqueza. Ou poderia ser a coleção de carros rápidos e ternos feitos sob medida, ou as belas mulheres que arrebanhava à sua volta. O que quer que fosse, Feltrinelli tinha de sobra.

Sergio pegou a mala de couro de bezerro de Feltrinelli, que enlaçou o braço no seu como se fossem amigos de escola. Sergio sugeriu que fossem a um restaurante almoçar, mas Feltrinelli fez que não com a cabeça.

— Quero vê-lo imediatamente.

X X X

Feltrinelli andava de um lado para o outro no carpete laranja do hotel enquanto Sergio pegava o manuscrito. Ele entregou *Doutor Jivago* ao chefe, que o segurou nas mãos como se pudesse sentir a importância pelo peso. Ele folheou o romance e, então, segurou-o junto ao peito.

— Eu nunca quis tanto saber ler russo quanto agora.

— Com certeza será um sucesso.

— Acredito que sim. Providenciei tudo para que o melhor tradutor dê uma olhada assim que eu chegar a Milão. Ele prometeu me dar sua opinião sincera.

— Tem algo que eu não lhe disse.

Feltrinelli esperou que ele continuasse.

— Pasternak acredita que os soviéticos não permitirão sua publicação. Eu não podia dizer isso no telegrama, mas ele acha que não está de acordo com… como ele disse?… as *diretrizes*.

Feltrinelli não deu importância.

— Ouvi a mesma coisa, mas não vamos pensar nisso agora. Além disso, quando os soviéticos descobrirem que o romance está comigo, pode ser que mudem de ideia.

— Tem mais. Ele mencionou que estava assinando sua pena de morte ao entregar o romance. Mas estava brincando, certo?

Feltrinelli colocou o livro embaixo do braço sem responder.

— Só vou ficar aqui dois dias. Precisamos comemorar.

— É claro! O que gostaria de fazer primeiro?

— Quero beber uma boa cerveja alemã e quero dançar, e quero encontrar algumas garotas. E gostaria de comprar um binóculo de uma loja na Kurfürstendamm que ouvi dizer que faz os melhores do mundo. — Ele tirou os óculos e apontou para o próprio nariz. — Eles medem da ponte do nariz até o canto externo dos olhos para criar o caimento exato. Vai ser perfeito para o meu iate. Eu preciso de um.

— É claro, é claro — disse Sergio. — Suponho que meu trabalho aqui acabou, então.

— Isso, meu amigo. E o meu está só começando.

CAPÍTULO 11

~~A musa~~
~~A mulher reabilitada~~
A EMISSÁRIA

Meu trem chegou à estação depois de quatro dias infrutíferos em Moscou, depois de mais tentativas infrutíferas de persuadir editores a publicar *Jivago*. Vi Boria sentado sozinho em um banco. Era fim de maio, e o sol começara a mergulhar abaixo da linha das árvores. Na luz dourada, o cabelo branco parecia loiro, e os olhos pareciam brilhar mesmo através da janela suja do trem. Senti uma dor no peito. De longe, ele parecia um jovem, mais jovem ainda do que eu. Estávamos juntos havia quase uma década, e aquela dor delicada ainda estava lá. Ele levantou quando as portas do trem se abriram.

— Algo muito incomum aconteceu nessa semana — disse ele, pegando minha mala e pendurando-a no ombro. — Tive dois visitantes inesperados.

— Quem?

Boria apontou para o caminho que corria ao lado dos trilhos, por onde andávamos quando tínhamos algo importante para conversar. Ele pegou minha mão e me ajudou a atravessar. Um trem passou, indo na direção oposta, e farfalhou a barra da minha saia com uma corrente de ar. Percebi pelo seu andar, um pouco mais rápido do que o normal, que ele estava ao mesmo tempo animado e ansioso.

— Quem visitou você? — perguntei de novo.

— Um italiano e um russo — respondeu, a fala acompanhando o passo. — O italiano era jovem e charmoso. Alto, cabelo preto, muito bonito. Você teria gostado muito dele, Olia. Ele tinha um nome maravilhoso! *Sergio D'Angelo*. Disse que é um sobrenome bastante comum na Itália, mas eu nunca tinha ouvido. É bonito, não é? *D'Angelo*. Significa *do anjo*.

— Por que eles vieram?

— Você ficaria encantada com ele… o italiano. O outro, o russo, não lembro seu nome… não falou muito.

Segurei seu braço, obrigando-o a desacelerar e a continuar com o que tinha para dizer.

— Tivemos uma conversa maravilhosa. Contei sobre o tempo em que passei estudando em Marburgo quando era jovem. Sobre o quanto gostei de viajar para Florença e Veneza. Expliquei que gostaria de ter ido a Roma também, mas…

— Por que o italiano veio?

— Ele queria o *Doutor Jivago*.

— O que ele queria com o livro?

Como uma confissão, Boria me contou a história… sobre D'Angelo e o russo e um editor chamado Feltrinelli.

— E o que você disse a ele?

Paramos de falar quando uma jovem que puxava uma carroça cheia de latas de gasolina passou por nós; depois, ele prosseguiu.

— Eu disse a ele que o romance jamais seria publicado aqui. Que não está de acordo com nossas diretrizes culturais. Mas ele pressionou, insistindo que acha que o livro ainda vai ser publicado.

— Como ele pode achar isso se nunca leu o livro?

— Foi por isso que dei o livro a ele. Para ter uma avaliação sincera.

— Você deu o manuscrito a ele?

— Dei.

O comportamento de Boria mudou, e ele voltou a aparentar a idade que tinha. Ele sabia que tinha feito algo que não era só irreversível, mas perigoso.

— O que você fez? — Tentei manter a voz baixa, mas ela saía como o vapor escapando de uma chaleira. — Você conhece essa pessoa? Esse estrangeiro? Você tem ideia do que eles vão fazer quando interceptá-lo? Ou talvez já estejam com o livro. Você pensou nisso? E se esse *D'Angelo* nem for italiano de verdade?

Ele parecia uma criança que tinha acabado de apanhar.

— Você está exagerando a situação. — Ele passou a mão pela cabeça. — Vai ficar tudo bem. Feltrinelli é comunista.

— Bem?

Meus olhos se encheram de lágrimas. O que Boria tinha feito era semelhante à traição. Se o Ocidente publicasse o romance sem a permissão da URSS, eles viriam atrás dele… de mim. E uma breve estadia em um campo de trabalhos forçados não seria punição suficiente desta vez. Eu precisava sentar, mas não havia onde, exceto na lama. Como ele podia ser tão egoísta? Será que pensou em mim uma vez sequer? Virei e começar a voltar pelo caminho.

— Pare — pediu Boria, vindo atrás de mim. Uma sombra caiu sobre seus olhos brilhantes. Ele sabia exatamente o que tinha feito. — Eu escrevi o livro para ser lido, Olga. Esta pode ser a única chance dele. Estou pronto para aceitar as consequências, quaisquer que sejam. Não tenho medo do que podem fazer

comigo.

— Mas e eu? Você pode não ligar para o que pode acontecer com você, mas e eu? Eu já fui levada uma vez… não posso… eles não podem me levar de novo.

— Eles não vão fazer isso. Eu jamais vou permitir.

Ele colocou os braços em volta dos meus ombros, e eu me recostei em seu peito. Era como se eu pudesse sentir uma nova separação entre nossos batimentos cardíacos.

— Eu não assinei nada ainda.

— Você deu a eles permissão para publicar. Nós dois sabemos disso. Isso *se* eles forem quem dizem ser. Nada de bom pode acontecer. Não posso voltar para lá — falei, enxugando os olhos. — Não vou voltar.

— Eu prefiro queimar *Jivago* a permitir que isso aconteça. Prefiro morrer.

Suas palavras eram como colocar a mão sob a água gelada depois de queimá-la no fogão — a dor pode aliviar enquanto a água corre, mas assim que desligamos a torneira, a mão volta a latejar. E, naquele momento, pela primeira vez, perdi a fé nele.

— Este livro nos fará descer por uma espiral sem volta.

— Vamos ver. Eu sempre posso dizer que cometi um erro — argumentou ele. — Posso pedir que devolvam.

— Não — retruquei. — *Eu* vou pedir que devolvam.

—

Viajei para Moscou e, como tinha arrancado o endereço de Boria, bati à porta de D'Angelo, sem avisar. Uma mulher elegante com cabelos castanho-escuros e olhos surpreendentemente azuis atendeu. A mulher se apresentou em um russo capenga como esposa de D'Angelo, Giulietta.

D'Angelo veio à porta e beijou minha mão estendida.

— Que maravilhoso conhecê-la, Olga — disse, com um sorriso largo. — Ouvi boatos sobre sua beleza, mas você é ainda mais bela do que dizem.

Em vez de agradecer, fui direto ao assunto.

— Veja — finalizei —, ele não entendia direito o que estava fazendo. Precisamos pegar o manuscrito de volta.

— Vamos sentar — disse ele, pegando minha mão e me levando de volta para a sala de estar. — Você gostaria de beber alguma coisa?

— Não. Quer dizer, não, obrigada.

Ele se virou para a esposa.

— Querida, você pode me trazer um espresso? E um para a nossa convidada?

Giulietta beijou o marido no rosto e foi para a cozinha.

D’Angelo esfregou as mãos nas coxas.

— Infelizmente, é tarde demais.

— Tarde demais para quê?

— O livro. — Ele ainda sorria, como os ocidentais fazem, por educação, não felicidade. — Já o entreguei a Feltrinelli. E ele amou. Já decidiu publicá-lo.

Incrédula, olhei para ele.

— Mas faz somente alguns dias que Boria deu o livro a você.

Ele riu alto demais para o meu gosto.

— Peguei o primeiro avião para Berlim Oriental. Bem, dois trens, um avião, depois tantos quilômetros de caminhada que tive que comprar um par de sapatos novos quando cheguei à Berlim Ocidental. Signor Feltrinelli veio me encontrar pessoalmente. Nos divertimos muito lá…

— Você precisa pegar o manuscrito de volta.

— Infelizmente isso é impossível. A tradução já começou. Feltrinelli mesmo disse que seria um crime não publicar esse romance.

— Um *crime*? O que você sabe sobre crimes? O que você sabe sobre castigo? O crime é Boris publicar o livro fora da URSS. Você precisa entender o que fez.

— O sr. Pasternak me deu permissão. Eu não estava ciente do perigo. — Ele levantou e pegou a pasta que estava na entrada. Dentro havia um diário de couro preto. — Veja, eu escrevi no dia em que o visitei em Peredelkino. Achei suas palavras muito eloquentes.

Olhei para a página aberta. Nela, D’Angelo escrevera: “Eis o *Doutor Jivago*. Que ele possa viajar o mundo.”

— Viu só? Permissão. Além disso — ele fez uma pausa, e percebi que o italiano sentia sim alguma culpa —, mesmo que eu quisesse trazê-lo de volta, não está mais nas minhas mãos.

—

Não estava nas minhas também. Boria *tinha* dado sua permissão e mentido para mim a respeito. *Jivago* saíra do país, e o processo estava em andamento. Tudo o que eu podia fazer era tentar avançar com o plano de conseguir que o livro fosse publicado na URSS antes que Feltrinelli o publicasse no exterior. Era o único jeito de salvar Boria, de me salvar.

Ele assinou o contrato com Feltrinelli um mês depois. Eu não estava lá quando assinou seu nome. Nem a esposa de Boria, que, pela primeira vez na vida, concordava plenamente comigo: a publicação do romance só traria dor.

Ele me disse que achou que uma editora soviética publicaria o livro com a pressão de fora. Não acreditei nele.

— Você não assinou um contrato — declarei. — Assinou uma sentença de morte.

—

Fiz o melhor que pude. Implorei a Sergio D'Angelo que pressionasse Feltrinelli a devolver o manuscrito. E me reuni com todos os editores que aceitaram um encontro para perguntar se publicariam *Jivago* antes que Feltrinelli pudesse fazê-lo.

A notícia de que os italianos tinham o romance se espalhou, e o Departamento de Cultura do Comitê Central exigiu que Feltrinelli o devolvesse. De repente, me vi na posição inédita de ter de concordar com o Estado. Se *Jivago* fosse publicado, *deveria* ser primeiro em casa. Mas Feltrinelli ignorou os pedidos, e tive medo do que poderia acontecer em seguida. Então, me encontrei com o chefe do Departamento, Dmitri Alexeievitch Polikarpov, para ver se conseguia abrandar sua posição.

Polikarpov era um homem atraente que eu já tinha visto muitas vezes em eventos na cidade, mas com quem nunca tinha falado. Usava ternos de corte ocidental, com calças de pregas que roçavam as laterais de seus mocassins pretos reluzentes. Ele era conhecido como fiscal na comunidade literária de Moscou, e minha respiração acelerou quando a secretária de Polikarpov me conduziu até seu escritório. Mas, antes mesmo de me sentar, respirei fundo e iniciei o apelo que ensaiara no trem.

— A única coisa a fazer é publicar o romance antes que os italianos o façam — argumentei. — Podemos editar partes consideradas antissoviéticas antes do lançamento.

É claro que Boria não estava ciente da minha negociação. Eu sabia melhor do que qualquer pessoa que ele ia preferir não publicar o romance em vez de retalhá-lo.

Polikarpov levou a mão ao bolso do paletó e tirou uma latinha de metal.

— Impossível. — Tirou da latinha duas pílulas brancas e engoliu-as em seco. — *Doutor Jivago* deve ser devolvido custe o que custar. Não pode ser publicado como está… nem na Itália, nem em lugar algum. Se publicarmos uma versão e os italianos, outra, o mundo perguntará por que publicamos sem determinadas partes. Será uma vergonha para o Estado e para a literatura russa como um todo. Seu *amigo* me colocou em uma posição perigosa. — Ele colocou a latinha de volta no bolso. — E a você também.

— Mas o que podemos fazer?

— Você pode pedir a Boris Leonidovitch que assine o telegrama que vou lhe

entregar.

— O que o telegrama diz?

— Que o manuscrito que Feltrinelli possui é apenas um rascunho, que uma nova versão está em produção e que o manuscrito original deve ser devolvido imediatamente. O telegrama deve ser assinado em dois dias, ou ele será preso.

Essa era a ameaça declarada. A ameaça não declarada era que minha prisão viria em seguida. Mas eu sabia que Feltrinelli não desistiria da publicação mesmo que recebesse tal telegrama. Boria tinha combinado de se comunicar com os italianos apenas em francês e instruído o editor a desconsiderar qualquer coisa em russo enviada em seu nome. Além disso, eu sabia que causaria muita vergonha a Boria assinar tal documento.

— Vou tentar — falei.

—

E tentei. Pedi a ele. Pedi a ele que enviasse o telegrama a Feltrinelli pedindo que devolvesse o manuscrito, como Polikarpov instruíra. Pedi ao homem que amava que impedisse a publicação da obra de sua vida. E, quando o fiz — durante o jantar na Casinha —, ele apenas se recostou na cadeira. Levou a mão até a nuca como se estivesse sofrendo um espasmo muscular e ficou em silêncio por um bom tempo. Então, falou:

— Anos atrás, recebi um telefonema.

Soltei o garfo. Eu sabia aonde ele queria chegar.

— Foi logo depois de Óssip ser preso por seu poema contra Stálin — prosseguiu ele. — Ele não tinha nem escrito o poema, apenas guardado na memória. Mas até isso acabou se revelando um erro grave. Até as palavras na cabeça de alguém poderiam ser uma ofensa passível de prisão naqueles tempos sombrios. Você era apenas uma criança, jovem demais para lembrar.

Eu me servi de mais vinho.

— Eu sei quantos anos tenho.

— Certa noite, ele recitou o poema para nós em uma esquina, e eu disse a ele que aquilo era quase um suicídio. Pouco tempo depois, recebi o telefonema. Você sabe quem era?

— Já ouvi falar.

— É claro que já. Mas nunca pela minha boca.

Fiz menção de servir mais vinho em sua taça, mas ele fez sinal de que não queria.

— Stálin começou a falar sem se identificar, a voz imediatamente reconhecível. Ele perguntou se Óssip era meu amigo e, se era, por que eu não

tinha requisitado sua soltura. Eu não tinha resposta, Olia. Mas, em vez de defender a soltura de Óssip, eu dei desculpas. Eu disse ao chefe do Comitê Central que, mesmo que eu tivesse feito um requerimento em nome de Óssip, isso nunca chegaria a seus ouvidos. Stálin então perguntou se eu achava que Óssip era um mestre, e eu disse que isso era irrelevante. Você sabe o que eu fiz em seguida?

— O que, Boris? Me diga o que você fez. — Bebi o restante do meu vinho.

— Mudei de assunto. Eu disse a Stálin que, havia algum tempo, queria ter uma conversa séria com ele sobre a vida e a morte. E você sabe como ele respondeu?

— Como?

— Ele desligou.

Empurrei uma ervilha pelo prato com a faca.

— Mas o que isso tem a ver com agora? Isso aconteceu há anos. Stálin está morto.

— Por muito tempo, me arrependi do que fiz. Ou, melhor, do que não fiz. Eu tive a chance de defender meu amigo, de salvá-lo, e não aproveitei. Fui um covarde.

— Ninguém culpa você por…

Boria socou a mesa, fazendo os pratos e os talheres chacoalharem.

— Não serei um covarde de novo.

— Não é a mesma…

— Eles já pediram que eu assinasse cartas antes.

— Agora é diferente. Feltrinelli já sabe que deve ignorar qualquer coisa que você mande que não esteja em francês. Você se preparou para isso. Não vai ser uma mentira. É apenas uma medida de proteção.

— Não preciso de proteção.

Minha raiva aumentou.

— E eu, então, Boris? Quem vai me proteger? — Fiz uma pausa antes de soltar tudo. — Eles já me mandaram para o *gulag* antes. Por sua causa.

Eu nunca tinha imputado a responsabilidade pela minha prisão a ele diretamente, e ele pareceu espantado. Repeti:

— Eles me mandaram para aquele lugar por sua causa. Você quer ser o responsável por me mandar para lá de novo?

Boris ficou quieto de novo.

— E então? Quer?

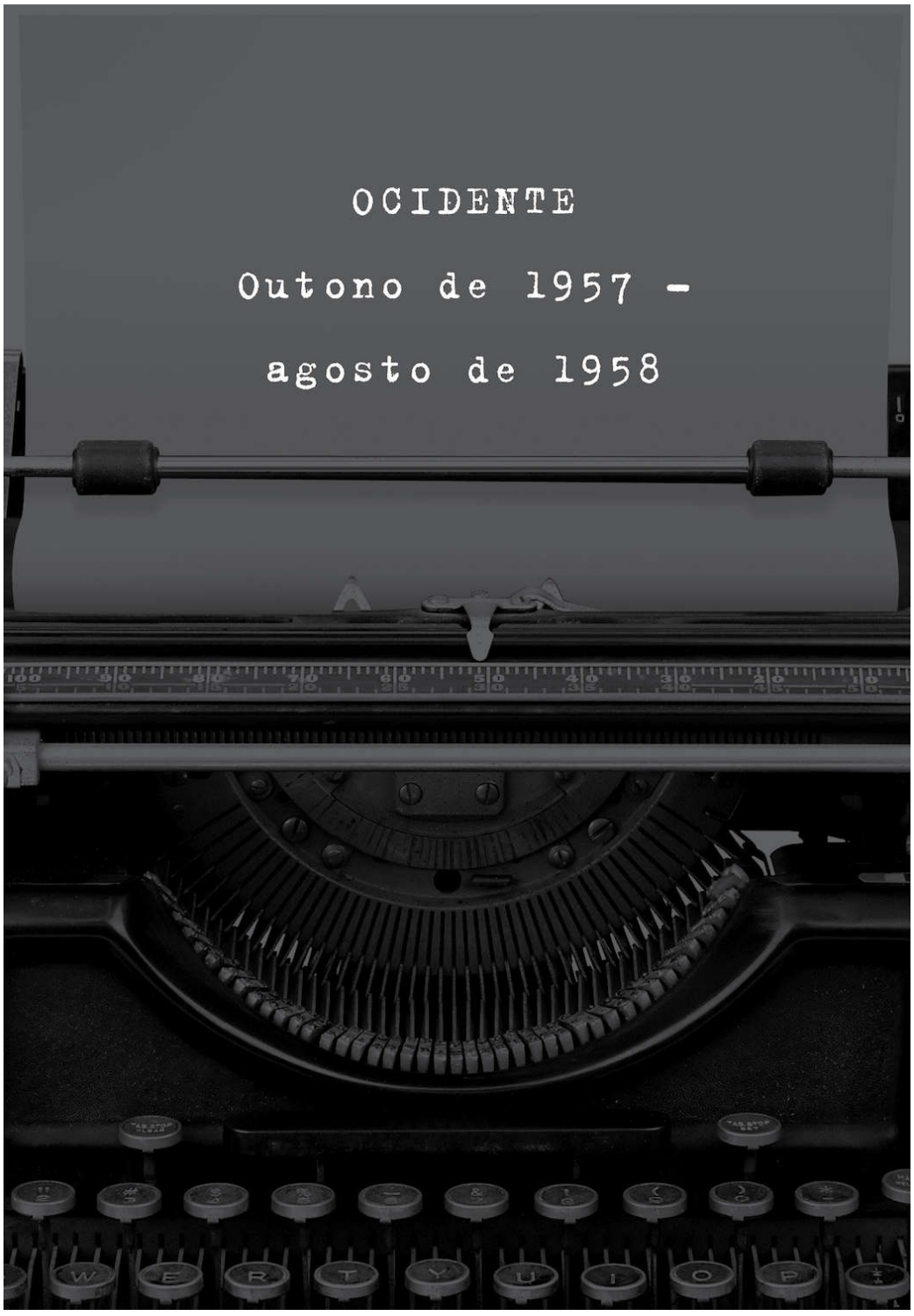
— Você deve pensar muito mal de mim — respondeu ele finalmente. — Onde está?

Fui até o meu quarto e voltei com o telegrama de Polikarpov. Ele o pegou da

minha mão e, sem ler, assinou. Enviei o telegrama a Milão logo pela manhã, e outro a Polikarpov informando-lhe de que estava feito.

Boria e eu nunca mais falamos do telegrama depois disso, e, no fim, não adiantou nada. Feltrinelli o ignorou, como sabíamos que faria, e a data de publicação na Itália foi definida para o início de novembro.

Eu fiz o melhor que pude, mas meu melhor não foi suficiente. *Doutor Jivago* era um trem em alta velocidade que ninguém podia parar.


OCIDENTE
Outono de 1957 -
agosto de 1958

CAPÍTULO 12

~~A candidata~~
A MENSAGEIRA

Sally Forrester chegou em uma segunda-feira. Eu tinha ido ao Ralph's com as datilógrafas, após Norma implorar. Eu sabia que ela só estava interessada em obter informações sobre meu relacionamento com Teddy, mas aceitei quando ela se ofereceu para me comprar um hambúrguer e um *milk-shake* de chocolate, sabendo que a alternativa era sanduíche de atum que eu trouxera.

A mesa de sempre das datilógrafas era um pouco apertada, então, me sentei com as pernas viradas para o corredor. Assim que fizemos o pedido, Norma deu início à saraivada de perguntas:

— Por favor, Irina. Vocês estão namorando faz, o quê? Um ano? E você não nos conta nada. Não sabemos de nada.

— Oito meses — falei.

— Eu fiquei noiva do David com três — comentou Linda.

Sorri com educação. A verdade era que Teddy e eu tínhamos nos tornado um casal de verdade sem que eu sequer percebesse. O primeiro jantar no Rive Gauche virou jantar e cinema na semana seguinte, que virou jantar e sair para dançar, que virou jantar na casa ampla dos pais dele em Potomac. Teddy me apresentara como namorada e, para não ferir seus sentimentos, eu não o corrigira — mesmo depois de meses. Talvez tenha sido porque nos dávamos bem, ou porque Mama o amava e ele tinha um conhecimento impressionante sobre a cultura russa e dominava a língua.

— Você fala russo melhor do que meus primos, e eles nasceram lá — dissera ela a ele.

Além disso, eu me sentia à vontade com ele de um jeito que desejava me sentir com um amigo a vida inteira. Eu apenas não precisava calcular cada palavra e cada movimento quando estava com ele. Era apenas uma amizade, mas eu ainda não tinha desistido da esperança de que se tornasse algo a mais. Estava esperando por aquele relâmpago, aquele choque, aquele momento em que os joelhos ficam bambos — todos os clichês sobre os quais eu só tinha lido.

Havia outras vantagens também. Teddy era visto na Agência como alguém

que tinha futuro, com potencial para virar um membro de uma panelinha da qual, enquanto mulher, eu poderia apenas esperar ver de fora. Ele me levava aos jantares de domingo em Georgetown e às festas sofisticadas no Hotel Hay-Adams. E não me despachava para os grupos de esposas e namoradas; me levava de conversa em conversa com os homens e apertava minha mão quando tinha orgulho de um argumento que eu expunha.

Teddy era católico e nunca me pressionava a fazer nada que eu não estivesse preparada para fazer. Não que ele fosse contra o sexo antes do casamento — tinha perdido a virgindade com uma professora substituta do último ano da escola preparatória e tido três outras parceiras na faculdade —, mas respeitava meus limites. Eu também não era contra o sexo antes do casamento, embora tenha deixado que ele acreditasse que eu era mais puritana do que realmente era. Teddy não sabia, mas eu não era virgem. Tinha perdido — ou melhor, entregado — minha virgindade a um amigo no primeiro ano de faculdade. Eu considerava aquilo algo a ser resolvido e o convidei para ir até o meu quarto quando minha colega não estava. Assim que ele pisou no quarto, perguntei se queria transar comigo. O coitado ficou tão surpreso que, de início, tentou me dissuadir da ideia, mas cedeu quando tirei a blusa.

Sempre tratei o sexo como se fosse uma antropóloga. Em vez de me concentrar em mim mesma, eu estava mais interessada em observar o homem e suas reações. E gostava de como Teddy reagia ao me tocar — mais ainda do que de como eu me sentia. Seu desejo contido fazia com que eu me sentisse poderosa, e isso era uma revelação. Teddy era tudo o que eu devia querer; no entanto...

As perguntas de Norma pararam quando Sally entrou no Ralph’s.

Linda alertou o grupo arregalando os olhos.

— Quem é *aquela*?

Eu olhei ao mesmo tempo que o restante do grupo.

— Que discretas!

O Ralph’s era um lugar frequentado sempre pelas mesmas pessoas: o setor de datilografia fofocando na mesa dos fundos, os clientes antigos molhando a torrada na gema dos ovos fritos no balcão; os universitários estudando nas mesas redondas, pedindo apenas um café ou um *milk-shake* de chocolate; e um ou outro advogado ou lobista que levavam os clientes lá quando queriam passar despercebidos. Qualquer recém-chegado chamava a atenção do setor de datilografia — mas aquela mulher a exigia.

Judy fingiu que estava pegando algo na bolsa.

— Ela parece familiar.

Marcos já tinha saído de trás do balcão e mostrara tudo o que havia ali para a

mulher. Athena se apoiou na registradora, com os olhos no marido, cujos olhos estavam na mulher. Ela era de estatura mediana, mas usava um salto que a fazia crescer alguns centímetros. Parecia jovem, mas era sofisticada demais para alguém de vinte e poucos anos com seu casaco azul com forro de seda vermelho e colarinho de pele de raposa que ia até os joelhos. Seu cabelo era de um ruivo escuro e perfeitamente cacheado — o tipo de cabelo que faz a gente querer dizer a cor em voz alta. O meu cabelo lembrava a cor de um biscoito de aveia meio cru.

— Esposa de algum político? — perguntou Norma.

— No Centro a essa hora? — acrescentou Linda. Ela limpou o *ketchup* do canto da boca com a ponta do guardanapo.

— Além disso — contribuiu Kathy —, aqueles saltos com certeza não pertencem à esposa de um político.

Judy estava com uma batata frita entre os dedos como quem segura um cigarro e comentou:

— Para dizer o mínimo.

— Ela é famosa? — perguntei.

De onde eu estava, a mulher poderia se passar por Rita Hayworth, mas, quando ela se virou e consegui ver melhor seu rosto, percebi que ela não se parecia nada com Rita — sua beleza era única.

— Hmmm — considerou Linda. — Ela não estava naquele filme? Naquele que foi proibido? *Boneca de carne*?

— Você está pensando na Carroll Baker — falei. — Ela é loira, mas acho que pode ter pintado o cabelo.

— Muito velha — disse Kathy.

Ao mesmo tempo em que Judy comentou:

— Muito curvilínea.

Norma lambeu uma gota de mostarda do dedo.

— Não é a Carroll Baker. Ela não apareceu no anúncio da Garfinckel’s? Sabem, aquele com os — prosseguiu ela em voz baixa — enchimentos?

— Ela não parece precisar de enchimentos — respondi, e cobri a boca quando o setor de datilografia caiu na gargalhada.

A mulher apontou para um folhado de cereja e Marcos embalou dois. Ela pagou a Athena e deu uma piscadinha para Marcos. Virou para sair, mas não sem antes acenar brevemente com a cabeça para a nossa mesa. Todas desviamos o olhar, fingindo que não estávamos olhando.

—

Aquela foi a primeira vez que vi Sally Forrester, antes de saber seu nome.

A segunda vez que a vi foi na sede. Voltamos do Ralph's e lá estava ela, em pé na recepção conversando com Anderson. Ele, que costumava nos cumprimentar com alguma referência a trabalhar para gastar as calorias que havíamos consumido no almoço, não nos deu a menor atenção quando passamos por eles em direção a nossas mesas.

— Por que *ela* está aqui? — perguntou Judy.

— Pode ser alguém importante... — disse Norma.

— Uma das mulheres do Dulles? — perguntou Linda com um sorriso.

Os galanteios do espião chefe não eram segredo, e seus casos chegavam à casa das dezenas. Diziam até que ele tinha se aventurado no setor de datilografia. Mas, se era verdade, nenhuma de nós nunca admitiu.

— Se fosse isso, ela jamais estaria com o Anderson — garantiu Gail.

Anderson tinha comido um dos folhados de cereja da mulher, comprovado pela mancha de geleia no colete azul-bebê. Ele se apoiou na mesa da recepção, tentando parecer importante ou talvez descolado — em uma tentativa infeliz de flertar. Mas a mulher não estava revirando os olhos como nós estaríamos. Ela só sorria e ria e tocava o braço dele.

Ela tirou o casaco azul e o entregou a Anderson, que o pendurou no braço como se fosse um garçom. Por baixo, ela usava um vestido de lã malva com um cinto trançado dourado. Olhei para baixo, analisando a frente do meu vestido sem mangas azul-marinho, e percebi uma mancha em meu peito, um resto de pasta de dente que achei ter tirado naquela manhã. Abri a última gaveta da minha mesa e peguei o cardigã marrom que guardava para quando a calefação do prédio falhava. Horrível, pensei, vestindo e dobrando as mangas.

— Datilógrafa nova? — perguntou Gail.

— Não — respondeu Kathy. — Estamos lotadas agora com a russa.

— Americana de origem russa — corrigi.

Judy jogou um pedaço de borracha em mim.

— Vá descobrir, Anna Karenina.

Mas Anderson e a ruiva já estavam vindo em nossa direção. Ele vinha na frente, destacando aspectos sem importância do escritório, afirmando que a copiadora estava "a um ano de ser lançada para o público em geral" e que o bebedouro servia "água quente *e* gelada". Eles chegaram à minha mesa primeiro.

— Sally Forrester — disse a mulher, e estendeu a mão.

Apertei sua mão.

— Sally — falei.

— Seu nome também é Sally?

— Esta é Irina — respondeu por mim Anderson.

Sally sorriu mais uma vez.

— Prazer.

Assenti sem dizer palavra, e, antes que pudesse dizer que era um prazer conhecê-la também, eles já tinham passado para a próxima, apertando a mão de todas as garotas do setor.

— A srta. Forrester é nossa nova recepcionista de meio período — disse Anderson para todas. — Ela vai estar no escritório de vez em quando, ajudando no que for preciso.

—

Nos reunimos no banheiro feminino.

— Aquelas roupas!

— Aquele cabelo!

— Aquele aperto de mão!

O aperto de mão de Sally era firme, não como o de alguns homens, que esmagavam nossos dedos, mas o suficiente para que chamasse nossa atenção.

— Firme, mas não exagerado — comentou Norma. — Como o dos políticos.

— Mas por que ela está aqui?

— Quem é que sabe?

— Bom, eu sei que eles não colocam mulheres como aquela atrás de um balcão de recepção — asseverou Norma. — E, se colocam, é por um motivo.

—

Depois do trabalho, peguei o caminho mais longo para casa a fim de passar na Hecht's. A vitrine elaborada deles era a minha favorita na cidade: manequins vestidos para as pistas de esqui em uma pequena colina de neve de algodão no inverno, procurando ovos de Páscoa nos mais belos vestidos em tom pastel na primavera, relaxando de biquíni à beira de uma piscina de celofane azul no verão.

Quando passei, um homem com uma fita métrica no bolso de trás arrumava um trio de manequins vestidos de bruxas atrás de um caldeirão preto de plástico. Eu disse a mim mesma que só ia passar pela vitrine e seguir meu caminho. Quando entrei, disse a mim mesma que só ia dar uma olhada. Quando comecei a dar uma olhada, disse a mim mesma que só ia ver se poderia comprar qualquer coisa que não parecesse feita a mão — que parecesse algo que Sally Forrester usaria.

Passei as mãos pelas araras, sentindo as sedas e os linhos entre meus dedos, e

corri a mão pela costura perfeita de uma saia. Se minha mãe estivesse comigo, ela teria me mostrado que as máquinas tinham, a baixo custo, atingido aquele grau de uniformidade e que, com o tempo, a costura se desfaria, os botões cairiam, e a consumidora mal informada que tivesse comprado a saia superfaturada viria até ela pedindo um conserto. Ela teria mostrado um dedo calejado de costurar e dito que não há substituto para o trabalho duro.

Quando coloquei uma blusa vermelha com um lenço de caxemira vermelho e branco sob a gola Peter Pan contra o peito, uma vendedora perguntou se eu precisava de ajuda.

— Só estou olhando — falei.

Vendedoras sempre me intimidavam, e é por isso que eu quase nunca entrava em lojas de departamentos — por isso e porque nunca tinha dinheiro para gastar.

— É uma linda blusa — prosseguiu ela. Vestia uma saia rodada preta e uma camisa branca, a franja do cabelo, brilhante, formando um arco alto acima da testa. — Ficaria fabulosa em você. Quer experimentar?

Ela tirou o cabide da minha mão antes que eu pudesse responder, e eu a segui até o provador. Ela pendurou a camisa em um cabide.

— Avise se precisar de outro tamanho.

Antes de tirar a roupa, olhei a etiqueta. Eu não podia pagar, mas fiquei no provador por alguns minutos para que ela pensasse que pelo menos experimentei. Diria a ela que vermelho não era minha cor. Mas, quando abri a porta, me peguei dizendo:

— Vou levar.

—

Mama me inundou de perguntas quando entrei pela porta.

— Onde você estava? Saiu com Teddy? Ele já pediu sua mão?

Sempre que Mama falava do Teddy, eu ficava nervosa.

— Fui caminhar.

— Ele terminou com você? Eu sabia que isso ia acontecer.

— Mama! Eu só queria dar uma volta.

— Uma volta enorme! Sempre dando essas caminhadas longas ultimamente. Só Deus sabe o que você anda aprontando.

— Você não acredita em Deus.

— Não importa. Você não devia andar tanto. Já é magra demais. E quem é que tem tempo para caminhadas? Eu precisava da sua ajuda para terminar o vestido de formatura da srta. Halpern. É uma grande oportunidade de entrar no mercado adolescente americano. Eu faço um vestido para a srta. Halpern, todas as amigas

dela vão ver e vão querer um também. De repente, um vestido da EUA Vestidos e Mais Para Você aparece no *American Bandstand* ao lado daquele Richard Clark bonitão.

— *Dick* Clark?

— Quem?

Sentei à mesa da cozinha ao lado dela, apoiei a bolsa sob meus pés com cuidado para que ela não visse o pedaço de lenço de papel saindo pelo zíper.

— Espere — falei. — Eu sei de que vestido você está falando. O de *chiffon* amarelo, não é?

— Não é uma boa cor para uma garota tão pálida, mas quem sou eu para dizer?

— Mas aquele vestido não tem muita pedraria. Só um pouco nas alças. Você termina um vestido daquele em uma hora.

Em vez de responder, Mama levantou da mesa.

— Está se sentindo bem? — perguntei.

Ela se virou e olhou para mim, a testa franzida.

— Só estou cansada.

—

Usei a blusa vermelha nova no dia seguinte, escondendo-a embaixo de um suéter bege enorme antes de sair. Mama não viu a blusa, é claro, mas falou do suéter.

— Essa coisa velha e feia? — perguntou. Fingiu olhar pelas meias janelas do nosso apartamento de subsolo. — Está nevando lá fora? Você não vai esquiar, vai?

— Vejo que voltou a ser você mesma.

— E quem mais eu poderia ser?

Beijei seu rosto e saí apressada.

Suando, esperei até chegar ao ponto de ônibus para tirar o suéter. Segurei o casaco entre as pernas e me contorci para me livrar dele. Uma mulher que passava com duas crianças vestindo uniformes da escola católica me olhou. Só quando estava no ônibus percebi que tinha abotoado errado a camisa, e uma parte do meu sutiã estava à mostra.

O elevador soou, e saí para a recepção com o casaco pendurado no braço, os ombros para trás, olhando para a frente em vez de olhar para os pés, na tentativa de parecer tão relaxada e confiante quanto a mulher do anúncio de desodorante. Olhei para a recepção, pronta para cumprimentar Sally, mas fiquei decepcionada ao ver a recepcionista de sempre.

— Que camisa fofa — comentou ela. — Você fica muito bem de vermelho,

sabia?

— Obrigada — respondi. — Estava em promoção.

Eu sempre fazia isso. Se alguém elogiava meu corte de cabelo, eu dizia que não sabia se tinha gostado do comprimento. Se alguém elogiasse uma ideia ou uma piada minha, eu dizia que era de outra pessoa.

X X X

Sally não apareceu no dia seguinte, nem no outro. Toda a vez que eu saía do elevador, me preparava para vê-la, mas nem sinal. E não fui a única a perceber. O setor de datilografia tomou sua ausência como prova de que ela desempenhava outro papel na Agência.

— Recepcionista de meio período, até parece — zombou Norma.

Eu ri com as outras, mas não pude deixar de me perguntar o que elas diziam de mim pelas costas.

Uma semana se passou, mas eu ainda me pegava pensando nela. Algo com relação à Sally Forrester me marcou.

Outra semana se passou, e eu tinha desistido de vê-la de novo. Mas, quando a porta do elevador se abriu, lá estava ela, sentada à mesa da recepção rabiscando um bloco de anotações amarelo. Ela me cumprimentou com um aceno, e eu fingi um acesso de tosse para disfarçar o rosto vermelho.

Sentei à minha mesa e comecei a trabalhar imediatamente, dizendo a mim mesma para não olhar na direção dela. Mesmo sem olhar, senti sua presença a manhã inteira. Quando levantei para ir ao banheiro, prestei muita atenção em como meu corpo se movimentava, na posição da minha cabeça, no meu andar ao atravessar a divisão. Era como se eu me visse pelos olhos de outra pessoa. Então, aconteceu: ela falou comigo. Pensei que estivesse falando com outra pessoa, mas foi o meu nome que ela chamou.

— Ah, não sabia que você estava falando comigo — comentei, em vez de dar oi.

— Tem muitas Irinas na divisão?

— Acho que não. Não. Talvez?

— Estou brincando. Enfim, como eu sou a garota nova na cidade, estava pensando que talvez pudéssemos almoçar juntas. Você poderia me ajudar a fazer o reconhecimento da área.

— Eu trouxe almoço — falei. — Atum.

Pare, eu disse a mim mesma. *Apenas pare.*

— Deixe para amanhã. — Ela tirou um fiapo da frente do suéter verde-limão felpudo. — Me mostre o que tem de bom por aqui.

—

Fomos em direção à Casa Branca, com Sally à frente, embora ela tivesse me perguntando aonde ir.

— Conheço uma delicatéssen ótima aqui perto. Uma raridade em Washington, acredite — disse ela. — Eles fatiam o presunto fino como papel e fazem uma pilha de quinze centímetros. Só quem é daqui conhece, e ninguém é daqui de verdade. Entende o que eu quero dizer? Você tem que voltar logo? Ainda temos uma boa caminhada pela frente.

— Temos uma hora de almoço, então, temos quarenta e cinco, talvez quarenta minutos sobrando.

— Você acha que os rapazes ficam olhando para o relógio durante os almoços líquidos deles?

— Não, mas… — Fiz uma pausa um pouco longa, e Sally virou nos calcanhares como se fosse voltar ao escritório. — Não. Vamos!

Ela enlaçou o braço no meu.

— É assim que se fala.

Senti os olhares dos homens por quem passávamos, e até algumas mulheres olhavam para nós. Eu estava com ela. Gostava de estar com ela. O entorno virou um borrão, como se não estivéssemos mais na cidade: as buzinas sem fim e o barulho dos ônibus e as britadeiras batendo no concreto cessaram. Era meio-dia de uma terça-feira, mas ainda assim o mundo desacelerou.

Passamos por um ônibus turístico parado em um semáforo, e ouvi a voz microfonada do guia chamar a atenção dos passageiros para a famosa Octagon House. Sally me surpreendeu acenando para os turistas, que acenaram de volta com entusiasmo. Um deles tirou uma foto dela. Ela colocou a mão atrás da cabeça, fazendo uma pose.

— Ainda não consegui me acostumar com esta cidade — disse ela. — Todo mundo correndo para onde está o poder.

— Você mora aqui há bastante tempo?

— Morei algumas vezes.

Viramos em um beco da P Street que eu nunca tinha notado. Arenito vermelho e chaminés cobertas por trepadeiras ladeavam a rua. O Dia das Bruxas estava chegando, e os moradores tinham decorado as casas com teias de aranha de algodão nas cercas, gatos pretos de papel e esqueletos com articulações móveis nas janelas, e abóboras ainda por esculpir nos degraus. Na esquina, ficava a delicatéssen. Sobre a porta, havia uma placa verde e branca ladrilhada: FERRANTI'S.

Uma campainha tilintou quando abrimos a porta. O dono, um homem

comprido e delgado como as salsichas que pendiam do teto, bateu em um pacote de semolina, e uma nuvenzinha subiu.

— Onde você esteve toda a minha vida? — perguntou ele.

— Por aí esperando uma cantada melhor do que essa — retrucou Sally.

O homem beijou-a nas duas bochechas, beijos molhados.

— Este é Paolo — disse ela para mim.

— E quem é esta criatura primorosa? — perguntou Paolo.

Demorei um instante para perceber que estava falando de mim.

Sally afastou minha mão estendida com um tapinha.

— O que eu ganho se contar para você?

Paolo levantou um dedo e, então, desapareceu para os fundos. Ressurgiu com duas cadeiras de madeira, que colocou no pequeno espaço entre a vitrine e as prateleiras cheias de tomates enlatados, vidros de azeitonas de um verde vivo, e pilhas de pacotes de macarrão.

— Nada de mesa? — perguntou Sally.

— Paciência.

Ele saiu e voltou com uma mesa redonda, de um tamanho suficiente para acomodar duas pessoas. Como em um truque de mágica, colocou as mãos nas costas e tirou uma toalha de mesa de vichi branco e vermelho. Abriu-a na mesa e fez sinal para que nos sentássemos.

— O quê? Nada de velas?

Paolo jogou as mãos para o teto.

— O que mais? Guardanapos de linho? Garfos de salada? — Ele apontou para o teto. — Talvez eu devesse investir em um pequeno lustre?

— Seria um bom começo, mas na verdade vamos pegar a comida para viagem. Seria um pecado desperdiçar um dia tão lindo de outono.

Ele fingiu enxugar uma lágrima do olho com o canto do avental.

— Que decepção. Mas é claro que eu entendo. — Ele mudou de lugar uma roda de um queijo para conseguir olhar melhor pela vitrine. — Eu também estaria lá fora se pudesse. Na verdade, talvez eu feche mais cedo e me junte às senhoritas para um sanduíche. Espelho d’água? Bacia das Marés?

— Desculpe, é um almoço de negócios.

— É a vida.

Pedimos: peru e queijo suíço em um pão de centeio com um pepino em conserva com endro para mim, e uma *tapenade* de azeitona e uma carne da qual eu nunca tinha ouvido falar em uma baguete para a Sally. Paolo nos entregou nossos sanduíches em um embrulho de papel pardo. Nos despedimos, e, ao sair, virei para trás.

— Meu nome é Irina — falei.

— Irina! Sally não cumpriu o acordo comigo, não foi? Que belo nome. Vejo você de novo com a Sally em breve?

— Sim.

Caminhamos por mais quinze minutos, sem pensar no tempo que restava da nossa hora de almoço. Sally parou ao pé de um prédio enorme na Sixteenth que eu nunca tinha notado. Parecia algo do Egito antigo. Duas esfinges gigantes ladeavam as escadas de mármore que levavam a uma grande porta marrom.

— Museu? — perguntei.

— Casa do Templo. Sabe como é, coisa de sociedade secreta maçom. Aposto que tem muitos chapéus engraçados e cânticos e luz de velas aí dentro. Pode perguntar a alguns dos homens com quem trabalhamos. Para mim, esses degraus são o lugar perfeito para almoçar e ver o mundo passar.

Enquanto comíamos, senti que eu ia ficando mais confortável, embora ainda estivesse muito ciente de sua presença. Sally terminou o sanduíche e limpou os cantos da boca. Ela comeu quase duas vezes mais rápido do que eu.

— Você gosta do setor de datilografia?

— Eu gosto. Eu acho.

Ela abriu a bolsa e tirou um pó compacto e um batom vermelho. Fez um beicinho.

— Tem batom nos meus dentes?

— Não. Está perfeito.

— Então, você gosta?

— Vermelho fica muito bem em você.

— Estou falando do setor de datilografia.

— É um bom emprego.

— Você gosta mais de datilografar ou das outras coisas?

Uma onda de calor desceu da minha garganta até o estômago. Olhei para Sally com o que pensei ser um olhar vazio, mas devo ter parecido nervosa.

— Não se preocupe — disse ela, colocando a mão na minha. Tinha mãos muito macias, as unhas pintadas no mesmo tom de vermelho de seus lábios. — Você e eu somos iguais. Quer dizer, quase.

— Como assim?

— Anderson me falou quando eu voltei. Mas ele não precisava nem ter falado. Percebi assim que nos conhecemos que você era diferente.

Olhei de um lado para o outro e, depois, para trás.

— Você também leva mensagens?

— Estou mais para *remetente*. — Ela apertou minha mão. — Nós, garotas, precisamos nos apoiar. Não somos muitas. Certo?

— Certo.

X X X

No dia seguinte ao almoço nos degraus do Templo, Anderson me informou de que, em vez da reunião com Teddy, como eu vinha fazendo, Sally continuaria meu treinamento.

— Surpresa? — perguntou ele.

— Estou — respondi, mordendo os lábios para não sorrir.

No dia seguinte, Sally estava do lado de fora dos portões pretos de ferro da Agência, passando o batom vermelho no retrovisor do motorista de um Studebaker amarelo-claro. Estava impecável em uma capa de lã xadrez e luvas pretas e longas de pelica. Ela me viu chegando pelo espelho e se virou, com o batom só no lábio inferior.

— Parece que seremos só nós duas, garota — disse ela, e pressionou os lábios um contra o outro. — Vamos dar uma caminhada.

Enquanto andávamos por Georgetown, Sally mostrou as mansões de alguns dos funcionários de alto escalão da Agência.

— Dulles mora ali — falou ela, apontando para uma casa de tijolos vermelhos escondida por uma parede de bordos. — E aquela branca grande com persianas pretas do outro lado? É a antiga casa de Bill Donovan, que os Graham compraram. Frank mora do outro lado da Wisconsin. Todos bem pertinho uns dos outros.

— Onde você mora?

— Subindo a rua.

— Para ficar de olho nos homens?

Ela sorriu.

— Garota esperta.

Viramos à esquerda em direção à Dumbarton Oaks e andamos pelo caminho sinuoso do parque até os jardins. Descendo os degraus de pedra, Sally puxou um galho de glicínias mortas pendurado na treliça de madeira.

— Na primavera, este lugar tem um cheiro delicioso. Abro as janelas na esperança de ter uma brisa.

Caminhamos até chegar à piscina, que tinha sido esvaziada para a temporada de inverno. Sentamos em um banco em frente a um idoso que estava fazendo palavras cruzadas em uma cadeira de rodas, ao lado da cuidadora de pele branca como leite. Duas jovens mães com sobretudos vermelhos acinturados quase idênticos fumavam e conversavam à beira da piscina enquanto seus filhos, um menino e uma menina, jogavam pedrinhas lá dentro, gritando de alegria quando elas caíam na pequena poça no centro. Um jovem que parecia pensativo estava sentado em uma cadeira de ferro preta perto do chafariz na ponta da piscina,

lendo um exemplar do jornal estudantil *The Hatchet.*

— Está vendo aquele homem ali? — perguntou Sally, sem olhar.

Fiz que sim com a cabeça.

— O que você diria sobre ele.

— Universitário?

— O que mais?

— Universitário com uma gravata com nó pronto?

— Boa observação. E o que você acha que a gravata com nó pronto significa?

— Que ele não sabe dar nó em gravata?

— E o que isso quer dizer?

— Ninguém nunca o ensinou?

— E?

— Ele não tem pai? Talvez não seja de família rica? Definitivamente não tem namorada ou a mãe por perto para dizer que gravatas com nó pronto são ridículas. Talvez não seja daqui? Talvez seja bolsista?

— Onde?

— Considerando onde estamos? Georgetown. Mas considerando a escolha de jornal? Eu diria George Washington.

— Estudando o quê?

Examinei o homem: nó pronto, cabelo lambido, colete de lã marrom, sapatos de couro de um tom claro de marrom, fumando Pall Mall, pernas cruzadas, pé direito fazendo círculos lentos.

— Poderia ser qualquer coisa.

— Filosofia.

— Como você sabe?

Sally apontou para a mochila de couro aberta e o livro dentro dela: Kierkegaard.

— Como eu não vi isso?

— Coisas óbvias são as mais difíceis de perceber. — Sally esticou os braços sobre a cabeça para tirar a capa, e o espaço entre os botões de sua camisa se abriram, revelando uma renda preta. — Quer tentar com outra pessoa?

Desviei o olhar.

— Claro.

Eu disse que as mães eram amigas de infância que tinham se distanciado depois do casamento e dos filhos.

— É o modo como sorriem uma para a outra — falei para Sally. — Como se estivessem forçando uma ligação antiga.

O idoso era viúvo, obviamente apaixonado pela cuidadora, que não compartilhava de seus sentimentos. Quando um jardineiro apareceu e tirou

folhas da fonte com cuidado, sugeri que ele era remanescente da época em que o jardim pertencia à família Bliss, talvez o único funcionário da casa a ser mantido.

— Isso explica sua dedicação — terminei.

Sally assentiu em sinal de aprovação.

Aquilo fazia parte do meu treinamento? Caso fizesse, para que exatamente Sally estava me treinando? Não era como se pudéssemos confirmar as histórias que eu atribuíra àqueles estranhos. Então, qual era o propósito daquilo?

— Como sabemos se estamos certas, afinal? — perguntei depois de analisar todos.

— Não é questão de estar certa ou não, mas de saber o suficiente para ser capaz de avaliar rapidamente de que tipo de pessoa se trata. As pessoas deixam transparecer muito mais do que imaginam. É muito mais do que como você se veste, do que sua aparência. Qualquer uma pode colocar um belo vestido azul de poá branco e segurar uma Chanel, mas isso não significa que tenha se tornado outra pessoa. — Fiquei vermelha com a menção à roupa que eu usara no Mayflower. — A mudança vem de dentro e se reflete em cada movimento, cada gesto, cada tique facial. É preciso adotar certa incompreensão de quem a pessoa é para poder julgar como ela pode agir em diferentes circunstâncias.

Ela olhou diretamente para mim.

— E como você poderia agir se precisasse mesmo *virar* outra pessoa. Tudo mudaria… o modo como segura o cigarro, como ri, como poderia corar com a menção de uma bolsa Chanel. — Ela cutucou meu ombro. — Entende o que estou dizendo?

— Começa de dentro — falei.

— Isso mesmo.

—

Nosso treinamento continuou. Todos os dias nos encontrávamos depois do trabalho, e, durante mais caminhadas longas pelo Distrito, Sally me ensinava tudo o que sabia. Ciente do que fazia com que ela se destacasse, Sally me ensinou como fazer o contrário. Me mostrou quais roupas chamavam menos atenção.

— Não podem ser velhas nem novas demais, chamativas nem sem graça demais. — Que cor de cabelo não atraía o olhar masculino. — As pessoas acham que as loiras chamam mais atenção, mas são as ruivas. Você não vai ter problemas, a não ser que platine o cabelo. — Como manter a postura: — Não muito ereta, não muito relaxada. — Como comer: — Bife. Ao ponto para

malpassado. — Como beber: — Tom Collins, com doses extras de limão e gelo. Não vai manchar se você derramar, e você não vai ficar muito bêbada.

Entre as lições, ela me contava sobre o tempo que passara na OSS: como tinha feito amizade com o clube do Bolinha, como conseguira sobreviver a ele. Me contou sobre a pessoa que era — uma criança pobre de Pittsburgh —, e todas as que tinha se tornado desde então: assistente de tratador de zoológico, prima de segundo grau da Duquesa de Aosta, avaliadora de porcelana da Dinastia Tang, herdeira do império da goma de mascar Wrigley, recepcionista.

— Eles foram ficando menos criativos com o tempo — disse.

— O que eles querem que eu me torne?

— Isso não sou eu que decido, querida.

X X X

Sally teria que viajar. Ela não me disse para onde ia e, quando perguntei, só respondeu:

— Para o exterior.

— Sim, mas onde no exterior?

— *No exterior* no exterior.

Ela não podia me dizer para onde estava indo, mas prometeu ligar assim que voltasse. Aquela semana se arrastou, e, quando ela finalmente ligou, Mama atendeu. Tirei o telefone de sua mão assim que a ouvi dizer:

— Sally? Eu não sei de nenhuma Sally.

Sally pulou a conversa mole e me convidou imediatamente para uma festa de Dia das Bruxas. Até aquele momento, todo o nosso contato tinha sido relacionado ao trabalho, por isso, o convite me pegou de surpresa. Além disso, o Dia das Bruxas já tinha passado.

— Mas o Dia das Bruxas foi semana passada — comentei.

— Na verdade, é uma festa *pós*-Dia das Bruxas.

Quando eu disse que não tinha fantasia, ela falou que cuidaria de tudo. Combinamos de nos encontrarmos em um sebo em Dupont e ir de lá.

—

O sebo era estreito, com prateleiras longas dispostas não por autor ou gênero, mas por tópicos: Espiritualismo & Ocultismo, Flora & Fauna, Questões dos Idosos, Contos Náuticos, Mitologia & Folclore, Freud, Trens & Ferrovias, Fotografia do Sudoeste. A primeira a chegar, andei pelos corredores, procurando pela seção de brochuras.

— Com licença, onde ficam os romances? — me dirigi ao homem de aparência boêmia atrás do balcão, que apontou para o fundo da loja sem levantar os olhos do livro.

Perguntei:

— Você tem horas?

Ele me olhou como se eu tivesse pedido que ele me explicasse o *Tratado* de Wittgenstein.

— Não uso relógio.

Para irritá-lo, perguntei se ele abriria a caixa de livros raros para mim. O homem suspirou. Ele fechou o livro, apagou o cigarro e desceu do banco. Antes de tirar a chave do bolso, ele perguntou se eu ia mesmo comprar alguma coisa.

— Como posso saber antes de ver?

— O que você quer ver?

Dei uma olhada na prateleira e li o primeiro título que vi: *A luz do Egito*.

— Um ou dois?

— O quê?

— Volume. Um ou dois?

— Dois — respondi. — É claro.

— É claro.

Convencida de que Sally não apareceria, divaguei sobre meu amor pela arqueologia e pelas pirâmides e pelos hieróglifos enquanto ele colocava as luvas brancas para manusear o livro.

Finalmente, Sally entrou, com duas sacolas de compras. O vendedor bateu as luvas brancas nas coxas.

— Sally — disse ele. Ela ofereceu as duas bochechas para que ele beijasse. — Por onde andou, querida?

— Por aí — respondeu ela, com os olhos voltados para mim. — Estou vendo que já conheceu minha amiga.

— Claro — falou ele, a voz assumindo um tom mais acolhedor. — Ela tem um gosto excelente.

— Eu andaria com alguém que não tivesse? — Ela mostrou as sacolas de compras. — Podemos usar o banheiro?

Ele se curvou com as mãos postas à sua frente. Tive que me esforçar muito para não revirar os olhos.

— Obrigada, amor — disse ela.

Fui atrás dela em direção aos fundos da loja.

— Lafitte é tão irritante — comentou ela assim que fechamos a porta do banheiro, que também fazia as vezes de depósito de material de limpeza.

— Lafitte?

— Não é o nome verdadeiro dele. É de Cleveland, mas deixa que os outros pensem que é de Paris. Do tipo que vai viajar e volta com sotaque. Sabe?

Assenti com a cabeça como se entendesse.

— Mas ainda assim eu amo este lugar — prosseguiu Sally, me entregando uma das sacolas de compras. — É um dos meus preferidos nesta cidade tão fraca em matéria de arte. Quer ouvir um segredo?

— Quero.

— Meu sonho é abrir uma livraria um dia.

Era difícil imaginar Sally sentada atrás de um balcão, com a cabeça enfiada em um livro, e eu quis saber mais sobre aquela pessoa que não pareceria deslocada em um tapete vermelho em Hollywood, mas que sonhava em ser dona de uma livraria. Queria investigar esse espaço entre as contradições.

Ela colocou a sacola de compras em cima do vaso e virou de costas.

— Pode me ajudar? — Tirou os cachos vermelhos do pescoço, e eu peguei o zíper, tentando abri-lo com gentileza. Não saiu do lugar. Ela respirou fundo. — Tente agora.

O zíper se abriu, e ela tirou o vestido em um só movimento, sem prender o salto no tecido. Estava com uma combinação preta, e seu corpo era uma versão exagerada do meu. Mas não fiquei com inveja, como outras garotas da educação física na escola faziam com que eu me sentisse. Seus corpos serviam como padrão — nos despíamos e logo calculávamos quem tinha os maiores seios, uma barriga flácida, pernas arqueadas. Olhar para Sally não era assim; era completamente diferente. Eu queria olhar de novo, mas me concentrei em tirar minha própria roupa. Ela me entregou uma sacola de compras.

Dentro dela havia um tecido metálico.

— O que é?

— Você vai ver.

Entrei no macacão e fechei o zíper. Ela me entregou uma faixa de cabelo com dois triângulos marrons felpudos colados. Olhando no espelho, comecei a rir.

— Espere! — disse ela, e colocou a mão dentro da sacola. — O toque final.

Com cuidado, ela prendeu com um alfinete um distintivo vermelho da CCCP no meu coração.

— Eu queria usar um aquário como capacete, mas não consegui pensar em um jeito de fazer furos para que a gente não ficasse sem ar.

— Você fez isso sozinha?

— Sou bastante habilidosa. — Ela se juntou a mim em frente ao espelho, pegando um pó compacto na bolsa e tirando o brilho do nariz. — Você pode ser a Laika se quiser. Eu vou ser um dos cachorros sem nome que morreram entre as estrelas.

—

A música transbordava da casa vitoriana germinada de quatro andares em Logan Circle. Era uma daquelas casas grandiosas do Distrito pela qual eu tinha passado várias vezes, mas onde nunca entrara — com degraus com corrimão de ferro e janela frontal saliente, tijolos vermelhos e torre com telhado cônico verde-acinzentado. As janelas estavam abertas, mas as cortinas, fechadas, e eu via as silhuetas das pessoas dançando: pessoas que eu não conhecia e que não me conheciam, pessoas que poderiam me achar um tédio ou nem sequer me notar. As palmas de minhas mãos formigavam. Sally deve ter sentido minha apreensão. Ela alisou minhas orelhas felpudas e me disse que a festa ia ficar muito mais divertida agora que eu estava chegando.

Uma onda de confiança me impulsionou quando ela estendeu a mão e tocou a campainha três vezes, fez uma pausa e tocou de novo. Um homem alto com uma máscara preta que cobria metade de seu rosto abriu a porta parcialmente.

— Gostosuras ou travessuras! — disse Sally.

— Qual você prefere?

— Nenhum dos dois. Prefiro brócolis.

— E quem não prefere? — O homem abriu a porta e nos conduziu para dentro, trancando-a atrás de nós antes de desaparecer na multidão.

— Isso foi uma senha? É uma festa do trabalho? — perguntei.

— Muito pelo contrário.

Em vez de abóboras entalhadas e pesca da maçã, a casa estava decorada mais como um baile de máscaras gótico. Havia candelabros antigos com velas pretas acesas empoleirados em todas as superfícies. Cortinas de veludo preto cobriam as estantes de livros embutidas. A mesa de jantar oferecia uma coleção de máscaras com paetês para quem quisesse. Um gato siamês grande com uma coleira feita de penas de avestruz lilás esgueirava-se por entre as pernas dos convidados. O primeiro andar estava cheio de gente dançando, fumando, servindo-se de canapés, mergulhando cubos de pão em panelas de *fondue*.

— O que é aquela coisa verde? — perguntei.

— *Guacamole*.

— O que é isso?

Ela riu.

— Leonard não mede esforços, não é?

— O homem que abriu a porta?

— Não. — Ela apontou para uma mulher em um vestido de debutante sulista com gola de renda e um cinto vermelho. — A Scarlett O’Hara ali.

Scarlett, ou Leonard, viu Sally e acenou com a mão, chamando-a.

— Deslumbrante como sempre — disse Sally, beijando a mão de Leonard. — Você se superou.

— Eu tento. — Leonard olhou Sally da cabeça aos pés. — Alienígena sexy?

— Somos Filhotniks, obrigada.

— Que atuais.

— Você me conhece. — Ela me puxou para perto. — Esta é Irina.

— Encantado — disse ele, e beijou a minha mão. — Seja bem-vinda. Agora, preciso resolver essa música pavorosa.

Ele foi até o toca-discos e levantou a agulha. A multidão resmungou.

— Paciência, crianças!

Ele tirou um disco novo da manga, e, instantes depois, "Sh-Boom" estava tocando. A multidão resmungou de novo. Impassível, Leonard conduziu um homem vestido de monstro de Frankenstein com dois carretéis vazios pintados de cinza e presos ao pescoço até o centro do salão. Vários outros casais se juntaram a eles, e logo a pista estava agitada de novo.

Sally abriu caminho pela multidão até a cozinha, e uma mulher vestida de Annie Oakley pegou sua mão e a girou uma vez. Com as orelhas de cão tortas, Sally voltou com dois copos de ponche vermelho coberto com *sorbet* de limão.

— Que tal irmos lá fora tomar um ar? — perguntou ela, me entregando um copo.

Exceto por duas mulheres sentadas no balanço da varanda — uma vestida de Lucille Ball e a outra de Ricky Ricardo —, Sally e eu estávamos sozinhas no extenso quintal. Caminhamos pela grama, os tornozelos de nossos macacões úmidos de orvalho. O quintal estava decorado com luzinhas brancas penduradas nos carvalhos imensos, e luminárias de papel vermelho penduradas como frutos maduros dos galhos mais baixos. O céu estava laranja, a lua era uma lasca de amêndoa, e, em algum lugar, alguém queimava folhas.

— O que você acha disso tudo? — perguntou ela.

— Eu não fazia ideia de que quintais como este existiam em Washington.

— Eu quis dizer tudo *aquilo* — disse ela, apontando para a casa. — Não é uma festa como as outras.

— Eu amei! — respondi, mas queria dizer muito mais. Eu sabia que um mundo como aquele existia, mas, ao mesmo tempo, não fazia ideia. E o que eu tinha ouvido não era nada daquilo. Era como entrar em um guarda-roupa e sair em Nárnia pela primeira vez. — Quer dizer, eu amo o Dia das Bruxas.

— Eu também. Mesmo que *seja* uma semana depois.

— Você pode ser quem quiser.

— Exatamente. Estou feliz por Leonard ter conseguido fazer esta festa. É meio que uma tradição para ele. E não é do tipo de pessoa que desperdiça uma

boa fantasia. É uma pena que tenha sido cancelada no Dia das Bruxas.

— Por que foi cancelada?

— Alguém avisou a polícia.

Eu tinha muitas perguntas. O jardim secreto, o mundo secreto… queria saber tudo, mas decidi esperar. Ficamos em silêncio, ouvindo os barulhos do trânsito do outro lado do muro, a buzina de um carro, o lamento distante de uma sirene. Lucy e Ricky voltaram para a casa, uma levando a outra pela cintura. Sally viu que meus olhos as seguiram.

— Então… Teddy Helms? — perguntou ela.

— É — falei, com uma pontada de tristeza que não tinha sentido antes.

— Quanto tempo?

— Nove meses. Não. Oito. Não, quase nove.

— Você está apaixonada?

Tirando Mama, as pessoas nunca eram tão diretas assim comigo.

— Não sei.

— Querida, se você não sabe a esta altura…

— Eu gosto dele. Quer dizer, gosto muito dele. Ele é engraçado. Inteligente. Muito inteligente. E gentil.

— Parece que você está lendo o obituário dele.

— Não. Eu não quis…

— Estou só brincando. — Ela cutucou minhas costelas. — E o amigo dele? Henry Rennet? Como ele é?

— Não o conheço muito bem. — Eu não disse que ele parecia um babaca e que eu não entendia por que Teddy era amigo dele. — Você está interessada nele?

Imaginei um encontro duplo, eu e Teddy, Sally e Henry, e a ideia fez meu estômago se revirar.

— Querida. — Ela pegou minha mão e apertou. — Não.

Ela ficou segurando minha mão, e algo dentro de mim, em um lugar que eu não conseguia localizar, floresceu.

CAPÍTULO 13

A ANDORINHA

Ela não era uma informante — eu tinha certeza disso. Alguns meses antes, Frank pedira que eu avaliasse Irina e garantisse que sua ingenuidade não era fingimento. Não era, eu lhe informara.

— Ótimo — respondeu ele. — Queremos Irina no projeto do livro. Treine-a, Sally. Você sabe o que fazer.

Fazer amizade com Irina pode ter sido uma armação, e treiná-la, parte do trabalho, mas tinha virado outra coisa: algo que eu era capaz de decifrar, mas ainda não estava disposta a fazê-lo.

Na terça-feira seguinte à festa de Leonard — um teste para mim mesma, —, parei em sua mesa e perguntei se ela queria ver *Meias de seda* naquela noite. Eu tinha planejado convidá-la para uma matinê de domingo alguns dias antes, mas perdi a coragem enquanto discava e desliguei.

Caminhamos até o Georgetown Theater depois do trabalho, parando no Magruder's para comprar uns doces e esconder na bolsa — ideia de Irina. Eu raramente comia doces que não fossem chocolate, mas decidi comprar uma caixa de jujubas só por diversão. Irina pegou duas caixas de amendoim confeitado, e entramos na fila para pagar.

— Pode guardar meu lugar um segundo? — pediu ela.

Voltou um minuto depois com um ramalhete grande de beterrabas.

— Escolha interessante de petisco.

— São para a minha mãe. Ela faz um tonel de *borscht* uma vez por mês e pediu que eu comprasse umas beterrabas no Eastern Market. Ela está convencida de que as beterrabas vendidas por um senhor russo são melhores do que as vendidas nas lojas comuns. — Ela levantou um dedo e disse com um sotaque russo: — Vale os centavos a mais pela qualidade.

Eu ri.

— Ela percebe mesmo a diferença?

— Não! Eu sempre compro no Safeway e tiro da sacola antes de chegar em casa.

Pagamos pelo contrabando que levaríamos para o cinema, e Irina enfiou as

beterrabas na bolsa, deixando as folhas verdes para fora. Depois de comprar dois ingressos, entramos na sala.

Assistir a um filme era uma das coisas que mais me davam prazer, uma que eu quase sempre escolhia desfrutar sozinha. Quando tinha dinheiro sobrando, ia ao cinema uma ou duas vezes por semana. Às vezes, assistia ao mesmo filme duas ou três vezes, sentada na primeira fileira do mezanino, onde podia me debruçar na balaustrada dourada e descansar o queixo sobre as mãos.

Eu amava tudo: a placa de neon do Georgetown reluzindo em vermelho, esperar na fila para a pessoa na cabine de vidro me entregar o ingresso, o cheiro de pipoca, o piso grudento, os lanterninhas indicando os assentos com suas luzinhas. Eu até cantava o *jingle* da *bonbonnière* no chuveiro. Mas minha parte favorita sempre foi o intervalo entre o apagar das luzes e o tremeluzir da tela — aquele momento breve quando o mundo inteiro parece estar na iminência de um acontecimento.

Eu queria partilhar tudo isso com Irina. Queria descobrir se ela, também, se sentia à beira de um acontecimento. As luzes diminuíram e, quando ela olhou para mim com os olhos arregalados depois que o leão da MGM rugiu, eu soube que sim.

Não lembro muito sobre o filme. Mas lembro que depois de passado mais ou menos um quarto dele, Irina abriu a bolsa e remexeu as beterrabas para encontrar os amendoins. Os doces chacoalharam, e ela praguejou quando as beterrabas caíram no chão. Ela fez tanto tumulto que um homem que fumava um charuto virou para trás para pedir silêncio. Eu achei encantador.

E quando Fred Astaire amassou a cartola no fim de “Ritz Roll and Rock”, Irina arfou e pegou na minha mão. Ela soltou imediatamente, mas a sensação permaneceu comigo até as luzes voltarem a acender.

Quando saímos do cinema, estava chovendo. Ficamos embaixo do toldo observando a água cair em bicas.

— Será que esperamos passar? — perguntei. — Podemos correr até o outro lado da rua e beber um drinque quente.

— Prefiro encarar. — Ela deu uns tapinhas na bolsa. — Mama está esperando as beterrabas.

Ri, mas senti uma pontada de tristeza.

— Outro dia, então?

— Fechado.

Irina correu para o bonde turquesa e branco parado na esquina. Ela embarcou, e fiquei observando o bonde virar a esquina e desaparecer de vista. O céu se abriu com um relâmpago. Me apoiei em um pôster do *Prisioneiro do Rock and Roll*, e a chuva apertou.

—

Nas semanas que se seguiram ao filme, levei Irina a minhas livrarias preferidas, citando os prós e contras de cada uma, e o que eu faria diferente se fossem minhas. Assistimos à estreia de *Amor, sublime amor* no National, e cantamos "I Feel Pretty" a plenos pulmões durante toda a caminhada de volta para casa. Fomos ao zoológico, mas saímos depois que Irina viu uma leoa que andava havia tanto tempo dentro da jaula que formara um caminho estreito desgastado acompanhando as grades.

— É um crime — disse ela.

Durante todo esse tempo, não deixamos nem mesmo que um abraço demorasse um segundo a mais do que o esperado, mas não importava. Fazia tanto tempo que não reconheci de início. Desde a época que passei em Kandy que eu não deixava alguém se aproximar tanto em tão pouco tempo. Eu tinha me isolado depois que Jane — uma enfermeira da Marinha com um penteado à la Shirley Temple e os dentes brancos como sabonete — partiu meu coração.

Na verdade, não só o coração se parte. Quando Jane me disse que nossa "amizade especial" acabaria assim que pisássemos em solo americano e a atribuiu a essas coisas que acontecem durante a guerra, meu peito pareceu desmoronar, e minhas pernas, meus braços, o topo da minha cabeça, até meus dentes doíam. Jurei nunca mais me colocar em perigo assim de novo, e até que vinha conseguindo.

Além disso, eu sabia que não havia caminho que não desse em um beco sem saída. Tive amigos que foram pegos durante suas caminhadas tarde da noite na Lafayette Square, presos, seu nome impresso nos jornais. Tive amigos que foram demitidos de seus empregos no governo, sua reputação destruída, renegados pela família. Tive amigos que se convenceram de que a única saída era chutar a cadeira, um nó corredio amarrado no pescoço. A Ameaça Vermelha tinha diminuído, mas uma nova tinha tomado seu lugar.

E, ainda assim, continuei. Continuei convidando-a para almoçar no Ferranti's, ou para ver a nova exposição de arte coreana na National Gallery, ou para experimentar chapéus e casquetes na Rizik's.

Continuei vendo até onde eu iria antes de precisar recuar.

Então, quando Frank me pediu mais um favor, eu disse a mim mesma que seria uma boa distração, uma distração necessária.

X X X

Na noite anterior à minha partida para o próximo trabalho, botei um disco do

Fats Domino para tocar e senti uma onda de alegria cada vez que colocava um item dentro da minha mala verde da Lady Baltimore. Depois de anos de viagens de última hora, eu dominava a arte da bagagem leve: uma saia lápis preta, uma camisa branca, um conjunto de calcinha e sutiã cor de pele, um xale de caxemira para o voo, meia-calça de seda preta, minha cigarreira da Tiffany, escova de dentes, pasta de dentes, sabonete de rosas Camay, creme facial Crème Simon, desodorante, lâmina, perfume Tabac Blond, caderno, caneta, meu lenço favorito da Hermès, e batom Revlon — Vermelho Original. O vestido para o lançamento do livro estaria esperando por mim quando eu chegasse. Depois de anos longe, era bom estar de volta à arena, saber segredos, ser útil.

Cheguei na noite seguinte ao Grand Hotel Continental Milano, horas antes de a festa começar. Minutos depois que entrei em minha suíte, bateram à porta, e um carregador trouxe meu vestido. Apontei, indicando que ele o deixasse sobre a cama, e ele fez isso com a gentileza de quem deixa a pessoa amada. Dei uma gorjeta generosa, como costumava fazer quando outra pessoa estava pagando a conta, e mandei-o embora. Pedi o Pucci longo vermelho e preto assim que ouvi as palavras *Milão* e *festa*. Passando a mão pela seda, fiquei muito satisfeita por ter garantido uma verba para vestuário com a Agência. Depois de tomar um banho, esfreguei uma gota de Tabac Blond atrás de cada orelha, depois, nos punhos, depois, embaixo dos seios, e coloquei o vestido feito sob medida.

Era a melhor parte: o momento em que eu me tornava outra pessoa. Novo nome, nova profissão, novos antecedentes, educação, irmãos, amantes, religião — era fácil para mim. E eu nunca entreguei o disfarce, nem nos menores detalhes: se comia torradas ou ovos no café da manhã, se tomava café preto ou com leite, se era do tipo de mulher que parava na rua para admirar um pombo ou se o espantava com nojo, se dormia nua ou de camisola. Era, ao mesmo tempo, um talento e uma tática de sobrevivência. Depois de assumir um disfarce, foi ficando cada vez mais difícil voltar à vida real. Eu imaginava como seria desaparecer por completo em uma pessoa nova. Para se tornar outra pessoa, primeiro você precisa querer se perder.

—

Cronometrei minha chegada para exatamente vinte e cinco minutos após o início da festa. Um garçom me entregou uma taça de espumante quando entrei no salão dourado, e localizei imediatamente o convidado de honra: não o autor do romance cuja publicação era comemorada, uma vez que ele não poderia comparecer, mas o editor do romance. Giangiacomo Feltrinelli estava em meio aos intelectuais, editores, jornalistas, escritores e parasitas mais bem-vestidos de

Milão. Usava óculos de armação grossa preta, tinha um bico de viúva alto, e era um pouco magro demais para a sua altura. Mas todas as mulheres, e mais de um homem, não conseguiam tirar os olhos dele. O apelido de Feltrinelli era Jaguar e, de fato, ele se movimentava com a confiança e a elegância de um gato selvagem. A maioria dos convidados estava de *black tie*, mas Feltrinelli usava calças brancas e um suéter azul-marinho, com a camisa listrada que tinha por baixo para fora da calça. O truque para identificar o homem com a maior conta bancária do recinto não é olhar para o homem com o melhor *smoking*, mas para aquele que não está tentando impressionar. Feltrinelli pegou um cigarro, e alguém em sua órbita estendeu a mão para acendê-lo.

Existem dois tipos de homens ambiciosos: aqueles que foram criados para serem assim — ensinados desde bem pequenos que o mundo é deles —, e aqueles que criam o próprio legado. Feltrinelli era farinha dos dois sacos. Enquanto a maioria dos homens nascidos na riqueza carregam o fardo de preservar o legado herdado, Feltrinelli não tinha aberto uma editora apenas como mais um degrau de seu império, mas porque ele realmente acreditava que a literatura podia mudar o mundo.

No fundo do salão, havia uma mesa grande coberta de livros empilhados formando uma pirâmide. Os italianos tinham conseguido: *Doutor Jivago* estava publicado. Em uma semana, estaria em todas as vitrines de livrarias da Itália, seu nome estampado na primeira página de todos os jornais. Eu devia pegar um daqueles livros e entregar em mãos para a Agência para que eles pudessem traduzir e determinar se era, de fato, a arma que pensaram que seria. Frank Wisner também tinha me encarregado de me aproximar de Feltrinelli para ver o que poderíamos descobrir — sobre a publicação e a distribuição do livro, sobre o relacionamento do editor com Pasternak.

Peguei um exemplar de *Il dottor Živago* e passei os dedos pela capa lustrosa: rabiscos brancos, azuis e cor-de-rosa sobre um pequeno trenó a caminho de um chalé coberto de neve.

— Uma americana que lê italiano? — perguntou um homem do outro lado da pirâmide de livros. — Encantador!

Ele vestia um *smoking* marfim com um lenço preto e óculos com armação que imitava o pochão do casco de uma tartaruga. Os óculos eram pequenos demais para seu rosto largo.

— Não.

Na verdade, eu lia italiano e conversava com fluência. Quando era jovem, antes de mudar meu nome de Forelli para Forrester, minha avó morou conosco. Da primeira geração ítalo-americana, *nonna* não falava quase nada de inglês, só *sim, não, pare* e *me deixe em paz*, e aprendi a conversar com ela enquanto

jogávamos escopa e bisca.

— Por que levar um livro que não pode ler? — Seu sotaque era difícil de identificar. Italiano, mas treinado. Ou ele não era italiano, ou estava tentando soar como um florentino para parecer mais elegante do que era.

— Amo primeiras edições. E uma boa festa.

— Bem, se precisar de ajuda para ler… — Ele baixou os óculos, e percebi uma marquinha vermelha na ponte de seu nariz.

— Talvez eu aceite sua oferta.

Ele acenou para um garçom e me deu uma taça de Prosecco sem pegar uma para si mesmo.

— Nada para brindar?

— Infelizmente, preciso ir — disse ele, e tocou meu braço. — Se algum dia manchar esse belo vestido, me procure em Washington. Tenho uma lavanderia, e conseguimos tirar qualquer mancha, eu garanto. Tinta, vinho, sangue. Qualquer coisa.

Ele se virou e saiu, com um exemplar de *Il dottor Živago* enfiado embaixo do braço.

KGB? MI6? Um dos nossos? Olhei em volta para ver se alguém tinha percebido a interação estranha enquanto Feltrinelli batia na taça com uma colher. O editor subiu em um caixote de madeira virado ao contrário como se estivesse prestes a fazer um discurso político. Ele mesmo tinha trazido o caixote? Ou o hotel tinha providenciado? De qualquer forma, lhe caía bem.

— Eu gostaria de agradecer a todos por estarem aqui esta noite nesta significativa ocasião — começou ele, lendo de um pedaço de papel que tirara do bolso. — Há mais de um ano, os ventos do destino me levaram à obra-prima de Boris Pasternak. Eu gostaria que esses mesmos ventos pudessem estar aqui para comemorar conosco, nesta noite, mas, infelizmente, não podem.

Ele sorriu, e algumas pessoas riram.

— Quando segurei o romance em minhas mãos pela primeira vez, não podia ler uma palavra dele. A única palavra em russo que conheço é Stolichnaya.

Mais risadas.

— Mas meu querido amigo Pietro Antonio Zveteremitch — ele apontou para um homem de colete de lã que fumava um cachimbo no fundo da multidão — me disse que não publicar um romance como esse constituiria um crime contra a cultura. Mas, mesmo antes de ele ler, eu sabia, só de segurá-lo em minhas mãos, que o romance era especial.

Ele largou o pedaço de papel que estava lendo e deixou que flutuasse até o chão.

— Então, arrisquei. Levaria meses até que Pietro terminasse sua tradução, e

eu pudesse finalmente ler estas palavras.

Ele levantou o *Doutor Jivago*.

— Mas, quando pude, as palavras do mestre russo foram gravadas em meu coração para sempre, como certamente serão nos seus.

— Viva! — gritou alguém.

— Nunca tive a intenção de ser o primeiro a levar esta obra a um público — prosseguiu Feltrinelli. — Era minha intenção comprar os direitos depois que ela fosse publicada em sua terra natal. Mas é claro que a vida nem sempre acontece conforme planejamos.

Uma mulher aos pés de Feltrinelli levantou sua taça.

— *Cin cin!*

— Me disseram que seria um crime publicar esta obra. Me disseram que publicar este livro seria meu fim. — Ele olhou em volta. — Mas tenho em meu coração a verdade que Pietro disse ao lê-lo pela primeira vez: que *não* publicar este romance seria um crime ainda maior. É claro que o próprio Boris Pasternak pediu que eu adiasse a publicação. Eu disse a ele que não havia tempo a perder, que eu precisava trazer suas palavras ao mundo imediatamente. Foi o que fiz. — A multidão explodiu. — Por favor, ergam suas taças para brindar a Boris Pasternak, um homem que ainda não conheci, mas a quem me sinto ligado pelo destino. Um homem que criou uma obra de arte a partir da experiência soviética, uma obra capaz de mudar, não, de afirmar a vida que resistirá à ação do tempo e o colocará na companhia de Tolstói e Dostoiévski. A um homem muito mais corajoso do que eu. *Salut!*

Taças foram erguidas, e bebidas, engolidas. Feltrinelli desceu do caixote, e foi absorvido de volta pela multidão de simpatizantes. Instantes depois, pediu licença e foi até o banheiro. Fiquei em um telefone no saguão para que ele tivesse que passar por mim ao voltar.

Ele passou, e eu desliguei o telefone pontualmente no segundo em que ele reparou em mim.

— Está achando a festa agradável, espero? — perguntou ele.

— Maravilhosa. Uma bela noite.

— Insuportável de tão bela. — Ele deu um passo para trás, como que para admirar uma obra de arte de outro ângulo. — Não nos conhecemos?

— O universo não quis, eu suponho.

— De fato. Bem, fico feliz que o universo tenha feito questão de corrigir esse erro grave. — Ele pegou minha mão e a beijou.

— Você é o motivo pelo qual o livro foi publicado?

Ele colocou a mão sobre o peito.

— Aceito total responsabilidade.

— O autor não teve voz no processo?

— Não, não exatamente. Não era possível.

Antes que eu pudesse perguntar se Pasternak ainda estava em perigo, a esposa de Feltrinelli — uma beldade de cabelos escuros com um vestido longo de veludo preto sem mangas e uma gargantilha de pedras preciosas combinando — se aproximou. Ela segurou com firmeza o braço do marido e o levou de volta à festa. Olhou para trás uma vez, caso eu não tivesse entendido o recado.

Conforme a festa ia chegando ao fim, a equipe de garçons de paletó vermelho começou a recolher os montes de mexilhões recheados, *carpaccios* de carne e *crostini* de camarão não consumidos, e também as numerosas garrafas de Prosecco vazias espalhadas pelo salão. A sra. Feltrinelli tinha ido embora em uma limusine instantes antes, e Feltrinelli chamou os poucos que restaram a se juntarem a ele no Bar Basso. Ao sair, acompanhado pela aglomeração de parasitas, virou para mim de repente:

— Você vai se juntar a nós, não é? — perguntou.

Ele não parou para esperar pela minha resposta, já sabendo qual seria.

Um Citroën prata e uma pequena frota de Fiats pretos nos esperavam na frente do hotel. Feltrinelli e uma jovem loira que chegou minutos depois que sua esposa saiu entraram no Alfa Romeo, e o restante de nós nos amontoamos nos Fiats. Feltrinelli acelerou o motor e saiu em disparada, e ficamos presos atrás de dois homens levando as namoradas em Vespas — turistas, a julgar pelo fato de que dirigiam devagar e em linha reta, em vez de ir costurando pelo trânsito, como os locais.

Nosso grupo saiu dos carros e entrou no Bar Basso, gritando pedidos de drinques para os *barmen* de paletó branco. Encontrei um lugar em frente a uma parede de espelhos e sondei o bar procurando por Feltrinelli. Nem sinal dele. Um homem baixo com uma gravata-borboleta desfeita e lábios manchados de vinho passou por mim com uma bebida grande. O reconheci como um dos fotógrafos da festa.

— Gostaria de uma bebida? — Ele estendeu o copo. — Pegue a minha!

Mantive as mãos ao lado do corpo.

— Onde está o convidado de honra?

— Na cama a uma hora dessas, imagino.

— Achei que ele vinha para cá.

— Como vocês americanos dizem, mesmo? Planos são feitos para serem trocados?

— Mudados?

— Isso! Acredito que ele decidiu fazer uma comemoração mais íntima.

O fotógrafo colocou o braço em minha cintura, as pontas dos dedos se

espalhando nas minhas costas. Estremecendo, afastei a mão dele e saí do bar.

—

Consegui o livro, que coloquei no cofre do quarto do hotel antes de sair novamente, mas não consegui obter mais informações de Feltrinelli. Parecia que ele estava protegendo Pasternak, mas por quê? Será que o autor corria maior perigo do que imaginávamos? A loira com quem Feltrinelli tinha saído era pelo menos quinze anos mais jovem do que eu, e não pude deixar de pensar que, se eu tivesse a sua idade, eu teria sido a mulher que ele colocou no carro esportivo e para quem contou seus segredos.

Táxis passavam, mas decidi caminhar. Queria aproveitar o ar fresco. E estava com fome. Minha primeira parada foi num carrinho de *gelato* preso a uma velha mula. O adolescente que cuidava do carrinho me disse que o nome da mula era Vicente, o Majestoso. Eu ri, e o garoto disse que minha risada era tão linda quanto meu vestido vermelho e meu cabelo vermelho. Agradeci, e ele me entregou o *gelato* de limão.

— *Offerto dalla casa.*

—

O *gelato* de graça ajudou a acalmar meu ego ferido, mas não impediu que eu me perguntasse se estava ficando velha demais para esse trabalho. Costumava ser fácil demais. Agora, o viço da minha pele existia apenas por causa de cremes caros que prometiam mais do que eram capazes de cumprir, e o brilho do meu cabelo vinha de uma garrafa de óleos exóticos comprada em Paris. E quando me deitei à noite sem sutiã, meus seios caíam para as minhas axilas.

Quando fiz treze anos, tanto garotos quanto homens começaram a me notar; o anonimato de minha forma pré-púbere havia desaparecido ao longo de um verão. Minha mãe foi a primeira a perceber. Uma vez, ao me pegar observando meu perfil no reflexo de uma vitrine, ela parou e me disse que uma mulher bonita precisa ter algo a que recorrer quando a beleza acabar, ou ficará sem nada.

— E vai acabar — disse ela.

Será que eu não teria nada a que recorrer? Quanto tempo eu ainda tinha até ser obrigada a descobrir?

Ao contrário de Feltrinelli, minha ambição não vinha da carteira. Nascia da ilusão de que eu era alguém especial, e de que o mundo me devia alguma coisa — talvez porque eu tenha crescido sem dinheiro. Ou talvez todos tenhamos essa ilusão em algum momento — a maioria desistindo dela depois da adolescência;

mas eu nunca desisti. Ela me oferecia uma crença inabalável de que eu podia fazer qualquer coisa, pelo menos por um tempo. O problema desse tipo de ambição é que exige reconhecimento constante de terceiros, e, quando esse não vem, vacilamos. E, quando vacilamos, vamos atrás do fruto mais fácil de conseguir — alguém que nos faça sentir desejada e poderosa. Mas esse tipo de reconhecimento é como a empolgação breve causada pelo álcool: precisamos dela para continuar dançando, mas só vai nos deixar de ressaca no dia seguinte.

O *gelato* de limão tinha gosto de verão, e eu disse a mim mesma que parasse de me autodepreciar. Mudei de ideia quanto a voltar direto ao hotel e parei na Piazza della Scala para ver o monumento a Leonardo da Vinci.

A praça era radiante. Um grupo pequeno de homens pendurava luzes de Natal brancas nas árvores que rodeavam o monumento no centro. Um homem de macacão marrom segurava a escada com uma das mãos e fumava com a outra, enquanto um em cima da escada tentava desfazer um nó nos fios. Os demais estavam ao lado, discutindo sobre a melhor maneira de desfazer um nó tão significativo.

Um casal de meia-idade estava sentado em um dos bancos de concreto próximo aos pés de Leonardo. Com os rostos próximos e intensos, eu não sabia dizer se estavam prestes a se separar ou se beijar.

Pensei em Irina. Em como jamais poderíamos ser aquele casal — se beijando, ou até brigando, bem ali, ao ar livre, para todos verem. O pensamento me veio como a notícia de uma morte repentina, e percebi que precisava dar um basta no que quer que estivesse acontecendo entre nós, e só lamentar pelo que poderia ter sido.

Fui até a esquina da praça e chamei um táxi.

— *Signora, si sente bene?* — perguntou o motorista quando chegamos ao hotel.

Eu tinha caído no sono, e o motorista falou comigo com tanta ternura que me surpreendi ao cair no choro. Ele pareceu muito preocupado. Estendeu a mão e me ajudou a sair do carro.

— *Starai bene* — disse ele. — *Starai bene.*

Pensei em convidá-lo para subir até o quarto comigo — aquele jovem com calvície prematura que cheirava a hortelã fresca. Eu não queria dormir com ele, mas dormiria se ele me dissesse sem parar que eu ficaria bem, *starai bene*, eu ficaria bem, até que eu caísse no sono. Em vez disso, fui para o quarto sozinha e deitei em cima das cobertas com o vestido amassado.

—

De manhã, depois de dois antiácidos e serviço de quarto, tirei meu exemplar do *Jivago* do cofre. Antes de guardá-lo na mala, abri o livro. Quando folheei as páginas, um cartão de visita caiu. Sem nome, sem telefone, só um endereço: LAVANDERIA DA SARA, 2010 P ST. NW, WASHINGTON, D.C. Eu conhecia o lugar: um prédio baixo de tijolos amarelos com uma placa azul pintada à mão, a poucos passos de onde Dulles morava. Dobrei o cartão na metade e coloquei-o em minha cigarreira de prata.

CAPÍTULO 14

O FUNCIONÁRIO EXEMPLAR

Fui a Londres encontrar um amigo para falar sobre um livro. Depois de me acomodar para o voo de onze horas de duração, pedi à aeromoça que pendurasse meu paletó e me trouxesse um uísque — com gelo, uma vez que ainda não dera meio-dia. O uniforme azul e branco da Pan Am com quepe e luvas brancas caía bem em Kit — o tipo de mulher que ficaria em segundo ou terceiro lugar em qualquer concurso de beleza do Meio-Oeste.

— Aqui está, sr. Fredericks — disse ela com uma piscadela.

Eu atendia por muitos nomes: nomes que me foram dados e nomes que eu dava a mim mesmo. Meus pais me batizaram Theodore Helms III. No primário, virei Teddy. No secundário, atendia por Ted, mas voltei a ser Teddy antes da faculdade.

Para Kit, ou qualquer um que perguntasse nos dois dias seguintes, meu nome seria Harrison Fredericks, ou Harry, para os amigos. Com vinte e sete anos, de Valley Stream, Nova York, Harrison Edwin Fredericks era um analista da Grumman Aerospace Corp. que — veja só — odiava voar. Ele fazia questão de manter a persiana fechada e preferia não se sentar ao lado de ninguém. Se, por acaso, você olhasse em seus bolsos, encontraria um recibo do posto Texaco que ficava a oito quilômetros de sua casa, uma embalagem de chicletes pela metade, e um lenço com as letras *HEF* bordadas.

Coloquei a pasta no assento vazio ao meu lado. Tinha sido encomendada sob medida pelo meu pai em Florença: de um couro castanho de qualidade com uma única fechadura de bronze. Ele me deu quando me formei em Georgetown, vinte e dois anos após ele ter se formado em Georgetown. Ele me entregou, sem embrulho, depois de um jantar tranquilo com minha mãe no Clube, e disse que me imaginava carregando-a ao Senado um dia, ou à Suprema Corte, ou ao escritório de advocacia que levava nosso sobrenome. O que meu pai não sabia na época era que, no terceiro ano, eu tinha mudado de direito para línguas eslavas.

Foi no verão após o segundo ano que tive certeza de que não queria trabalhar no escritório da família. Mas eu não sabia o que queria fazer. Aquela sensação de estar perdido, agravada pela morte do meu irmão mais velho, trouxe uma

depressão que surgiu como uma nuvem que vai cobrindo uma pessoa deitada ao sol. Parei de sair de casa e quase não comia. Depois que cheguei ao peso de quando estava no primeiro ano da escola secundária e minha pele assumiu a cor de uma calçada, não foram meus pais ou o médico com quem me obrigaram a "só conversar" que me trouxeram de volta; foi *Os irmãos Karamázov.* Depois, *Crime e castigo,* depois, *O idiota,* e, depois, tudo o que aquele homem escreveu. Dostoiévski me jogou uma corda no nevoeiro e começou a puxar. Quando escreveu que "o segredo da existência humana consiste não só em viver, mas em encontrar um motivo para viver", pensei *Sim! É isso!*. Eu estava convencido, como apenas um jovem é capaz de estar, de que no fundo eu tinha a alma de um russo.

Me dediquei a estudar os Grandes. Depois de Dostoiévski, vieram Tolstói, Gógol, Púchkin, Tchékhov. Quando terminei os gênios de antigamente, fui para os subterrâneos, os rejeitados pelo grande Monstro Vermelho: Óssip Mandelstam e Marina Tsvetáeva e Mikhail Bulgákov. E quando voltei à universidade no outono, o nevoeiro, embora ainda estivesse ali, tinha abrandado um pouco. Naquele semestre, larguei direito e me matriculei em russo.

Seis anos depois, a pasta carregava não memorandos legais ou depoimentos, mas a fonte principal de minha ansiedade: meu próprio romance inacabado.

Bebi um gole de uísque e abri a pasta. Em vez de pegar meu romance enquanto o avião levantava voo, peguei o de outra pessoa: *Pé na estrada,* de Jack Kerouac. Dizem que ele escreveu o romance em um rolo de papel contínuo durante três semanas regadas a benzedrina. Talvez fosse isso que eu vinha fazendo errado. Talvez precisasse de drogas e pergaminhos. Abri o livro e li as primeiras frases; então, fechei. Engoli o uísque e cochilei.

Quando acordei, sobrevoávamos o Atlântico. Decidi que podia finalmente dar uma olhada em meu rascunho. Na noite anterior, após ter jantado cedo com Irina, comecei a revisar a trama, fixando notas na parede do meu quarto para ver se conseguia dar algum sentido à coisa. Consegui, quase, e pensei que talvez estivesse a caminho de me tornar um escritor de verdade. Ou talvez não.

Nunca contei a ninguém sobre meu romance — nem mesmo que queria ser escritor. Nem a meus pais, nem a Irina, nem mesmo a Henry Rennet, meu amigo mais próximo desde Groton. Algumas pessoas achavam que Henry era um puxa-saco ambicioso, outras que ele era só um babaca. E talvez estivessem certas. Mas ele também ficou ao meu lado quando meu irmão faleceu. Quando os meses que se seguiram à morte de Julian pareciam tão extensos e cinzas quanto a paisagem russa, Henry sentava e bebia uísque e conversava comigo durante horas.

Meu plano original era publicar meu romance de estreia um ano depois da universidade, surpreendendo a todos. Meus pais nunca falaram nada, mas eu

percebia que estavam decepcionados por eu não ter entrado no escritório da família. Um romance seria algo de que poderiam se gabar para os amigos no Clube, uma conquista palpável.

Mas não aconteceu. No verão seguinte à formatura, comecei cem romances, sem nunca ir além das primeiras vinte páginas. Consegui forjar uma carreira a partir do meu amor por livros, no entanto — bem, isso e a fluência em russo. E meus contatos. O professor Humphries me recrutou em Georgetown. Um dos velhos amigos de Frank Wisner dos tempos de OSS, Humphries retomou o cargo de professor de linguística eslava depois da Guerra e se tornou um dos principais caça-talentos da Agência. Eu não fui o primeiro que Humphries recrutou, nem o último. Os superiores se referiam a nós como os garotos do Humphries, apelido que fazia com que parecêssemos mais um grupo *a capella* do que um de espiões.

A Agência queria ocupar cargos importantes com intelectuais — aqueles que acreditavam em mudar a ideologia das pessoas em longo prazo. E acreditavam que os livros eram capazes de fazê-lo. Eu acreditava que livros eram capazes de fazê-lo. Este era o meu trabalho: indicar livros que pudessem ser explorados e ajudar a levar a cabo sua disseminação secreta. Era meu trabalho garantir livros que prejudicassem a imagem dos soviéticos: livros proibidos por eles, que criticavam o sistema, que faziam os Estados Unidos parecer um farol reluzente. Eu queria que eles dessem uma boa olhada no sistema que tinha permitido que o Estado matasse qualquer escritor, qualquer intelectual — diabos, até mesmo qualquer meteorologista — de quem discordassem. Claro, Stálin estava morto, seu corpo, embalsamado e selado em um vidro, mas a memória dos Expurgos também estava preservada.

Como editor, eu estava sempre pensando em qual seria o próximo grande romance e em como conseguir que chegasse ao maior número de mãos o mais rápido possível. A única diferença era que eu queria fazer isso sem deixar rastros.

Minha viagem a Londres não era para tratar de um livro; era para tratar *do* livro. Estávamos atrás do *Doutor Jivago* havia meses. Obtivemos a primeira edição em italiano e decidimos que era tudo o que esperávamos que fosse. Era um imperativo operacional conseguir o manuscrito em seu idioma nativo, “para que nem uma fração de sua potência se perca na tradução”. Eu não sabia se a preocupação tinha mais a ver com garantir o maior impacto possível nos cidadãos soviéticos ou assegurar a pureza das palavras do autor. Queria acreditar que era o segundo, ou pelo menos um pouco dos dois.

Minha missão era convencer nossos amigos britânicos a entregar sua cópia em russo — ou pelo menos nos deixar tomá-la emprestado por um tempo. Um acordo preliminar já tinha sido feito, mas eles estavam enrolando, provavelmente

para conseguir mais tempo a fim de determinar se podiam fazer algo com a cópia antes. Fui enviado ao Grande Nevoeiro para resolver a questão.

Não que eu me importasse com aquela missão. Precisava sair de D.C. e esvaziar a cabeça. Irina andava distante, e antes eu achava que estávamos a caminho do altar. Já tinha até pedido o anel da minha avó à minha mãe e planejava fazer o pedido no Natal. Mas, depois de alguns encontros cancelados e da sensação de que algo não estava bem, eu não tinha mais certeza de que era a coisa certa a fazer. E, quando resolvi questioná-la, as coisas só pioraram. Eu nunca tinha conhecido alguém como ela. Até então, todas as garotas com quem me relacionara só estavam interessadas no anel da minha avó. Irina e eu tínhamos o mesmo interesse: subir na Agência, ser tratado com respeito, fazer bem seu trabalho, e ser reconhecido por isso. Ela parecia comigo, e alguém que me desafiava; eu sabia que, se me casasse com uma das garotas com quem me relacionara na faculdade, ficaria entediado antes do nascimento do primeiro filho, e eu não queria me transformar no homem clichê da Agência com uma ou duas amantes.

E ela era russa! Como eu amava o fato de ela ser russa, embora ela alegasse ser ainda mais americana do que eu. Comer *pelmeni* caseiro no apartamento pitoresco delas no subsolo; Mama — como ela insistiu que eu a chamasse desde o primeiro dia — tirando sarro do meu sotaque russo aristocrata sempre que tinha a oportunidade; eu amava tudo.

Mas, quando ela se afastou, tenho vergonha de dizer que cheguei a segui-la até sua casa uma ou duas vezes — para ver se estava se encontrando com outro homem. Não estava. Mas, ainda assim...

Então, sim, foi bom me afastar, e eu estava feliz que o destino fosse Londres. Eu amava a cidade: Noël Coward no Café de Paris, capas de chuva, boinas, galochas, *Teddy boys*, *Teddy girls*. É claro, eu também amava a literatura. Queria poder ficar uma semana e visitar a casa onde H. G. Wells morreu, ou o pub onde Lewis Carroll bebia *pints* com Tolkien. Mas, se tudo corresse conforme o planejado, eu terminaria a missão em uma noite e estaria no avião de volta aos Estados Unidos na manhã seguinte.

—

O amigo que eu ia encontrar, codinome Chaucer, não era meu amigo de verdade. Eu o conhecia, sim, e nossas vidas tinham se cruzado várias vezes por conta de livros. Ele era de estatura e constituição medianas e indistinguível como nós espiões nos esforçávamos para ser. A única exceção eram dentes: tão brancos e retos que ele parecia ter crescido em Scarsdale, não Liverpool. Também

conseguia mudar de sotaque de acordo com a companhia: elegante entre os elegantes, trabalhador entre os trabalhadores, irlandês ao falar com um ruivo. As pessoas o achavam encantador, mas eu só o suportava por cerca de uma hora.

Chaucer estava vinte minutos atrasado para nossa reunião no George Inn. Me fazer esperar, eu tinha certeza, era alguma merda psicológica do MI6. Eu não ficaria surpreso se descobrisse que ele tinha chegado antes e me observava à distância quando entrei no pub, que olhara no relógio de bolso — com certeza seria um relógio de bolso — e esperara vinte minutos antes de entrar. Eles sempre armavam mesquinharias desse tipo e, sempre que podiam, faziam questão de lembrar a nós, pobres americanos, que os britânicos tinham centenas de anos de vantagem no que dizia respeito a aperfeiçoar o ofício. Como Chaucer dizia, ele estava no jogo desde que eu usava fraldas.

Havia rumores de que o MI6 tinha conseguido o *Jivago* no original russo quando um avião que levava Feltrinelli ficou preso em Malta após um pouso de emergência falso. Segundo diziam, oficiais se passando por funcionários do aeroporto escoltaram Feltrinelli para fora do avião enquanto outro oficial fotografava o manuscrito. Eu não sabia se era verdade, mas era uma ótima história.

Me sentei em uma mesa para dois sob a cabeça de um cervo com olhos de vidro e tomei de uma vez dois uísques irlandeses — minha própria jogada psicológica, talvez. O *barman* atirou na mesa meu prato de peixe empanado com fritas e purê de ervilhas no instante em que Chaucer saiu da chuva e entrou, o colarinho do sobretudo preto erguido a altura das orelhas. Ele tirou o chapéu e o sacudiu, molhando os dois turistas franceses sentados ao lado da porta. Então, se curvou pedindo desculpas e se arrastou até a minha mesa. Percebi que tinha engordado um pouco desde a última vez que o vira.

Ele notou que eu o olhava de cima a baixo.

— Você está magro — comentou ele.

— Obrigado.

Ele levantou a mão esquerda.

— Sou casado agora.

— Isso explica.

— A infame sagacidade americana. Que saudade! — Ele se sentou. — Ouvi dizer que você está noivo.

— Ainda não, mas um brinde, de qualquer forma. — Levantei meu copo e engoli o uísque.

— Quer mais um copo dessa lavagem irlandesa?

Antes que eu pudesse responder, ele se levantou e foi até o bar. Trouxe dois *pints* e me entregou um.

— Eles não têm mais Bushmills. Sabia que Dickens frequentava este lugar? — Ele pegou uma batata murcha do meu prato e apontou para o outro lado do pub com ela. — Ele ficava ali. Até escreveu sobre o lugar. *A casa soturna*.

— Acho que li sobre isso em algum lugar.

— Claro que leu. Qual é mesmo o lema dos americanos? *Esteja preparado?*

— Esse é o dos escoteiros. E o romance do Dickens de que você falou é *A pequena Dorrit.*

— Isso! — respondeu ele, se encostando na cadeira. — Garoto inteligente. Senti falta das nossas réplicas.

Ele suspirou.

— Mas olha só para este lugar agora. Só nós, turistas, *pints* com muita espuma, batatas murchas. — Ele pegou mais uma. — Falando em grandes obras, como anda a sua?

Não fiquei surpreso por ele conhecer minhas aspirações fracassadas. Afinal, eu também sabia muitas coisas sobre ele — por exemplo, que tinha mesmo se casado recentemente, mas continuava dormindo com a funcionária de longa data, Violet, sem intervalo, a não ser pelas duas semanas que passou em lua de mel nas Bermudas. Eu só ficava irritado por ele conhecer minhas maiores fraquezas.

— Muito bem, obrigado.

— Fantástico — disse ele. — Mal posso esperar para ler.

— Vou me lembrar de autografar um exemplar para você.

Ele levou uma mão ao peito, sobre o coração.

— Sem dúvida, vou adorar.

— Falando em livros — comentei, querendo progredir na questão —, leu algo bom ultimamente?

— *Diamantes são eternos*. Você leu? Brilhante!

— Não — respondi. — Não é meu estilo.

— Está mais para Fitzgerald, imagino.

— Em comparação a Fleming?

— Aquela Daisy! Que garota! Eu praticamente me apaixonei por ela também.

— Acho que os homens se apaixonam mais por Gatsby do que gostariam de admitir.

— Não é paixão. Queremos ser ele. Todos os homens, todas as mulheres, aliás, anseiam por uma grande tragédia em segredo. Deixa a experiência vivida mais intensa. Torna as pessoas mais interessantes. Você não concorda?

— Só homens privilegiados romantizam a tragédia.

Ele bateu nas coxas carnudas.

— Eu sabia que tínhamos algo em comum!

Meu peixe esfriou no prato, a crosta empapada de gordura, mas cortei um

pedaço devagar e o engoli.

— Mas *estou* querendo escolher algo para a viagem de volta. Conhece alguma livraria boa por aqui?

Ele levantou, engoliu o *pint*, e limpou o bigode de espuma com a manga da camisa.

— Que tal um jogo?

Fomos até a parte de trás do pub. Eu era péssimo nos dardos, mas ganhei com folga, o que considerei seu jeito de dizer que estava disposto a negociar.

— Bom — disse ele depois de ser derrotado mais uma vez. — Parece que estou um pouco enferrujado.

Ele tirou o relógio de bolso, e não pude segurar o riso por ter acertado sua escolha.

— Preciso ir. Vou levar a patroa para ver *Tio Vânia* no Garrick.

— Eu amo uma boa peça russa — falei.

— E quem não ama?

— Boas críticas?

— Vai encerrar em Londres logo, mas deve estrear nos Estados Unidos ano que vem. Você sabe como é. Nós britânicos gostamos de testar as coisas antes de entregá-las a vocês.

Finalmente, estávamos chegando a algum lugar.

— Quando estreia?

— No início de janeiro. — Ele vestiu o casaco e o chapéu. — Mas não anunciaram a data exata ainda.

— Dezembro seria ideal. Gosto de assistir a um bom espetáculo na época das festas de final de ano.

— Eu não faço a programação — disse ele.

— Bem, vou ficar atento.

— Eu sei que vai.

Ele saiu, correndo na chuva até um carro que estava parado em frente ao pub. Eu voltei e pedi outro Bushmills, depois, paguei — Chaucer deixou a conta dele para mim, é claro.

A chuva apertou assim que pisei do lado de fora. Cheguei ao hotel encharcado e deixei um recado na recepção para que não transferissem nenhuma ligação para o meu quarto.

— Digam que estou com *jet lag* e preciso descansar — falei, usando um código para informar à Agência que o *Jivago* russo era praticamente nosso.

CAPÍTULO 15

A ANDORINHA

Dezembro chegou, e uma camada de neve fresca cobriu o Distrito. Eu deixara *Il dottor Živago* no confessionário indicado na Igreja de São Patrício no dia em que voltei de Milão e tinha ido a um escritório temporário para relatar a missão no dia seguinte. Contei tudo a Frank — quem comparecera, o que a imprensa estava dizendo, que trechos de conversas ouvira e, o mais importante, o que Feltrinelli dissera em seu discurso. Citei cada detalhe, exceto pelo encontro com o homem que conseguiu colocar seu cartão dentro da minha cópia do romance. Ao voltar, tirei o cartão da cigarreira e o coloquei embaixo de uma lajota solta em meu banheiro. Segredos eram uma garantia em Washington, e uma garota sempre precisa ter alguns no bolso.

Irina e eu combinamos de nos encontrar no espelho d'água — para patinar no gelo e depois jantar no meu apartamento. Depois de alugar patins em frente ao bagageiro do furgão de um homem que usava uma máscara de esqui, caminhamos com dificuldade pela neve em direção ao rinque, mas acabamos não indo até o gelo. Enquanto estávamos sentadas nos degraus do Lincoln Memorial tirando nossas botas, Irina desembuchou: Teddy pedira sua mão em casamento. Ela não me disse que tinha aceitado, mas não precisou dizer. Enquanto falava, ela fixou o olhar no Monumento a Washington e não me encarou nenhuma vez.

Eu sempre soube que era uma possibilidade. Conhecia outras que noivaram e se casaram e até tiveram filhos para cobrir seus rastros, para evitar a prisão, para ter uma vida "normal". Caramba, eu pensei em fazer a mesma coisa vez ou outra. E, depois de voltar da Itália, tentei terminar as coisas com ela uma dúzia de vezes, mas uma dúzia de vezes só acabei indo mais fundo. Eu sabia que podia acontecer… e, no entanto... Quando ouvi as palavras saírem de seus lábios, descobri que não estava preparada. Era como se alguém tivesse tirado uma pedra dos meus alicerces e eu não tivesse certeza de quando ia desabar. Mas, naquele instante, consegui me controlar. Mantive a calma, como eu fora treinada a fazer em qualquer circunstância. Dei-lhe os parabéns, dizendo que adoraria dar uma festa de noivado ao casal. Pega de surpresa, ela respondeu, em voz bem baixinha, que não seria necessário. Quando eu disse a Irina que não queria mais

patinar, que estava com dor de cabeça e que devia ir para casa descansar, ela se levantou e me deixou nos degraus gelados. Fiquei observando sua toca vermelha ir se transformando em um ponto cada vez menor na paisagem branca.

—

Naquele fim de tarde, Irina apareceu no meu apartamento, ainda vestida para patinar. Parecia ter caminhado desde que tinha me deixado nos degraus — o nariz vermelho, o corpo tremendo. Ela entrou no meu apartamento, tirando as botas, a toca, o lenço, o casaco. Quando eu disse que estava dormindo, que achava que estava ficando gripada e que era melhor que ela não se aproximasse tanto, ela colocou as mãos geladas em meu rosto.

— Escute — disse ela, apenas.

Então me beijou, seus lábios se ajustando aos meus até eles se encaixarem.

O beijo me deu vontade de chorar; fui tomada por uma sensação de perda no instante em que ela afastou a boca.

— Escute — repetiu.

Suas palavras me fizeram querer desviar o olhar, mas ela não deixou. Ela se aproximou mais, os dedos dos pés cobertos pela meia-calça em cima dos meus. Mesmo sem salto, ela era uma testa mais alta do que eu e segurou meu rosto como se estivesse fazendo uma inspeção.

Ela me beijou mais uma vez e, então, colocou as mãos geladas dentro do meu roupão. Sua autoconfiança me pegou de surpresa. Ela estava fingindo ser outra pessoa, ou tinha realmente se tornado outra pessoa sem que eu percebesse?

Um tremor percorreu minhas pernas, e caí de joelhos no carpete cor-de-rosa. Ela me acompanhou. Com meu roupão agora aberto, ela beijou minha barriga, e um barulho escapou de meus lábios, um som constrangedor. Ela riu, o que me fez rir.

— Quem é você? — perguntei.

Ela não respondeu, concentrada em traçar a linha do meu osso pélvico. Talvez fosse o inverso. Talvez eu não estivesse reconhecendo a mim mesma. No sexo, sempre fui a pessoa a ter o controle. Avaliava as reações de meu parceiro e me movimentava, posava e gemia de acordo. Aquilo era diferente. Ela não esperava nada de mim. Eu estava impotente.

O tempo todo eu pensava que íamos parar — que ela ia recobrar os sentidos e que eu ia recobrar os meus. Que ela ia recuar. Quando exprimi isso, ela disse que era tarde demais.

— Não tem mais volta.

E tinha razão. Era como assistir a um filme em Technicolor pela primeira vez:

o mundo era de um jeito, e de repente tudo mudou.

—

Dormimos no carpete, com meu roupão fazendo as vezes de cobertor, e meu peito, de travesseiro dela. Me agitei com os barulhos e aromas vindos da padaria que abria lá embaixo. Fui ao banheiro para jogar água no rosto e pentear o cabelo. A luz da manhã entrando pelo basculante acima do chuveiro era implacável, minha imagem no espelho, chocante. Pensei em Irina e Teddy — em como seria seu casamento, como seria vê-la andando até o altar. E meu novo mundo em Technicolor voltou a ser preto e branco.

Quando saí do banheiro, Irina estava na cozinha olhando para dentro da geladeira. Ela tirou uma caixa de ovos e perguntou como eu gostava.

— Não sei. Como Teddy prefere?

Ela não disse nada. Quando perguntei de novo, ela pegou minha mão e disse que pensaríamos em algo. Quando declarou que me amava, em vez de falar a verdade — que eu também a amava —, me afastei e disse que não estava com fome, que talvez fosse melhor ela ir embora. E ela foi.

X X X

Chuva congelante na última noite do ano. Em pé na cozinha, abri uma embalagem de papel-alumínio que parecia um cisne e aqueci o filé-mignon que tinha sobrado. Abri a janela que dava para a escada de incêndio e coloquei para dentro a garrafa de Dom Pérignon 1949 que Frank me dera pelo trabalho bem-feito em Milão.

Comi meu jantar em pé em frente ao forno aberto para aquecer minhas costas, e o champanhe estava mesmo tão delicioso quanto Frank havia prometido.

Durante o dia, eu tinha ido à matinê de *A ponte do Rio Kwai*. Mas tive dificuldade de me concentrar e saí antes de terminar. O céu já estava escuro, a chuva começara a cair. Quando cheguei em casa, nosso Natal branco se reduzira à lama marrom. O boneco de neve que algumas crianças tinham feito no parque do outro lado da rua tinha virado gelo maciço, o nariz de cenoura, substituído por um cigarro, o cachecol, perdido. Eu odiava o Ano-Novo.

Para piorar as coisas, meu apartamento estava congelante — minha respiração visível no ar gelado, o radiador frio ao toque. Xinguei o senhorio, um homem que era dono de metade dos prédios da quadra, mas que era sovina demais para contratar um zelador.

Preparei um banho quente e submergi com cuidado, para não molhar o cabelo.

Quando a água ficou morna, liguei a torneira de novo com os dedos dos pés, um processo que repeti duas vezes antes de finalmente sair. Atacada pelo ar frio, me enrolei em um roupão felpudo grande. Queria apenas entrar embaixo das cobertas e cair no sono ouvindo Guy Lombardo celebrar a chegada de 1958 no rádio. Mas não seria possível. Eu tinha que me vestir, dar um jeito no rosto e comer alguma coisa antes que o carro preto chegasse para me levar à festa em uma hora. Eu tinha que trabalhar.

Depois de Milão, quando relatei a missão a Frank, ele pareceu satisfeito mas distraído, como se já soubesse dos detalhes — o que provavelmente era verdade. Ele não pareceu se importar por eu não ter me aproximado mais de Feltrinelli. No início, pensei que ele pudesse compartilhar minha opinião de que eu talvez devesse ter continuado aposentada, que talvez eu não servisse mais para o trabalho; mas, em vez de me dispensar educadamente, ele disse que havia mais uma coisa em que eu podia ajudar.

— Preciso de mais um favor.

— Qualquer coisa.

—

A chuva diminuiu quando meu carro preto chegou. Me enrolei em meu casaco de angorá branco, deixando o de pele no armário, como fazia desde que Irina disse que pele lhe dava arrepios.

— Coitadinhos dos coelhos — disse, passando a mão em meu casaco.

O motorista, com o quepe de couro envernizado em uma mão, segurou a porta do carro aberta para mim com a outra.

— Uma garota como você não tem um encontro no Ano-Novo?

Entrei no banco de trás.

O Distrito ia passando, com uma lasca de lua visível nos espaços entre os prédios. Me perguntei se Irina via a lua de onde estava. Estava passando a última noite do ano com Teddy e sua família rica no chalé deles nas Montanhas Verdes. Irina nem sabia esquiar. Desejei que estivesse nublado, que a chuva congelante tivesse chegado a Vermont.

A festa de Ano-Novo era no Colony, um restaurante francês no centro considerado um dos melhores do Distrito, o que não queria dizer muita coisa. Oferecida por um diplomata panamenho, era basicamente uma festa do escritório sem o escritório. Era um evento para a panelinha, só para convidados. A gangue toda estaria lá: Frank, Maury, Meyer, os irmãos Dulles, os Graham, um dos irmãos Alsop, todos do círculo de Georgetown. Mas eu não fui para conversar com eles. Eu tinha outro trabalho a fazer.

As estátuas em baixo-relevo de seres mitológicos que revestiam a parede estavam ornamentadas com chapéus de festa, e o salão, com serpentinas prateadas e douradas. Uma rede de balões brancos pronta para quando o relógio batesse a meia-noite pairava sobre a pista de dança lotada. Uma faixa grande estava pendurada no bar principal: MAL PODEMOS ESPERAR POR 1958! Uma banda de metais com uma cantora em um vestido de cetim tocava em frente a um relógio gigante, os ponteiros marcando dez horas. Quando entreguei meu casaco à garota da chapelaria, uma garçonete vestida de Rockette com um chapéu minúsculo preso à lateral da cabeça me ofereceu uma bandeja prateada com buzinas e chapéus. Escolhi uma buzina com franja roxa metálica, mas dispensei o chapéu.

— Onde está seu espírito festivo, garota? — perguntou Anderson atrás de mim.

Ele usava dois chapéus pontudos na cabeça como chifres de diabinho, o elástico enterrado em sua papada. Já tinha tirado o paletó, e as costas da camisa já estavam transparentes de suor.

— O bebê do Ano-Novo vai fazer outra aparição hoje? — perguntei, me referindo à vez em que ele tirou a roupa e ficou só com um lençol branco enrolado no quadril, enfiou uma chupeta gigante na boca e se agarrou a uma garrafa de rum na comemoração de Ano-Novo em Kandy.

— A noite é uma criança!

— Falando em espírito festivo, onde uma garota consegue bebida por aqui? — Eu já estava aquecida com as três taças de Dom Pérignon que eu tinha bebido em casa, mas eu não queria que a sensação sumisse; queria manter Irina longe de meus pensamentos, pelo menos por um tempo.

Anderson me deu seu copo de ponche pela metade.

— Primeiro as damas.

Engoli o ponche, soprei minha buzina para ele e acenei para o garçom que estava com uma bandeja de bebidas. Anderson perguntou se eu queria dançar, e falei que talvez depois. Eu já tinha enxergado o homem que Frank queria que eu conhecesse melhor do outro lado da pista.

Observei Anderson retornar para uma mesa cheia de gente que comemorou sua volta, então, voltei a atenção para o meu homem. Henry Rennet estava à diagonal do palco, assistindo à imitação de Eartha Kitt cantar “Santa Baby”. Passei pela mesa de Anderson, contornei a pista e encontrei um lugar do outro lado do palco em relação a Henry. Então, esperei. A banda terminou a música, e a cantora foi até o relógio para colocar os ponteiros em dez e meia. A multidão comemorou; Henry riu com sarcasmo, mas levantou o copo para a última hora e meia de 1957 assim mesmo. Então, olhou na minha direção.

—

O que eu sabia sobre Henry Rennet: garoto de Yale. Tinha crescido em Long Island, mas dizia “em Nova York” quanto perguntavam. Com apenas cinco anos e três meses de Agência, sua ascensão meteórica na DS levantava suspeitas. Morava sozinho em um apartamento de um quarto em um prédio sem elevador do outro lado da ponte, em Arlington, pago pelos pais. Homem da linguística — fluente em russo, alemão e francês. Passou o ano entre Yale e o emprego na Agência fazendo um “mochilão” pela Europa — o que, na verdade, queria dizer pulando de um hotel cinco estrelas em outro com o dinheiro dos pais. De cabelos ruivos, sardento e de pescoço grosso, se saía melhor com as mulheres do que o esperado. Tinha namorado duas integrantes do setor de datilografia — nas interpretações mais liberais possíveis do termo “namorar” — sem que nenhuma das duas soubesse que a outra também já tinha namorado com ele. Era um dos melhores amigos de Teddy Helms, por razões que Irina não entendia. Mas eu entendia. Os garotos da Ivy League sempre se apoiavam.

Outra coisa sobre Henry Rennet, e motivo pelo qual eu estava na festa, era que Frank achava que talvez ele fosse um informante. Frank me contou sobre suas suspeitas um mês antes, logo depois de me recrutar para a missão do livro, e comecei a fuçar discretamente. Quando voltei da Itália, ele pediu que eu conhecesse Henry melhor.

A verdade é que todos os homens da Agência tinham egos enormes — mas costumavam demonstrar isso apenas em seus círculos íntimos. Henry tinha o tipo de ego que podia colocá-lo em apuros. Era considerado arrogante. Isso e o conhecido problema com a bebida eram o suficiente para fazer soar alguns alertas.

Eu não falei nada, e esperava que não fosse verdade, mas tinha ouvido boatos de que as faculdades mentais de Frank tinham sido questionadas recentemente — alguns diziam que ele não era mais o mesmo depois da missão fracassada na Hungria; outros atribuíam sua obsessão por descobrir um informante soviético a se tornar menos competente no trabalho.

—

Depois de alguma conversa perto do palco, alguns giros pela pista de dança e dois copos de ponche, Henry sugeriu que fôssemos a algum lugar mais íntimo para conversar. A cantora já tinha mudado os ponteiros do relógio para onze e quarenta e cinco, e a multidão se preparava com lança-confetes, matracas, e enchia as taças para o brinde da meia-noite. Saímos de fininho, e, no caminho,

ele pegou uma garrafa de champanhe de um balde prateado.

— Para o nosso brinde — disse ele, segurando a garrafa como se fosse um troféu.

— Para onde estamos indo?

Henry não respondeu, andando dois passos à minha frente. Normalmente, era eu quem assumia a liderança e, acelerando o passo, tropecei em uma saliência no carpete e caí. Henry virou para me ajudar, e o sangue correu para minha cabeça quando me levantei.

— Não me diga que uma garota como você não aguenta beber?

— Eu aguento, sim, obrigada.

Ele levantou a garrafa de novo.

— Ótimo. — Olhou para o relógio. — Sete minutos para a meia-noite.

Ele colocou o braço em minha cintura, o polegar enfiado na minha lombar, e nos levou até a saída.

— Estou sem meu casaco — falei.

— Ah, não vamos sair.

Passamos pelo porteiro largado em seu banquinho, como se também tivesse desfrutado de um ou dois drinques. Henry pegou minha mão, e, dançando, nos levou para um canto. Seu bafo cheirava a piso de bar, e eu soube que ele talvez estivesse bêbado o bastante para soltar a língua. Arrumei sua gravata — uma coisinha feia e estreita — e olhei para o porteiro, que fingiu não nos observar.

— Achei que íamos a algum lugar tranquilo para conversar.

Ele estendeu a mão atrás de mim, e a parede virou uma porta.

— Ora, veja só… — disse ele, me empurrando para dentro de uma chapelaria fora de uso.

O quartinho estava vazio, exceto por alguns uniformes brancos em cabides de arame, uma cadeira quebrada e um aspirador de pó velho.

— Não é exatamente o lugar confortável que eu tinha em mente.

— Eu sei que uma garota como você está acostumada com... — ele apontou com a garrafa para a cadeira quebrada — ... um ambiente mais elaborado e tal. Mas é tranquilo, certo?

Ele estourou a rolha, que caiu em um compartimento vazio do armário de chapéus, e deu um gole.

— E íntimo. — continuou.

Ele me ofereceu a garrafa, mas recusei, sentindo que já estava a um drinque de perder o controle.

— Talvez um gole à meia-noite.

Ele olhou para o relógio e deu algumas batidinhas.

— Mais três minutos.

— Alguma resolução de Ano-Novo?

— Só esta. — Ele colocou a mão suada em meu rosto e se aproximou para me beijar.

Eu dei um passo para trás, e minha cabeça roçou na haste do armário atrás de mim.

— Me diga uma coisa antes — pedi.

— Você é linda. — Ele tentou de novo.

Eu o empurrei com o dedo indicador.

— Vai ter que se dedicar mais do que isso.

Ele riu de um jeito que me fez estremecer.

— Gosto disso. Gosto de um desafio.

— Me diga alguma coisa… interessante. — Sustentei a troca de olhares, um velho truque para fazer as pessoas falarem.

— Eu? Eu sou um livro aberto. — Ele olhou para o teto e soltou o ar. — Você é quem tem segredos.

— Toda mulher tem seus segredos.

— Isso é verdade, mas acontece que eu sei o seu.

Minha boca ficou seca; minha língua, pesada como um saco de areia.

— E qual é?

— Você quer que eu diga?

— Diga.

— Você acha mesmo que não sei por que veio conversar comigo? Você de repente se interessou por um homem, vejamos, uma década mais novo do que você? Você acha que eu não sei o que você é? Eu sei que tem feito perguntas a meu respeito. A respeito da minha lealdade.

Olhei para a porta.

— O que você não sabe é que eu tenho mais amigos aqui do que você.

Eu caí direitinho, distraída e bêbada demais para perceber. Tentei sair, mas ele entrou na minha frente.

— Vou gritar.

— Ótimo. Eles vão achar que está fazendo seu trabalho muito bem.

Eu o empurrei, e ele me empurrou de volta. Minha cabeça bateu na haste de metal do armário com uma força surpreendente. Antes que eu pudesse me mexer, ele jogou o corpo contra o meu e pressionou a boca em meus lábios com tanta força que senti gosto de sangue quando ele se afastou. Tentei tirá-lo de cima de mim, mas ele fez de novo, forçando a língua na minha boca. Quando tentei lhe dar uma joelhada, ele me deu uma rasteira. Fui para o chão. Ele fez o mesmo. Tentei me levantar, mas ele colocou minhas mãos acima da minha cabeça e as prendeu com uma das mãos. Gritei, mas meu berro foi abafado pela multidão do

outro lado da porta começando a contagem regressiva para a meia-noite. *Trinta!* Ouvi a lateral do meu vestido rasgar.

— É isso o que você faz, não é? É assim que eles usam você.

Vinte e três!

Cuspi nele, e ele limpou meu cuspe do rosto com um sorriso que eu queria poder acertar com um tijolo. Ele pressionou a testa contra a minha.

Quatorze!

— Então os boatos são verdadeiros? — O bafo dele era quente e azedo. — Você é algum tipo de degenerada? Seria uma pena se isso vazasse.

Três! Dois! Um!

A multidão gritou:

— Feliz Ano-Novo!

E a banda começou a tocar "Auld Lang Syne". Fechei os olhos e pensei nas pílulas de suicídio de nossos *kits* de sobrevivência em Kandy — brancas e ovais, em um pequeno frasco de vidro fino envolto em borracha marrom. Se necessário, devíamos mordê-lo, quebrando o vidro e liberando o veneno. Quando o veneno é liberado, os batimentos cardíacos param em minutos; a morte é rápida e supostamente indolor. Nunca passou pela minha cabeça que eu pudesse ser capturada tão longe do campo de batalha.

—

Ele me deixou na chapelaria. Não pensei em levantar. Não pensei em me arrastar para fora. Não pensei em conseguir ajuda. Não queria pensar em nada. Queria dormir.

Ele voltou com meu casaco e me ajudou a levantar. Anderson e a esposa estavam indo embora quando saímos — Henry primeiro, e eu, cambaleando alguns passos atrás dele. Mas Anderson não se aproximou, não gritou "Feliz Ano-Novo", não disse nada. Ele olhou para minha maquiagem manchada, meu vestido rasgado, e não disse uma palavra.

Henry estava certo. Eu não era nada para eles. Nem Anderson conseguia olhar para mim. Eu não era sua colega, sua semelhante. Com certeza, não era sua amiga. Todos eles me usavam. Estavam me usando o tempo todo. Frank, Anderson, Henry, todos eles. E eu tinha certeza de que continuariam me usando até que o mel secasse.

Henry me colocou em um carro, beijou meu rosto como um cavalheiro e disse ao motorista para dirigir com cuidado.

O motorista me levou até a minha porta, e subi as escadas até o meu apartamento agarrada ao corrimão. Ainda podia senti-lo. Ainda podia sentir seu

cheiro.

O apartamento ainda estava frio. A garrafa de Dom Pérignon pela metade ainda estava na mesinha de centro de vidro, ao lado do cisne vazio de papel-alumínio. O salto que eu tinha experimentado com o vestido, mas não havia usado, ainda estava ao pé do espelho. O cartão de Natal que Irina mandara ainda estava sozinho em cima da lareira.

Tirei os sapatos. Tirei a maquiagem. Tirei o vestido. Fiquei em pé na banheira, e deixei a água escaldante correr meu corpo. Então, deitei e dormi — o dia todo, e a noite seguinte.

Quando acordei, fui até o banheiro e ajoelhei no chão gelado. Contando seis peças a partir da parede, enfiei a unha embaixo da lajota solta. Minha unha vermelha quebrou. Tirei o resto com uma mordida, e cuspi no chão do banheiro. Tirando a lajota, peguei o cartão: LAVANDERIA DA SARA, 2010 P ST. NW, WASHINGTON, D.C.

Virando o cartão, pensei em Irina. Queria guardar tudo. Queria catalogar e então arquivar as lembranças que tinha dela para poder consultá-las no futuro, protegê-las da influência de outras pessoas, protegê-las da distorção cruel do tempo, protegê-las de quem eu sabia que teria que me tornar.

—

Uma vez feita a ligação, eu não poderia voltar atrás. A expressão *agente duplo* é quase um termo equivocado: uma pessoa não se torna duas. Em vez disso, perde parte de si mesma para existir em dois mundos, sem nunca sair completamente de nenhum deles.

Me lembrei de quando vi Irina no Ralph’s: sentada na ponta da mesa, com as pernas meio no corredor, quando ela virou a cabeça na minha direção pela primeira vez. Lembrei do chiclete cor-de-rosa que ela comprou no posto de gasolina em Leesburg em nossa ida ao vinhedo que, no fim das contas, estava fechado. De quando fomos descer o Fort Reno, o ponto mais alto do Distrito, na noite da primeira nevasca. De como hesitei quando a encontrei na estação de Tenleytown e ela mostrou duas bandejas cor de ervilha que tinha pegado na cantina da Agência. Apontei para o salto que estava usando e disse que não tinha jeito de ir. Em como cedi quando ela pediu que eu tentasse só uma vez. Na sensação do vento em meu rosto quando descemos o morro gelado.

Da vez em que entramos em um Safeway dez minutos antes de a loja fechar, em busca de um bolo de aniversário. Não era meu aniversário, nem dela, mas Irina insistiu que comprássemos um, e até pediu ao confeiteiro, que já havia tirado o avental, se ele podia, por favor, escrever meu nome no bolo, com um

ponto de exclamação, com glacê azul.

De quando vimos aviões pousarem no Aeroporto Nacional do Gravelly Point. De como nos aconchegávamos embaixo de um cobertor quando um clarão aparecia à distância. Do barulho dos aviões ficando cada vez mais alto até eles aparecerem sobre nossas cabeças. De como pareciam estar tão perto que era como se pudéssemos estender a mão e tocar suas barrigas.

Queria me lembrar até mesmo daquela manhã em meu apartamento depois que fizemos amor — quando tudo se desfez como um fio solto em uma blusa de lã. Depois que ela foi embora, fui até o armário, onde tinha escondido um presente que comprara para ela: uma gravura antiga da Torre Eiffel. Depois de assistir a *Cinderela em Paris*, ela disse que precisávamos ir a Paris juntas um dia. A torrezinha era do tamanho da palma da minha mão, e suas linhas complexas, desenhadas com a ponta de uma agulha mergulhada em tinta. Eu tinha mandado emoldurar e embrulhado em papel pardo, amarrado com um barbante vermelho. Planejava dar a Irina no Natal, mas acabou ficando no fundo do meu armário.

—

Segurei o cartão de visitas. Decorei o endereço, acendi um fósforo e vi o cartão ser consumido pelas chamas.

CAPÍTULO 16

~~A candidata~~
A MENSAGEIRA

O Bishop's Garden estava vazio, o portão lateral, trancado. As árvores nuas formavam uma sombra preta na Catedral Nacional iluminada. A fonte protegida por querubins estava desligada para o inverno, exceto por um gotejamento constante a fim de evitar que os canos congelassem, e as roseiras famosas do jardim eram apenas arbustos espinhosos.

Três lâmpadas ao longo do caminho que abraçava a parede de pedra estavam queimadas — como eles disseram que estariam —, mas, com a lua cheia e a catedral iluminada pairando sobre o jardim, não tive problema algum para seguir o caminho e passar pelo arco de pedra até o banco de madeira sob o pinheiro mais alto.

Limpei a fina camada de neve e agulhas de pinheiro mortas e sentei. Um movimento repentino atrás de mim fez os pelos da minha nuca se arrepiarem. Olhei em volta: nada. Eu tinha sido seguida? Olhei para cima: duas lanternas amarelas pendiam altas no pinheiro. Uma coruja se firmou em um galho que parecia pequeno demais para sustentá-la. Ela virou a cabeça, vasculhando o jardim atrás de um rato ou esquilo azarado. Era uma ave real, ali em seu trono, pronta para julgar e cumprir a sentença ela mesma. Não dirigia qualquer atenção a mim, uma plebeia, enquanto esperava pacientemente que seu jantar aparecesse. Funcionar apenas por instinto foi um dom dado aos animais; a vida seria muito mais simples se os humanos fizessem o mesmo. O galho quebrou quando a coruja se mexeu. Com uma batida das asas, ela margeou e voou por sobre o muro do jardim. Só quando ela desapareceu foi que percebi que estava prendendo a respiração.

Puxei a luva vermelha e olhei para o relógio: sete e cinquenta e seis. Chaucer chegaria em quatro minutos. Se ele se atrasasse, eu deveria partir imediatamente e pegar o ônibus da linha 10 para Dupont Circle. Se chegasse na hora, eu deveria pegar um pequeno embrulho com ele, dois rolos de microfilme contendo *Doutor Jivago* no original russo e, então, embarcar no ônibus 20 e entregá-lo em um local combinado na Albemarle Street.

Começou a nevar, e observei os flocos dançando nos holofotes que apontavam para a catedral. Minhas coxas começaram a coçar, como faziam sempre que eu sentia frio, e apertei o cinto do casaco longo de pelo de camelo que Sally insistira em me dar quando percebeu a queimadura de cigarro no meu antigo casaco de inverno — um presentinho de um homem que tinha esbarrado em mim no ônibus. Tirei as luvas de couro vermelho e soprei ar quente nas mãos em concha. Quando estiquei os dedos, meu anel de noivado escorregou e tilintou nos paralelepípedos. Era dois números maior que meu dedo, e eu não tinha conseguido mandar ajustar. Mas, ah, era lindo. A avó de Teddy lhe dera o anel quando garoto, dizendo que um dia seria usado pela mulher que ele amaria pelo resto da vida. Ele se lembrava de ter dito a ela que jamais se casaria — estaria ocupado demais lutando contra os nazistas, como o Capitão América. A avó deu um tapinha em sua cabeça.

— Espere só — disse ela.

Teddy contou essa história antes de se ajoelhar na casa dos pais no dia seguinte ao meu aniversário de vinte e cinco anos, pouco antes de servirem o bolo de morango. Em vez de olhar para Teddy, observei minha mãe, que irradiava um olhar orgulhoso que eu nunca tinha visto nela. Então, notei os pais dele do outro lado da mesa, sorrindo como se seu garotinho tivesse dado os primeiros passos. Depois, olhei para Teddy e assenti.

Era um anel lindo, mas eu odiava usá-lo. Parecia um disfarce.

Sabia que o que eu queria de verdade era impossível. Mas eu queria mesmo assim. Queria a emoção, o lar, a aventura, o esperado, o inesperado. Queria cada contradição, cada oposto. Queria tudo de uma vez. Mal podia esperar para que minha realidade alcançasse meus desejos. E essa necessidade era uma companhia constante, um nervosismo latente que fazia com que eu analisasse cada interação minha e questionasse cada decisão tomada — era a fonte de um monólogo silencioso sem fim, que me mantinha acordada à noite enquanto Mama roncava baixinho do outro lado da parede fina que separava nossos quartos.

Eu sabia do que as pessoas chamavam isso: abominação, perversão, desvio, imoralidade, depravação, pecado. Mas eu não sabia do que chamar aquilo — do que nos chamar.

Sally havia me mostrado um mundo que existia atrás de portas fechadas, mas eu ainda não sentia que aquele era meu mundo, minha realidade. Tudo o que sabia era que não tinha visto Sally desde a noite que passei em seu apartamento duas semanas e três dias antes, e que, naquelas duas semanas e três dias, não havia passado uma hora sequer que eu não pensasse nela.

Peguei o anel do chão e coloquei de volta quando os sinos da catedral bateram

oito vezes. Depois da última batida, Chaucer apareceu, como planejado. Não houve som algum — nem do portão se abrindo, nem dos passos. Ele chegou silencioso como a neve, com um casaco longo preto e um chapéu xadrez com abas que cobriam as orelhas. Com o chapéu engraçado e a expressão curiosa, ele me lembrou um *basset hound*.

— Olá, Eliot — cumprimentou ele.

— Olá, Chaucer.

— Noite agradável para um passeio. — Seu sotaque era muito marcado pelas articulações de um londrino de alta classe.

— É mesmo.

Ele permaneceu sentado, e um instante de silêncio passou entre nós. Não fez menção alguma de me passar o embrulho, mas virou e olhou para a catedral.

— Estrutura impressionante. Vocês americanos amam mesmo fazer construções novas parecerem velhas.

— Suponho que sim.

— Pegam pedaços do Velho Mundo, remendam e colocam o selo de americano velho, é isso?

Eu não ia discutir com ele, nem entendia por que ele parecia querer discutir comigo. Talvez fosse o que os homens faziam quando se encontravam assim, mas eu não tinha tempo para trocar gracejos sarcásticos. Eu tinha um trabalho a fazer.

Ele pareceu magoado com a falta de resposta e levou a mão ao interior do casaco, me entregando um pequeno embrulho de jornal.

Guardei-o na bolsa Chanel.

— Devíamos nos encontrar de novo assim em outra ocasião. — Ele acenou baixando a aba do chapéu e permaneceu sentado enquanto eu ia embora.

A sensação nunca diminuiu — como o momento em que o carrinho da montanha-russa chega ao topo e para instantes antes de deixar a gravidade puxá-lo para baixo. Caminhei até a esquina da Wisconsin com a Massachusetts. Mas, em vez de embarcar no ônibus da linha 20 como devia fazer, caminhei os vinte minutos até a casa estilo Tudor na Albemarle, 3.812. Se não podia ter tudo o que meu coração desejava, pelo menos tinha aquele momento, aquela sensação — e queria saboreá-la o máximo possível.

—

Depois de depositar o embrulho na caixa de correio da casa, continuei descendo para a Connecticut Avenue, onde peguei um ônibus para Chinatown.

Uma parede de ar quente e o cheiro de arroz frito me deram as boas-vindas

quando entrei no Joy Luck Noodle. A recepcionista apontou para uma mesa preta, onde Sally servia uma xícara de chá fumegante da pequena chaleira de ferro aquecida por uma vela bruxuleante. Ela não percebeu quando entrei e, quando estabelecemos contato visual, senti aquele familiar suspiro em meu íntimo.

Duas semanas e três dias desde a última vez em que a vi — desde o dia em que lhe contei que Teddy e eu estávamos noivos, desde a noite em que fizemos amor. Naquela noite, senti que tinha me transformado de dentro para fora — no tipo de pessoa confiante em todos os seus atos, alguém que não questiona cada pensamento, cada passo. Mas vê-la sentada ali me fez querer ir até o banheiro e me acalmar. Quando Sally me ofereceu aquele seu sorriso enquanto eu tirava o casaco e o pendurava atrás da cadeira, por um instante relaxei.

Ela estava linda como sempre, exceto pela maquiagem pesada com que tentara cobrir as olheiras. Estava com um turbante de seda verde brocado, mas as mechas da franja vermelha do cabelo que despontavam pareciam ensebadas e sujas. Quando ela pegou a xícara, percebi suas mãos trêmulas.

— Cansada? Com fome? — perguntou ela em nossa própria linguagem cifrada.

— Com fome. E preciso de uma bebida.

Nunca falávamos de detalhes das missões, mas *cansada* significa que as coisas não tinham ido bem, e *com fome* significava que tinham, e *preciso de uma bebida* significava exatamente isso.

Ela fez sinal pedindo ao garçom que trouxesse dois *mai tais*.

— Me adiantei e pedi o frango com castanha de caju e o arroz frito com abacaxi.

— Perfeito.

Tirei as luvas e coloquei-as sobre a mesa. Os olhos de Sally demoraram na minha mão esquerda por um instante antes de desviar o olhar. Ela deixou o silêncio se prolongar — um velho truque que deve ter esquecido que me contou, algo que aprendeu durante a Guerra para que as pessoas começassem a falar. *As pessoas fazem qualquer coisa para preencher um silêncio constrangedor*, dissera ela. Bebi um gole do *mai tai*, e lembrei que, antes de me convidar para jantar, Sally tinha me dito que precisávamos conversar. Não assimilei na hora, mas agora só conseguia pensar nisso.

— Você queria me dizer alguma coisa? — Tirei do copo o guarda-chuva de papel azul e coloquei na boca a cereja da espadinha.

— Nada de mais. — Ela bebeu um gole pelo canudo azul, com cuidado para não borrar o batom. — Só queria saber como foi seu Ano-Novo.

— Duas descidas na montanha dos iniciantes e pronto. Passei a maior parte da

noite no chalé bebendo chocolate quente sozinha.

— Imagino que Teddy esquie muito bem. Do tipo que é naturalmente atlético. — Eram raras as vezes em que ela falava de Teddy e, sem dúvida, nunca o elogiava.

— Acho que sim.

— Bom, o meu Ano-Novo foi adorável como sempre — comentou ela depois de outro gole demorado. — Fui a uma festa. Dancei a noite toda. Bebi um pouco demais, sabe como é.

Ela estava me castigando.

— Parece ter sido divertido.

O garçom trouxe nosso frango, e mais uma vez fiquei grata pela oportunidade de não precisar conversar. Sally manuseou os pauzinhos como uma profissional. Eu peguei um garfo e espetei um pedaço de abacaxi.

Depois que o garçom levou nossos pratos, Sally respirou fundo e falou em uma sequência rápida que não podíamos mais nos encontrar, que estava grata pelo tempo que tivemos juntas e por nossa amizade, mas que seria melhor para nós duas se cada uma seguisse seu caminho, que ela estava prestes a ficar ocupada demais com o trabalho e, de qualquer forma, não teria tempo de socializar.

Suas palavras pareciam chutes no meu estômago, um atrás do outro, e eu mal conseguia respirar quando ela terminou. A palavra “amizade” foi a que mais doeu.

— É claro que vamos manter um relacionamento profissional no trabalho — concluiu ela.

Parecia que ela queria dizer mais, mas não foi adiante.

— Profissional — repeti.

— Que bom que você concorda.

Sua indiferença era cruel. Eu queria dizer que não concordava. Não, eu queria gritar. A ideia de não sair mais com ela, de ter que tratá-la com profissionalismo, de ter que fingir que nunca houve nada entre nós, embrulhava meu estômago. Eu queria lhe dizer que preferia andar descalça sobre arame farpado a trocar palavras educadas com ela no elevador. E queria perguntar como era capaz — como era tão fácil para ela desligar o interruptor.

Mas eu não falei nada. E só depois que levantei, depois que meus joelhos bateram sob o tempo da mesa, derrubando o *mai tai* cor-de-rosa na toalha, depois que eu me virei para ir embora, depois que ouvi ela dizer ao garçom que eu não estava me sentindo bem, depois que saí irritada, depois que meu andar virou uma corrida — só depois disso tudo percebi que meu silêncio também era uma resposta.

CAPÍTULO 17

AS DATILÓGRAFAS

Especulávamos sobre Irina desde que ela chegara na Agência. E nossas suspeitas se confirmaram logo após o Sputnik tomar os céus e Gail se deparar com o nome de Irina em um memorando referente à missão *Jivago*. Ela nunca mencionava o trabalho que fazia depois do expediente, e nós nunca perguntamos. Como boa mensageira, Irina não comentava nada sobre os segredos que levava. Ainda assim, não demorou muito para descobrirmos o restante.

O que fez com que Irina se destacasse no setor de datilografia foi exatamente o fato de ela não se destacar no setor de datilografia. Apesar de ter ganhado na loteria no quesito aparência física, ela possuía a habilidade de ficar na surdina. Mesmo um ano após ter entrado na Agência, ela ainda conseguia passar despercebida. Reaplicando o batom no banheiro feminino, éramos pegas de surpresa quando ela surgia às nossas costas dizendo que aquele tom de cor-de-rosa era ótimo para a primavera. Brindando durante o *happy hour* no Martin's, ela batia em nosso copo um segundo depois de acharmos que já tínhamos brindado com todas. Durante o almoço na cantina, levantava dizendo que precisava voltar ao trabalho sendo que ninguém se lembrava de ela ter se sentado à nossa mesa.

Seu talento para passar despercebida não passou despercebido; e com o pai morto pelas mãos do Monstro Vermelho, Irina tinha as características para se tornar um recurso perfeito. Após ela completar um treinamento, um memorando percorreu a cadeia de comando, e Irina foi colocada em campo. E era boa. Suas primeiras missões consistiam em entregar mensagens internas pela cidade, mas, conforme ela ia mostrando seu talento, as tarefas foram ficando mais importantes. Aquela noite fria de janeiro no Bishop's Garden foi a sua primeira na missão *Jivago*.

Depois de sair da sede naquela noite, ela pegou o ônibus da linha 15 até a esquina da Massachusetts com a Wisconsin, contornou a Escola Santo Albano até a entrada dos fundos do terreno da catedral e entrou no jardim pelo portão de ferro lateral.

Irina provavelmente estava com o casaco longo novo de pelo de camelo com colarinho marrom e as luvas vermelhas que Teddy lhe dera. No dia em que ganhou as luvas, Irina mostrou-as para nós:

— Não são bonitas? — perguntou, abanando os dedos enquanto esperávamos na fila para que inspecionassem nossos chapéus, casacos e bolsas antes de entrar na sede. — Um pouco pequenas, mas vão afrouxar.

Todas concordamos que eram muito elegantes e que Teddy tinha muito bom gosto. Todas exceto Sally Forrester, que deu uma olhada e disse que eram imitação.

Sob as luvas vermelhas, estaria o novo anel de diamante de Irina, que Teddy lhe dera um dia depois do aniversário de vinte e cinco anos dela. Era um anel elegante em estilo *art déco*, com um diamante cujo tamanho nos surpreendeu. Sabíamos que Teddy vinha de uma família rica, mas não fazíamos ideia de que era *tão* rica assim. Aquele espetáculo de anel era grande demais para o dedo de Irina, e ela ainda não o tinha mandado ajustar. Durante o trabalho, ela o guardava na gaveta para que não caísse enquanto ela datilografava e, às vezes, se esquecia de colocar de novo no fim do dia. Se fosse uma de nós, mandaria ajustar no mesmo dia. Mas Irina não era do tipo exibicionista.

Um casamento no setor de datilografia era garantia de muitas conversas, mas Irina não parecia interessada em discutir o dela.

— Você vai voltar a trabalhar? — indagou Gail.

— Por que eu não voltaria?

— O que você acha de tafetá? — perguntou Kathy.

— Acho que sou a favor?

Descobrimos que a mãe de Irina estava organizando o grande dia, usando-o para expurgar os últimos vestígios de sua ascendência russa ao planejar o casamento mais americano de todos.

— Ela quer que os enfeites de mesa sejam de cravos vermelhos, brancos e azuis — nos disse Irina. — Está planejando pintar os azuis com tinta spray.

Para comemorar o noivado, cada uma de nós deu dois dólares para comprar um *négligé* preto de renda da Hecht's. Embrulhamos em papel prateado e colocamos em sua mesa antes de Irina chegar. Ao se sentar, ela pegou o pacote e olhou em volta enquanto fingíamos trabalhar. Rasgou um cantinho do embrulho, e uma alça de renda preta caiu para fora. Irina tentou empurrá-la de volta para dentro, mas acabou rasgando mais. Ela começou a chorar. Nós congelamos, sem saber o que fazer. Uma das regras de ouro das datilógrafas é nunca deixar que os outros a vejam chorar. É claro, todas já tínhamos chorado — mas na privacidade parcial do banheiro feminino ou pelo menos no vão da escada. Na mesa? Nunca.

Nos perguntamos se Irina estava pensando no *négligé* preto enquanto esperava

Chaucer chegar naquela noite no Bishop’s Garden. Foi ali que ela começou a ter dúvidas quanto ao casamento? Ou as dúvidas já tinham começado — muito antes do *négligé*, antes de Teddy ter feito o pedido, antes de ele ter dito que a amava durante a caminhada pela Bacia das Marés enquanto as cerejeiras se agarravam às últimas pétalas cor-de-rosa da estação?

É difícil dizer. Não temos como saber a história inteira.

Mas sabemos que Chaucer chegou pontualmente, e que Irina pegou dois rolos de microfilme contendo *Doutor Jivago*. E sabemos que ela embarcou no ônibus da linha 20 para Tenleytown, onde entregou o embrulho no local combinado na Albemarle Street.

—

A primeira etapa da missão foi concluída, graças em parte a Irina. Os homens deram tapinhas nas costas uns do outros por terem encontrado aquele trunfo inesperado. Mas não fora um homem que desenvolvera o talento de Irina, e sim Sally Forrester.

Oficialmente, Sally era recepcionista de meio período, mas não precisava ser um gênio para perceber que ela fazia muito mais do que isso. Logo depois que Anderson a trouxe para sede, descobrimos que era do conhecimento de todos que estavam por dentro das coisas que Sally era uma andorinha que andava por aí desde a época da OSS. Quando não estava sentada atrás da mesa da recepção, ou seja, a maior parte do tempo, Sally viajava pelo mundo, usando seus “dons” para conseguir informação. Ao contrário de Irina, Sally jamais poderia ser invisível. Tudo nela gritava: *Olhem para mim! Olhem para mim! É para mim que vocês deviam estar olhando!* Seu corte de cabelo era no estilo italiano — cachos ruivos macios emoldurando seu rosto em formato de coração — e sua silhueta sempre parecia ameaçar a integridade das saias de lã e dos cardigãs justos. Ela sempre estava arrumada demais: vestidos trapézio fúcsia de grife, capas de cetim brancas, um casaco de pele de coelho que, segundo boatos, foi um presente do próprio Dulles.

Um dos homens tinha ensinado Irina a pegar um embrulho de um transeunte na K Street durante a hora do *rush* e continuar andando sem olhar para trás; a deixar um livro oco sob um banco no Meridian Hill Park e sair sem que alguém aparecesse dizendo *Ei, senhorita, você esqueceu seu livro*; a colocar um pedaço de papel no bolso de um homem sentado ao seu lado no Longchamps. Mas foi Sally quem terminou seu treinamento. Não sabíamos no que ele consistiam, mas percebemos uma mudança em Irina. Algo nela parecia mais robusto — como se ela tivesse se tornado uma mulher a ser considerada. Em resumo, mais como a

própria Sally.

De qualquer forma, Irina era motivo de orgulho para sua mentora, e logo elas não eram mais apenas colegas: eram amigas. Começaram a se sentar em outra mesa na cantina. Começaram a ir ao Off the Record e não ao Martin's para o *happy hour*. Às segundas, chegavam ao escritório citando falas de *Meias de seda*, *Cinderela em Paris*, *Tarde demais para esquecer.* Quando Sally voltava de uma viagem, colocava lembrancinhas na mesa de Irina: uma máscara para dormir da Pan Am, creme de lavanda do Ritz, um *penny* prensado de uma das máquinas do calçadão de Atlantic City, um globo de neve da Itália.

Para o aniversário de vinte e cinco anos de Irina, Sally organizou um jantar. Nunca tínhamos ido à casa de Sally — um apartamento de um quarto em cima de uma padaria francesa em Georgetown —, então, aproveitamos a oportunidade quando ela colocou os convites azul-marinho em nossas mesas. *Solicitamos sua presença para a comemoração do aniversário de nossa querida amiga Irina*, diziam as letras manuscritas prateadas.

Quando perguntamos se podíamos levar acompanhantes, Sally nos informou que a festa era só para as garotas.

— Vai ser mais civilizado — disse ela, rindo.

Vestimos nossos trajes de festa mais estilosos, e várias de nosso departamento chegaram até a sair esbanjando na Garfinckel's para a ocasião.

— É o jantar organizado pela *Sally Forrester*. Você não aparece usando uma imitação de um Dior do ano passado — disse Judy. — Além disso, podemos usar esses vestidos no Ano-Novo.

Pegamos táxis em vez de bondes ou ônibus para que chegássemos alinhadas, com o rímel e o batom intactos apesar da nevasca. Subimos os dois lances de escada e ouvimos uma música tocando do outro lado da porta.

— Sam Cooke? — perguntou Gail.

Antes que pudéssemos bater, Sally abriu a porta, deslumbrante em um vestido envelope de cetim dourado com um cinto de borla.

— Ora, não fiquem paradas aí!

Entramos no apartamento atrás de Sally, seus sapatos pretos de salto agulha oscilando no carpete de *plush* cor-de-rosa.

Irina estava linda com uma saia verde-esmeralda e um bolero combinando. Desejamos um feliz aniversário enquanto lhe entregamos nossos presentinhos.

Sally desapareceu para a cozinha, e Irina sugeriu que nos sentássemos no sofá de couro branco. Para quebrar o silêncio, fizemos perguntas sobre a decoração do apartamento. Como Sally estava ocupada na cozinha, Irina respondeu por ela.

— Como ela encontrou este lugar? — perguntou Norma. — É lindo de morrer.

— Ela viu um anúncio no *Post.*

— Esses castiçais! São de onde? — indagou Linda.

— Herança. De uma avó, eu acho.

— Aquilo é um Picasso de verdade? — perguntou Judy.

— É só uma cópia da National Gallery.

— O que Teddy deu de aniversário para você? — indagou Gail.

— Ele me disse para escolher alguma coisa na Rizik's. — Ela ajeitou o casaco. — Sally e eu fomos hoje.

Sally saiu da cozinha com uma poncheira de cristal cheia de um líquido espumante cor-de-rosa que combinava com o carpete.

— E ela não está linda?

Concordamos com a cabeça.

Depois de dois copos de ponche, fomos para a sala de jantar, onde uma mesa comprida estava posta, com lugares marcados indicados por cartões, copos-de-leite brancos e guardanapos de tecido dobrados como leques.

— Que produção! — sussurrou Norma.

Depois do jantar, do bolo de chocolate, dos presentes e de mais alguns copos de ponche, saímos da casa da Sally achando que tinha sido um pouco demais para um aniversário, mas concordando que ela sabia muito bem como dar uma festa.

Algumas talvez digam o contrário agora, mas nunca notamos nada de estranho na Sally. Claro, a atenção que ela recebia do sexo oposto provocava alguns comentários maliciosos, mas todas nós a respeitávamos. Ela nunca dizia "Com licença" ou "Por favor" ou "É só uma ideia". Ela falava como os homens, e eles lhe davam ouvidos. Mas não era só isso, ela assustava alguns deles. O poder inferido dela talvez viesse da saia apertada, mas seu poder real era que ela nunca aceitava os papéis que os homens lhe atribuíam. Talvez eles quisessem que ela fosse um rostinho bonito e permanecesse calada, mas Sally tinha outros planos.

Mais tarde, quando o nome de Sally fora editado de cada memorando, cada registro de telefonema e cada relatório, tentamos lembrar se houvera alguma pista sobre quem ela era de verdade. Mas só muito mais tarde que juntamos todas as peças.

CAPÍTULO 18

~~A candidata~~
A MENSAGEIRA

Uma semana se passou. Depois, um mês. Depois, dois. Os planos para o casamento avançaram. Teddy e eu nos casaríamos em outubro na Igreja de Santo Estevão, com uma festa discreta no Chevy Chase Country Club. Meu disfarce se tornaria minha vida.

Os pais de Teddy pagariam por tudo, mas mama insistia em se encarregar das flores, do bolo e do meu vestido. Antes mesmo do noivado, ela já tinha comprado os tecidos para o vestido — renda marfim e cetim.

No dia seguinte ao que Teddy fez o pedido, ela tirou minhas medidas enquanto eu estava no fogão preparando o café da manhã. O vestido — que ela disse que seria sua melhor obra — já estava pela metade em fevereiro. Mas, em março, ela parou, reclamando que teria que fazer tudo de novo a não ser que eu ganhasse de volta os sete quilos que tinha perdido desde janeiro. Eu disse que ela estava dando uma de louca, que eu não tinha perdido sete quilos, talvez dois, no máximo — e, mesmo assim, só por causa da gastroenterite, que foi a desculpa que dei quando não consegui sair da cama por uma semana depois do jantar com Sally.

Eu não conseguia esconder nada de Mama. Apesar das camadas de blusas e das meias de lã grossas, ela via que meu corpo estava encolhendo. Eu tinha que prender as saias com alfinetes para que não caíssem e usava blusas grossas de gola alta para esconder a clavícula saliente.

Mama reagiu colocando gordura de bacon em tudo: *schi*, *borscht*, *pelmeni*, estrogonofe, *blini* e omeletes. Cheguei a pegá-la colocando gordura de uma frigideira no mingau de aveia que eu comia no café da manhã. Ela insistia que eu repetisse cada refeição e ficava de olho no meu prato como fazia quando eu era criança.

Aos fins de semana, assava vários bolos, dizendo que estava experimentando para decidir qual fazer para o casamento — de mel, de cereja, napolitano, *ptichye moloko*, e até uma torta Vatslavsky de duas camadas. Ela me obrigava a comer várias fatias de cada, às vezes com bolas de sorvete de baunilha em cima.

Mama não foi a única a notar minha silhueta que sumia. Teddy perguntou se estava tudo bem tantas vezes que eu disse que, se ele não parasse de perguntar, não ficaria tudo bem. Ele garantia que não perguntaria de novo, mas que torcia para que eu não estivesse experimentando alguma dieta maluca da moda. Ele declarava que eu era perfeita do jeito que eu era, e sua sinceridade me encheu de uma raiva inexplicável.

O setor de datilografia também percebeu. Judy perguntou qual era o meu segredo e disse que minha cintura estava tão fina quanto a de Vera-Ellen em *Natal branco*. O restante do setor agiu como Mama, deixando rosquinhas do Ralph's na minha mesa.

Não era que eu não queria comer; eu só não tinha apetite — nem por comida, nem por nada. Era difícil assistir a um filme inteiro. Era insuportável estar no meio de multidões. Comecei a ir andando até o trabalho em vez de pegar o ônibus, apenas para ficar sozinha. Em festas, nem tentava conversar com as pessoas. Até nos jantares de domingo da Agência, onde eu costumava desfrutar do debate intelectual e da sensação de que estava tendo acesso a informações privilegiadas, escolhia ficar com as esposas, e não com Teddy, pois assim não precisaria falar muito, a não ser que tivesse gostado do patê.

Teddy tentou me tirar do poço em que eu havia caído. Tentou e tentou, e quase o amei pelo esforço. Tentei amá-lo, de verdade. Ele me amava mais do que eu tinha sido amada a vida inteira. Então, por que aquilo não era o suficiente para mim?

Vi Sally duas vezes durante esse período. Será que ela desaparecera para o meu bem? Será que pensava em mim por um minuto sequer? Na primeira vez, eu estava saindo do escritório e ela estava na recepção quando a porta do elevador abriu. Saí do elevador, e quase batemos de frente. Dei um passo para a direita e, depois, para a esquerda. Ela fez o contrário, então, nos reposicionamos sem jeito. Ela me cumprimentou e sorriu, mas vi que ela me olhou de cima a baixo e soube pela sua expressão que eu devia parecer horrível.

Na segunda vez, Sally não me viu. Eu a notei sentada na mesa perto da janela no Ralph's, em frente a Henry Rennet — ali, na mesa perto da janela, para o mundo inteiro ver, ao meio-dia de uma terça-feira. E o mundo inteiro viu. Quando voltei ao escritório, o setor de datilografia só falava disso.

— Acha que eles estão namorando? — perguntou Kathy.

— Lonnie disse que acha que eles estão namorando desde o Ano-Novo. Viu os dois juntos em uma festa. Alguém devia avisar a Sally que ele é um babaca.

— Eu me voluntario — disse Norma.

— É verdade, Irina? — perguntou Linda.

— Não sei.

— Bem, a Florence, do Arquivo, disse que viu os dois cochichando no vão da escada — fofocou Gail.

— Quando?

— Não sei. Algumas semanas atrás?

Então era isso. Ela estava interessada em Henry o tempo todo. Eu não passava de uma fantasia passageira, na melhor das hipóteses. A ideia me provocou repulsa. Eu podia aceitar não estar com ela, mas sabia que não conseguiria ver os dois juntos.

Sem o conhecimento de Teddy nem de Mama nem de qualquer pessoa, perguntei Anderson naquele dia sobre a possibilidade de conseguir um cargo no exterior.

— Você não vai se casar? — Ele olhou para o meu dedo anelar.

— É só uma pergunta hipotética.

— Hipoteticamente, não é da minha conta. Mas tenho certeza de que arrumaríamos um lugar para você.

— Isso fica entre nós?

Ele fez sinal de segredos com lábios.

Naquele dia, quando o sol banhou a E Street com o brilho alaranjado da tarde, pensei que talvez na mesma época no ano seguinte eu estivesse caminhando pelas ruas de Buenos Aires, Amsterdã ou Cairo. Gostava da ideia de me livrar de quem eu era, largar tudo e me tornar outra pessoa. Era uma sensação deliciosa, e, pela primeira vez em muito tempo, eu sorri.

—

Quando cheguei em casa, o cheiro de gordura de bacon não me recebeu à porta. Mama estava sentada à máquina, mas sem costurar. Havia uma xícara de chá cheia à sua frente, com a água já preta porque ela não tinha tirado o saquinho.

— O que foi, Mama?

— Não consigo enrolar o carretel.

— Só isso?

— Estou tentando há horas.

— A máquina está quebrada de novo?

— Não. Meus olhos é que estão.

— Como assim?

— Não estou conseguindo ver com o olho esquerdo.

Fui até ela. Olhando em seus olhos, não consegui ver nada de errado.

— O quê? Quando isso aconteceu?

— Acordei assim.

— Por que não falou nada?

— Achei que pudesse consertar.

— Com quê?

— Alho.

— Vamos ao médico amanhã bem cedo.

Peguei sua mão e senti que estava tremendo.

— Tenho certeza de que não é nada — falei, tentando acreditar naquilo.

No dia seguinte, levei Mama ao oftalmologista, que ela reclamou que não era russo e, por isso, podia ser preconceituoso.

— Preconceituoso por quê? — perguntei. — O dr. Murphy é irlandês.

— Você vai ver!

A enfermeira chamou o nome dela, e eu levantei para acompanhá-la, como costumava fazer, caso ela precisasse de ajuda com a tradução. Mas ela disse que não, que queria ir sozinha. Concordei, tornei a me sentar e folheei várias revistas *Time* durante uma hora.

Mama saiu, esfregando o braço do qual o médico havia coletado sangue. Quando perguntei o que ele dissera, ela respondeu que ele não sabia de nada.

— Eu avisei. Ele tem preconceito contra russos.

— Ele não falou nada?

— Eles tiraram meu sangue e me colocaram em uma máquina de radiografia. Ele disse que vai ligar quando souber.

— Souber o quê?

— Eu não sei.

Dois dias depois, não houve nenhuma cena, nenhuma ida apressada até o hospital, nenhuma queda, nenhuma ambulância, nenhuma emergência; só uma ligação do dr. Murphy informando a Mama o que ele já suspeitava desde que examinara seus olhos com a lanterninha. Havia uma *massa*, como ele disse, e quando peguei o telefone para entender melhor, ele avisou que ela precisava voltar para fazer mais testes o mais rápido possível e para discutir “planos de tratamento”.

— Planos? — perguntou Mama quando desliguei. — Que planos?

— Tratamentos, Mama.

— Eu não preciso de tratamento nenhum. Preciso voltar a trabalhar.

Ela seguiu com seu dia como se nada tivesse acontecido. Quando falei que precisávamos marcar uma consulta, ela disse que ia ficar bem e que não me preocupasse, mas era só o que eu conseguia fazer.

Nas semanas seguintes, Teddy entrou em ação, encarregando-me de fazer Mama melhorar quando encarava um projeto no trabalho: de maneira metódica, persistente e calma. Ele marcou consultas com os melhores especialistas de

Washington, depois, Baltimore, depois, Nova York.

Mas, após ir de médico em médico, de especialista em especialista — incluindo um fitoterapeuta chinês que olhou a língua dela e deu o mesmo diagnóstico que os outros tinham dado —, Mama me disse que queria abandonar todos os tratamentos.

— O que tiver que ser, será — disse ela uma noite enquanto eu servia a caçarola de atum que um dos vizinhos tinha trazido.

Servi três colheradas, embora soubesse que ela mal tinha apetite para algumas garfadas.

— Como assim: *o que tiver que ser, será*?

— É isso mesmo. Para mim, chega.

— Chega?

— Chega.

Larguei o pirex com tanta força que o vidro quebrou.

Mama tentou pegar minha mão, mas não deixei e saí com raiva.

Quando voltei para casa mais tarde, Teddy já tinha ido embora, e mama estava à mesa da cozinha. Fui até o meu quarto sem dizer uma palavra. Estava com muita raiva dela, do mundo, de tudo.

Em retrospectiva, o que eu mais desejo é que tivesse segurado sua mão naquela noite na cozinha e pedido desculpa. Eu achei que teria tempo. Tempo para fazer as pazes, para fazer com que ela soubesse que eu apoiava qualquer decisão que tomasse, tempo para dizer o quanto eu a amava, tempo para abraçá-la como não fazia desde que era garotinha. Mas não tive. Nunca temos tempo o suficiente.

X X X

A Igreja de São João Batista estava cheia de amigos e conhecidos que eu nem sabia que Mama tinha. As pessoas fizeram fila para prestar condolências e me contar histórias sobre minha mãe que eu gostaria de ter escutado enquanto ela estava viva.

Nós nos revelamos nos pedaços que queremos que os outros conheçam, até mesmo os mais próximos. Todos temos nossos segredos. O de Mama era a generosidade abundante. Descobri que ela vestia quase todo o nosso bairro de graça: ajustou um terno de segunda mão para um veterano desempregado que tinha uma entrevista para ser caixa na farmácia Peoples Drug, consertou o vestido de noiva de uma mulher que só tinha dinheiro para comprar em uma loja de caridade e acabou levando um que estava com a alça arrebentada e tinha uma mancha de vinho no corpete, remendou o macacão de um operário da fábrica de

garrafas e muitas meias de um viúvo idoso que só queria um pouco de companhia.

E aquele vestido de formatura amarelo que ajudei Mama a bordar um ano antes? Foi um presente, não uma encomenda. A filha adolescente da sra. Halpern foi com ele ao funeral, e vê-la girando para exibir sua roupa me deixou zonza de tanto apreço pela pessoa que minha mãe era.

Mama foi enterrada com um vestido preto com um elaborado motivo floral bordado com contas que descia pelas mangas transparentes. O vestido era mais um segredo. Quanto tempo ela vinha trabalhando nele, eu não fazia ideia. Mas sabia que ela o fizera para usar no próprio funeral: foi a primeira coisa que vi na manhã em que ela não acordou — passado e esticado sobre a cadeira de balanço em seu quarto para que eu o encontrasse.

—

Dentro da igreja, o padre ortodoxo andou ao redor do caixão de Mama, e balançou seu incenso, com a fumaça perfumada ondulando sua batina dourada e se dissipando sobre sua cabeça.

Me virei por um instante, e foi quando a vi: Sally. Estava em pé no fundo, com um véu preto curto cobrindo o rosto. Virei de novo para o padre, que ainda balançava o incenso — meu pensamento em Sally, e não na minha mãe. Desejei que ela viesse pelo corredor e se sentasse ao meu lado, tomando o lugar de Teddy e, depois, a minha mão. Mas ela ficou no fundo, e Teddy, ao meu lado.

O funeral terminou, e segui o caixão de Mama para fora da igreja. Quando passei por Sally, ela tocou meu braço. Seu véu estava levantado, e havia lágrimas em seus olhos. Continuei andando. A procissão foi até o Cemitério de Oak Hill, onde Teddy conseguiu que Mama fosse enterrada em um lote agradável com vista para o Rock Creek Park. Em pé ao lado do túmulo de Mama, procurei por Sally na multidão, mas ela não estava mais lá.

Depois, Teddy tentou em vão me consolar. Os dias se passaram, semanas. Uma noite, quando não conseguia dormir, decidir ligar para Sally. Minhas mãos tremiam quando disquei seu número, mas o telefone só tocou e tocou.


ORIENTE
Maio de 1958

CAPÍTULO 19

~~A musa~~
~~A emissária~~
A MÃE

Acordei de um sono sem sonhos com Mitia em pé ao meu lado.

— Tem alguém lá fora — sussurrou ele.

— É Boria? Ele perdeu a chave de novo?

— Não.

Me sentei na cama e meus pés demoraram a encontrar os chinelos.

— Volte para o seu quarto.

Mitia não se mexeu enquanto eu procurava meu roupão.

— Mitia, eu mandei você voltar para a cama. E não acorde sua irmã.

— Ela já está acordada. Foi ela que ouviu primeiro.

Antes que eu pudesse perguntar, houve um estrondo.

— É só um galho — falei, com a voz o mais baixa e firme possível. — Aquele choupo está morto desde o último inverno. Eu disse a Boria que precisamos cortá-lo…

Outro barulho lá fora me fez parar de falar. Era mais silencioso, suave. Não era nenhum galho caindo.

O barulho da porta da frente se abrindo fez com que nós dois corrêssemos em direção à entrada. Ira estava lá, parada na porta, descalça, com a camisola branca iluminada de azul pelo luar. Aquela visão me assustou. Ela era um anjo fantasmagórico — uma mulher agora.

— Ira — chamei com delicadeza. — Feche a porta.

Ignorando o que falei, Ira saiu.

— Apareça! — gritou.

Mitia me empurrou para se juntar à irmã. Agarrei a camiseta do pijama dele, que se desvencilhou.

— Apareça! — gritou ele com a voz rouca.

Um movimento atrás da pilha de lenha na lateral da casa fez com que meus dois filhos voltassem tropeçando para dentro. Fechei a porta atrás deles e girei a maçaneta para ter certeza de que estava trancada.

— São eles — disse Ira. — Eu sei que são.

Com os braços em volta do corpo e encostada contra a parede, ela não era mais uma aparição, mas minha garotinha de novo.

— Quem? — perguntei.

— Um homem me seguiu da estação de trem até em casa ontem.

— Você tem certeza? Como ele era?

— Como todos eles. Como os homens que levaram você.

— Eu também os vi — disse Mitia. — Eles ficam me observando por trás da cerca na escola. Dois, às vezes três. Mas eles não me assustam.

— Não sejam bobos — falei, mas não acreditei em minhas palavras.

Mitia era dado a exageros, e sua *imaginação muito saudável*, como Boria dizia, resultava em histórias. Ele achara um pedaço do Sputnik na floresta. Salvara uma garotinha da sua turma de um lobo que tinha entrado no parquinho. Comera uma planta mágica que lhe dera o poder de pular mais alto do que um ônibus.

Mas dessa história eu não duvidava.

Jivago fora publicado na Itália seis meses antes e, após o lançamento em cada novo país — França, Suécia, Noruega, Espanha, Alemanha Ocidental —, eu sentia que mais olhos nos observavam. A cada edição estrangeira, surgiam dúvidas a respeito do motivo pelo qual o livro não fora publicado em seu país natal. Até então, o Estado não dissera uma só palavra sobre o romance. Sua mão era firme, mas um tremor crescia. Eu sabia que era questão de tempo até que agissem.

Eu não falava a meus filhos sobre os homens que ficavam sentados em carros pretos no fim da rua ou sobre os que me seguiam sempre que eu ia a Moscou. Em vez disso, esperava pelo que parecia predestinado — que viessem atrás de mim.

Eu fazia o que podia para não alarmar as crianças. Fechava as cortinas, reclamando de dor de cabeça. Trancava as portas, dizendo que a casa de um vizinho tinha sido invadida por uns adolescentes. Visitei um canil para ver se conseguia um pastor caucasiano, dizendo ao funcionário que meu filho poderia aprender sobre responsabilidade ao cuidar de um cachorro.

Mas meus filhos nunca se deixaram enganar; eram velhos demais para isso. Sabiam procurar a verdade não em meu sorriso falso nem nas palavras que saíam de minha boca, mas em minhas mãos trêmulas, nas olheiras que se aprofundavam.

Eu falava com Boria sobre meus medos cada vez maiores, mas ele estava distraído com o bombardeio de cartas de simpatizantes, recortes de jornal contrabandeados do exterior com críticas elogiosas e pedidos de entrevista. Era

muito procurado — e agora eu tinha que dividi-lo não só com a esposa, mas com o mundo inteiro. Na última vez em que falei do assunto, estávamos caminhando no lago Izmalkovo. Boria estava preocupado em encontrar a pessoa certa para traduzir *Jivago* para o inglês. Respondeu à minha pergunta sobre arranjar um cão de guarda querendo saber se eu achava que a edição em inglês devia incluir os poemas ao fim do romance.

— Estão dizendo que a rima desvirtua o significado — disse ele.

Tudo era sobre o livro, e nada mais importava — nem a fama que as edições internacionais trouxeram, nem a ameaça iminente do Estado, nem sua família, nem a minha. Ele colocava a obra acima da própria vida. O livro estava em primeiro lugar e sempre estaria, e eu me sentia como uma idiota por não ter percebido isso antes.

—

Enquanto Ira segurava as lágrimas e Mitia fingia ser forte, fui pega de assalto pelo peso de estarmos completamente sozinhos. Me recompus e olhei pela janela, mas só vi o balanço suave dos choupos, suas sombras pretas dançando no caminho de cascalho.

Então, houve uma movimentação.

As crianças pularam para trás, mas eu fiquei parada. Abri as cortinas de repente.

— Mama! — gritou Mitia.

— Venham! — falei. — Vejam.

As crianças olharam por cima do meu ombro. Lá fora, duas raposas vermelhas estavam sobre um tronco que tinham derrubado da pilha. Seus olhos dourados encontraram os meus antes de elas fugirem de volta para a floresta.

Rimos até chorar, até a barriga doer. Rimos até não parecer mais muito engraçado.

— Você tem certeza de que não tem mais nada lá fora além delas? — perguntou Mitia.

— Tenho. — Fechei as cortinas. Beijei os dois no rosto como fazia quando eram pequenos. — Agora, voltem para a cama.

—

As crianças fecharam a porta do quarto, mas eu sabia que não conseguiria dormir. Na cozinha escura, coloquei água para ferver. Sem querer acordar as crianças, acendi uma vela e peguei um jornal.

Não havia qualquer foto no artigo, mas não tive dificuldades para imaginar o monte de pelo branco e castanho, o emaranhado de cascos, os chifres quebrados com a penugem macia chamuscada. DUZENTAS RENAS MORTAS ATINGIDAS POR UM RAIO NO PLANALTO PUTORANA. Aproximei a página da vela para ver se eu tinha lido o número corretamente. Tinha. Duzentas mortas em um instante. O céu se abre e…

O assovio da chaleira se transformou em um uivo, e a tirei do fogão. Voltei ao artigo. As renas tinham se reunido para se proteger, daí o grande número de mortos. Um pastor de Norilsk foi o primeiro a encontrar as vítimas. Ele disse que parecia que haviam sido chacoalhadas como dados de gamão e depois espalhadas pelo topo nevado da montanha. Nada de surpreendente para um pastor que também é poeta.

Quantos anos se passariam até que seus corpos se decompusessem, até que seus ossos quarassem? Será que os aldeões recolheriam os chifres e os exibiriam como troféus imerecidos em suas paredes? Por que não se separaram do rebanho e procuraram um terreno mais baixo? Talvez só tenham feito o que vinham fazendo havia milhares de anos. Não há como saber quando o céu vai se abrir.

Se houvessem homens do lado de fora da nossa porta, eu teria feito uma barricada para nos proteger? Ou teria aberto a porta e me entregado? Será que teria gritado o nome de Boria, ainda que soubesse que ele não podia me ouvir?

— Tem alguma coisa para comer? — perguntou Mitia atrás de mim.

— Eu acordei você?

— Não consigo dormir mesmo.

Ele foi até o armário. Havia um ano que Mitia parecia estar sempre comendo. Tinha crescido quase cinco centímetros em seis meses; o banquinho que usava para alcançar a prateleira mais alta virara um descanso de flores. Ele pegou um pacote de *sushki* velho e eu lhe servi uma xícara de chá. Ele molhou o biscoito e o comeu em duas mordidas.

— Você viu mesmo homens na sua escola? — perguntei baixinho.

— Acho que devíamos comprar uma pistola — respondeu ele.

— Uma pistola não vai adiantar de nada.

— Duas pistolas, então — disse Ira, entrando na cozinha e se sentando à mesa. Ela bebeu um gole da xícara de Mitia.

— Duas pistolas. Dez pistolas. Nada disso vai nos ajudar.

— Eu aprendo a usar — garantiu Mitia.

Ele fez uma arma com a mão e apontou para a irmã.

Coloquei a mão sobre a dele e dobrei seus dedos.

— Não.

— E por que não? Quem vai nos proteger? Preciso fazer alguma coisa. Sou o

homem da família.

Ira riu, mas senti um aperto no peito. Meu garoto.

— Você está animado para o acampamento, Mitia? — perguntei, desesperada para mudar de assunto.

O acampamento de verão dos Jovens Pioneiros começaria na semana seguinte. Nos quatro verões anteriores, Mitia gostara muito do tempo que passara na floresta. No verão em que voltei de Potma, ele não queria ir, tinha medo de que eu fosse levada de novo se ele saísse do meu lado. Soluçou enquanto eu o vestia com a camisa branca e o lenço vermelho e quando o coloquei no ônibus. Enquanto eu esperava com os outros pais vendo o ônibus ir embora, ele nem me deu tchau. Mas voltou para casa cheio de histórias sobre os amigos que fizera, as brincadeiras de pegar, hastear a bandeira vermelha, os exercícios de relaxamento pela manhã e à tarde, e as marchas — ele gostara até de marchar. Durante semanas, cantou músicas dos Pioneiros e citou fatos que tinha aprendido sobre cotas de milho.

Mitia levantou a cabeça.

— Acho que sim.

— Não quer ir este ano?

— Estou enjoado daquelas músicas. Eu queria que você tivesse me inscrito no acampamento dos Jovens Técnicos. Prefiro construir coisas em vez de marchar.

— Não sabia que você queria…

— É mais caro — interrompeu ele.

— Tenho certeza de que conseguiríamos pensar em alguma solução.

Mitia pegou outro *sushka*.

— Você teria pedido para ele?

— Eu teria pensado em alguma solução.

— Por que ele não se casa com você?

— Mitia! — Ira bateu em seu braço.

— Você já perguntou a mesma coisa — disse Mitia. — Só que não para Mama. As pessoas na escola fazem comentários, sabia?

— O que elas dizem?

Mitia não respondeu.

— Já fui casada duas vezes e não quero me casar de novo — garanti, embora soubesse que eles não iam acreditar, pois já não acreditavam em mais nada que eu falava.

— Mas você o ama — disse Ira. — Não ama?

— Às vezes amor não é o suficiente.

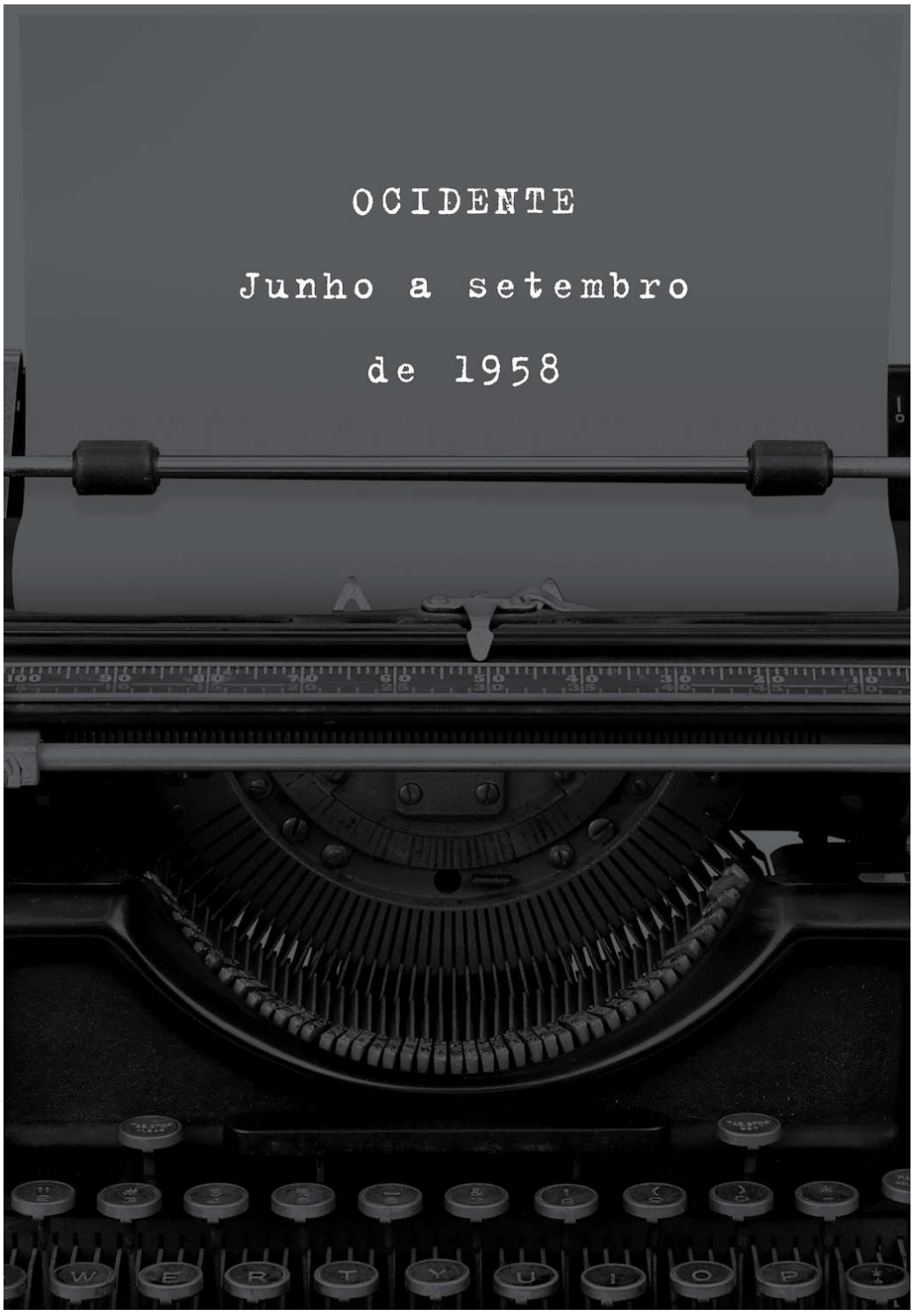
— Então, o que é? — perguntou Ira.

— Não sei.

Mitia e Ira se entreolharam e concordaram em silêncio, o que partiu meu coração.

—

Quando a casa ficou em silêncio, fui olhar as crianças; os dois estavam dormindo de novo. Vesti a capa de chuva e saí. Não podia ir até ele; estaria dormindo. Caminhei pela cerca verde na estrada principal. Enquanto andava, pensei em quando Mitia era um garotinho, se recusando a soltar minha mão antes de embarcar no ônibus que o levaria ao acampamento. Pensei nele agora dizendo que precisávamos de uma pistola, sendo o homem da casa. Pensei em Ira, no quanto ela havia crescido desde aquele dia em que os homens me levaram. Pensei que meus filhos sabiam, mesmo sendo muito jovens, que o amor às vezes não basta. Os faróis de um caminhão apareceram à distância. Me perguntei o que aconteceria se ele saísse da estrada, e se eu não saísse do caminho. O céu se abre e…


OCIDENTE
Junho a setembro
de 1958

CAPÍTULO 20

AS DATILÓGRAFAS

A Agência agiu rápido. Depois da noite bem-sucedida de Irina no Bishop's Garden, com o manuscrito russo agora em nossas mãos, não havia tempo a perder. No intervalo entre o inverno descongelar, as cerejeiras florescerem e a redoma de umidade descer sobre Washington, as provas russas de *Doutor Jivago* foram preparadas em Nova York, impressas na Holanda e levadas para um local seguro em Haia na parte de trás de uma perua com carroceria de madeira. Trezentas e sessenta e cinco cópias do romance foram impressas e encadernadas em capas de linho azul — a tempo de pegar o fim da Exposição Universal, onde distribuiríamos o livro banido aos visitantes soviéticos.

Mas tudo isso só aconteceu depois de alguns tropeços.

O plano inicial da Agência era contatar um sr. Felix Morrow — editor de Nova York que tinha um relacionamento íntimo com a Agência — para que providenciasse o *layout* e o projeto gráfico do manuscrito e preparasse provas que não pudessem ser rastreadas até o governo americano. Então, o manuscrito seria enviado a uma editora ainda a ser escolhida na Europa para impressão — outra precaução para apagar quaisquer vestígios da Agência. Um memorando estipulava que não deveriam ser usados papéis ou tintas americanas.

Teddy Helms e Henry Rennet pegaram um voo da American Airlines até Nova York e, depois, um trem até Great Neck, para entregar pessoalmente o manuscrito russo ao sr. Morrow — e também uma garrafa de um bom uísque e uma caixa dos chocolates preferidos do editor para fechar o negócio.

Mas Felix Morrow acabou sendo um risco. Ex-comunista convertido ao trotskismo, mas agora tão americano quanto torta de maçã, como ele próprio dizia, o intelectual nova-iorquino amava falar — e falava. Antes mesmo que a tinta do contrato tivesse secado, ele estava contando a todos sobre o livro que tinha em mãos.

Norma chegou a ouvir de seus antigos conhecidos do meio literário em Nova York que Morrow tinha entrado em contato com vários acadêmicos russos para que revisassem o manuscrito, e logo todos falavam sobre uma edição russa que estava em produção em solo americano. Ela imediatamente alertou Anderson,

que lhe avisou que eles cuidariam de tudo.

— Não me deram nem um tapinha nas costas — nos disse ela. — Nem mesmo um obrigado.

Pior ainda, Morrow também tinha falado com um amigo da editora da Universidade de Michigan sobre a possibilidade de imprimir o romance nos Estados Unidos — apesar dos direitos mundiais exclusivos pertencerem ao editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, o que provavelmente lhe garantiria uma quantia considerável.

— Posso publicar onde eu quiser — Morrow teria dito a Teddy quando confrontado.

Teddy e Henry foram mais uma vez despachados para Great Neck a fim de acalmar Morrow com uma garrafa de uísque ainda melhor e uma caixa de chocolates ainda maior e para botar fim a seu acordo com a Universidade de Michigan. Morrow protestou, mas acabou concordando em ser cortado da operação — não por causa do uísque e dos chocolates, mas graças a promessa de uma compensação ainda maior do que a que recebera inicialmente.

Depois que a situação com Morrow foi resolvida, Teddy e Henry foram até Ann Arbor para impedir que a Universidade de Michigan seguisse em frente com sua versão. Eles rogaram ao reitor da universidade que desistisse da publicação. Argumentaram que a primeira edição em russo precisava parecer ter vindo da Europa para que tivesse um impacto maior no leitor soviético e para evitar que fosse descartada como propaganda americana. Também enfatizaram que o autor, Boris Pasternak, poderia ser colocado em risco se o livro tivesse distribuição americana. Depois de algumas idas e vindas, a Universidade de Michigan concordou em adiar a impressão até que a edição da Agência aparecesse na Europa.

A Agência então trabalhou com a Inteligência holandesa para finalizar a tarefa. As provas preparadas por Morrow foram enviadas a Haia, e fechou-se um acordo com a Mouton Publishers, que já fora contratada com o objetivo de produzir o livro em holandês para Feltrinelli, com relação à impressão de uma pequena tiragem em russo para a Agência.

Depois de tudo isso, *Doutor Jivago* finalmente se encontrava a caminho de Bruxelas e da Exposição Universal; se tudo saísse conforme o planejado, estaria nas mãos de cidadãos soviéticos antes do Dia das Bruxas.

Para comemorar, Teddy e Henry voltaram a Washington a tempo de assistir à segunda apresentação de Shirley Horn no Jungle Inn. Ocuparam a mesa com sofá de vinil vermelho no assento mais distante do palco.

Teddy bebeu uísque com gelo, e Henry um *dirty martini* enquanto assistiam a Shirley. Estavam tão fascinados que não perceberam Kathy e Norma na mesa ao

lado. Ou talvez tenham percebido, mas não as reconheceram sem as máquinas de escrever e os blocos de anotação.

— Ela é boa, não é? — gritou Henry por sobre o ruído do bar. — O que eu disse? Incomparável.

— Muito boa — concordou Teddy, acenando com a mão para chamar a garçonete.

— Incomparável. Com certeza. Não está feliz por ter saído esta noite?

— Qual é o problema da garçonete? — perguntou Teddy, afrouxando a gravata. — Devíamos ter ido para casa trocar de roupa. Estamos parecendo agentes federais.

— Fale por si — retrucou Henry, limpando algo invisível do paletó azul-marinho. — E você sabe muito bem que, se tivéssemos ido para casa antes, você teria ficado lá. O que está acontecendo com você ultimamente, Teddy?

Em vez de responder, Teddy se levantou para pegar mais uma bebida, voltando com dois martínis, uma azeitona a mais no seu.

— Um brinde? — perguntou Henry.

— A quê?

— Ao livro, é claro. Que nossa arma literária de destruição em massa faça o monstro grunhir.

Teddy levantou o copo a meio mastro.

— *Za zdorovye*.

Kathy e Norma, ainda despercebidas, levantaram seus copos para brindar à vitória.

Os dois observaram Shirley baixar a cabeça olhando para as teclas, olhar para o teto e, depois, para um homem com um chapéu Stetson preto com pena de pavão sentado em uma mesa redonda pequena na frente.

— Qual é a história deles? — perguntou Henry, apontando com a cabeça para o homem na mesa.

— Não estou a fim.

— Vamos lá! Pelos velhos tempos.

— Marido — respondeu Teddy. — Ele se senta e assiste a todos os shows. Ou talvez… um amante?

— Não — discordou Henry. — Ex-marido. Assistir aos shows é o máximo que ela permite de aproximação.

— Bom, muito bom.

— Alguma chance de reconciliação?

— Não.

Os dois amigos ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Você tem certeza de que está bem, Ted?

Teddy terminou a bebida com dois goles.

— Como está Irina?

— Bem.

— Ter dúvidas é normal. Cara, eu tenho dúvidas, e nem estou namorando ninguém.

— Não é isso. Ela só… Ela às vezes fica calada demais.

— Todos temos nossos momentos de silêncio.

— Não, é diferente. E quando pergunto por que está calada, ela fica brava. — Teddy olhou em volta. — Onde está essa maldita garçonete?

— Então… mudando de assunto…

— Obrigado.

— Quer ouvir uma fofoca? — ofereceu Henry.

Kathy e Norma se aproximaram para ouvir melhor.

— Eu estaria neste ramo se não quisesse?

— Ficou sabendo sobre a ruiva?

— Sally Forrester?

Norma e Kathy se entreolharam.

— Bingo — disse Henry.

— E aí?

— Vai ser dispensada. Uma pena. Eu amava vê-la chegando, mas não tanto quanto gostava de vê-la ir embora.

— Por quê?

— Sempre preferi uma bunda bonita.

Norma revirou os olhos.

— Não, por que vai ser cortada?

— É a melhor parte. Você nunca vai adivinhar.

— Fala logo.

Henry se recostou no sofá.

— Ho-mos-se-xu-al.

— O quê? — Norma deixou escapar, incapaz de se conter.

Os homens não perceberam, mas Norma e Kathy se afundaram no sofá mais alguns centímetros.

— O quê? — perguntou Teddy.

— Bom, Ted, isso significa que ela gosta mais da companhia de outras mulheres.

— O que eu quero saber é quando isso aconteceu? Pensei que vocês dois estavam juntos ou algo do gênero.

Henry deu um gole da bebida.

— Talvez algum cara tenha dado um fora nela e ela nunca mais olhou para

trás.

— Meu Deus! — Teddy abaixou o tom de voz. — O que eu quero saber é como você descobriu.

— Você sabe que não deve perguntar sobre as minhas fontes.

— Ela é a melhor amiga da Irina — disse Teddy. — Quer dizer, elas não têm mais passado tanto tempo juntas, mas…

— Talvez seja isso. Talvez Irina também tenha descoberto o segredinho da Sally.

— Ela não me disse nada.

— Todos os relacionamentos são construídos a partir de pequenas omissões, não é mesmo?

Shirley terminou "If I Shall Lose You" e falou com a plateia.

— Fiquem onde estão. Peçam mais uma bebida para aquecer a alma, e eu volto em um minutinho.

Ela se levantou do piano e se sentou ao lado do homem com o Stetson preto. Ele a beijou e ela o empurrou, mas segurou seu punho, virando-o para beijar a parte de baixo.

— Com certeza é amante — disse Teddy.

X X X

No fim de agosto, houve uma tempestade enorme, e metade do Distrito ficou no escuro. O transporte pela manhã virou uma bagunça, e os ônibus e bondes se atrasaram ou nem apareceram. Irina costumava ir de ônibus para o trabalho, mas, naquele dia, Teddy deve ter ido buscá-la, porque, quando fomos nos servir de café na sala de descanso, vimos os dois ainda sentados no Dodge Lancer azul e branco. Tentamos não ficar olhando, mas isso se provou difícil, uma vez que a janela da sala de descanso dava para a ala leste do estacionamento.

Já eram nove e meia, mas o casal não dava sinais de que fosse entrar no prédio. Em vez disso, ficaram sentados, e nós encostamos o rosto contra a janela até o vidro embaçar. Às nove e quarenta e cinco, abrimos a janela, esperando conseguir ouvir alguma coisa, mas tivemos que a fechar de novo quando uma rajada de chuva acertou nosso rosto.

Víamos Teddy debruçado sobre o volante como se tivesse levado um tiro, e Irina olhando pela janela do passageiro. Por volta das dez, ela saiu e correu para dentro do escritório, os saltos derrapando na calçada escorregadia.

Alguns minutos depois, Teddy saiu dirigindo e virou na esquina da E Street, e voltamos para nossas mesas.

Irina entrou, tirou o casaco e se sentou. Esfregou os olhos vermelhos e

reclamou da tempestade.

— Você está bem? — perguntou Kathy.

— É claro — respondeu Irina.

— Parece um pouco chateada — comentou Gail.

Irina lambeu a ponta do dedo e começou a folhear suas anotações do dia anterior.

— Estou só um pouco desanimada. Esse tempo e tudo o mais.

— Não se preocupe — disse Gail. — Dissemos a Anderson que você estava no banheiro.

— Anderson procurou por mim? Ele disse o que queria?

— Não.

— Ótimo.

Ela abriu a bolsa e tirou a cigarreira de metal com suas inicias gravadas que tinha ganhado de Sally de aniversário. Levou um cigarro à boca e o acendeu, as mãos ainda avermelhadas e trêmulas. Nunca tínhamos visto Irina fumar, mas não foi isso o que percebemos de imediato; o que percebemos de imediato foi a falta do anel de noivado.

— Bom, quer dizer, eu odeio chegar atrasada — prosseguiu Irina. — Obrigada por inventar uma desculpa para mim.

Queríamos perguntar sobre Teddy e o carro. Queríamos perguntar sobre o anel. Queríamos perguntar se ela sabia dos boatos sobre Sally. Mas não perguntamos. Achamos melhor dar um tempo a ela e pedir detalhes no dia seguinte.

Mas, na manhã seguinte, Irina foi chamada na sala de Anderson.

Sabíamos que Irina foi chamada em sua sala. Sabíamos que, ao sair, ela correu para o banheiro e ficou lá por um bom tempo. E sabíamos que, depois de deixar o trabalho, ela foi embora mais cedo, reclamando de dor de estômago.

Helen O’Brien, secretária de Anderson, nos contou o restante:

— Ele disse a ela que a Agência precisa manter a mais alta reputação, e ela respondeu *Sim, é claro*. Algo sobre decoro no escritório e na vida particular. E ela *Sim, eu concordo*. Ele continuou falando que havia boatos de comportamento impróprio. Aí teve uma pausa longa. Ela perguntou se os boatos eram sobre ela e declarou que, pelo que sabia, se comportava de acordo com os mais altos padrões da Agência. E ele: *Olha… as pessoas estão dizendo que talvez você seja um pouco esquisita, sabe, daquele jeito. E, se for verdade, isso é um risco para nós.* Ela negou tudo. E acho que talvez tenha começado a chorar, mas não tinha como ter certeza do outro lado da porta. Ele disse que ficava feliz por ouvir aquilo e que esperava que os boatos não voltassem à tona, como havia acontecido com uma mulher que ele teve que demitir outro dia. Ela perguntou

quem, e ele esperou alguns segundos. Então, ele respondeu: *Sally.*

Irina não foi mais ao escritório naquela semana, e não tivemos a oportunidade de perguntar o que estava acontecendo. Naquele sábado, ela embarcou em um avião para Bruxelas e para a Exposição Universal.

Na segunda-feira seguinte, Teddy também não apareceu no escritório. Nem no restante daquela semana.

Nós, datilógrafas nos encontramos no *happy hour* do Martin's para discutir a questão.

— Talvez ele tenha ido a Bruxelas para conquistar Irina de volta? — sugeriu Kathy.

Norma segurou uma ostra que era o dobro de tamanho das outras. Analisou-a por um instante e a engoliu.

— Sua romântica — comentou ela. — Fiquei sabendo que ele se trancou no apartamento e se recusa a se vestir ou a atender à porta.

— Onde você ouviu isso? — perguntou Judy.

— De uma fonte confiável.

— Tenho certeza de que ele está em uma missão — disse Linda, espetando uma azeitona em seu martíni com um garfo de ostra.

— Você é muito sem graça — falou Norma.

Ela chamou a garçonete e pediu mais um martíni.

— Ela precisa de mais um também — pediu, apontando para Linda.

Linda não recusou.

— Ou talvez ele tenha desertado. Talvez Irina não tenha só partido seu coração.

— Isso! — disse Norma.

— Ou talvez ele esteja com Sally — continuou Linda.

— Mas e o fato de ela ser... — Kathy abaixou o tom de voz — ...*vocês sabem*?

— Mas a sequência de acontecimentos faz sentido. Primeiro Sally saiu, depois, Irina. — A garçonete veio e colocou os martínis a nossa frente.

— Talvez em vez de Sally e Henry, Sally e Teddy estavam tendo um caso o tempo todo, e quando Irina descobriu… — prosseguiu Linda.

Norma puxou a bebida da amiga para longe dela.

— Agora acho que você bebeu demais.

—

Nunca descobrimos o que Teddy estava fazendo na semana em que não foi trabalhar, mas sabemos que, no dia em que apareceu, ele abordou Henry Rennet por trás enquanto este estava na fila do almoço esperando pelo frango empanado

com purê de batata. Teddy deu um tapinha em seu ombro, e ele se virou. Sem dizer uma palavra, Teddy deu um soco na cara do amigo. Henry cambaleou por um segundo e caiu. A bandeja verde de plástico atingiu o chão primeiro, espalhando a colherada de milho amarelo que ele tinha pegado. Seu corpo foi logo em seguida, caindo de cara no milho e no piso frio branco e preto.

Teddy passou por cima de Henry, chutou sua bandeja pelo chão da cantina, foi até a máquina de gelo, pegou um punhado e saiu.

Judy estava saindo da fila com um copo de canja de galinha quando ouviu o rosto de Henry bater no chão, como uma carne crua batida contra uma bancada de mármore. Ela demorou um pouco para perceber que os dois chicletes brancos que tinham rolado pelo chão eram na verdade os dentes da frente dele. A mulher que estava ao lado dela gritou, mas Judy apenas se abaixou e recolheu os dentes, guardando-os no bolso de seu casaco.

— Caso eles pudessem colocar de volta — disse ela quando nos contou a história.

Aqueles que não viram ou escutaram o encontro do punho de Teddy com a boca de Henry acharam que ele tinha desmaiado.

— Chamem um médico! — gritou alguém.

Henry se sentou, atordoado, e Doc Turner, que não era médico, mas o cozinheiro idoso da cantina com meio cigarro sempre pendurado na boca, surgiu da cozinha com um bife congelado.

— Aqui, amigo — disse ele, entregando-o a Henry.

Sangue pingava da boca dele, deixando vermelha a frente da camisa branca. Ele colocou o bife em um olho, depois, no outro, depois, no nariz. Só quando sentiu um gosto metálico foi que percebeu que estava sem os dentes da frente. Sua língua explorou o buraco novo.

Doc Turner o ajudou a se levantar.

— Deve ter feito algo de errado, hein?

— Quem foi? — perguntou Henry. Ele olhou para o semicírculo de pessoas reunidas a sua volta.

— Eu só vi o resultado — respondeu Doc.

— Teddy Helms — falou Judy. — Foi o Teddy.

Henry tirou um milho ensanguentado da boca, passou pela multidão e foi embora.

Norma disse que viu Henry deixar a sede quando estava voltando de uma consulta médica.

— Dava para ver a marca do anel de Georgetown do Teddy embaixo do olho do Henry — disse ela rindo. — Eu não poderia ter feito melhor.

—

No dia seguinte, chegamos ao trabalho alguns minutos mais cedo para ver quais seriam as consequências da briga da hora do almoço.

— Vocês acham que ele vai ser demitido? — perguntou Kathy.

— Não, é assim que os garotos resolvem as coisas por aqui. Eu não ficaria surpresa se Dulles tivesse incentivado. Eles vão voltar ao normal, logo logo — garantiu Linda.

Começamos a tentar entender o que tinha provocado Teddy a mandar o melhor amigo para o dentista.

— Vamos pensar de trás para a frente — sugeriu Norma certa manhã no Ralph's. — Teddy socou Henry, Irina largou Teddy, Sally foi demitida.

— Qual é a ligação? — indagou Linda.

— Não faço ideia — respondeu Norma.

E, embora Teddy tenha aparecendo no escritório no dia seguinte com dois Band-Aids enrolados nos dedos, Henry nunca mais voltou. Norma descobriu algumas informações sobre seu paradeiro, no entanto. Como, sabíamos que não devíamos perguntar. Mas ela contou a mais de uma de nós onde ele estava, pensando que poderia ser útil em algum momento.

Duas semanas depois, Judy ficou surpresa ao colocar a mão no bolso do casaco e achar os dentes de Henry em vez do lenço que esperava encontrar.

Três semanas depois, devolvemos os presentes de casamento que tínhamos comprado para Teddy e Irina, felizes por ter guardado a nota.

Um mês depois, Anderson contratou outra datilógrafa, e percebemos que Irina não voltaria mais.

CAPÍTULO 21

~~A candidata~~
~~A mensageira~~
A FREIRA

Sob uma cortina de cabelo molhado, vi a água preta ir como um redemoinho pelo ralo. Os componentes químicos me deixaram tonta e, quando levantei a cabeça que pingava, a moça que veio me transformar em uma nova mulher abriu uma janela.

Depois de envolver minha cabeça com uma toalha branca, ela me instruiu a sentar no baú velho que servia como mesa de centro. Abriu o estojo de maquiagem cor-de-rosa, de um tom que lembrava camarão, revelando um par de tesouras saindo de um estojo de veludo roxo, várias tintas, duas fitas métricas, enchimento de espuma, pincéis de maquiagem, amostras de tecido branco e preto, além de luvas de borracha amarelas.

Passou os dedos pelos nós em meu cabelo, penteando até desembaraçá-lo todo e, então, puxou todos os fios para trás. Depois de passar a tesoura, ela me entregou o rabo de cavalo guilhotinado. Fiquei segurando o cabelo enquanto ela chacoalhava o frasco de tinta preta que usara na minha cabeça e aplicava com delicadeza em minhas sobrancelhas com um pincel pequeno. Queimou mais do que o leve formigamento que ela havia prometido.

Depois de tirar a tinta, ela me disse para levantar e tirar a roupa. Hesitei.

— Não se preocupe, querida — disse ela. — Já vi de tudo.

Eu tinha conseguido recuperar um pouco do peso perdido depois que Sally terminou comigo, mas não muito. Ela segurou o enchimento de espuma em meu peito e, depois, em meu traseiro.

— Vamos precisar de uma coisinha a mais.

Enquanto tirava minhas medidas, ela falava. Me contou que costumava trabalhar no departamento de figurino da Warner Bros., aplicando cílios postiços em uma Joan Crawford temperamental, inserindo palmilhas em sapatos para que Humphrey Bogart ficasse mais alto e vasculhando todos os salões de beleza de Hollywood para encontrar o tom certo de loiro para Doris Day. Tagarelou sobre a vez em que entrou em um camarim e viu a cabeça de Frank Sinatra — *ainda*

com o chapéu! — entre as pernas de uma atriz que não quis dizer quem era.

— Ele nem levantou a cabeça — comentou ela. — Só resmungou na periquita dela que era para eu voltar em vinte minutos. Nunca imaginei que o Olhos Azuis fosse do tipo generoso.

Eu não disse nada enquanto a mulher contava suas histórias. Em condições normais, eu a teria achado muito divertida, mas não estava de bom humor, e ela era o tipo de mulher capaz de falar durante quarenta e cinco minutos sem perceber que a plateia caíra no sono.

Eu tinha chegado em um avião oito horas antes e estava exausta. Foi o primeiro voo que fiz na vida, e, quando desci na pista, antes mesmo da transformação, eu me tornei mais do que uma mensageira — me tornei uma nova pessoa.

Eu pedira por aquilo; e aqui estava. Era mais do que uma missão e uma passagem de ida: era a chance de virar outra pessoa, de começar do zero. Então, aproveitei. Um coração partido pode ser libertador — o peso tirado dos ombros, ninguém para magoar ou por quem ser magoada. Pelo menos era o que eu dizia a mim mesma.

A mulher guardou a tesoura, as tintas e as luvas. Varreu meu cabelo do chão e o colocou em um saquinho plástico, que guardou no estojo. Antes de ir embora, ela me avisou que uma florista entregaria o hábito em uma caixa de rosas de caule longo. Abriu a porta e se virou para mim.

— Foi um prazer conhecer você, querida.

— O prazer foi todo meu — respondi, embora nem tenhamos trocado nomes.

Tranquei a porta atrás dela e fui até o espelho rachado pendurado sobre a pia do banheiro para ver a estranha no reflexo. Passei os dedos pelos poucos centímetros que restavam de cabelo. Lambendo a ponta do dedo, esfreguei uma mancha de tinta preta em minha testa e disse a mim mesma que podia ser qualquer pessoa agora.

Enquanto me vestia, minha animação diminuiu. O que Sally acharia da transformação? O que Mama acharia? Coloquei a mão em concha na nuca. Mama com certeza teria odiado. Sally diria que era uma *declaração*. Teddy diria que amou, mesmo que não fosse verdade.

—

Depois do funeral de Mama, eu não queria ficar sozinha; então, Teddy se estabeleceu no meu apartamento, no sofá. Nas noites em que eu não conseguia dormir, ele lia para mim — ensaios na *New Yorker* de E. B. White e Joseph Mitchell, contos de homens cujos nomes já esqueci. Uma vez, na noite em que

eu disse que não poderia me casar com ele, ele leu para mim um texto de uma pilha de papéis que estavam em sua maleta. Só me disse que tinha sido ele quem escreveu o que estava lendo no fim, revelando que era o primeiro capítulo de um romance no qual trabalhava havia anos. Eu lhe falei que tinha amado, que ele precisava terminar.

— Você acha mesmo? — perguntou ele.

Quando eu disse que não mentiria para ele, Teddy perguntou se isso era verdade.

Eu tive dificuldade de olhar em seus olhos, mas me obriguei a fazer isso.

— Não posso me casar com você.

— Podemos esperar. O tempo que você precisar. Ainda está de luto.

— Não. Não é isso.

— O que é, então?

— Não sei.

Eu sentia que ele estava se segurando, que não dizia as palavras que pairavam entre nós.

— Eu acho que você sabe.

— Não sei.

— É por causa da Sally?

— O quê? Não… Eu tenho dificuldade de fazer amigos. Amigos de verdade, em todo caso. Ela tem sido uma boa amiga.

— Nada precisa mudar. Eu sei…

— Não acho que você me conheça tão bem assim.

— Aí é que está. Eu conheço.

— O que você está querendo dizer? — perguntei.

— Estou querendo dizer que só quero ficar com você… o que quer que isso signifique para você.

Mas eu não conseguia entender. Não queria entender.

— O que isso significa para *você?* O que *você* quer?

— Uma esposa. Uma amiga. — Ele enxugou uma lágrima. — Você.

— O que você acha que eu sou?

Ele abaixou a cabeça.

— Seja sincera comigo.

Eu disse a ele que eu era, e ele pediu que não decidíssemos nada naquele momento, que esperássemos um tempo antes de tomar qualquer decisão. Concordei, principalmente para não vê-lo daquele jeito, e nos afastamos — ele para o sofá e eu para minha cama, onde passei a noite ouvindo Teddy se revirar na sala.

—

No dia seguinte, uma tempestade fez a energia cair em metade do Distrito. Enquanto Teddy dirigia até o escritório, não conversamos nem ligamos o rádio. O único som eram os limpadores de para-brisa lutando contra a chuva. Quando entramos no estacionamento, tirei o anel de sua avó e o coloquei sobre o painel. O corpo de Teddy tombou para a frente e eu o deixei assim. Eu não tinha mais nada a dizer e temia que qualquer ação pudesse magoá-lo ou me impedir de sair do carro. Eu é que havia terminado as coisas, mas parecia que estava partindo meu próprio coração — não como Sally fizera, mas de um jeito que fazia com que eu me sentisse ainda mais à deriva, como se eu tivesse cortado o único cabo que ainda me prendia ao chão.

Teddy não chegou a entrar no escritório naquele dia, e eu não o vi antes de ir embora. Ele pegou sua mala e saiu antes que eu voltasse ao apartamento. No dia seguinte, fui chamada à sala do Anderson e questionada a respeito de meu relacionamento com Sally. Ele me disse que ela fora demitida e que suspeitavam de meu relacionamento com ela, o que neguei, convincente o bastante para que Anderson dissesse que acreditava em mim. Foram eles que me ensinaram a me tornar outra pessoa, afinal de contas, a mentir sobre quem eu era. E a sensação de usar meu novo poder contra eles era boa.

Tudo aquilo era demais. E, no entanto, ali em Bruxelas, olhando para mim mesma no espelho quase do outro lado do mundo, eu ainda não conseguia tirar tudo aquilo da cabeça. Mas precisava. Não tinha mais volta. A missão havia começado.

X X X

Cobri meu cabelo com um lenço e saí em direção ao ponto de encontro. Bruxelas estava agitada, e a lua era um meio disco sobre a cidade. As ruas se encontravam cheias de visitantes do mundo inteiro. Passando por um café lotado, ouvi pessoas falando francês, inglês, espanhol, italiano, holandês. Quando cortei pela Grand-Place, vi um grupo de homens e mulheres chineses em pé no meio da praça, olhando para o topo do Hôtel de Ville e dividindo uma caixa de chocolates. Dois homens russos passaram tão perto que um deles encostou em meu ombro. Será que o que estava de chapéu de pele olhou para mim por tempo demais? Não virei para trás nem apertei o passo. Continuei olhando para a frente e segui caminhando.

Cheguei ao endereço que o encarregado me dera na rue Lanfray, pertinho dos Lagos de Ixelles. Em pé em frente ao prédio *art nouveau*, fiquei impressionada

com os cinco andares de madeira marchetada e com o ferro verde que subia pela fachada como se fosse hera. A casa inteira devia estar dentro de um museu. Subindo a escadaria curva de cimento até as portas duplas, disse a mim mesma que ali era meu lugar; ou melhor, da pessoa que me tornara. Apertei a campainha dourada uma vez, contei até dezesseis e apertei de novo. Senti uma leve transpiração na nuca. Um homem vestido de padre abriu a porta.

— Padre Pierre? — perguntei, em russo.

— Irmã Alyona. Bem-vinda.

Ouvir meu novo nome fez meu peito relaxar.

Apertei sua mão com firmeza, como Sally tinha me ensinado.

— Prazer.

— Começamos sem você.

Eu não sabia seu nome verdadeiro, nem se Padre Pierre era católico. Ele usava o colarinho branco, mas usava um suéter de caxemira marfim sobre os ombros, como se tivesse acabado de voltar do golfe. Aos trinta e poucos anos, Padre Pierre exibia uma beleza delicada, com cabelos loiros rarefeitos, olhos azul-celeste e uma barba avermelhada. Ele me conduziu para dentro, e o segui até o andar de cima.

O apartamento era mobiliado com uma decoração luxuosa, mas eclética, como se um novo rico tivesse contratado alguém que lhe fornecesse bom gosto. A mistura de móveis dinamarqueses modernos, tapeçaria do século XVII e cerâmica popular dava a impressão de andarmos por um museu sacudido dentro de um globo de neve.

Fui extremamente pontual, mas a última de nosso grupo a chegar. Um homem e uma mulher já estavam sentados no sofá em formato de rim, bebendo conhaque em frente a uma lareira quase apagada. O homem conhecido como Padre David era o agente responsável por nossa missão. A mulher, Ivanna — seu nome verdadeiro —, era filha de um teólogo ortodoxo russo exilado e dona de uma editora belga que publicava material religioso. Ela também era fundadora da *Vida com Deus*, uma organização clandestina que contrabandeava material religioso proibido para o outro lado da Cortina de Ferro. Seu grupo vinha trabalhando em conjunto com o Vaticano desde a abertura da exposição, e devíamos seguir suas instruções sobre como distribuir *Jivago* da forma mais eficaz.

Ivanna e Padre David levantaram a cabeça quando entramos, mas não sorriram nem ficaram em pé. Não havia necessidade para apresentações: eles já sabiam quem eu era, assim como eu já sabia quem eram. Sentei na beirada de uma poltrona de linho branco e eles continuaram.

Sobre a mesa de centro preta e elegante à frente deles, havia uma maquete

exata da Expo 58, detalhada, com espelhos pintados de azul representando chafarizes e espelhos d'água, árvores em miniatura, esculturas, bandeiras de todos os países, e o pavilhão da Cidade de Deus da Santa Sé, de telhado branco e que parecia uma pista de esqui — onde nossa missão aconteceria.

Fora ideia de Ivanna usar a exposição como meio de conversão, mas foi Padre David que pegou a sugestão e a transformou em algo digno da Agência. Ele acreditava que a Expo 58 seria o local perfeito para conseguir que o livro voltasse para a URSS, e, com isso, incitar um tumulto internacional quanto ao motivo pelo qual havia sido proibido.

Padre David falava manso, mas prendia a atenção, da maneira firme e confiante como que Chet Huntley apresentava o noticiário noturno. Ele também parecia mais um padre do que Padre Pierre, com o corte de cabelo de escoteiro, a boca cor-de-rosa delicada e os dedos longos que dava para imaginar segurando a Hóstia.

Padre David apontou para a maquete, nos mostrando as rotas independentes que faríamos para entrar e sair da exposição todos os dias. Se suspeitássemos de que alguém estivesse nos seguindo, deveríamos entrar no Atomium — a peça central da exposição, que tinha cem metros de altura e representava a célula unitária de um cristal de ferro ampliada 165 bilhões de vezes. Deveríamos pegar o elevador até o topo da estrutura de alumínio, onde havia um restaurante com vista panorâmica de Bruxelas e um garçom pronto para ajudar.

Depois de nos dar a visão geral, Padre David colocou a maquete no chão e abriu plantas da Cidade de Deus. Ele apontou para o local onde ficava *O Pensador* de Rodin.

— Padre Pierre ficará aqui, circulando entre a multidão para identificar quaisquer soviéticos que possam ser alvos em potencial — disse ele. — Uma vez identificados, ele fará um sinal para Ivanna, coçando o queixo com a mão esquerda.

Ele traçou um caminho desde *O Pensador* até a Capela do Silêncio, a unha comprida arranhando o papel.

— Ivanna então os levará até a Capela do Silêncio, onde avaliará seu interesse em propaganda. Se o alvo for receptivo — seu dedo contornou o altar da capela até uma salinha quadrada sem nome —, ela o levará até aqui, a biblioteca, onde estarei esperando com a Irmã Alyona — Ele olhou para mim e, então, continuou: — Depois de uma última avaliação, acontecerá a entrega.

Ele afastou a mão das plantas.

— Ah, mais uma coisa: de agora em diante, devemos nos referir a *Jivago* apenas como o Bom Livro. — Ele se recostou na cadeira e cruzou as pernas. — Alguma pergunta?

Como ninguém respondeu, ele repassou o plano do início ao fim. Então, repassou mais uma vez.

Com o plano cimentado em nossas mentes, ficamos conversando, bebendo vinho tinto em xícaras e fumando. Só então perguntei:

— O Bom Livro… está aqui?

Ivanna olhou para o Padre David, que assentiu.

— Eles foram levados diretamente para a exposição hoje, mas ainda temos um aqui.

Ela foi até o armário da entrada e pegou uma caixinha de madeira coberta por um pano velho. Tirou o tecido e pegou um livro.

— Aqui — disse, me entregando.

Eu esperava uma sensação de algo ilícito. Esperava uma comichão de dissidência. Mas não senti nada. O livro proibido parecia como outro qualquer. Abri e li em voz alta em russo:

— Eles se amavam, não motivados pela necessidade, pela “chama da paixão” muitas vezes falsamente atribuída ao amor. Eles se amavam porque tudo à sua volta queria assim, as árvores e as nuvens e o céu sobre suas cabeças e a terra sob seus pés.

Fechei o livro. Não queria pensar nela. Não podia.

— Vocês leram? — perguntei.

— Ainda não — respondeu Ivanna.

Padre David e Padre Pierre balançaram a cabeça em negativa.

Abri o romance mais uma vez, e, na folha de rosto, percebi um erro.

— O nome dele.

— O que tem? — perguntou Padre David.

— Não devia estar escrito *Boris Leonidovitch Pasternak*. Os russos não teriam incluído o patronímico. Escreveriam só *Boris Pasternak*.

Padre Pierre tragou seu charuto cubano.

— Tarde demais — disse e uniu as mãos em sinal de oração.

X X X

Na manhã seguinte, vesti o sutiã e as calças com enchimento com cuidado; então, o hábito preto sem forma e o véu com uma faixa branca rígida que emoldurava minha testa. Eu estava proibida de usar qualquer tipo de maquiagem; a mulher de Hollywood disse que eu teria que me contentar com uma pitada de vaselina nos lábios e nas maçãs do rosto para um pouco de brilho. Mas não fiz nem isso. Olhando no espelho, gostei da aparência do meu rosto: ao natural, pálido, talvez um pouco mais velho. Dando um passo para trás para me

olhar por inteiro, me senti assexuada — e poderosa.

Às 6h30, em ponto, saí do apartamento para o primeiro dia na exposição. Se fizéssemos nosso trabalho corretamente, distribuiríamos o último dos trezentos e sessenta e cinco exemplares de *Doutor Jivago* antes do fim do terceiro dia.

No bonde construído para transportar os visitantes da exposição do centro da cidade até o Heizel Paleis, enxerguei o Atomium. Era muito maior do que eu esperava depois de ter visto a maquete. Símbolo oficial da exposição — estampado em todos os cartazes, todos os panfletos e quase todos os cartões-postais e suvenires —, o Atomium, com suas nove esferas, deveria representar a nova era atômica. Para mim, estava mais para sobra do set de filmagem de *O dia em que a Terra parou*.

A exposição só abriria dali a uma hora, mas uma multidão já fazia fila do lado de fora dos portões grandes de ferro. Crianças impacientes puxavam a bolsa das mães; estudantes americanos enfiavam as mãos e a cabeça na cerca, um deles quase ficando preso; um jovem casal francês se acariciava em público sem se importar com os olhares; uma idosa alemã tirava uma foto do marido ao lado de uma mulher vestindo saia preta, paletó preto, gravata preta e chapéu preto, uniforme das guias. Era emocionante estar cercada por tanta gente e ainda assim se sentir invisível. Ninguém prestava atenção na freira.

Entrei na fila de trabalhadores no Porte du Parc, portão que levava direto à Seção Internacional. Ao me aproximar do guarda, respirei fundo e mostrei o crachá da exposição. Ele mal olhou para mim quando fez sinal para que eu entrasse.

Era extraordinário. A maquete não chegava nem perto de retratar a enormidade de tudo aquilo. Era a primeira Exposição Mundial desde a Guerra, e eram esperados quarenta milhões de turistas de todos os cantos do mundo.

Exceto pelos trabalhadores correndo para tomar suas posições e uma brigada de mulheres empunhando vassouras varrendo o lixo da rua, a via principal era toda minha. Atravessei o pavilhão tailandês, com seu telhado de múltiplas camadas que lembrava um templo no topo de uma escadaria de mármore. O do Reino Unido guardava uma semelhança impressionante com três chapéus de papa brancos. O francês era uma cesta moderna enorme tecida em aço e vidro. O da Alemanha Ocidental era moderno e simples, como algo sonhado por Frank Lloyd Wright. O da Itália lembrava uma bela *villa* toscana.

Localizei rapidamente o pavilhão americano e não consegui decidir se a construção, cercada de bandeiras brancas, parecia mais uma roda da carroça virada ou um óvni. Bem à esquerda ficava o gigante da União Soviética — de longe o maior pavilhão da Seção Internacional. Parecia capaz de devorar o pavilhão americano. Dentro havia fac-símiles do Sputnik I e II, que eu queria

muito ver. Nunca admiti em voz alta, mas, quando o Sputnik foi lançado, não pude evitar sentir uma pontada de orgulho. Eu nunca estivera na Pátria Mãe, mas, ao olhar para o céu na noite em que o satélite foi lançado ao espaço, senti uma ligação inédita com o lugar de nascimento dos meus pais. Aquela noite em Washington estava nublada, e eu sabia que não dava para vê-lo a olho nu, mas, ainda assim, olhei para cima, na esperança de identificar um lampejo prateado cruzando o céu. Então, lá, tão perto da coisa — ou, pelo menos, de uma réplica —, quis muito entrar no pavilhão da Rússia e vê-lo, tocá-lo.

Mas não podia me desviar do plano de Padre David.

Do outro lado do pavilhão americano ficava meu destino: a Cidade de Deus. A construção branca da Santa Sé, simples e inclinada, parecia pequena o suficiente para caber dentro do saguão de entrada do pavilhão da URSS. Entrei na construção silenciosa, o barulho dos sapatos baratos de couro preto ecoando do piso de mármore. Trabalhadores do Vaticano corriam de um lado para o outro, se preparando para abrir. Limpavam o chão, preparavam panfletos e enchiam as bacias com água benta. Diziam *Olá, Irmã* quando passei, e sorri como achava que uma freira faria: só com os cantos da boca.

Padre Pierre já estava posicionado — ao lado do *Pensador*, com as mãos atrás das costas, balançando nos calcanhares. Quando passei, seu olhar não se desviou da famosa escultura.

Descendo o corredor abobadado e entrando na Capela do Silêncio, duas freiras preparavam o pequeno altar de frente para os bancos. Elas olharam para mim e continuaram acendendo as velas. Será que eu tinha passado no teste? Se não tinha, as freiras não revelaram nada. Nem reagiram quando dei a volta no altar e passei pela abertura nas cortinas azuis pesadas atrás dele.

— Você chegou — disse Padre David quando entrei na biblioteca secreta. Ele olhou para o relógio. — Os portões do público estão abertos. Você está preparada?

Tomei meu lugar em um banquinho de madeira em frente à estante cheia de exemplares do Bom Livro, todos em capas de linho azul-vivo. Eu estava mais calma do que esperava, mas Padre David irradiava uma tensão nervosa enquanto andava pela salinha. Quatro passos para a direita, quatro para trás. Mais tarde, descobri que fazia dois anos que Padre David não ia para o campo, a última vez na Hungria, onde ajudou a instigar os guerrilheiros a se revoltar contra os ocupantes soviéticos.

Ouvimos os primeiros passos silenciosos e sussurros de visitantes entrando na Cidade de Deus. Diminuí o ritmo da minha respiração para ver se conseguia ouvir que língua as pessoas estavam falando. Era russo? Padre David pareceu estar escutando também, a cabeça inclinada em direção à abertura entre as

cortinas.

Inquietos, esperamos que nossos primeiros alvos chegassem, e eu sentia pequenos nós se formando entre minhas escápulas.

Ivanna abriu a cortina. Atrás dela estava um casal russo, com uma expressão de que a cortina do Mágico de Oz se abriu e revelou um padre, uma freira e alguns livros, e não um homem puxando alavancas. Hesitei, mas o Padre David, não. Ele os cumprimentou calorosamente, em um russo moscovita impecável. Todo o nervosismo tinha ido embora, e ele se transformou no padre perfeito — encantador com uma pitada de poder — que paroquianos de classe alta gostariam de convidar para o jantar de domingo.

Padre David perguntou ao casal sobre sua visita à exposição. *Estão gostando? O que viram até agora? Vieram para ver o Rodin? Visitaram o modelo de quebra-gelo atômico? Um feito surpreendente da ciência. Tem fila para vê-lo, mas vale a espera. Experimentaram os* waffles*?*

Em pouco tempo, Padre David apurou a história do casal. A mulher, Ekaterina, era bailarina do Bolshoi e se apresentava todas as noites no pavilhão soviético; o homem mais velho, Eduard, se descrevia apenas como um "patrono das artes". Eduard se gabou do desempenho da mulher na noite anterior.

— Ela deixou a plateia sem fôlego. Até os militares.

Padre David aproveitou a deixa, dizendo ao casal que recentemente vira Galína Ulánova dançar em Londres.

— Foi revigorante — disse ele. — Como se a própria Madona tivesse beijado as solas dos pés de Galína. Ela foi a personificação física da poesia.

O casal concordou com sinceridade, e, aproveitando o embalo, Padre David fez a transição perfeita para uma conversa mais geral sobre arte e beleza — e a importância de compartilhá-las.

— Concordo plenamente — disse Ekaterina. Pelo tom rosado de suas bochechas, era óbvio que estava bastante impressionada com o jovem padre e seu discurso apaixonado.

— Você gosta de poesia? — perguntou a ela.

— Somos russos, não somos? — respondeu Eduard.

O casal entrara na biblioteca apenas minutos antes, e Padre David já se dirigia a mim para que eu lhe desse uma cópia do Bom Livro — que ele então entregou ao homem.

— A beleza deve ser celebrada — disse com um sorriso santo.

O homem pegou o livro e olhou para a lombada. Soube imediatamente do que se tratava. Em vez de devolver *Jivago* ao Padre David, ele passou a língua pelos lábios e entregou o livro a Yekaterina. Ela franziu a testa, mas ele fez um aceno com a cabeça e a moça guardou o livro na bolsa.

— Acho que você está certo, Padre — disse Eduard.

No fim, o casal levou o livro, e Eduard convidou Padre David para seu camarote para a apresentação de Ekaterina naquela noite. Padre David disse que faria o possível para ir.

— Deu certo — falei quando eles saíram.

— Claro que deu — asseverou Padre David, com a voz firme.

Nossos alvos vieram rápido depois disso. Um acordeonista do Coro do Exército Vermelho escondeu o romance no estojo vazio do instrumento. Um palhaço do Circo Estatal de Moscou guardou-o em seu estojo de maquiagem. Um engenheiro mecânico que crescera ouvindo a mãe recitar os primeiros poemas de Pasternak disse que queria muito lê-lo, mas provavelmente só o faria enquanto estivesse na exposição. Um tradutor que tinha passado o texto do folheto do pavilhão soviético para várias línguas disse que sempre admirou as traduções de Pasternak, principalmente as peças shakespearianas, e que sonhava em conhecê-lo. Uma vez, viu o autor jantando no Tsentralny Dom Literatorov, mas ficara tímido demais para abordá-lo.

— Perdi minha chance — comentou. — Mas vou compensar pela covardia com isso.

Ele levantou o exemplar de *Jivago*. Antes de ir embora, me deu uma cópia de um dos folhetos soviéticos que traduzira. Dentro, havia um mapa de toda a exposição espalhado em duas páginas. Ri quando percebi que o pavilhão americano e o do Vaticano estavam notoriamente ausentes.

Falar russo de novo me fez pensar em Mama e desejei ver alguém que fizesse com que eu me lembrasse dela, mesmo que um pouquinho. Mas a maioria dos soviéticos que apareceram eram membros da *intelligentsia* — estudados, articulados e a favor do Estado. Outros eram jovens e tinham saído do país pela primeira vez — os músicos, bailarinos e outros artistas se apresentando na exposição. Eram todos pessoas da cidade, com as mãos macias e sem calos. Tinham dinheiro para viajar e, mais importante ainda, tinham permissão. Se vestiam como europeus, em ternos feitos sob medida e vestidos franceses de alta-costura e sapatos italianos. E, embora eu nunca tivesse ido à Pátria Mãe, aqueles eram russos que eu não reconhecia; eram muito diferentes de minha mãe, e esse pensamento me doeu.

À tarde, Ivanna veio à biblioteca nos dizer que havia uma afluência de russos vendo *O Pensador* e que achava que a notícia tinha se espalhado.

— Será que é melhor desacelerar? — perguntou ela.

— Ao contrário, devemos acelerar — repliquei. — Não teremos muito tempo agora que todos estão sabendo.

— Ela tem razão — disse Padre David. — Continue mandando-os para cá.

Depois de distribuirmos cem cópias, Ivanna enfiou a cabeça pela cortina, segurando uma das capas de linho azul que haviam sido arrancadas do romance.

— Estão jogando as capas na escadaria.

— Por quê? — perguntei.

— Para deixar os livros menores — respondeu Padre David. — Para escondê-los.

X X X

O plano era ficar na Expo 58 três dias, mas demos a última cópia do Bom Livro no meio do segundo.

Capas de linho azul estavam jogadas pela exposição. Um economista influente removeu as páginas de um anuário da exposição e as substituiu por *Doutor Jivago*. A esposa de um engenheiro aeroespacial escondeu o livro dentro de uma caixa de absorventes vazia. Um trompetista de destaque enfiou as páginas dentro do instrumento. Uma bailarina principal do Bolshoi envolveu o livro na meia-calça.

Nossa missão estava cumprida. Distribuímos *Jivago*, na esperança de que o romance do sr. Pasternak acabasse voltando para seu país natal, na esperança de que aqueles que o lessem questionassem por que o texto havia sido proibido — as sementes da dissidência plantadas com um livro contrabandeado.

Padre David, Ivanna, Padre Pierre e eu nos separamos de acordo com o plano. Ivanna voltaria no dia seguinte, ficando na Expo 58 para distribuir seus materiais religiosos. Mas o restante de nós devia deixar a exposição e não voltar. Nada de grandes despedidas, tapinhas nas costas, *bom trabalho*, *missão cumprida*. Apenas alguns acenos de cabeça enquanto deixávamos a Cidade de Deus um de cada vez. Nenhum outro contato era permitido. Não sabia para onde os padres estavam indo, mas eu embarcaria em um trem para Haia no dia seguinte, e lá encontraria meu encarregado para relatar a missão e receber a próxima.


ORIENTE
Setembro a outubro
de 1958

CAPÍTULO 22

~~O habitante das nuvens~~
O PREMIADO

Boris está atrás de uma cerca de madeira, cuidando de um pedaço de terra onde plantara batata, alho e alho-poró. Um visitante chega, e Boris apoia a enxada em uma bétula.

— Meu amigo — diz o visitante, estendendo a mão para Boris por cima da cerca.

— Está aqui? — pergunta o escritor.

O visitante faz que sim com a cabeça e segue Boris até a casa.

Eles se sentam de frente um para o outro à mesa de jantar. O visitante abre a mochila e coloca o livro, ainda com a capa azul, diante de seu autor. Boris pega o romance. É muito mais leve do que o manuscrito encadernado à mão que confiara a mãos estrangeiras dois anos antes e muito diferente do volume reluzente que se tornara *best-seller* internacional na Europa — um que ele só conhece de fotografias. Ele corre os dedos sujos pela capa. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Está aqui — repete.

O visitante tira o segundo presente da mochila: uma garrafa de vodca.

— Um brinde? — sugere.

— Quem fez isso? — pergunta Boris.

O visitante serve uma dose.

— Dizem que foram os americanos.

X X X

Boris faz sua caminhada matinal. Está chovendo, então ele toma o caminho coberto por árvores atravessando a floresta de bétulas ao voltar para a *datcha* em vez da rota de sempre pelo cemitério, passando pelo riacho e subindo a colina. As poucas folhas mortas ainda agarradas às copas das árvores são suficientes para protegê-lo da chuva. Está vestindo uma roupa apropriada para o tempo: capa de chuva, chapéu e botas pretas de borracha; mas, ao se aproximar da casa, sente um frio penetrar-lhe até os ossos.

Boris os ouve antes de vê-los. Ao sair da floresta, vê carros estacionados na rua estreita e, então, a pequena multidão em seu jardim, sob a proteção de guarda-chuvas pretos. Um jovem está sentado no pedaço de cerca que tem uma tábua podre. Boris quer gritar para que ele se levante, mas, em vez disso, fica parado como uma corça que viu o caçador antes de ser vista.

Pensa em voltar para a floresta. Mas alguém chama seu nome, e a multidão vai em sua direção como um grande mamífero. O homem sentado na cerca pula e é o primeiro a alcançá-lo. Ele pega um bloco de anotações e prepara a caneta.

— Você ganhou — diz. — O Prêmio Nobel. Algum comentário para o *Pravda*?

Boris inclina a cabeça em direção às nuvens, deixando a chuva fria cair sobre seu rosto. É isso, pensa. Disposto para todos, como um banquete. Seu legado gravado em ouro. Mas nenhuma lágrima de alegria se mistura à chuva que corre por seu rosto. Em vez disso, o medo toma conta dele como um de seus banhos matinais gelados.

Ele olha para a extremidade do jardim, onde um portão fora derrubado vinte anos antes. Imagina o vizinho, Boris Pilniak, passando por ele, animado para compartilhar a colheita de cebolas ou o último capítulo de seu romance. Ele se lembra de, mais tarde, depois que o tal romance foi proibido e Pilniak acusado de orquestrar sua publicação estrangeira, passar pela *datcha* do amigo nas caminhadas matinais e vê-lo olhando pela janela, esperando.

— Eles virão me buscar um dia — dissera Pilniak.

E eles vieram.

Um *flash* dispara. Boris pisca. Procura por algum conhecido na multidão, alguém em quem se segurar, mas não vê ninguém.

— Você vai aceitar? — pergunta outro repórter.

Boris enfia a bota em uma poça.

— Eu não queria que isso acontecesse, todo esse barulho. Sinto uma imensa alegria. Mas minha alegria hoje é solitária.

Antes que os repórteres possam fazer mais perguntas, Boris coloca o chapéu de novo na cabeça.

— Penso melhor enquanto estou caminhando e preciso caminhar um pouco mais.

Ele atravessa uma abertura na multidão e volta para a floresta.

Ela saberá que precisa vir, pensa. *Vai estar esperando.*

—

Ele vê o lenço vermelho de Olga à distância, e um peso sai de seus ombros. Ela

está no topo da colina coberta de grama no cemitério onde a terra ainda não foi revolvida, caminhando ao longo de uma cova invisível, os braços cruzados sobre o peito. Mesmo agora, Boris ainda fica surpreso ao vê-la. Ela envelheceu. Linhas irradiam dos cantos dos olhos e os cabelos loiros estão quebradiços. Recuperou o peso que perdera nos campos, mas, em vez de voltar a seus quadris e coxas, foi para a barriga e o rosto. Desde que *Jivago* foi publicado no exterior, ela não enrola mais o cabelo ou usa joias. Talvez não queira mais ficar em destaque. Ou talvez esteja apenas cansada demais para se importar com isso. De qualquer modo, Boris a acha ainda mais bonita.

Ela corre para encontrá-lo. Os dois se abraçam, e ele é envolvido por ela, embora Olga é quem se encaixe perfeitamente em seus braços. Seu toque é um cataplasma.

Boris sente Olga prender a respiração e massageia suas costas como para incentivá-la a soltar o ar. Ela se afasta e confirma o que seu corpo já lhe disse que ela está pensando.

— O que vão fazer conosco agora? — pergunta Olga.

— É uma coisa boa. Devíamos estar comemorando. Não vão poder nos tocar. O mundo estará assistindo.

— É — diz ela. Olha em volta do cemitério. — Estão observando.

Ele beija sua testa.

— É uma coisa boa — repete, tentando convencer a si mesmo. Olha em direção à sua *datcha*. — Os abutres estão esperando. Preciso enfrentá-los.

— Você vai aceitar o prêmio, então?

— Não sei.

Mas não consegue imaginar não aceitar. Sua vida o levou a este precipício; como poderia não dar este último passo, ainda que fosse em direção ao abismo? Se recuar agora, sempre que sua amada sorrir, ele verá seu dente lascado dos dias nos campos e lembrará que foi tudo em vão.

Olga alisa a frente do casaco dele, deixando a mão parar sobre seu coração.

— Me procure quando puder?

Ele coloca a mão sobre a dela e pressiona fundo no próprio peito.

—

A chuva parou, e a multidão aumentou. Vizinhos se juntaram aos repórteres, pisando em suas batatas, seu alho, seu alho-poró. Alguns homens de sobretudo de couro preto perambulam por ali. Zinaida está na varanda lateral com Nina Tabidze, que veio da Geórgia para uma visita. Colocaram duas cadeiras de madeira ao pé da escada para bloquear a entrada, e o cachorro de Boris, Tobik,

está de vigia embaixo de uma delas.

Zinaida empurra uma cadeira para deixar Boris entrar, mas ele se detém para falar com os repórteres. Desde o encontro com Olga, seu ânimo melhorou consideravelmente, e, embora não acredite por completo no que disse a ela, as palavras o acalmaram. As congratulações vindas da multidão também são um bálsamo. Um fotógrafo pede para tirar uma foto, e Boris posa para o retrato, um sorriso sincero no rosto.

Zinaida não está sorrindo, as sobrancelhas bem marcadas a fazem parecer surpresa, mas o cenho franzido diz algo diferente.

— Nada de bom virá disso — declara ela quando o marido termina de subir as escadas.

— As pessoas nas ruas de Moscou já estão falando sobre isso — comenta Nina, colocando a cadeira de madeira de volta no lugar. — Uma amiga ouviu na *Rádio Libertação*.

— Vamos entrar — diz Boris.

Dentro de casa, são recebidos pelo cheiro de torta de ameixa, e Boris se lembra de que é o onomástico de Zinaida.

— Minha querida — fala ele. — Me perdoe, com toda essa agitação, acabei esquecendo.

— Não importa agora — responde ela.

Nina toca o ombro de Zinaida e vai até a cozinha para tirar a torta de dentro do forno.

O casal fica sozinho na entrada.

— Você não está feliz por mim, Zina? Por nós?

— O que vai acontecer conosco?

— Que bobagem. Devíamos estar comemorando. Nina! — grita ele para a cozinha. — Traga uma garrafa de vinho.

— Não é hora de comemorar — reclama Zinaida. — Eles vão querer sua cabeça por isso. Primeiro, você entrega seu manuscrito em mãos estrangeiras, sem ser publicado aqui. Agora isso? A atenção, a comoção. Nada de bom virá disso.

— Se não consegue comemorar isso, pelo menos brinde ao seu onomástico.

— Que importância isso tem? Você esqueceu ano passado também.

Nina volta da cozinha com uma garrafa de vinho e três taças, mas Zinaida a dispensa e se recolhe a seu quarto. Nina vai consolar a amiga, e Boris abre a garrafa sozinho.

—

No dia seguinte, o vizinho de Boris, o autor Konstantin Aleksandrovich Fedin, bate à porta, e Zinaida abre.

— Onde ele está? — pergunta Fedin.

Sem esperar por uma resposta, ele contorna Zinaida e sobe as escadas até o escritório de Boris, dois degraus de cada vez.

Boris tira os olhos da pilha de telegramas.

— Kostia — cumprimenta ele o amigo. — A que devo a visita?

— Não estou aqui para dar os parabéns. Não estou aqui como vizinho ou amigo. Estou aqui a trabalho. Polikarpov está em minha casa neste momento esperando uma resposta.

— Que resposta?

Fedin coça as sobrancelhas espessas e brancas.

— Se você vai renunciar ao prêmio.

Boris larga o telegrama que tem nas mãos.

— De maneira alguma.

— Se não renunciá-lo de bom grado, eles vão obrigá-lo. Você sabe disso.

— Eles podem fazer o que quiserem comigo.

Fedin vai até a janela que dá para o jardim. Alguns repórteres voltaram. Ele desliza a mão pelo cabelo.

— Você sabe o que eles podem… Já passei por isso também. Como amigo…

— Mas, lembre-se, você não está aqui como amigo — interrompe-o Boris. — Então, está aqui como o quê, exatamente?

— Um colega escritor. Um cidadão.

Boris se senta na cama, a armação simples de metal rangendo alto sob seu peso.

— Qual dos dois? Escritor ou cidadão?

— Sou ambos. E você também é.

Era sabido que Fedin era o próximo da fila para assumir o cargo de presidente do Sindicato dos Escritores Soviéticos; então, Boris pensa em uma resposta com cuidado.

— *Inventas vitam iuvat excoluisse per artes.*

— Virgílio — diz Fedin. — Aos inventores das artes graciosas que a vida embelezam.

— Está gravado na medalha do Nobel.

— Você embelezou a vida de quem com esse romance? A da sua família? — Fedin baixou o tom de voz. — A da sua amante? Ou simplesmente a sua?

Boris fechou os olhos.

— Me dê um tempo.

— Não há tempo. Polikarpov está esperando por uma resposta quando eu

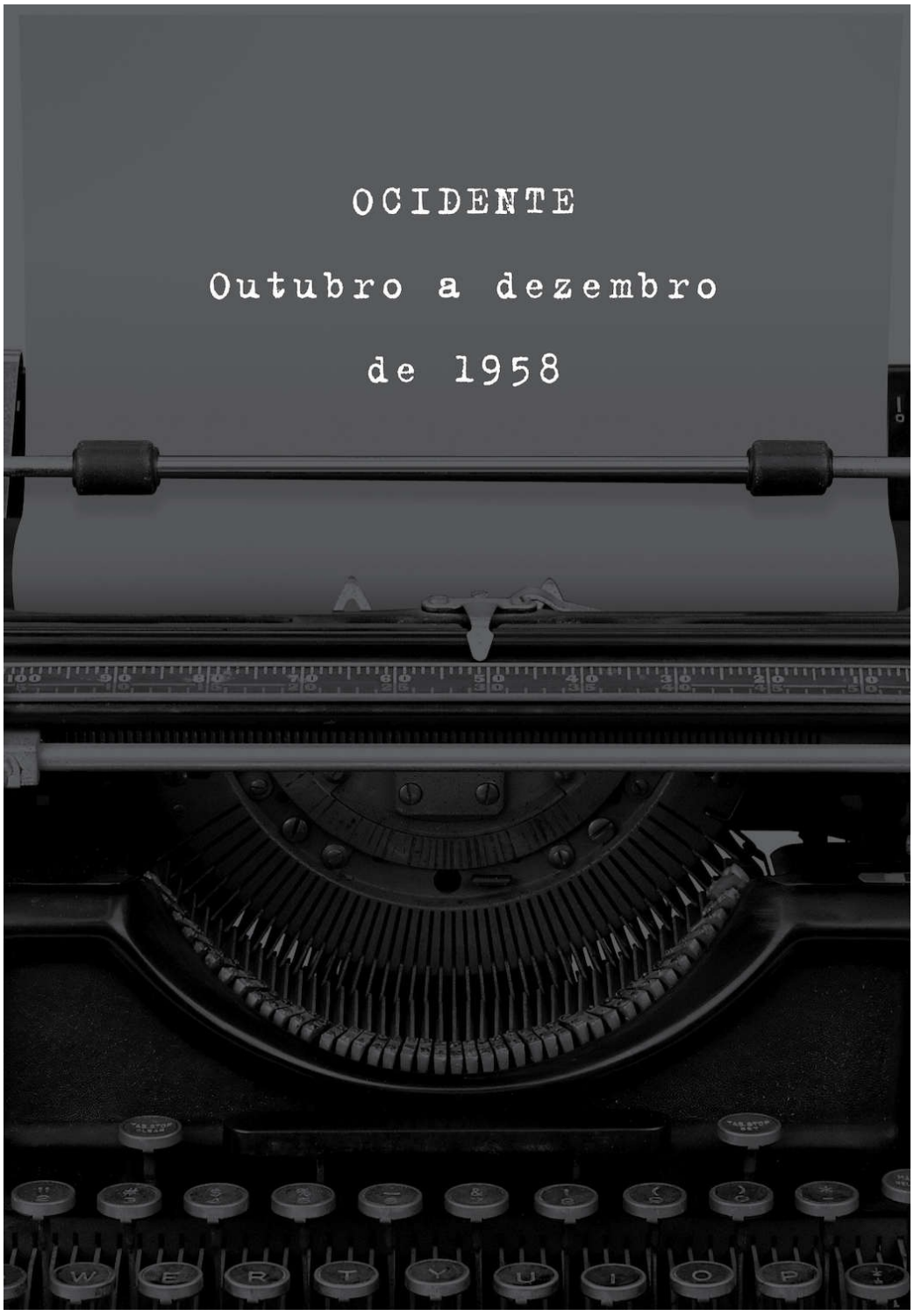
voltar.

— Então, dê uma caminhada longa antes de ir para casa. Preciso de um tempo.

— Duas horas — diz Fedin da porta. — Você tem duas horas.

Mas, assim que Fedin sai, Boris se levanta da cama. Ele vai até a escrivaninha e compõe um telegrama para a Academia Sueca.

IMENSAMENTE GRATO, EMOCIONADO, ORGULHOSO,
ATÔNITO, ATORDOADO.
— Pasternak.


OCIDENTE
Outubro a dezembro
de 1958

CAPÍTULO 23

~~A andorinha~~
A INFORMANTE

Lá estava ele; em frente a uma árvore sem folhas usando um chapéu e um casaco com cinto, o braço direito cruzando o corpo, a mão logo abaixo do coração. O artigo que acompanhava a fotografia estava em francês, mas reconheci a palavra *Nobel*.

— O que diz? — perguntei ao garçom quando ele voltou com meu *petit pain au chocolat.*

— Boris Pasternak ganhou o Prêmio Nobel.

— Bom, isso vai aumentar as vendas — falei. — Você leu o livro?

— É claro!

Todos tinham lido. Graças a meu antigo empregador, *Doutor Jivago* cruzara a fronteira sem ser detectado, encontrando o caminho de volta ao país onde fora escrito. O Nobel não fazia parte dos planos da Agência — não até onde eu sabia —, mas tinha certeza de que aceitariam levar os créditos mesmo assim. Eu conseguia imaginá-los: em pé em um círculo, com um sorriso largo no rosto, comemorando com doses de vodca. O único rosto que eu não imaginava naquele círculo era o de Henry Rennet, que eu sabia que não estava mais em Washington. Aliás, sabia exatamente onde ele estava.

No dia em que cheguei a Paris, me hospedei no Hotel Lutetia — não usando o nome de Sally Forrester nem Sally Forelli nem qualquer outro que já tivesse usado antes, mas o meu novo nome, Lenore Miller. Então, coloquei uma carta endereçada à Lavanderia da Sara em uma caixa de correio amarela. A mensagem continha as coordenadas de Henry em Beirute e detalhes de sua nova missão, que ajudaria a lançar uma estação de rádio para transmitir mensagens favoráveis ao Ocidente e pró-Chehab.

Entregar Henry não era a prioridade do meu plano. Se Frank estivesse certo sobre Henry ser um infiltrado, achei que poderia conseguir informações suficientes para destruí-lo por meio dos canais apropriados. Durante todos aqueles anos, o clube do Bolinha pensou que eu estava só enrolando o cabelo e rindo desatenta de suas piadas idiotas, mas o que eu realmente estava fazendo

era ouvir. Porém quando Henry ficou sabendo que eu andava bisbilhotando sobre ele, colocou um fim repentino aos meus dias na Agência. Fazer o quê? Plano B.

Só Bev sabia que eu tinha deixado o país. Ela não perguntou para onde eu estava viajando, mas, quando contei que compraria uma passagem só de ida, minha velha amiga da OSS apenas se levantou em silêncio e saiu da cozinha, voltando alguns minutos depois com um envelope grosso de dinheiro.

— O dinheiro do jogo — disse ela, colocando o envelope em minhas mãos. — Ele nunca vai sentir falta.

Falei que jamais poderia aceitar, e ela me mandou parar de ser burra. Então, tirou o bracelete de diamantes que ganhara do marido — um pedido de desculpas por mais um namorico.

— Penhore.

Em minha última noite em Washington, coloquei um disco e peguei a mala, ainda sem saber para onde iria. Só sabia que precisava partir, ir para algum lugar onde não conhecia ninguém — não haveria como voltar atrás depois que eu fizesse o que estava prestes a fazer. Foi só quando tirei o suéter de caxemira bege de uma gaveta e descobri a gravura da Torre Eiffel que planejara dar a Irina — ainda embrulhada em papel pardo e amarrada com um barbante vermelho — que decidi.

X X X

Eles se comunicaram por meio de rosas. Duas dúzias, brancas como oferta de paz, colocadas sobre minha penteadeira enquanto eu estava na rua. Tirei o cartãozinho do buquê: *Que bom ter notícias suas*, dizia em italiano. Virei o papel. Em branco.

Era inquietante saber que eles estiveram no meu quarto, mexeram nas minhas coisas. O local agora certamente estava grampeado. Era como ver uma aranha durante o dia e depois achar que a sentiu rastejando por seu corpo no meio da noite. Mas, depois que dei informações sobre Henry, era esperado que me vigiassem. Eu não tinha com quem conversar; então, pensar neles me ouvindo ouvir o álbum de Chet Baker que eu comprara no mercado de pulgas me fez rir. Talvez uma hora se cansassem de “My Funny Valentine” e passassem a vigiar outra pessoa.

X X X

Semanas se passaram. As rosas brancas morreram, as pétalas murchas se amontoando na prateleira. A novidade da Cidade Luz passara, e o dinheiro que

Bev tinha me dado estava acabando. E não saber o que acontecera com Henry, se é que algo tinha acontecido, começou a cobrar seu preço. Quando eu pensava nele — e eu sempre pensava nele —, era como se minhas entranhas fossem tomadas por uma fumaça escura e fria. Quando não conseguia dormir, ficava deitada de barriga para cima imaginando a fumaça escura saindo da minha boca e rodopiando em direção ao teto.

Para estruturar meus dias, comecei a visitar todas as livrarias, bancas de livros, bibliotecas e *bouquinistes* ao longo do Sena, procurando por exemplares de *Jivago*. Embora quisesse muito lê-lo, ainda não me convencera a fazê-lo. Estava relacionado a eles, a ela, e eu sabia que traria memórias de coisas nas quais não queria pensar, coisas que fariam meu coração pular quando eu acordasse e me visse do outro lado do mundo, sozinha. No entanto, procurei pelo livro por toda a Paris, gastando o que restava de meus fundos acumulando uma pequena pilha de exemplares.

Quando não tinha mais dinheiro para comprar livros, desenvolvi uma nova rotina: ficar sentada em meu quarto o dia todo, ouvindo meu disco, tomando banho de banheira e dormindo. Comecei a subsistir de baguetes velhas, conservas de damasco e Perrier quente. Mantinha as cortinas fechadas, e os dias se passavam sem que eu sequer olhasse pela janela.

X X X

Acabei ficando sem dinheiro e comecei a devolver as cópias de *Jivago,* uma a uma. E foi ali — esperando na fila da Le Mistral — que alguém bateu em meu ombro.

— *Bonsoir* — disse a pequena mulher com cabelos ondulados, um vestido lápis cor-de-rosa-perolado e casquete de veludo preto.

Ela pegou uma cópia de *Lolita* e sorriu como se me conhecesse.

— Você sabe onde é a seção de viagem? — perguntou a mulher, agora em inglês.

— Não sei, desculpe.

— Estou procurando um livro. Sobre Beirute. Você faz ideia de onde pode estar?

Ela se virou e saiu. Eu a segui, enfiando *Jivago* de volta na bolsa. Fui atrás dela, passando pela praça René Viviani. Desejei poder parar e tocar a acácia-bastarda famosa para dar boa sorte, mas continuamos atravessando a rue du Petit-Pont, passando pela Igreja de São Severino, com suas gárgulas góticas me encarando. Quando passamos pela Igreja de São Sulpício, pensei em Irina — em como deve ter ficado vestindo aquele hábito de freira.

Entrei atrás da desconhecida no Jardim de Luxemburgo, e, enquanto circum-navegávamos a fonte octogonal, a mulher falou, a voz baixa e obscurecida pela água:

— Ele se hospedou em um hotel em Beirute como Winston, como você nos informou. Na hora seguinte, ele saiu do hotel… com a ajuda de dois de nossos mensageiros. — Ela fez uma pausa. — Achamos que você podia querer saber disso.

O que Henry pensou ao ouvir alguém bater à porta? Será que tinha alguma ideia do que estava por vir? Será que se sentiu paralisado? Será que gritou? Caso sim, será que alguém ouviu? Eu sabia que não, mas queria, ah, como queria que ele tivesse pensado em mim quando o levaram.

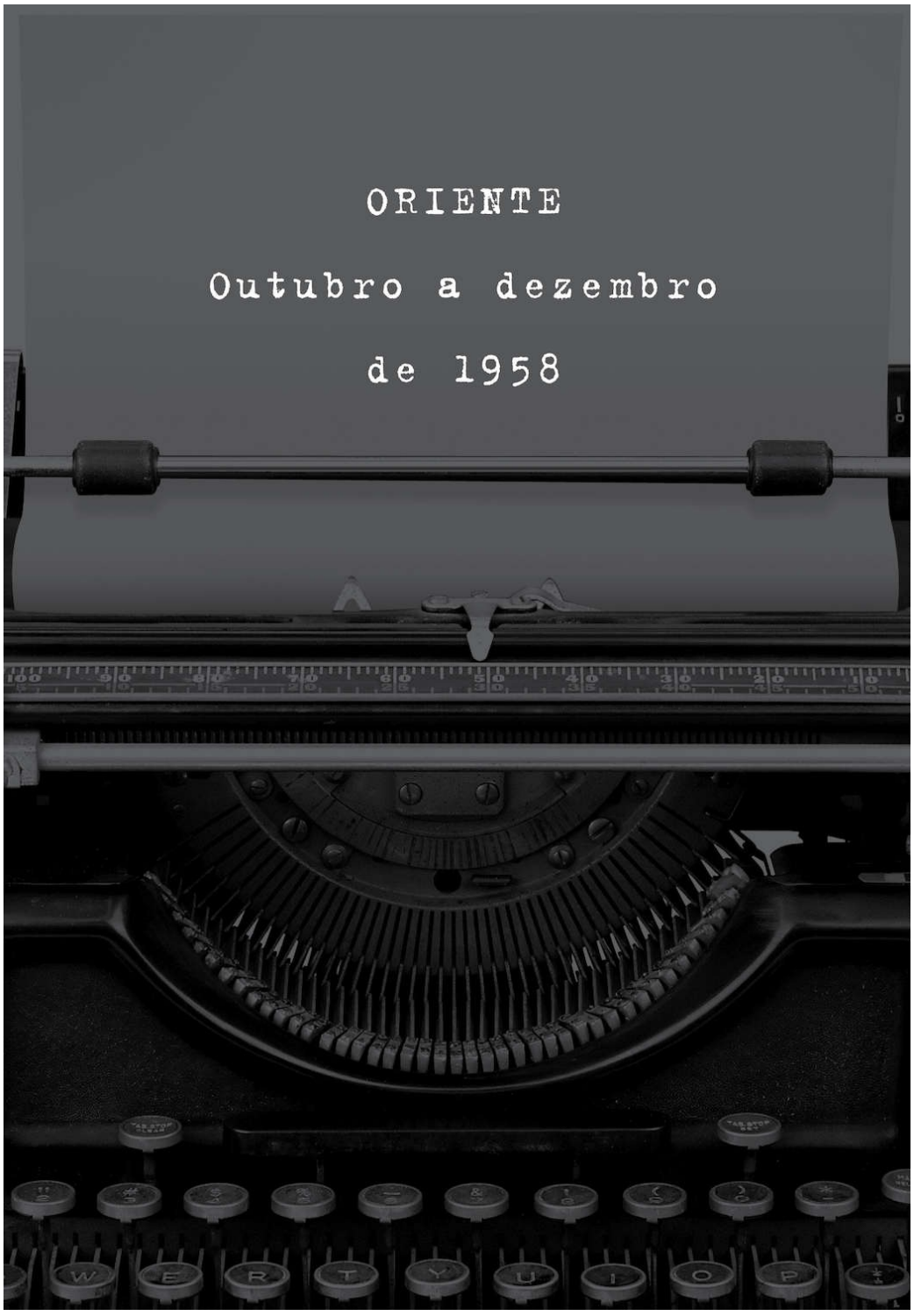
— Isso é tudo — finalizou a mulher. Ela parou de frente para mim e beijou minhas duas bochechas.

— Isso é tudo — falei quando ela já tinha ido.

X X X

De volta no quarto do hotel, as rosas mortas tinham sido substituídas por um buquê novo. Joguei água no rosto e passei meu batom vermelho. Vesti calças pretas, um paletó preto e sapatos *kitten heels* pretos de couro. Abri as cortinas, esfreguei os lábios um no outro e me olhei no espelho.

Tinha sido treinada para perceber um agente duplo. Calmo sob coação, inteligência acima da média, transitório, facilmente entediado. Ambicioso, mas com objetivos de curto prazo. Incapaz de manter relacionamentos longos. Costumam desertar em razão dos próprios interesses — dinheiro, poder, ideologia, vingança. Eu conhecia essas características, tinha sido treinada para procurar por elas. Então, por que demorei tanto tempo para reconhecê-las em mim mesma?


ORIENTE
Outubro a dezembro
de 1958

CAPÍTULO 24

~~A musa~~
~~A mulher reabilitada~~
~~A emissária~~
~~A mãe~~
A EMISSÁRIA

Ele ganhou, ele ganhou, ele ganhou. Meus pensamentos estavam ritmados com meus passos caminhando pela Casinha esperando que Boria chegasse. O Nobel era seu. Não de Tolstói, nem de Gorki, nem de Dostoiévski: Boris Leonidovitch Pasternak foi o segundo escritor russo a receber o prêmio. Seu nome ficaria marcado na história, seu legado estava garantido.

E, ainda assim, se ele aceitasse, eu temia o que mais poderia vir a acontecer. O Nobel já era uma vergonha para o Estado, e Boris aceitar o prêmio seria visto como uma indignidade ainda maior. E o Estado não gostava de ser humilhado, ainda mais pelas mãos do Ocidente. Então, quando o mundo desviasse o olhar, quando as manchetes morressem, o que aconteceria? Quem nos protegeria? Quem me protegeria?

Para acalmar meus nervos, fui até o pequeno jardim que Boria me ajudara a plantar. A chuva da manhã tinha parado, e as nuvens, se separado, revelando uma luz que banhava tudo de um jeito novo. Tudo — o modo como as gralhas chamavam umas às outras, como um raio de sol aquecia a fileira ordenada de repolho, a sensação do ar em meus punhos e tornozelos expostos — tudo, cada coisinha, parecia diferente, como acontece quando o mundo como o conhecemos está prestes a mudar.

Boria se aproximou, o chapéu na mão. Nos encontramos no meio do caminho, e ele me beijou.

— Enviei o telegrama a Estocolmo — disse ele.

— Dizendo o quê?

— Que aceito o Prêmio, e tudo o que virá com ele.

— Você vai, então? — perguntei. — A Estocolmo?

Por um instante, me permiti imaginar um sonho absurdo: eu em um vestido preto feito em Paris sob medida, como se fosse uma segunda pele; Boris no terno

cinza favorito que tinha herdado do pai. Eu ficaria observando ele se levantar para aceitar o prêmio. E, enquanto ele estivesse no palco, deixaria que os aplausos da plateia me dominassem como uma onda. No banquete, comeríamos *filet de sole bourguignonne* no Salão Azul, e ele me apresentaria como a mulher que inspirou Lara, a mulher por quem o mundo se apaixonou, como ele tinha se apaixonado.

— É impossível —disse ele, balançando a cabeça.

Pegou minha mão e, sem mais nenhuma palavra, entramos e fomos para o quarto e fizemos amor à maneira lenta e constante com a qual estávamos acostumados.

Ele passou a maior parte da noite comigo, sem deixar minha cama até que a luz azul da manhã espiasse por entre as cortinas. Naquela luz, vi verrugas novas, pelos pretos e marcas amareladas em suas costas, e, então, olhei para minha própria pele. Nossas idades me atingiram como se eu tivesse pulado em um rio congelante, e me perguntei se ainda nos restavam forças para suportar o que estava por vir.

Observando-o deixar minha cama, fui tomada por um desejo profundo por algo que eu ainda não tinha perdido, mas que sabia que logo perderia.

X X X

Depois que Boris enviou o telegrama a Estocolmo, o Kremlin emitiu sua resposta oficial à Academia: “Vocês e aqueles que tomaram essa decisão levaram em consideração não as qualidades literárias ou artísticas do romance, e isso é claro uma vez que elas não existem, mas seus aspectos políticos, uma vez que o romance de Pasternak representa a realidade soviética de maneira desvirtuada, difamando a revolução socialista, o socialismo e o povo soviético.”

A mensagem era clara: a provocação de Boris não seria tolerada. E não ficaria impune.

Soubemos que mensageiros estavam indo de porta em porta, de Peredelkino a Moscou, convocando todos os poetas, dramaturgos, romancistas e tradutores para uma reunião de emergência do Sindicato dos Escritores para tratar da questão do Nobel. Presença obrigatória.

Alguns escritores certamente estavam extasiados porque o Poeta da Colina, narcisista e superestimado, estava enfim recebendo o que merecia. Alguns, ficamos sabendo, disseram que a justiça devia ter sido feita muito tempo antes, com as questões a respeito dos motivos pelos quais Boris fora poupado pela mão de Stálin durante o Grande Terror ainda pendentes. Outros pareciam nervosos, sabendo que teriam de se conformar e denunciar o colega, o amigo, o mentor —

na esperança de que seus protestos parecessem genuínos quando fossem chamados.

Boria não lia os jornais, mas eu, sim.

Eles o chamavam de Judas, um peão que se vendia por trinta moedas de prata, aliado dos que odiavam nosso país, esnobe malicioso cujo mérito artístico era, na melhor das hipóteses, moderado. Consideravam que *Doutor Jivago* era uma arma anunciada pelos inimigos do Estado, e o prêmio, uma recompensa do Ocidente.

Nem todos se pronunciavam; a maioria ficou em silêncio. Amigos que antes frequentavam a Casinha, extasiados ouvindo Boria ler *Jivago*, desapareceram. Não enviavam cartas de apoio, nem visitavam, nem admitiam serem amigos de Boria quando perguntados. Eram esses silêncios, a boca fechada de amigos, que machucavam mais.

Um dia, Ira voltou da escola com a notícia de uma manifestação estudantil em Moscou. Boria ficou sentado na poltrona vermelha, e Ira, ainda de casaco e chapéu de esquilo, andava à sua frente.

— Os professores avisaram aos alunos que a presença era obrigatória. — disse ela, explicando.

Boria levantou e colocou um pouco de lenha no fogão. Ficou diante do fogo, aquecendo as mãos sobre a chama por um instante, antes de fechar a porta de metal.

— A administração distribuiu cartazes para carregarmos, mas me escondi no banheiro com uma amiga até eles saírem. — Os olhos dela procuraram os de Boria, em busca de aprovação, mas ele não retribuiu seu olhar.

— O que os cartazes diziam? — perguntou Boria.

Ira tirou o chapéu e o segurou.

— Eu não os vi. Não de perto.

—

No dia seguinte, uma fotografia da “manifestação espontânea” saiu no *Literaturnaia Gazeta*. Um aluno segurava um cartaz com um desenho de Boria estendendo a mão com dedos tortos para pegar um saco de dinheiro americano. Outro cartaz clamava, em letras de fôrma pretas: EXPULSEM O JUDAS DA URSS! O artigo também trazia uma lista com os nomes dos alunos que tinham assinado uma carta reprovando *Doutor Jivago*.

Ira levantou o jornal.

— Metade desses alunos não assinou a carta. Pelo menos me disseram que não.

Naquela noite, durante o jantar, Mitia perguntou se era verdade que Boria agora era mais rico do que o mais ganancioso dos americanos.

— O professor falou isso na escola. Somos ricos agora?

— Não, querido — respondi.

Ele rolou um feijão pelo prato com o polegar.

— Por que não?

— Por que seríamos?

— Ele paga pela nossa casa. Nos dá dinheiro. Então, se tem mais dinheiro, devia nos dar mais.

— De onde foi que surgiu essa ideia?

Ira olhou para o irmão e ele deu de ombros.

— Faz sentido, Mama — disse Ira. — Você poderia pedir a ele?

— Nem mais uma palavra sobre esse assunto — falei, embora não possa dizer que não estava pensando a mesma coisa. — Agora terminem o jantar.

X X X

Chovia havia cinco dias quando eles se encontraram no grande Salão Branco do Sindicato dos Escritores. Com todas as cadeiras ocupadas, escritores se enfileiravam encostados contra as paredes. Boria foi convidado a comparecer, mas eu pedi a ele que ficasse em casa.

— Será uma execução — comentei.

Ele concordou que sua presença não serviria de nada e escreveu uma carta para ser lida:

> *Ainda acredito, mesmo depois de todo esse barulho e todos os artigos na imprensa, que me foi possível escrever* Doutor Jivago *como um cidadão soviético. Eu só tenho um entendimento mais amplo dos direitos e possibilidades de um escritor soviético e não acredito que eu deprecie a dignidade de escritores soviéticos de forma alguma. Eu não diria que sou um parasita literário. Francamente, acredito que fiz algo pela literatura. Quanto ao prêmio em si, nada me faria considerar essa honra uma farsa e responder a ela com grosseria. Recebam meu perdão antecipadamente.*

O salão ecoou as vaias da multidão. Então, um a um, cada escritor foi ao palanque para condenar *Jivago*. A reunião durou horas, com todos falando contra ele.

A votação foi unânime, a punição, imediata: Boris Leonidovitch Pasternak estava expulso do Sindicato dos Escritores Soviéticos.

No dia seguinte, reuni cada livro, cada bilhete, cada carta, cada rascunho do manuscrito em meu apartamento em Moscou. Mitia e eu levamos tudo até a Casinha para queimar.

— Não vão tirar o que é meu de novo — falei para o meu filho enquanto juntávamos gravetos na floresta. — Prefiro destruir tudo.

— Como você tem tanta certeza? — perguntou Mitia.

— Vamos precisar de mais madeira — observei, pegando um tronco pequeno.

Boria chegou enquanto colocávamos as pedras coletadas de um riacho em um círculo.

— Foi tudo em vão? — perguntou ele, em vez de nos cumprimentar.

— É claro que não foi em vão — respondi, e joguei um balde de folhas secas sobre a madeira. — Você tocou os corações e mentes de milhares de pessoas.

Joguei gasolina sobre as folhas.

Ele caminhou em volta da fogueira.

— Por que escrevi aquele romance para início de conversa?

— Por que você precisava, lembra? — respondeu Mitia. — Foi o que nos falou. Você contou que recebeu um chamado. Lembra?

— Um disparate. Um disparate completo.

— Mas você disse…

— Não importa o que eu disse.

— Quando entregou o livro aos italianos, você disse que queria que ele fosse lido. Bem, você conseguiu.

— Não consegui nada além de nos colocar em risco.

— Você falou que o prêmio nos protegeria. Não acredita mais nisso? O mundo inteiro está assistindo, lembra?

— Eu estava errado. O que o mundo inteiro vai assistir é a minha execução. — Ele passou as mãos no cabelo. — Eu sou o que eles dizem? Um narcisista, alguém que acha, não, que *acredita*… acredita piamente, que foi escolhido para esta tarefa? Que está fadado a passar a vida tentando expressar o que está no coração dos homens? — Boria andava de maneira frenética. — O céu está caindo, e escolhi *escrever* em vez de construir um teto para me proteger e proteger aqueles que amo. Meu egoísmo não tem limites? Fiquei sentado à minha escrivaninha durante muito tempo. É verdade que estou desligado da realidade? Sou capaz de saber o que há no coração e na mente de meus compatriotas? Como posso ter entendido tudo tão errado? Por que seguir em frente?

— Seguimos em frente por que é o que temos de fazer — falei para ele.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa para acalmá-lo, ele lançou seu plano:

— É demais. Não vou esperar que venham me buscar. Não vou esperar que o carro preto chegue. Não vou esperar que me arrastem para a rua. Que façam comigo o que fizeram com Óssip, ou Titsian…

— E comigo — acrescentei.

— Isso, meu amor. Não vou permitir. Acho que é hora de deixarmos esta vida.

Dei um passo para trás.

— Eu guardei, sabia? As pílulas. Guardei o Nembutal que me deram na última vez em que estive no hospital. Vinte e duas. Onze para mim e onze para você.

Eu não sabia se devia acreditar nele. Boris já tinha ameaçado se matar anteriormente. Uma vez, décadas antes, chegou a beber um frasco de iodo quando sua mulher, antes de ser sua mulher, o recusou. Ele me confessou mais tarde que só queria uma reação dela, não morrer de verdade. Mas, desta vez, algo em sua voz, sua calma, me fez pensar que talvez estivesse falando sério.

Ele pegou minha mão.

— Vamos tomar esta noite. Vai custar muito caro para eles. Vai ser um tapa na cara.

Mitia se levantou. Era mais alto do que eu agora e quase alcançava Boria. Mitia, o doce Mitia, encarou-o.

— Do que está falando? — Ele olhou para mim. — Mama, do que ele está falando?

— Nos deixe sozinhos, Mitia — pedi.

— Não!

Ele recuou como se fosse bater em Boris.

Pela primeira vez, percebi que não eram mais as mãos de um garotinho, mas as de um rapaz. Um poço de culpa encheu meu peito. Durante todos aqueles anos, eu colocara Boria em primeiro lugar.

— Não vai acontecer nada. — Soltei a mão de Boria e peguei a do meu filho. — Eu garanto.

Tirei um punhado de copeques do bolso e pedi a ele que pegasse mais gasolina para a fogueira.

Ele se recusou a aceitar o dinheiro.

— O que há de errado com você? Com vocês dois?

— Pegue, Mitia. Vá pegar gasolina. Eu já vou.

Ele apanhou o dinheiro e saiu, olhando para trás para advertir Boria com seu olhar fulminante.

— Vai ser indolor — disse Boria depois de Mitia sair. — E vamos estar juntos.

Todo esse tempo, ele estava fingindo que os sussurros da condenação não o perturbavam — que os microfones que suspeitávamos que tinham sido plantados

em nossas casas eram motivo de riso, que as críticas negativas não tinham mérito. Concentrava-se em uma partícula de luz branca no fim do túnel que, com a força do último golpe do Sindicato dos Escritores, se apagou.

E ele acreditava que eu o seguiria… que tomaria as pílulas, que não encontraria forças para seguir sozinha. Houve uma época em que eu talvez não tivesse. Na verdade, talvez teria sido eu a sugerir. Mas não agora. Agora eu era capaz de seguir. Seguiria. Eles podiam enterrá-lo, mas não a mim.

Avisei a ele que isso só lhes daria o que eles queriam… que era a resposta de um homem fraco. Disse que se regozijariam da vitória sobre o poeta morto, o habitante das nuvens que Stálin não destruiu. Boria disse que não se importava com nada disso, contanto que a dor parasse.

— Não posso esperar que a escuridão caia sobre mim. Prefiro entrar na escuridão do que ser empurrado para ela — falou.

— As coisas mudaram agora que Stálin morreu. Não vão matá-lo na rua.

— Você não passou por tudo o que passei. Não os viu levar seus amigos, um a um. Sabe como é ser salvo enquanto seus amigos são assassinados? Ser o único deixado para trás? Eles virão me buscar. Tenho certeza disso. Virão nos buscar.

Pedi a ele que esperássemos mais um dia, dizendo que queria me despedir de Ira e de Mama, que queria mais um nascer do sol. Na verdade, eu tinha um último plano — e se não funcionasse, eu sabia que ele ainda poderia ser convencido. E se *isso* não funcionasse, eu sabia que mais um sol ia nascer de qualquer maneira, e eu seguiria em frente. É o que as mulheres russas fazem. Está em nosso sangue.

—

Encontrei Mitia na taverna perto da estação, com uma pequena lata de gasolina ao lado. Eu disse que nunca o deixaria. Por seu olhar, soube que não acreditou. Chorei pedindo perdão, e ele falou que me perdoava. Mas percebi que foi só para que eu parasse de chorar.

Perguntei se ele me acompanharia até a *datcha* de Fedin — o primeiro passo do meu plano. Ele concordou, relutante. Saímos da taverna e nos arrastamos pelo morro lamacento.

Bati à porta da grande casa do recém-ungido presidente do Sindicato dos Escritores, feita de grandes troncos empilhados um sobre o outro. Ninguém atendeu, então, bati mais uma vez. A jovem filha de Fedin abriu. Sem ser convidada, entrei. Mitia esperou do lado de fora. Quando Katya começou a dizer que o pai não estava, ele mesmo apareceu.

— Vá preparar um pouco de chá, Katya — pediu Fedin à filha.

— Não quero chá — falei.

Fedin deu de ombros devagar.

— Venha.

Eu o segui até o escritório, onde ele se sentou, rodando na poltrona de couro. Parecendo uma coruja coberta de neve em seu galho — com o cabelo branco, o bico de viúva alto, as sobrancelhas arqueadas —, ele fez um gesto me convidando a sentar diante dele.

— Vou ficar em pé — respondi. Estava muito cansada de me sentar diante de homens. Fui direto ao ponto. — Ele vai se matar esta noite se algo não for feito.

— Você não deve dizer uma coisa dessas.

— Ele tem pílulas. Eu o convenci a adiar, mas não sei o que mais posso fazer.

— Você precisa contê-lo.

— Como? Você e o resto do Comitê Central fizeram isso.

Fedin esfregou os olhos e endireitou a coluna.

— Eu o alertei de que isso ia acontecer.

— Você o alertou? — gritei. — Quando você o alertou?

— No dia em que ele ganhou. Fui até a *datcha* dele e disse que a aceitação obrigaria o Estado a agir. Eu falei a ele, como amigo, que ele precisava renunciar ao prêmio ou enfrentaria as consequências. Ele com certeza lhe contou isso, certo?

Não contou. Mais uma coisa que escondeu de mim.

— Boris criou o abismo em que está agora — prosseguiu Fedin. — E, se ele se matar, será terrível para o país, uma ferida ainda mais profunda do que a que ele já causou.

— Nada pode ser feito?

Ele me disse que providenciaria uma reunião com Polikarpov — o mesmo oficial do Departamento de Cultura com quem negociei depois de Boria entregar o manuscrito aos italianos. Poderíamos nos defender pessoalmente, desde que Boria se desculpasse por suas ações.

Concordei e estava preparada para fazer o que estivesse ao meu alcance para convencer Boria a concordar. Eu o chamaria de egoísta. Falaria do tempo que passei em Potma. Diria que eles viriam atrás de mim de novo. Diria que ele nunca me deu o que eu mais queria: ser sua esposa, ter um filho seu.

Mas, no fim, não foi preciso.

Antes que eu pudesse pedir, Boria me informou de que já havia decidido. Enviaria dois telegramas: um a Estocolmo, renunciando ao prêmio, e outro para o Kremlin, avisando-os a respeito do primeiro. O Nobel não seria seu.

— Estão vindo atrás de mim, Olga. Estou sentindo. Até mesmo quando estou escrevendo em meu escritório, sinto que estão me observando. Não vai demorar

muito agora. Um dia, você vai estar esperando por mim e eu não vou aparecer.


OCIDENTE
Dezembro de 1958

CAPÍTULO 25

~~A andorinha~~
~~A informante~~
A DESERTORA

De acordo com meu antigo empregador, é possível resumir todo o espectro das motivações humanas segundo uma fórmula chamada DICE: Dinheiro, Ideologia, Compromisso, Ego. Me perguntei como o outro lado me avaliaria. Será que possuíam uma fórmula própria? Será que sua consideração a respeito dessas coisas tinha mais nuances?

A mulher que me contara sobre Henry não aparecera de novo, mas eu sabia que a veria de novo. Enquanto isso, vendi dois dos meus lenços Hermès favoritos e as cópias que restavam de *Jivago*. Fiquei com uma, no entanto; a edição inglesa que não consegui devolver na Le Mistral — coloquei-a na mesa de cabeceira, onde seria comum encontrar uma Bíblia em um hotel americano.

Eu não passava mais os dias no quarto; não lamentava mais pela pessoa que costumava ser. Pela manhã, ia ao Jardim des Tulherias — caminhava pelos corredores de cascalho entre árvores podadas com perfeição, alimentava os pássaros e cisnes no lago, puxava uma cadeira verde até um lugar ao sol para ler. À tarde, conforme os dias iam ficando mais curtos, eu me sentava em todos os terraços da rue de la Huchette, experimentando a seleção de vinho quente de cada café. Fiz amizade com o *barman* do Le Caveau só para poder sentar em um dos sofás vermelhos e ouvir Sacha Distel cantarolar noite após noite.

Onde quer que eu estivesse, ela nunca estava longe de meus pensamentos. Eu esperava pelo dia em que ia acordar e meu primeiro pensamento não seria ela. O pior era quando eu sonhava com ela. Em um instante, estávamos juntas, aí eu acordava e sentia a perda de novo. Às vezes, tinha a impressão uma faísca percorrer meu corpo, e me convencia de que Irina devia estar pensando em mim naquele exato momento. Tola.

No aniversário dela, quis ligar — ainda que só para ouvi-la atender ao telefone —, mas não liguei. Em vez disso, abri a gaveta da mesa de cabeceira, peguei o livro e, pela primeira vez, comecei a lê-lo.

Caminhavam e entoavam “Repouso eterno” e, sempre que paravam de cantar, seus pés, os cavalos e as rajadas de vento pareciam ecoar seu canto.

Suas palavras me agarraram pelo punho. Eu conhecia a sensação de um sentimento que fica conosco depois que uma canção acaba. Fechei o livro e saí para a sacada, onde só cabia uma cadeira. Me sentei e abri o livro de novo.

Quando li a parte em que Iúri encontra Lara novamente, no hospital de campanha, e percebi que esse livro — esse romance que era considerado uma arma —, na verdade, era uma história de amor, quis fechá-lo mais uma vez. Mas não fiz isso. Li até o sol se desvanecer em um halo roxo sobre o topo dos prédios. Li até as luzes da rua se acenderem e eu precisar forçar a vista para enxergar as frases. Quando ficou escuro demais, voltei para dentro. Me enrolando no roupão, deitei e continuei lendo — até cair no sono, minha mão, um marcador acidental.

Quando acordei, era quase meia-noite, e estava com fome. Me vesti e coloquei o livro na bolsa.

Atravessando o saguão do hotel, vi a mulher da livraria sentada em uma *chaise longue* embaixo de um retrato de Flaubert. Impecável em um *tweed* Chanel, seu cabelo continuava perfeitamente ondulado, mas estava dois tons mais claro do que quando me contou sobre Henry. Ao me ver, ela levantou sem fazer contato visual e saiu.

Andamos durante o que devem ter sido vinte minutos, sem que ela olhasse para trás uma única vez. Por fim, paramos no Café de Flore, no boulevard Saint-Germain. O toldo do café estava repleto de luzes de Natal. O terraço se encontrava vazio, e as cadeiras de vime cobertas de neve pareciam vestidas com casacos de pele. Um faixa vermelha, branca e azul que dizia *Vive de Gaulle* pendia da sacada de ferro forjado do segundo andar.

Lá dentro, a mulher beijou minhas duas bochechas mais uma vez e saiu, mas não sem antes apontar para uma mesa nos fundos, onde um homem que eu reconhecia estava sentado.

Eu sabia que viriam, mas não esperava que fosse ele.

O homem se levantou para me cumprimentar, sem os óculos com armação de tartaruga da festa de Feltrinelli.

— *Ciao, bella* — disse, também sem o sotaque italiano, substituído por um sotaque russo. Ele pegou minha mão e a beijou. — É um prazer vê-la novamente. Imagino que tenha vindo para mandar lavar seus vestidos.

— Talvez.

Nos sentamos e ele me deu um cardápio.

— Peça o que quiser. — Ele levantou um dedo. — Não se pode sobreviver apenas de *pain au chocolat*.

Já havia uma garrafa de vinho branco aberta e uma bandeja prata de *escargot* à sua frente, então, pedi um *croque-monsieur* ao garçom de colarinho engomado e esperei que minha companhia falasse.

Ele bebeu o que restava do vinho e fez sinal ao garçom para que trouxesse outra garrafa.

— É fato que prefiro mulheres a homens e vinho a qualquer um dos dois — brincou.

Comunistas ou capitalistas, homens são homens.

— Queríamos agradecer pessoalmente — prosseguiu ele — por sua generosidade.

— Foi útil para vocês?

— Ah, sim. Um falador, aquele. Muito… como se diz…

— Sociável?

— Isso! Exatamente. Sociável.

Não perguntei por detalhes a respeito do que aconteceu com Henry Rennet e não queria saber. Durante um ano, quis vingança mais do que jamais quis qualquer outra coisa. E depois que ele fez com que eu fosse demitida, não queria só destruí-lo, queria botar fogo na Agência. Mas senti apenas um alívio mínimo com a confirmação do destino de Henry. A raiva não é um substituto da tristeza; como algodão doce, a doçura da vingança se desintegra imediatamente. E, sem ela, o que me restava para que eu seguisse em frente?

O garçom voltou com minha comida, e, enquanto comia seu *escargot*, meu novo amigo esquematizou as coisas em pouquíssimas palavras.

— Quanto tempo vai ficar em Paris? — perguntou ele.

— Não tenho passagem de volta.

Ele mergulhou um *escargot* em um prato com manteiga derretida.

— Ótimo! Você devia viajar um pouco. Ver o mundo. Uma mulher como você pode fazer muita coisa. O mundo é todo seu.

— Mas é difícil fazer qualquer coisa com fundos limitados.

— Ah. — Ele engoliu um *escargot* e apontou o garfo de dois dentes para mim. — Mas já percebi que você é uma mulher cheia de recursos. E que merece o que quer que venha a pedir.

— Não sei mais se isso é verdade.

— Eu garanto que é. Você se subestima. Talvez homens menos perspicazes não enxerguem, mas eu enxergo. Como Emerson disse, é preciso ser um *abridor de portas*.

Desde que cheguei a Paris, passei pelas enormes portas pretas no muro alto de

cimento que cercava o Hôtel d’Estrées várias vezes. Toda vez, olhava para cima e via a bandeira vermelha com a foice e o martelo e me perguntava: Como seria entrar como uma pessoa e sair como outra? Aqui estava um convite para descobrir.

Pensei em Henry Rennet me levando, dançando, pelo saguão do restaurante e abrindo a porta da chapelaria atrás de mim. Pensei em Anderson passando por nós, depois, sem dizer uma palavra — e sentado em sua grande mesa de mogno me dizendo que eu não era mais um *recurso desejável* e que odiava ter de dizer, mas eu tinha me tornado um *risco muito alto* para permanecer lá. Pensei em Frank passando por mim no corredor enquanto eu deixava a sede pela última vez sem me oferecer sequer um aperto de mão.

Pensei em Irina — na primeira vez em que a vi e na última. Eu tinha planos de falar com ela depois do funeral de sua mãe, de consolá-la, abraçá-la, contar-lhe tudo. Mas, em vez de ir ao cemitério, fui ao Georgetown e assisti à segunda metade de *O americano tranquilo*, sozinha.

Eu ainda carregava no bolso o bilhete que planejava entregar-lhe em segredo após o funeral. As palavras estavam completamente apagadas de tanto que esfreguei o papel entre os dedos enquanto andava pelas ruas de Paris. Mas me lembrava do que tinha escrito, as palavras que nunca lhe entreguei, a verdade que guardei para mim.

E havia também a verdade que guardei *de* mim. Embarquei no avião para Paris convencida de que não havia alternativa. Mas, naquela primeira noite, os *e se* me cercaram como uma nuvem de pernilongos. Imaginei a casa caiada na Nova Inglaterra para a qual Irina e eu poderíamos ter nos mudado — a porta amarela, o balanço na varanda e a janela saliente de frente para o Atlântico. Imaginei nós duas indo à cidade todas as manhãs para tomar café com rosquinhas, os moradores de lá pensando que éramos colegas de quarto. Enquanto refletia sobre todos os caminhos que eu não tinha tomado, a perda me cobriu como um cobertor de chumbo.

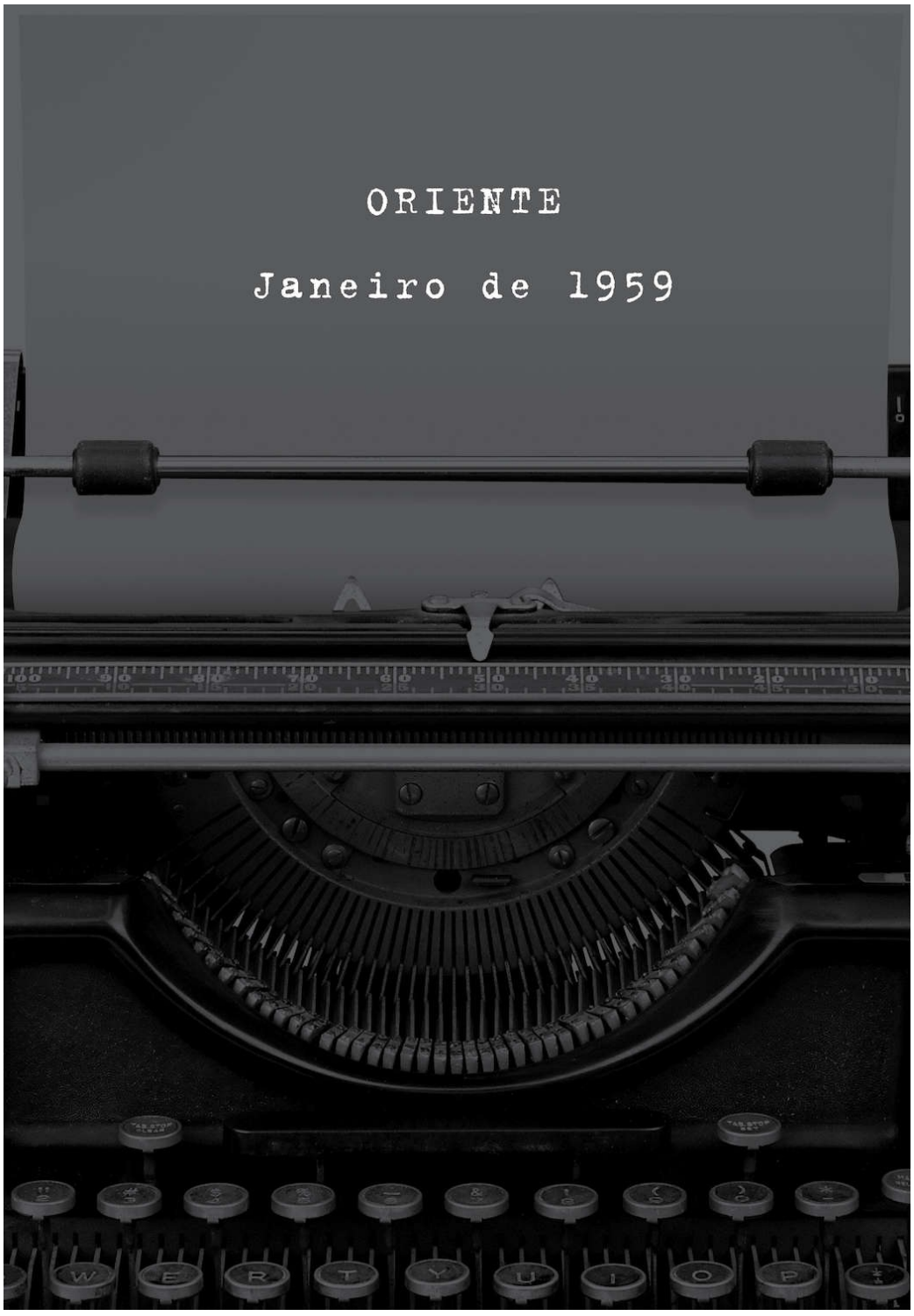
Pensei no livro na bolsa ao meu lado. Como ele acabava? Iúri e Lara terminam juntos? Ou morrem sozinhos e infelizes?

O garçom levou nossos pratos e perguntou se gostaríamos de mais alguma coisa.

— Uma garrafa de champanhe, talvez? — ofereceu meu novo amigo, olhando para mim, não para o garçom.

Levantei a taça.

— Quando em Paris…


ORIENTE
Janeiro de 1959

CAPÍTULO 26

~~A musa~~
~~A mulher reabilitada~~
~~A emissária~~
~~A mãe~~
~~A emissária~~
A AGENTE DO CORREIO

Os primeiros exemplares passaram de mão em mão nos salões da *intelligentsia* de Moscou. Depois que Boria ganhou o Nobel e o renunciou, cópias dos exemplares foram feitas. Depois, cópias dessas cópias. *Doutor Jivago* era sussurrado nas entranhas do metrô de Leningrado, passado de mão em mão nos campos de trabalho e vendido no mercado clandestino.

— Você leu? — perguntavam pessoas de toda a Pátria Mãe umas às outras em voz baixa. — Por que o esconderam de nós?

O que havia sido escondido nunca precisava ser nomeado. O mercado clandestino logo foi inundado, e todos puderam ler o comentado romance que lhes fora negado.

Quando Ira trouxe uma cópia para casa, eu a proibi de ficar com ela.

— Você não percebe? — gritei, rasgando as páginas e jogando na lixeira. — É uma pistola carregada.

— Foi você quem trouxe as balas. Você deu mais importância a ele do que a nossa família.

— Ele é nossa família.

— E eu sei o que você mantém escondido aqui. Não pense que eu não estou prestando atenção!

Ela saiu antes que eu pudesse responder.

O dinheiro ficava em uma mala de couro castanho-avermelhada com um fecho de cobre enfiada atrás dos vestidos longos no fundo do meu armário. Os maços embrulhados em plástico, empilhados em fileiras sob dois pares de calças.

D’Angelo tinha providenciado a transferência — primeiro de Feltrinelli para uma conta em Liechtenstein e, depois, para um casal italiano que vivia em Moscou. O casal italiano telefonaria para o meu apartamento e diria que havia

uma entrega para Pasternak no correio. Então, eu buscaria a mala, pegaria o trem até Peredelkino e a guardaria na Casinha por segurança.

Boria não queria. Não no início. Quando o Estado o impediu de publicar fatos ou de viver das traduções, ele disse que encontraríamos outras maneiras de nos sustentarmos. Argumentei que se tratava apenas de uma fração do que lhe deviam. Feltrinelli tinha vendido tantas cópias que o livro já tinha doze reimpressões na Itália; também era um *best-seller* na América. Os direitos cinematográficos já tinham até sido vendidos para Hollywood. No Ocidente, Boria seria um homem muito rico. Quando ele falou que sobreviveríamos com o que tínhamos e que deveríamos ser gratos por termos um ao outro, pedi a ele que imaginasse o que seria de mim e de minha família depois que ele morresse.

Ele acabou aceitando.

Dizer que insisti que ele aceitasse os *royalties* estrangeiros seria um eufemismo; dizer que eu tinha outra coisa em mente que não fosse garantir o futuro de minha família, uma mentira. Mas por que não pegar algo para mim? Por que não? Depois de tudo o que eu tinha feito. Depois de tudo o que eu tinha passado.

Mas com o dinheiro veio ainda mais vigilância. Eles ainda estavam observando. Eu não via ninguém, mas sempre sentia seus olhos. Fechava as janelas e as cortinas e verificava as fechaduras da Casinha com obsessão. À noite, cada galho que quebrava, cada rajada de vento que chacoalhava a porta, cada pneu derrapando à distância me fazia pular. Dormir estava fora de cogitação.

Buscando alívio, deixei a Casinha para morar no apartamento em Moscou. Era difícil ficar longe de Boria, mas, pela primeira vez na vida, eu estava contente com os cinco lances de escada, as paredes finas como casca de cebola e os muitos vizinhos que viviam uns em cima dos outros. Se algo acontecesse, com certeza alguém ouviria e viria me ajudar. Não viriam?

Eu estava muito contente em estar com minha família. Fui tomada pela sensação de que precisava estar perto dos meus filhos, algo que não sentia com tamanha força desde que eram crianças. Mas Mitia e Ira não ficavam no apartamento: inventavam desculpas sobre amigos e a escola. Quando estavam em casa, tratavam minha mãe com o respeito que me negavam. Mitia, que sempre fora uma criança obediente, começou a se comportar mal. Não vinha para casa no horário combinado, às vezes cheirava a álcool. Ira escolheu passar a maior parte do tempo com um namorado novo.

Amigos alertaram Boria a trocar Peredelkino pela segurança da cidade, mas ele se recusou.

— Se vierem me apedrejar, prefiro morrer no campo.

Na primeira noite que passei em Moscou, uma vizinha bateu à nossa porta e disse que Vladimir Iefimovitch Semitchastny estava discursando na televisão sobre Boris. Ira e eu a seguimos até o seu apartamento, e ficamos em pé com sua família em volta da televisão minúscula apoiada sobre um radiador. A imagem em preto e branco falhava, mas conseguíamos ouvir o líder da Liga da Juventude Comunista em alto e bom som.

— Este homem cuspiu na cara do povo — vociferava. — Se compararmos Pasternak a um porco, um porco não faria o que ele fez, porque um porco nunca caga onde come.

A câmera virou para a multidão de milhares.

— Tenho certeza de que a sociedade e o governo não colocariam quaisquer obstáculos em seu caminho, mas, ao contrário, concordariam que sua partida deixaria nosso ar mais fresco.

A plateia explodiu em aplausos. O próprio Khruschóv, sentado no estrado, se levantou e aplaudiu. Ira olhou para mim com medo nos olhos. Peguei sua mão e a levei de volta para nosso apartamento.

Mais tarde naquela mesma noite, Mitia me acordou. Um grupo de bêbados se reunira em frente ao nosso prédio. Enrolei um xale nos ombros, fui até a sacada e olhei lá para baixo. Três homens usando vestidos, sem dúvida enviados pelo KGB, dançavam e cantavam “Corvo preto”, uma canção popular antiga que sempre detestei.

Corvo preto, por que dá voltas,
Sobre minha cabeça, voando baixo?
Sua presa sempre escapa.
Corvo preto, não sou seu!

O barulho também acordou meus vizinhos, que se juntaram a mim em suas sacadas e gritaram para que calassem a boca. Os homens vestidos de mulher olharam para cima e riram. Um apontou na minha direção. Então, deram os braços e cantaram ainda mais alto.

Por que abre bem suas garras,
Sobre minha cabeça, voando baixo?
Ou sente uma presa logo abaixo?
Corvo preto, não sou seu!

— Não dá para perceber daqui de cima — sussurrou Mitia —, mas eles estão usando perucas. Feias. Um deles manchou a boca com batom como um palhaço.

Leve minha manta, de sangue manchada,
A minha querida, minha amada.
Diga-lhe que é livre agora:
Com outra estou casado.

— Bêbados malucos — disse Ira. Apoiou a mão em meu ombro. — Entre, Mama.

—

— Nada vai ser suficiente para eles — comentou Boria quando contei o que aconteceu. — Não terei paz enquanto não estiver enterrado. Já escrevi uma carta ao Kremlin, pedindo permissão para que você emigre comigo.

— Você pediu a eles antes de me perguntar? E se eu não quiser ir?

— Você não quer?

— Não foi o que eu disse.

— Ainda não mandei a carta.

— Não foi o que eu perguntei.

— Não posso ir embora sem você. Prefiro ser mandado para os campos.

— E a minha família? O que eles fariam?

Ele me disse que acharíamos um jeito. O que eu não sabia era que ele já tinha discutido o assunto com a esposa. Ele não me fez a mesma pergunta que fez a ela até ela dizer que nunca deixaria a Rússia e que, embora ele fosse livre para ir, ela e o filho teriam de condená-lo uma vez que tivesse partido.

— Você compreende a situação — dissera ela ao marido.

No dia seguinte, ele me falou que rasgaria a carta.

— Como eu poderia olhar por outra janela, em uma cidade estrangeira, e não ver minhas bétulas? — perguntou ele.

Era sua posição: não permitir que o afastassem de seu lar.

Eu devia saber que deixar a Rússia nunca seria uma opção real para ele. Apesar de tudo, ele ficaria perdido sem a Mãe Rússia. Nunca seria capaz de deixar suas árvores, suas caminhadas na neve. Nunca seria capaz de deixar seus esquilos vermelhos, suas gralhas. Nunca seria capaz de deixar sua *datcha*, seu jardim, sua rotina diária. Preferia morrer como um traidor em solo russo a viver como um homem livre no exterior.

X X X

Eles proibiram Boria de receber correspondências, cortando uma das únicas

ligações que ele tinha com o mundo. Logo depois, cartas começaram a aparecer debaixo da porta do meu apartamento. Algumas seladas, outras, não; algumas com remetente, outras, não. Toda manhã, Ira e eu montávamos maços de cartas, embalando-as em papel pardo como cortes de carne. Pegávamos o trem até a Casinha, onde Boria esperava para lê-las. Eu me tornara sua agente dos correios.

Ele recebeu cartas de Albert Camus, John Steinbeck, do primeiro-ministro Nehru. Recebeu cartas de estudantes de Paris, de um pintor do Marrocos, de um soldado de Cuba, de uma dona de casa de Toronto. Seu semblante se iluminava a cada envelope aberto.

Uma de suas cartas prediletas veio de um jovem de Oklahoma. O homem escreveu sobre uma decepção amorosa recente e sobre o quanto *Doutor Jivago* o emocionara. Endereçou a correspondência a *Boris Pasternak, Rússia, em uma cidadezinha perto de Moscou.*

Boria se dedicava a responder a cada mensagem, sua letra ascendente cobrindo páginas e mais páginas em tinta roxa. Ele escrevia até a mão doer, até as costas doerem, mas se recusava a ditar as respostas quando eu oferecia ajuda.

— Quero que minha mão toque a deles — dizia.

Mas recebia outras cartas também, cartas as quais não respondia. Cartas de detratores, cartas do Estado, cartas cujo objetivo era intimidar. Apesar de sua renúncia ao prêmio, as pessoas queriam ver o habitante das nuvens trazido de volta a terra. Queriam-me de joelhos. Queriam que rastejasse, que se curvasse. Ele não fazia isso, mas também não os confrontava. Sua inação foi vista como sinal claro de fraqueza, tanto pelos que observavam o caso se desenrolar de longe quanto por mim.

Se ele não ia fazer alguma coisa, eu ia. Não podia ficar esperando que aparecessem à minha porta.

Encontrei o chefe da divisão de direitos dos autores do Sindicato dos Escritores, Grigori Khesin, um antigo conhecido meu da *Novy Mir.*

Ele mal me ouviu enquanto eu advogava por Boria e, quando terminei, disse que não havia nada a fazer.

— Boris Leonidovitch não é mais membro do Sindicato e, portanto, não tem "direitos" a serem defendidos.

Saí do escritório de Grigori e fui abordada de imediato por um homem que oferecia outra solução.

Esse homem, Isidor Gringolts, era um conhecido distante. Eu me lembrava de tê-lo visto em leituras de poesia, mas não éramos próximos. Jovem e bonito, Isidor tinha cabelos loiros ondulados e se vestia como um europeu. Por algum motivo, me peguei assentindo com a cabeça enquanto ele dizia que faria o que estivesse a seu alcance para ajudar Boris.

Fomos até o meu apartamento, onde colocamos um plano em ação. Depois de horas de discussão com Ira, Mitia e um círculo íntimo de amigos, Isidor disse que a única coisa a fazer era escrever uma carta pública de Boris a Khrushchóv, pedindo perdão e para não ser expulso da Pátria Mãe. Relutei, achando que Boria jamais assinaria tal carta ou permitiria que aquele estranho colocasse palavras em sua boca. Mas ele foi convincente, e, no fim, decidimos que era o único jeito.

Isidor escreveu o primeiro rascunho, e ajustei o tom para que soasse mais como Boria. Ira entregou a carta em Peredelkino. Eles o tinham deixado tão exausto que, quando Ira perguntou se ele assinaria, Boria não tinha mais como levantar a voz; tudo o que podia fazer era levantar uma caneta.

— Que acabe de uma vez — disse a ela.

Ele sugeriu apenas revisões mínimas.

— "Olia, mantenha tudo como está", me escreveu em um bilhete. "Escreva que eu nasci não na União Soviética, mas na Rússia."

Ira disse que a mão dele tremia quando terminou a carta com seu acréscimo: *Com a mão sobre o peito, posso dizer que fiz algo pela literatura soviética e que ainda posso lhe ser útil.*

No dia seguinte, Ira e uma amiga da escola levaram a carta revisada até o número 4 da praça Staraya. Um guarda em frente ao portão do prédio do Comitê Central viu-as se aproximando. Com um cigarro preso entre os dentes, ele as olhou de cima a baixo e perguntou o que queriam.

— Trouxemos uma carta para Khrushchóv — disse Ira.

Ele riu, quase cuspindo o cigarro.

— De quem? De você?

— De Pasternak.

O guarda parou de rir.

—

Dois dias depois, Polikarpov telefonou para dizer que Khrushchóv tinha recebido a carta enviada por Boria e que sua presença era solicitada imediatamente.

— Vista seu casaco e nos encontre na rua. Você vai conosco buscar o habitante das nuvens.

Dez minutos depois, um ZIL preto parou em frente ao meu prédio. Dentro do carro, Polikarpov estava esperando. Já de casaco, olhei pela janela e, depois, para o relógio. Esperei mais quinze minutos antes de sair do apartamento.

Quando me aproximei, Polikarpov saiu do carro. Vestia um casaco preto

grosso que ia até os tornozelos, de corte estrangeiro e de lã grossa e luxuosa.

— Você nos deixou esperando.

Não me desculpei. Minha raiva simulava uma coragem que eu não conseguia conter. Ele me conduziu ao banco traseiro. Sentou na frente com o motorista, que não tirou os olhos da estrada. O carro pegou a pista do meio, reservada para veículos do governo. Íamos em alta velocidade, e os carros de civis saíam para as pistas laterais.

— O que mais você quer dele? — perguntei.

Polikarpov se virou para mim.

— Essa questão toda, que ele causou a si mesmo, ainda não terminou.

— Ele recusou o prêmio. Renunciou a *Jivago*. Implorou por perdão. O que mais vocês querem? Esse suplício roubou anos dele. É um homem velho agora. Às vezes eu mal reconheço… — Me contive. Polikarpov não precisava saber mais.

Ele voltou a olhar para a frente.

— Agradecemos por sua ajuda em fazer com que Pasternak assinasse a carta. Não esqueceremos disso.

— A carta é do Boris, não minha.

— Meu amigo Isidor Gringolts… creio que o conhece? Ele me disse pessoalmente que foi você quem escreveu a maior parte da carta. Seu trabalho nessa questão também foi reconhecido.

É claro que Gringolts tinha sido enviado por eles. Como eu pude ser tão burra?

— Agora dependemos inteiramente de você para superar essa questão — prosseguiu Polikarpov.

—

O Casarão estava escuro, exceto pela luz no escritório de Boria. O carro parou, e vi sua silhueta na janela. A luz do escritório se apagou, e a do andar de baixo se acendeu. Eu queria ir até ele, mas não ousei sair do automóvel. Via outra silhueta andando de um lado para o outro, mais baixa e curvada. Zinaida não permitiria nem mesmo que eu ficasse esperando na varanda.

Boria surgiu, com o chapéu e o paletó, e um sorriso estranho no rosto, como se estivesse prestes a viajar de férias. O motorista saiu e abriu a porta para ele. Ele não demonstrou qualquer sinal de surpresa ao me ver no banco de trás. Nem preocupação quando Polikarpov confirmou que estávamos, sim, indo encontrar Khrushchóv. O único desconforto que Boria transmitiu foi por não estar vestindo calças adequadas para a ocasião.

— Será que devo voltar para dentro e me trocar? — perguntou, quando o carro já ia em direção à estrada.

Polikarpov caiu na gargalhada. Mais estranho ainda, Boria se juntou a ele, rindo com histeria. Sua risada me enfureceu, e lancei-lhe um olhar que ele fingiu não ver, o que me enfureceu ainda mais. Em um sinal, tive vontade de abrir a porta e sair, deixando aqueles homens para lidar sozinhos com o que tinham feito.

Chegamos à Entrada nº 5 do prédio do Comitê Central e seguimos Polikarpov pelos portões. Boria parou ao quase se chocar com um guarda.

— Identificação — disse o homem.

— A única identificação que eu tinha era a carteirinha do Sindicato de Escritores, que eles acabaram de revogar — respondeu Boris. — Portanto, estou completamente desprovido de identificação. Pior, estou desprovido de calças adequadas.

O guarda, um jovem de lábios carnudos e sardas no rosto, escolheu não entrar naquela conversa e fez sinal para que passássemos.

Polikarpov nos deixou em uma pequena área de espera, onde ficamos por uma hora. Boria tocou meu bracelete de ouro, que tinha me dado três anos antes, no ano-novo.

— Será que você devia estar usando isso? — perguntou. Colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — E os brincos de pérola? E o batom? Pode passar a impressão errada.

Abri a bolsa. Em vez de tirar as joias e a maquiagem, peguei um frasco de tintura de valeriana e bebi para acalmar os nervos.

Finalmente, chamaram o nome de Boria e nos levantamos.

— Você não foi requisitada — informou-me o guarda.

Ignorando-o, peguei o braço de Boria e caminhamos por um corredor comprido até um escritório em que Polikarpov estava sentado esperando. Fomos recebidos pelo cheiro forte de loção pós-barba. Polikarpov parecia ter tomado banho, feito a barba e vestido um terno novo. Agia como se tivesse esperado por nós o dia todo. Era mais uma tática de intimidação; não seríamos recebidos por Khrushchóv. Ele pigarreou como se fosse fazer um discurso.

— Você terá permissão para permanecer na Mãe Rússia, Boris Leonidovitch — disse ele.

— Por que precisamos vir até aqui sendo que você podia ter dito isso há horas?

Ele me ignorou e levantou um dedo.

— Não acabei. — Ele apontou para duas cadeiras. — Sentem-se.

Ouvi Boria ranger os dentes feitos sob medida.

— Acabou, sim! — Ele explodiu. Finalmente, a raiva que eu queria ouvir havia tanto tempo. Enfim, ele estava levantando a voz.

— Você causou muita raiva no povo, Boris Leonidovich. Há muito pouco que eu possa fazer para acalmá-los. Você não tem o direito de amordaçá-los. Eles têm o direito de se expressar. Amanhã, o *Literaturnaia Gazeta* vai dar espaço a várias dessas vozes. Não há nada que possamos fazer. As pessoas têm seus direitos. Antes que receba permissão para ficar, você precisa primeiro fazer as pazes com o povo. Publicamente, é claro. Outra carta será necessária com urgência.

— Você não tem vergonha? — perguntou Boria, a voz ainda alta.

— Venha. — Polikarpov apontou para as cadeiras mais uma vez. — Vamos nos sentar e conversar como cavalheiros.

— Há apenas um cavalheiro aqui — falei.

Polikarpov riu.

— A esposa do grande poeta concordaria?

— Não vou me sentar — prosseguiu Boria. — Esta reunião acabou. Você fala *do povo*. O que você sabe sobre *o povo*?

— Veja, Boris Leonidovitch, esta questão está quase no fim. Você tem a chance de consertar as coisas comigo e com *o povo*. Trouxe você aqui para dizer que logo tudo estará bem novamente, desde que você coopere. — Ele deu a volta na mesa, se colocando entre Boria e mim. Apoiou uma mão no ombro de Boria e deu uns tapinhas como se faz com um cachorro. — Santo Deus, velho companheiro. Que bagunça essa em que você nos meteu.

Boria afastou a mão dele.

— Não sou seu subordinado, uma ovelha que você pode direcionar para o pasto.

— Não fui eu que esfaqueei meu país pelas costas.

— Cada palavra que escrevi é verdade. Não me envergonho.

— Sua verdade não é a nossa verdade. Só estou tentando ajudá-lo a corrigir as coisas.

Boria foi em direção à porta.

— Contenha-o, Olga Vsevolodovna!

A bravata de Polikarpov desapareceu. Ele parecia patético e desesperado. Ficou claro que havia recebido ordens de por um fim na questão sem alardes, mas quis estufar o peito antes e agora estava fracassando.

— Você precisa primeiro se desculpar por falar com ele como falou — observei.

— Me desculpe — respondeu ele. — Me desculpe, por favor.

— Coloque um fim nisto agora — vociferou Boria, ainda em pé à porta. — Eu

imploro.

—

No dia seguinte, vinte e duas cartas escritas por russos “reais” apareceram no *Literaturnaia Gazeta* sob a manchete O POVO SOVIÉTICO CONDENA O COMPORTAMENTO DE B. PASTERNAK. Cada uma delas papagueava a linha do partido: *Judas! Traidor! Falso!* Uma trabalhadora da construção civil de Leningrado escreveu que nunca tinha ouvido falar desse Pasternak, então, por que devíamos dar-lhe atenção? Um trabalhador do setor de vestuário de Tomsk escreveu que Pasternak estava na folha de pagamento do Ocidente, financiado por espiões capitalistas que tinham feito dele um homem muito rico.

Polikarpov decretou que um último pedido de desculpas, endereçado “ao povo”, era necessário. Escrevi a primeira versão, editei segundo as especificações de Polikarpov e convenci Boria a assinar.

Na noite em que a última carta foi publicada no *Pravda*, ele veio até a Casinha querendo fazer amor. Mas o bravo poeta radiante tinha sumido. Em seu lugar, havia um idoso. Ele tocou minha cintura enquanto eu estava na pia descascando batatas, e, pela primeira vez, me esquivei.


OCIDENTE
Verão de 1959

CAPÍTULO 27

~~A candidata~~
~~A mensageira~~
~~A freira~~
A ESTUDANTE

A maior parte do trabalho era esperar: esperar pela informação, esperar pela tarefa, esperar pelo início da missão. Eu esperava em quartos de hotel, apartamentos, vãos de escada, estações de trem, rodoviárias, bares, restaurantes, bibliotecas, museus, lavanderias. Esperava em bancos de parques e em cinemas. Uma vez, esperei por uma mensagem em uma piscina pública em Amsterdã durante um dia inteiro e saí de lá tão queimada de sol que tive que envolver gaze embebida em babosa nos ombros e nas coxas.

Nove meses depois da Exposição Universal, esperei mais uma vez, em um albergue em Viena, pelo início do Festival Mundial da Juventude.

Marcado para o fim de julho, seriam dez dias de comícios, marchas, reuniões, exposições, palestras, seminários e eventos esportivos. Haveria um Desfile das Nações, mil pombas brancas soltas, e um grande baile no fim — tudo dedicado a promover "a paz e a amizade" entre os líderes do amanhã. Durante o festival, os esperados vinte mil estudantes internacionais vindos da Arábia Saudita e do Ceilão, de Cambridge e de Fresno, poderiam participar de passeios coordenados pelo sindicato a uma usina elétrica, ouvir apresentações de líderes do movimento dos campos de trabalho voluntário ou assistir a palestras sobre o uso pacífico da energia atômica.

O Kremlin investira cerca de 100 milhões de dólares para garantir a influência duradoura do festival em seus participantes.

Mas a Agência tinha outros planos.

Depois que *Doutor Jivago* surgiu por toda a URSS e a notoriedade de Pasternak explodiu, os soviéticos começaram a fazer buscas pelo livro proibido na mala dos cidadãos que retornavam à Pátria Mãe vindos do exterior. Foi um golpe de propaganda para a Agência, e, como resultado, eles decidiram dobrar a aposta — imprimir e espalhar ainda mais exemplares. Desta vez, no lugar das edições de capa de linho azul impressas na Holanda, nós mesmos faríamos

edições em miniatura — impressas em papel-bíblia, pequenas o suficiente para caber no bolso.

Fui a Viena antes, para esperar pela chegada de duas mil cópias do livrinho. *A revolução dos bichos*, *The God that Failed* e *1984* também seriam distribuídos, e dezenas de n*ós esperávamos* pela chegada dos livros que encheriam nossos "Estandes de Informação" por toda a Viena, prontos para entregá-los a representantes estudantis visitando a cidade. Era como a Agência espalhava *paz e amizade*.

Meu cabelo tinha crescido um pouco desde Bruxelas e estava tingido de novo com um tom mais bronzeado do loiro anterior. E eu estava vestida como se estivesse indo a uma leitura de poesia: gola rulê preta, calça três quartos preta e sapatilhas pretas. Tinha voltado a ser estudante.

Minha primeira localização seria o Wurstelprater. Eu devia explorar o parque de diversões antes do início do festival para determinar o lugar mais procurado no qual eu conseguiria entregar a maior quantidade de livros possível antes de ser inevitavelmente convidada a me retirar.

Depois de passar pelo trem-fantasma, pelo carrossel, pelo bate-bate, pelas galerias de tiro e pelo pátio da cerveja, decidi que a Wiener Riesenrad seria o lugar mais vantajoso, pois imaginei que todos os estudantes turistas iam querer dar uma volta na roda-gigante mais alta do mundo. Além disso, eu teria a emoção de ficar bem perto do brinquedo que apareceu em um dos meus filmes favoritos, *O terceiro homem.*

Com a posição definida, meu próximo passo seria visitar uma lavanderia em Tuchlauben, onde diria ao atendente que tinha sido enviada para buscar um terno para o sr. Werner Voigt e perguntaria se podia pagar com francos suíços. Então, eu receberia o terno embalado com uma etiqueta indicando o endereço onde estaria o primeiro lote de exemplares do *Jivago* em miniatura. A disseminação começaria no dia seguinte.

Mas, antes, eu estava com fome. Decidi parar e comprar duas panquecas de batata antes de sair do parque — uma para o jantar e uma para o café da manhã. A barraca de comida ficava estrategicamente perto da Riesenrad, uma armadilha para todos os que esperavam. Foi ali, parada na fila da barraca de comida atrás de um turista americano com um *lederhosen* justo demais, que a vi.

Ela estava ali, na fila da roda-gigante, de costas para mim.

Sally vestia um casaco longo verde e luvas brancas, o cabelo ruivo um pouco mais curto do que da última vez que a vira. Mesmo de costas, ela era linda. Me lembrei da primeira vez em que a vi no Ralph's. Que a primeira coisa que vi quando me virei foi seu cabelo.

Era estranho vê-la assim, em um lugar onde eu não era mais eu mesma, onde

ela não era mais ela mesma. A realidade havia mudado. E muito tempo tinha passado. No último ano, eu me permitira acreditar que a esquecera. Talvez, dissera a mim mesma muitas vezes, nem tenha havido nada a ser esquecido.

Mas ali estava ela. Ela finalmente tinha vindo me buscar.

Sally inclinou a cabeça, como se pudesse sentir que eu a percebera. Não virou para ver se eu a tinha visto, mas não precisava. Ela sabia que eu a veria. É claro que eu a veria. Era para eu entrar na fila com ela? Chegar correndo por trás e jogar os braços a seu redor? Ou esperar que viesse até mim?

Saí da fila da barraca de comida e dei alguns passos até a da roda-gigante, passando em frente a um grupo de estudantes que falavam francês e não tinham me notado.

Avancei devagar, ficando vários lugares atrás da Sally. Ao chegar à bilheteria, ela tirou a carteira da bolsa. Mas, quando estava entregando o dinheiro para a mulher na cabine, um homem alto com cabelos grisalhos surgiu e arrancou-o de sua mão. Ele pagou, e ela beijou seu rosto.

Ela nem precisou se virar completamente para que eu soubesse.

Fiquei observando o homem de cabelos grisalhos abrir a porta da cabine vermelha para a pessoa que não era Sally. Comprei um ingresso assim mesmo, e também subi. Olhei para cima para ver se dava para enxergar a sósia de Sally, pairando em algum lugar sobre a minha cabeça. Não conseguia. O brinquedo balançou quando saímos do chão. Inclinei o corpo para fora da janela aberta e fiquei olhando o mundo lá embaixo se tornar silencioso e pequeno.

X X X

Eu a vi diversas vezes. Muito tempo depois de ter entregado meu último exemplar de *Jivago* em Viena e ido para a próxima missão, e a que veio depois dessa. Nosso tempo juntas tinha sido breve, mas não importava. Eu a veria durante muitos anos: fazendo sinal para um riquixá no Cairo, as unhas vermelhas como um lampejo de cor na rua empoeirada; embarcando no último trem em Déli, as malas levadas por um homem com o dobro de sua idade; em uma bodega em Nova York, acariciando um gato em cima de uma pilha de caixas de cereal; no bar de um hotel em Lisboa, pedindo um Tom Collins com gelo.

E, com o passar dos anos, sua idade permanecia sempre a mesma, sua beleza preservada em âmbar. Mesmo depois que conheci uma enfermeira em Detroit que abriu portas dentro de mim que eu não sabia que estavam trancadas, eu ainda via Sally bebendo café no balcão de uma lanchonete, ou estendendo o braço para fora de um provador para pedir outro tamanho, ou no balcão de um cinema assistindo a um filme sozinha. E, todas as vezes, eu sentia o mesmo

sobressalto em meu íntimo, a expectativa intensa — aquele momento em que as luzes se apagam e o filme começa, aquele momento em que, durante alguns segundos, o mundo inteiro parece prestes a despertar.


ORIENTE
1960-1961

CAPÍTULO 28

~~A musa~~
~~A mulher reabilitada~~
~~A emissária~~
~~A mãe~~
~~A emissária~~
~~A agente do correio~~
A QUASE VIÚVA

Ele era todo desculpas por ter chegado atrasado à Casinha.

— Tudo está perdoado no dia do seu aniversário — falei, ajudando-o a tirar o casaco.

Ele se juntou a nossos amigos na sala, e levei outra garrafa de Château Margaux que comprara no mercado clandestino, argumentando que o aniversário de setenta anos de Boria era uma boa desculpa para abrir a mala marrom. Eu também havia comprado um vestido de seda vermelho de gola alta — o mais fino que eu já tinha usado.

Comemos e bebemos, e Boria foi o centro das atenções, como nos velhos tempos. Estava de bom humor. Tinha voltado a escrever e contou a todos sobre o novo projeto: uma peça que estava chamando provisoriamente de *Beleza cega*. Gargalhou e riu enquanto abria presentes e telegramas de simpatizantes do mundo todo. Fiquei observando do outro lado da sala, aquecida pela luz que ele irradiava, uma claridade que voltava a arder depois de todo aquele tempo definhando na escuridão que se instalara sobre nós dois. Era o mesmo brilho que me atraíra tantos anos antes.

Nossos convidados ficaram até tarde da noite. Quando finalmente foram embora, Boria fez um showzinho, implorando para que ficassem.

— Só mais uma taça — disse, bloqueando o cabideiro onde estavam os casacos.

Quando ficamos sozinhos, Boria se sentou em sua poltrona vermelha, segurando um despertador que ganhara do primeiro-ministro Nehru, que expressara seu apoio a *Jivago*.

— Como as coisas vieram tarde para mim — comentou ele. Largou o relógio e estendeu a mão para mim. — Se pudéssemos viver assim para sempre…

Me agarrei àquela noite. Como ele parecia saudável em seu aniversário, como parecia feliz. Mas sua luz começou a se apagar quase tão rápido quanto tinha voltado.

O apetite foi o primeiro a sumir. Ele começou a aceitar apenas chá ou caldo quando vinha jantar na Casinha. Reclamava de espasmos nas pernas que o mantinham acordado à noite e de uma dormência na lombar que tornava difícil se sentar.

Exausto, sentia dificuldade de se concentrar na peça e não respondia às centenas de cartas que ainda chegavam. A pele bronzeada se desvaneceu em um cinza-azulado, e as dores no peito se tornaram mais frequentes.

Certa noite, enquanto eu preparava uma sopa de cogumelos, ele chegou à Casinha com a peça inacabada, implorando para que eu ficasse com ela, por segurança. Parecia tão adoentado que falei que ele precisava ir ao médico imediatamente.

— Amanhã, Boria. Assim que acordar. Como sua mulher não viu…

— Há questões mais importantes. — Ele mostrou o manuscrito. — Se alguma coisa acontecer… Isso vai ser sua segurança. Algo para sustentar sua família quando eu me for.

Quando eu comentei que estava sendo dramático, ele colocou a peça em minhas mãos. Quando recusei, ele perdeu o controle e soluçou. Esfreguei suas costas para acalmá-lo, chocada com a sensação de sua coluna sob minha mão. Ao mesmo tempo, me repugnava e me enchia de uma ternura recém-descoberta, do tipo que reservamos a um parente debilitado. Prometi ficar com o manuscrito. Ele se endireitou e me tomou em seus braços, beijando meu rosto e meu pescoço. Nos retiramos para o meu quarto, ansiosos por tirar a roupa, sentir a pele um do outro, seu esqueleto em minha carne. No início do nosso relacionamento, eu sempre mantinha as luzes acesas, satisfeita com a surpresa aparentemente sem fim que ele sentia ao ver meu corpo. Agora, tantos anos depois, apaguei a luz.

Eu não sabia que seria nossa última vez. Se soubesse, não teria apressado as coisas. Do quarto, ouvi a sopa ferver no fogão; então, movimentei o quadril de um jeito que sabia que o faria terminar.

Depois que ele se vestiu e foi para casa, jantei sozinha. Aquela seria a penúltima vez que o veria com vida.

Na última, quase não o reconheci. Ele estava uma hora atrasado para nosso encontro no cemitério, e, quando se aproximou, pensei que fosse um desconhecido. Caminhava tão devagar — os passos incertos, as costas

arqueadas, o cabelo despenteado, a pele ainda mais pálida. Quem era aquele homem entrando pelo portão? Quando ele se aproximou, hesitei antes de abraçá-lo, em parte porque estava com medo de machucá-lo com meu toque, porém, vergonhosamente, foi mais por ter percebido naquele momento que meu amor tinha acabado de vez. Aquele não era ele; como poderia ser?

Percebendo minha hesitação, ele deu um passo para trás.

— Eu sei que você me ama, tenho fé nisso — disse ele.

— Eu amo — assegurei.

Beijei seus lábios rachados como que para provar isso.

— Não faça nenhuma mudança em sua vida, eu imploro. Eu não sobreviveria. Por favor, não volte a Moscou.

— Não vou voltar — falei, apertando sua mão. — Vou ficar bem aqui.

Nos separamos depois de fazer planos de nos encontrarmos na Casinha naquela noite. Ele não apareceu.

—

Foi seu coração. Como Iúri Jivago, no fim, foi seu coração. Durante toda a vida, ao enfrentar uma doença, Boria sempre foi melodramático, convencido de que seu fim estava próximo. Mas, desta vez, ele não se convenceu de que a doença seria fatal. De cama, me escreveu que esse revés passaria, que logo estaria em pé e finalizando a peça.

Escreveu de novo no dia seguinte, mencionando que tinham levado sua cama para o andar de baixo para ficar mais fácil cuidar dele e que doía ficar tão longe assim de sua escrivaninha. Disse que eu não me preocupasse, que uma enfermeira estava morando no Casarão e que sua querida amiga Nina visitava todos os dias. Também pediu que eu não fosse, avisando que a mulher advertira contra minha presença. *Z, em sua tolice, não teria a esperteza de me poupar. Mas, se as coisas piorarem, mando chamar você.*

Dias se passaram, e, sem receber mais nenhuma carta, enviei Mitia e Ira ao Casarão para que trouxessem informações. Eles viram uma enfermeira jovem andando para lá e para cá, mas as cortinas estavam fechadas; então, foi tudo o que puderam me dizer.

Mais um dia se passou. Ainda não tinha recebido notícias, então, eu mesma fui até o Casarão, convencida de que Zinaida estava escondendo as minhas cartas dele. Era início da noite, e uma luz estava acesa em seu escritório. Quem estava lá em cima? A esposa? Um dos filhos? Já estavam revirando seus livros e papéis? Encontrariam minhas cartas escondidas dentro de livros ou as flores que colhi, guardava entre as páginas? Quando ele morresse, restaria algo para

lembrar nosso tempo juntos? Quando a luz do escritório se apagou, comecei a chorar.

A jovem enfermeira saiu da casa. Era uma garota bonita, e senti uma pontada de ciúme por saber que era ela quem estava se curvando ao lado de sua cama, dando-lhe caldo na boca, segurando sua mão, dizendo que tudo ficaria bem. Ela pareceu surpresa quando me viu do outro lado do portão.

— Olga Vsevolodovna — disse ela. — Ele disse que você viria.

— Ela não tem a decência de me deixar vê-lo? — perguntei. — Ou ele é quem não quer que eu venha?

— Não. — Ela olhou em direção à *datcha*. — É que ele não suportaria que você o visse.

Fiquei olhando para a enfermeira.

— Ele está doente, muito doente. A pele, esticada sobre os ossos e sem a dentadura. Diz que tem medo que deixe de amá-lo se o vir nesse estado.

— Besteira. Ele acha que sou tão superficial assim?

Virei de costas para a enfermeira e a casa.

— Ele me disse o quanto a ama. É constrangedor o tanto que ele fala disso. — Ela baixou o tom de voz. — Com a esposa na sala ao lado.

A enfermeira disse que tinha que pegar o trem para Moscou, mas prometeu me atualizar caso algo mudasse. Fiquei onde estava. Por volta da meia-noite, como não voltei para casa, Ira e Mitia me trouxeram chá e um cobertor grosso.

Minha presença no Casarão não passou despercebida. Zinaida olhava pela janela por uma abertura nas cortinas e, depois, as fechava rapidamente.

Fiquei de guarda no portão durante dias, recebendo atualizações da enfermeira. Ele teve um ataque cardíaco, e a única coisa que podiam fazer era deixá-lo confortável. Implorei a ela que dissesse a Boria que eu estava lá fora, que precisava me despedir. Ela disse que entregaria meu recado.

Quando carros trazendo jornalistas e fotógrafos se juntaram a mim, soube que minha espera tinha se transformado em vigília. Fui para casa e voltei de vestido e véu pretos. Horas se passaram. Abri um caminho na grama primaveril andando de um lado para o outro.

E ele não me deixou entrar.

—

Só depois que ele morreu pude entrar no Casarão. Zinaida abriu a porta sem dizer uma palavra, e passei reto por ela em direção a seu corpo ainda quente. Tinham acabado de limpá-lo e de trocar a roupa de cama, mas o cômodo ainda cheirava a antisséptico e merda.

Ficamos sozinhos uma última vez. Segurei sua mão. Seu rosto parecia uma escultura, e imaginei a máscara mortuária que logo fariam dele. Nas últimas semanas, eu tinha tentado me preparar; mas não foi nada como eu esperava. O ar não mudou, meu coração seguiu batendo, a Terra seguiu girando, e perceber que tudo seguiria seu curso, que o mundo nunca parava, foi como levar um coice de cavalo no peito.

Segurando sua mão, ouvi conversas sobre o funeral na sala ao lado. Disse a mim mesma que seria a última vez que estaríamos sozinhos. Beijei seu rosto, estiquei o lençol branco e saí.

Eu não tinha um corpo para preparar, um funeral para organizar, repórteres para espantar. Tudo o que me restava era a lembrança.

Pensei na primeira vez que ele pegou minha mão: eu não tinha ideia de que meu corpo podia vibrar de dentro para fora. Pensei nele lendo as primeiras páginas de *Doutor Jivago* para mim, em como ele parava ao fim de cada parágrafo, ansioso para ver minha reação. Pensei nas tardes que passamos caminhando pelas avenidas largas de Moscou, em como eu sentia o mundo se expandir sempre que ele olhava na minha direção. Pensei nas muitas tardes fazendo amor e nas muitas noites em que ele disse que não queria deixar minha cama.

Também pensei nele deixando minha cama depois de eu ter implorado que ficasse. Pensei na chegada à estação depois dos três anos em Potma — em como, quando vi que ele não viera, senti vontade de voltar para lá. Pensei nas muitas vezes em que ele me disse que estava tudo acabado e nas muitas coisas terríveis que falei em resposta. Pensei em seu ego enorme quando estava no auge da carreira e no homem diminuído que *Jivago* deixara para trás.

—

Eles o vestiram em seu terno cinza favorito e o colocaram em um caixão de pinho virgem. Esperei do lado de fora enquanto a *panikhida* era celebrada na *datcha*. O grande pianista Sviatoslav Teofilovitch Richter tocou no quarto de música de Boris, suas notas saindo pela janela aberta.

A música terminou, e eles carregaram o caixão para fora e pararam perto de seu amado jardim. Fiquei ao lado de Boria, e Zinaida, do outro: a viúva e a quase viúva. Soltei um gemido, e Ira e Mitia me seguraram pelos braços. Mas Zinaida permaneceu ali em silêncio, graciosa.

O cortejo fúnebre desceu a colina e subiu o cemitério até a sepultura que Boria havia escolhido para si mesmo, sob três pinheiros altos. A notícia de sua morte no jornal tinha uma ou duas linhas; ainda assim, eles vieram. Centenas, talvez

milhares, seguiam o caixão. Eram velhos e jovens, vizinhos e estranhos, trabalhadores e estudantes, colegas e adversários, operários e policiais disfarçados de operários, correspondentes internacionais e repórteres moscovitas. Todos reunidos em volta do local do repouso final de Boria; a única coisa que tinham em comum é que todos haviam sido transformados por suas palavras.

Fizeram discursos e recitaram orações, e fiquei olhando para o caixão aberto, coberto de grinaldas e galhos de lilases e macieiras. Do fundo, um jovem gritou, recitando a última estrofe do poema "Hamlet", de Boria:

Mas a ordem das cenas foi prevista
E a estrada chega fatalmente ao fim.
Estou só. Tudo afunda em farisaísmo.
Viver não é passear por um jardim.

No último verso, outros já tinham se juntado a ele. Então, um homem anunciou, com autoridade, que era o fim do funeral.

— Essa demonstração é indesejável — disse ele e fez sinal para que dois homens trouxessem a tampa do caixão.

Abri caminho até a frente da multidão e beijei o rosto de Boria uma última vez. Me afastaram e fecharam a tampa. As pessoas protestaram contra o fim abrupto, mas foram silenciadas pelo som de martelos enfiando pregos na madeira. Cada martelada me fazia tremer, e puxei o casaco para o mais próximo do corpo.

Enquanto baixavam o caixão na terra, gritos de "Glória a Pasternak!" se erguiam e atravessavam a multidão. Me lembrei da primeira vez em que o vi em uma leitura muitos anos antes, quando seus fãs não conseguiam se conter e gritavam os últimos versos dos poemas antes mesmo que ele acabasse a leitura. Eu me sentara no balcão, na esperança de que ele conseguisse me ver através das luzes fortes. Ele me viu, e meu mundo mudou para sempre.

Eu não veria Zinaida depois do funeral. Ela fez o que pôde para me apagar de sua história, e a família assumiu sua causa depois da morte do Boria. Lutei contra isso durante anos. Mas eu podia culpá-los? Eu sabia de que me chamavam, os boatos persistiam. E mesmo que fosse rotulada para sempre como adúltera, predadora, mulher atrás de dinheiro e poder, destruidora de lares, espiã, ficava contente por saber que pelo menos Lara sobreviveria à minha morte.

X X X

Na manhã em que vieram me buscar pela segunda vez, dois meses e meio depois da morte de Boria, eu estava sentada na cozinha escura bebendo chá. Era o terceiro dia seguido que a infusão ficava amarga demais.

Ouvi a agitação lenta do cascalho sob os pneus, e não precisei me levantar para saber que um carro preto estava entrando em meu terreno.

Terminei meu chá e coloquei a xícara e o pires na pia. Pensei em Ira, ainda dormindo no quarto — que mais tarde veria a xícara com um círculo marrom e teria de lavá-la, sabendo que era minha e que tinham me levado.

O barulho de portas de carro abrindo e fechando fez com que eu me mexesse. Fui ao quarto de Mitia primeiro, mas vi sua cama vazia.

— Ele não voltou para casa ontem à noite — disse Ira, me assustando por trás. Ela foi até a janela acima da escrivaninha de Mitia. — São dois carros agora.

Fiquei observando os quatro homens encostados nos carros, fumando e conversando despreocupadamente, como se esperassem pelas namoradas. Vi um deles apagar o cigarro em um dos meus vasos de flores e outro lavar as mãos no bebedouro dos pássaros. Fechei as cortinas e fui até o telefone.

— Se vista — falei.

Ira saiu do quarto.

Ligando para o número de Mama, minhas mãos tremiam muito.

— Mama?

— Eles estão aí?

— Sim. Estão aí também?

— Sim.

— Estão tentando nos intimidar. Você não tem com o que se preocupar.

Ira surgiu, em seus trajes mais conservadores: uma saia longa bege e jaqueta combinando.

— Mitia está na *babushka*? — perguntou ela.

— Mitia está aí? — perguntei a Mama.

— Chegou ontem à noite. Bêbado de novo. Ele é muito novo para beber tanto assim…

— Mama.

— Está acordado agora. Falei para ele não sair daqui.

— Ótimo. Mantenha-o aí.

Três batidas firmes na porta da frente fizeram o chão tremer. Ira agarrou meu braço.

— Preciso ir, Mama.

Andei até a entrada com Ira segurando meu braço como uma criança. Um homem vestindo um sobretudo que parecia caro passou pelos quatro homens de terno preto barato, deixando rastros de lama no tapete de Akstafa do meu avô.

— Finalmente nos conhecemos.

— Seja bem-vindo — falei, com postura de anfitriã.

— Você estava esperando nossa chegada, é claro — disse o homem enquanto seu sorriso crescia. — Não é? Você não imaginou que suas atividades passariam despercebidas, não é mesmo?

Forcei um sorriso para corresponder ao dele.

— Gostaria de um pouco de chá?

— Nós mesmos podemos nos servir.

Eu sabia o que eles estavam procurando — e não encontrariam na Casinha, nem em meu apartamento em Moscou.

No dia seguinte ao enterro de Boria, o dinheiro — os *royalties* estrangeiros que provavam que eu também era culpada de crimes contra o Estado — foi entregue a uma vizinha que nunca perguntou o que havia dentro da mala marrom.

Horas se passaram. A certa altura, um dos homens, o que tinha uma pequena cicatriz no meio do lábio inferior, levou uma cadeira da mesa de jantar até a entrada, onde Ira e eu esperávamos. Ele perguntou se gostaríamos de nos sentar. Ira respondeu que não, e o homem deu de ombros, se sentou e acendeu um cigarro. Mal olhava para nós enquanto observávamos os outros destruírem nosso lar.

Ouvimos uma bicicleta se aproximando. No meio da entrada, Mitia pulou da bicicleta, deixando-a cair no chão.

— Vocês não têm o direito — gritou ele, e sua voz falhou.

O homem com a cicatriz continuou fumando. Fui até Mitia e peguei-o pela mão.

— Quieto — falei, percebendo o cheiro azedo dele. Olhando-o, vi que sua camisa estava suja de vômito. — Onde está *babushka*? Eu disse a ela que mantivesse você lá.

Nós três nos amontoamos e vimos os homens saírem da Casinha carregando caixas cheias de nossos pertences. Quando eles saíram com pilhas de diários de Ira — provavelmente preenchidos com reflexões sobre a escola e garotos e amizades rompidas —, ela se retesou ao meu lado, mas não disse nada. E quando o homem de casaco saiu e tropeçou em uma tábua solta, Ira apertou minha mão em vez de rir. A imagem dele tropeçando ficaria na minha mente mais tarde, depois que ele se tornou meu interrogador.

Eu fui de bom grado — sem resistir nem protestar. O homem de casaco não precisou sequer pedir. Ele só apontou para o segundo carro preto. Dei um beijo de despedida em meus dois filhos e entrei.

Meus filhos não olharam quando fui levada. Ira ficou na entrada, avaliando o

estrago que os homens tinham feito. Mitia se sentou no degrau mais alto, a cabeça descansando nos joelhos. Fechei os olhos e não os abri até chegarmos ao prédio grande e amarelo.

— Qual é o prédio mais alto de Moscou? — perguntou para mim o motorista quando chegamos.

— Ela já ouviu essa — disse o homem de casaco ao abrir minha porta. — Não ouviu?

Sem responder, desci do carro, ajeitei a saia e deixei que me levassem.

X X X

Caro Anatoli,

Acordei ao som da minha filha respirando com dificuldade. Minha doce Ira. Eles dizem que ela me ajudou a ocultar dinheiro estrangeiro, e agora ela dorme no beliche em frente ao meu. Ela está doente. Febre. Permitiram que eu ficasse com ela até que mostre sinais de melhora. Mas não quero que se preocupe, Anatoli. Ela está bem. Eu estou bem. Só agradeço a Deus por terem deixado meu Mitia em paz. Pelo menos isso.

Embora faça muitos anos que lhe escrevi pela última vez, nunca deixei de escrever. Cartas escritas em minha cabeça enquanto eu tomava banho, cartas escritas quando não conseguia dormir. Cartas escritas em algum lugar em meu âmago. Mas agora não consigo mais impedir que as palavras saiam.

Troquei meias tricotadas por este papel e esta caneta. Quero expurgar o que tem dentro de mim. Onde eu estava?

Me pergunto onde você está. Por que não foi você quem me recebeu na Lubianca e continuou nossas conversas noturnas? Foi substituído? Eu fui substituída? Você pensa em mim? Meu nome atravessa seus lábios? Talvez você tenha se distanciado desta vez porque sabe que estou mais velha do que antes. Talvez minha companhia fosse mais agradável naquela época.

Na primeira vez, eu estava grávida. Perdi o bebê. Agora, estou mais velha e ficando infértil, o homem que era pai do meu filho perdido está enterrado. O tempo é algo terrível.

Já estive aqui antes. E, no entanto, de certa maneira, nunca fui embora.

Minha sentença já está confirmada. Passarei os próximos oito anos neste lugar — os três primeiros ao lado de minha filha, inocente. Acho que sempre soube que eles achariam o dinheiro ou, pelo menos, diriam ter achado.

É março de 1961, terceiro mês de nossas sentenças, e os arredores ainda

são um cobertor branco, o horizonte cinzento. É noite, e escrevo sob uma lamparina tão fraca que só enxergo o papel à minha frente e a sombra das costas esguias de minha filha enquanto ela dorme de lado sob dois cobertores de lã — um dos quais é meu.

Mais cedo, Ira e eu trabalhamos no fosso cavando uma latrina nova. Suas mãos estão cheias de bolhas e rachadas, e ela mal consegue levantar a picareta; então, cavo mais forte e mais rápido. Não digo em voz alta para ninguém, mas parte de mim sentiu falta desse trabalho — enfiar a pá na terra, pisar nela com os dois pés para que penetre mais fundo, expor a camada profunda de solo, escura em contraste com a neve branca.

Estou exausta, e ainda assim não quero dormir enquanto não contar essa história. Estou pressionando a caneta com mais força agora. Ela está falhando. Acho que a mulher que está usando minhas meias mentiu para que eu trocasse com ela; a tinta da caneta está quase no fim. Ainda há tanto para escrever. Talvez o restante desta carta seja escrito no sulco que a ponta da caneta deixar no papel. Talvez você tenha de ler como braile.

Nas atuais circunstâncias, minha história não me pertence mais. Na imaginação coletiva, eu me tornei outra pessoa — uma heroína, uma personagem. Me tornei Lara. E, no entanto, quando procuro, não a encontro aqui. É assim que vão me conhecer quando eu tiver morrido? Será essa a história de amor de que se lembrarão?

Penso no fim que Boria deu a sua heroína:

Um dia, Larissa Fiódorovna saiu e não voltou. Deve ter sido presa na rua. Desapareceu sem deixar vestígios e provavelmente morreu em algum lugar, esquecida como um número sem nome em uma lista extraviada em um dos muitos campos de concentração mistos ou femininos do Norte.

Mas eu, Anatoli, não sou um número sem nome. Eu não vou desaparecer.

EPÍLOGO

AS DATILÓGRAFAS

No inverno de 1965, *Doutor Jivago* estreou no cinema. Fomos assistir juntas. Algumas ainda estavam na Agência, mas a maioria já tinha saído. A vida útil de uma datilógrafa não é muito longa. Novas datilógrafas iam e vinham. Muitos homens tinham sido promovidos e algumas de nós, também. Gail fora até recompensada com o cargo de Anderson depois que ele morreu de ataque cardíaco ao acompanhar a filha adolescente a um show dos Beatles no Coliseum.

Nos casamos, ou não. Tivemos filhos, ou não. Estávamos todas um pouco mais velhas — linhas finas apareciam quando sorríamos ou franzíamos a testa, nossas silhuetas já não eram mais as mesmas, jovens e ágeis, que escondíamos atrás de nossas mesas.

Era bom nos encontrarmos. A última vez tinha sido em um casamento em 1963. Depois da missão *Jivago*, Norma deixou o setor de datilografia para fazer mestrado em escrita criativa em Iowa, e, mais ou menos naquela época, Teddy começou a procurá-la mesmo à distância. Eles se casaram depois que ela se formou, e Teddy deixou a Agência para assumir um cargo em outra empresa secreta perto de Langley: Mars, Inc. O casamento foi um evento informal realizado no salão ao ar livre do Great Falls Park, com churrasco e várias fontes de chocolate doados pelo novo empregador de Teddy. Os pais dele pareciam horrorizados com aquilo tudo, mas o restante de nós se divertiu muito. Henry Rennet não estava lá, e ninguém sentiu sua falta. Depois que Norma jogou o buquê — do qual Judy se esquivou com toda esperteza —, Frank Wisner fez um brinde ao casal. Seria a última vez que veríamos nosso antigo chefe; ele tiraria a própria vida dois anos depois, no outono de 1965, pouco antes da estreia de *Jivago*.

Abraços e beijos no rosto foram trocados do lado de fora do Georgetown Theater, o letreiro de neon nos banhando com um brilho vermelho. As entradas foram compradas, e, enquanto esperávamos na fila para comprar bebidas, Linda mostrou fotos dos gêmeos sentados no colo do Papai Noel na Woodies, e Kathy, de sua lua de mel no Havaí. Conversamos sobre o quanto gostaríamos que Judy tivesse conseguido comparecer. Ela se mudara para a Califórnia para virar atriz

e, embora ainda não tivesse estourado, tinha conseguido um papel pequeno no *The Dick Van Dyke Show.*

Ocupamos a terceira e a quarta fileiras inteiras do Georgetown. As luzes se apagaram, e pipocas e doces foram passados enquanto o cinejornal era exibido, mostrando cenas da escalada militar americana no Vietnã. As que ainda estavam na Agência permaneceram estoicas enquanto a câmera mostrava aviões abatidos, campos incendiados e tetos desmoronados. Elas sabiam mais do que as que não estavam mais na Agência, e as que não estavam mais sabiam que não deviam perguntar.

Quando o cinema escureceu e a música começou, algumas de nós trocaram olhares e apertaram as mãos umas das outras. E, quando Lara apareceu na tela com uma camisa branca e uma gravata preta, sentada atrás de uma mesa, todas pensamos a mesma coisa: *Irina*. Na verdade, era Julie Christie. Mas… o cabelo, os olhos. Era nossa Irina naquela tela.

Ficamos arrepiadas quando Iúri viu Lara pela primeira vez do outro lado do cômodo. Enxugamos as lágrimas quando ele se despediu dela pela primeira vez. Mantínhamos a esperança de que o filme fugisse do livro e terminasse com Iúri e Lara vivendo naquela casa até o fim de seus dias. E, embora soubéssemos o que ia acontecer, deixamos as lágrimas fluírem quando eles se despediram pela última vez.

Enquanto os créditos subiam, enxugamos os olhos com lenços. *Doutor Jivago* é, ao mesmo tempo, uma história de guerra e uma história de amor. Mas, anos depois, era da história de amor que nos lembrávamos mais.

X X X

Três anos antes de o Kremlin baixar a foice e o martelo soviéticos e substituí-los pela bandeira tricolor russa, *Doutor Jivago* chegou à Pátria Mãe pela primeira vez — legalmente, é claro. Gail nos mandou um cartão-postal de sua viagem a Moscou. O cartão era um anúncio do leilão *Bidding for Glasnost ’88*, da Sotheby’s, e o recado de Gail dizia que o romance estava em todos os lugares. No ano seguinte, a Academia Sueca ofereceu mais uma vez o Nobel a Pasternak, e seu filho recebeu o prêmio em seu lugar.

Temos vergonha de admitir, mas algumas de nós ainda não tinham lido o livro na ocasião. As poucas que sabiam italiano leram na primeira vez em que foi publicado. Outras, nos anos seguintes à missão, e algumas esperaram até depois de assistir ao filme para se sentarem com o tomo russo. Mas nem todas tinham lido. E, quando finalmente lemos *Doutor Jivago* — as palavras que a Agência um dia viu como arma —, ficamos surpresas com o quanto o mundo tinha

mudado e o quanto não tinha.

Por volta da mesma época, Norma escreveu um romance policial, que dedicou a Teddy. Foi o primeiro romance que ela publicou e, embora tenha recebido apenas críticas mornas, fizemos fila para que ela assinasse nossos exemplares na Politics and Prose. A Agência emitiu uma declaração se distanciando do conteúdo do romance — a história de uma agente provocadora que derrubou um agente duplo —, mas achamos que parecia ser bem verdadeiro.

—

As que restaram usam computadores e smartphones comprados por nossos filhos em aniversários e Natais, seus usos ensinados por nossos netos.

— Você precisa mexer o dedo assim, vovó.

— É só segurar o *Shift*.

— É porque você ligou o *Caps Lock*.

— Não se preocupe com esse botão.

— Uma *selfie* é quando tiramos uma foto de nós mesmos.

As teclas são muito mais macias agora. Não há mais campainha. Nosso número de palavras por minuto não é mais o mesmo, mas conseguimos fazer coisas extraordinárias com essas máquinas. E o melhor de tudo, podemos manter contato. Agora, em vez de memorandos e relatórios, encaminhamos piadas, orações e fotos de nossos netos e de alguns bisnetos também.

Não sabemos ao certo quem viu primeiro — todas parecemos ter visto ao mesmo tempo. Era um artigo do *Post* sobre uma americana presa em Londres acusada de espionagem, aguardando extradição para os Estados Unidos. O que causou tanto alarde foi que a mulher tinha oitenta e nove anos, e seus crimes de vazamento de informação aos soviéticos tinham acontecido havia décadas. O artigo discutia o que devia ser feito em um caso como esse.

Mas nosso interesse era a foto.

Embora o rosto da mulher estivesse coberto pelas mãos algemadas, foi preciso apenas uma olhada para saber quem era.

— Não posso acreditar.

— É ela.

— Sem dúvida.

— Nunca perdeu a silhueta

— É o casaco de pele que ela ganhou do Dulles?

O artigo dizia que a mulher vivia no Reino Unido havia cinco décadas, em cima de uma livraria da qual era dona havia três décadas, com uma mulher anônima que morrera no início dos anos 2000.

Procuramos o nome da outra mulher em outros artigos, mas não encontramos.

Embora o sucesso da missão *Jivago* tenha se tornado uma lenda na Agência nos anos que se seguiram, os registros da carreira de Irina não eram consistentes depois da Expo 58, e seu arquivo termina com um memorando breve apontando sua aposentadoria nos anos 1980, e nada mais.

Nossos dedos voam pelas teclas.

— Era ela?

— Eram elas?

— Seria possível?

Em segredo, esperamos que sim.

NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Muitos livros tornaram este possível. Primeiro e mais importante, *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, um romance tão relevante e vital hoje quanto foi ao ser publicado pela primeira vez por Giangiacomo Feltrinelli. Sou eternamente grata pelo presente maravilhoso que ele deu ao mundo.

Para minha pesquisa, *The Zhivago Affair*, de Peter Finn e Petra Couvée, foi um recurso indispensável. Em 2014, graças à petição de Finn e Couvée, a CIA liberou noventa e nove memorandos e relatórios referentes à missão secreta *Jivago*. E foi ver os documentos divulgados — com os nomes e detalhes editados e censurados — que me inspirou a querer preencher aqueles espaços com ficção.

No decorrer deste romance, há muitas descrições e citações diretas, incluindo excertos de conversas documentadas em relatos de primeira mão. A autobiografia de Olga Ivinskaia, *A Captive of Time*, e o livro de memórias de Sergio D'Angelo, *The Pasternak Affair*, esclareceram como deve ter sido viver muitos dos acontecimentos descritos em meu romance.

Também sou grata pelo livro de Elizabeth "Betty" Peet McIntosh, *Sisterhood of Spies*, que me mostrou um mundo de heroínas da vida real, incluindo a própria autora. Monumentos deviam ser erigidos em honra a essas mulheres.

Lavender Scare, de David K. Johnson, conta a história menos conhecida da perseguição aos LGBTQ nos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Inúmeras pessoas foram obrigadas a deixar seus empregos, reputações foram destruídas publicamente, e muitas vidas foram perdidas. Suas histórias não devem ser esquecidas.

Alguns dos outros livros que consultei foram *Inside the Zhivago Storm* e *Zhivago's Secret Journey*, de Paolo Mancosu; *Legacy of Ashes*, de Tim Weiner; *The Agency*, de John Ranelagh; *The Cultural Cold War*, de Frances Stonor Saunders; *The Georgetown Set*, de Gregg Herken; *The Very Best Men*, de Evan Thomas; *Hot Books in the Cold War*, de Alfred A. Reisch; *The Spy and His CIA Brat*, de Carol Cini; *Finks*, de Joel Whitney; *Washington Confidential*, de Jack Lait e Lee Mortimer; *Expo 58*, de Jonathan Coe; *Feltrinelli*, de Carlo Feltrinelli e Alastair McEwen; *Safe Conduct*, de Boris Pasternak; *Poems of Boris Pasternak*, traduzidos para o inglês por Lydia Pasternak Slater; *Boris Pasternak: The Tragic Years, 1930–60*, de Evgeny Pasternak; *Boris Pasternak: The Poet and His*

Politics, de Lazar Fleishman; *Boris Pasternak: A Literary Biography*, de Christopher Barnes; *Boris Pasternak: Family Correspondence*, traduzido para o inglês por Nicolas Pasternak Slater e Maya Slater; *Fear and the Muse Kept Watch*, de Andy McSmith; *The Nobel Prize*, de Yuri Krotkov; e *Inside the Soviet Writers' Union*, de Carol e John Garrard.

Além dos livros, eu não conseguiria escrever meu romance sem a ajuda de muitas pessoas e instituições. Agradeço ao Keene Prize for Literature, à Fania Kruger Fellowship e ao Crazyhorse Prize pelo apoio. Agradeço ao Michener Center for Writers, por fornecer o tempo e os recursos para dar início ao meu romance e a mentoria para terminá-lo. Especificamente, agradeço aos diretores do Michener, Jim Magnuson e Bret Anthony Johnston, por oferecer a nós, esquisitões, um lugar para chamar de lar para sempre. E agradeço a Marla Akin, Debbie Dewees, Billy Fatzinger e Holly Doyel por manter a coisa toda funcionando. Devo muita gratidão a meus professores, leitores atentos e mentores, incluindo Deb Olin Unferth, Ben Fountain, H. W. Brands, Edward Carey, Oscar Casares, e Lisa Olstein. Agradeço, em especial, a Elizabeth McCracken, sua orientação, sua caneta e seus conselhos foram inestimáveis. E, é claro, a meus amigos e colegas, especialmente: Veronica Martin, Maria Reva, Olga Vilkotskaya, Jessica Topacio Long e Nouri Zarrugh, por lerem meu trabalho, me incentivarem a fazer melhor e me fazerem rir.

Sou muito grata a todos da Knopf and Vintage Books por confiar neste livro e guiar sua realização, incluindo: Sonny Mehta, Gabrielle Brooks, Abby Endler, Kim Thornton Ingenito, Emily Murphy, Andrew Dorko, Daniel Novack, Anna Kaufman, LuAnn Walther, Emily DeHuff, Nicholas Thomson, Kelly Blair, Nicholas Latimer, Sara Eagle, Paul Bogaards, Katherine Burns e, particularmente, minha editora incrível, Jordan Pavlin, que fortaleceu cada página com sua caneta cuidadosa e seu incentivo.

E a todos da Hutchinson and Windmill pela dedicação, pelo olhar atento e pela criatividade. Agradeço a Jocasta Hamilton, Najma Finlay, Charlotte Bush, Emma Finnigan, Lucy Middleton, Charlotte Cray, Laurie Ip Fung Chun, Susan Sandon, Rebecca Ikin, Sarah Ridley, Amber Bennett-Ford, Mat Watterson, Claire Simmonds, Glenn O'Neil e a minha editora brilhante no Reino Unido, Selina Walker.

Agradeço a meus incríveis agentes Jeff Kleinman e Jamie Chambliss, que viram as primeiras vinte e cinco páginas do romance — anos antes de ter sido concluído — e acreditaram nele. Vocês mudaram a minha vida. E a Melissa Sarver White, Katherine Odom-Tomchin e Lorella Belli por ajudarem a trazer meu livro para o mundo.

A todos os meus amigos — de Greensburg (Motley Crew!) a D.C. a Norfolk a

Austin e além: não sei o que eu faria sem vocês.

A minha família — Sara, Nathan, Ben, Sam, Owen, vovó, tio Ron, todas as minhas tias, tios e primos, Janet, Hillary, Bruce, Parker, Noah, Scout e Clementine — obrigada por sempre estarem ao meu lado.

A meus pais, Bob e Patti, por me chamar de Lara e me mostrar como o amor pode ser.

E, acima de tudo, a Matt, meu primeiro e último leitor. Você não só me encorajou a pegar a caneta, mas deixou cada página deste livro mais forte. Devo tudo a você.

Sobre a autora

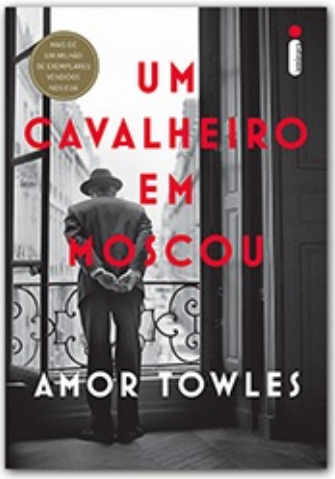


© Trevor Paulhus

Lara Prescott recebeu o título de MFA do Michener Center for Writers da Universidade de Texas, Austin, cidade onde mora. Antes disso, trabalhou como operadora de campanhas políticas. Seus textos foram publicados em *The Southern Review*, *The Hudson Review*, *Crazyhorse*, *Day One* e *Tin House Flash Friday*. Em 2016, recebeu o Crazyhorse Fiction Prize por uma versão do primeiro capítulo de *Os segredos que guardamos*. Os direitos de tradução deste livro, seu romance de estreia, já foram vendidos para 29 idiomas.

www.laraprescott.com
@laraprescott

Leia também



Um cavalheiro em Moscou
Amor Towles



Mulheres sem nome
Martha Hall Kelly

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Sumário
Prólogo - As datilógrafas
ORIENTE: 1949-1950
    Capítulo 1 - A musa
OCIDENTE: Outono de 1956
    Capítulo 2 - A candidata
    Capítulo 3 - As datilógrafas
    Capítulo 4 - A andorinha
ORIENTE: 1950-1955
    Capítulo 5 - A mulher reabilitada
    Capítulo 6 - O habitante das nuvens
    Capítulo 7 - A emissária
OCIDENTE: Fevereiro – outono de 1957
    Capítulo 8 - A mensageira
    Capítulo 9 - As datilógrafas
ORIENTE: 1956
    Capítulo 10 - O agente
    Capítulo 11 - A emissária
OCIDENTE: Outono de 1957 – agosto de 1958
    Capítulo 12 - A mensageira
    Capítulo 13 - A andorinha
    Capítulo 14 - O funcionário exemplar
    Capítulo 15 - A andorinha
    Capítulo 16 - A mensageira
    Capítulo 17 - As datilógrafas
    Capítulo 18 - A mensageira
ORIENTE: Maio de 1958
    Capítulo 19 - A mãe
OCIDENTE: Junho a setembro de 1958
    Capítulo 20 - As datilógrafas

Capítulo 21 - A freira
ORIENTE: Setembro a outubro de 1958
Capítulo 22 - O premiado
OCIDENTE: Outubro a dezembro de 1958
Capítulo 23 - A informante
ORIENTE: Outubro a dezembro de 1958
Capítulo 24 - A emissária
OCIDENTE: Dezembro de 1958
Capítulo 25 - A desertora
ORIENTE: Janeiro de 1959
Capítulo 26 - A agente do correio
OCIDENTE: Verão de 1959
Capítulo 27 - A estudante
ORIENTE: 1960-1961
Capítulo 28 - A quase viúva
Epílogo - As datilógrafas
Nota da autora e agradecimentos
Sobre a autora
Leia também